J. BARTON MITCHELL

CIDADE DA MEIA-NOITE

SAGA DA TERRA CONQUISTADA



JANGADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

CIDADE DA MEIA-NOITE

J. BARTON MITCHELL

CIDADE DA MEIA-NOITE

SAGA DA TERRA CONQUISTADA

Tradução:
FLÁVIA CÔRTES



Título original: Midnight City.

Copyright © 2012 J. Barton Mitchell.
Publicado mediante acordo com St. Martin’s Press, LLC.
Copyright da edição brasileira © 2014 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2014.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela
Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Assistente de produção editorial: Estela A. Minas
Editoração eletrônica: Join Bureau
Revisão: Nilza Agua e Vivian Miwa Matsushita
Produção de ebook: S2 Books

CIP-Brasil Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M668c
Mitchell, J. Barton
Cidade da meia-noite : saga da terra conquistada / J. Barton Mitchell; tradução Flávia Côrtes. – [1. ed.] – São Paulo : Jangada, 2014.

Tradução de: Midnight city.
ISBN 978-85-64850-60-6

1. Ficção americana. I. Cortês, Flávia. II. Título.

13-08100 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª Edição digital: 2014
e-ISBN: 978-85-64850-65-1

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para Stephanie Gisondi-Little: agente, confidente, colaboradora e amiga. Este também é seu primeiro livro.

Amar significa amar o inamável. Perdoar é perdoar o imperdoável. Fé é acreditar no inacreditável. Esperança é confiar quando tudo parece perdido.

— G. K. CHESTERTON

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
PARTE UM
1. OS ABUTRES
2. CICATRIZES
3. O CAÇADOR DE RECOMPENSAS
4. A BUCANEIRA
5. SUBTERRÂNEOS
6. O ENXAME
7. TEMPESTADE IMINENTE
8. SONHOS
9. ESQUEMAS BEM DEFINIDOS
10. ZOEY
11. COMPLICAÇÕES
12. OS LOUVA-A-DEUS
13. ÁGUA
14. A CAPA
15. CULPADO
16. TODOS ELES
17. A ENXURRADA
18. ÁGUA NEGRA
19. DESERTADOS
20. RESGATE INTEMPESTIVO
21. OS CAÇADORES
22. PESADELOS
23. A VALSA
24. CUPCAKES
25. DOMINÓS

26. LIBERTE-SE
27. O TESOURA DE VENTO
PARTE DOIS
28. ALGUMA COISA
29. OS VENTOS
30. A CIDADE DA MEIA-NOITE
31. REVELAÇÕES
32. CÉSAR
33. O CAMINHO RASTEJANTE
34. A FOTOGRAFIA
35. LEONORA
36. OS DEMÔNIOS CINZENTOS
37. O AQUEDUTO
38. PERGUNTAS DIFÍCEIS
39. OS PONTOS
40. O SANTUÁRIO
41. O BIBLIOTECÁRIO
42. O COFRE
43. O ORÁCULO
44. O VÉRTICE
45. A BATALHA DA CIDADE DA MEIA-NOITE
46. O GERADOR DE OPORTUNIDADE
47. OS CAVALEIROS PERDIDOS
48. CRENÇA
49. A TORRE PARTIDA
EPÍLOGO
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

PARTE UM

A TERRA CONQUISTADA

1. OS ABUTRES

NAQUELE MOMENTO passou a ser oficial: Holt Hawkins estava num dia ruim.

— Ei, você está certo — gritou um dos garotos, alcançando-o por baixo do velho caminhão batido. — Tem mesmo alguém aqui embaixo!

Os garotos o arrastaram do veículo destruído e o jogaram com força contra a porta enferrujada.

Eles eram mais novos que Holt, mas não muito; 17 ou 18 anos, ele deduziu, vendo os veios negros se alastrando pelos olhos deles, o sinal que denunciava a Estática. Eles já estavam bem entranhados; e isso significava que o tempo deles estava acabando.

Holt rapidamente observou o tamanho dos garotos. Eram mais baixos, mais magros, mais fracos e provavelmente menos rápidos, mas essas coisas não valem muito quando se tem armas e facas, e aqueles garotos tinham as duas coisas. Holt tinha deixado as dele com Max, perto do limite das árvores, não querendo arriscar aquele peso na ponte precária. Uma decisão da qual já estava se arrependendo.

Os seis garotos que o seguravam tinham pequenas tatuagens no pulso direito. O que o prensava à porta exibia um Escorpião. Outros dois, com as facas apontadas, tinham uma Cobra Enroscada e um Coração, respectivamente.

As tatuagens nos pulsos eram um mau sinal. Significavam que esses garotos faziam parte do Bando, e a situação tinha acabado de ficar muito pior. Por outro lado, Holt pensou... talvez eles não o reconhecessem. Ele olhou para a luva solitária e sem dedos que sempre usava na mão direita.

— Ei, este cara é um Imune, vejam os olhos dele! — um deles apontou, com desdém. Eles estavam certos. Holt era um Imune. Um dos poucos no planeta que não foram afetados pela Estática. Seus olhos estavam intactos; não havia sinal

dos tentáculos negros rastejantes. Essa era a única razão para Holt ter chegado aos 20 anos de idade. — Tibério não está procurando por um Imune à solta? Um cara alto como este?

Holt fez uma careta. Quase conseguia passar despercebido.

Ele lançou um olhar para o alto, buscando por qualquer sinal da nave. Não havia nuvens, o sol estava alto e no céu azul ela facilmente ficaria imperceptível. Não havia sequer como Holt saber se ela ainda estava lá. O que era uma pena, porque provavelmente era a única chance de ele sair dali.

— Só existe uma maneira de ter certeza — disse um outro, ainda mais jovem, 15 anos talvez, com duas tatuagens: uma Caveira Amarela no pulso direito e uma Estrela de oito pontas no esquerdo. A estrela só tinha duas de suas pontas preenchidas; o resto era apenas contorno. Era um símbolo de promoção. Significava que ele era um Assistente, um comandante de nível inferior no Bando. Conforme ele subisse de posto, mais pontas da estrela seriam preenchidas.

— A luva — disse o da caveira amarela —, tire.

O coração de Holt disparou. Ele lutou quando eles avançaram para a luva, mas alguns socos minaram sua resistência. A luva era de couro, e ele a usava apenas por um motivo, esconder o que estava embaixo: uma tatuagem negra como a desses garotos. Com apenas a metade finalizada.

Era difícil saber o que teria sido, mas havia indícios da forma de um pássaro, asas e garras. Fosse o que fosse, era o suficiente para os marginais do Bando que o seguravam pela garganta.

— Sim, é isso mesmo! — exclamou o Caveira Amarela. — Este é Holt Hawkins. Tibério ofereceu uma boa recompensa pela cabeça dele, não é nenhuma surpresa que estivesse se escondendo ali embaixo.

O mais engraçado é que Holt não estava se escondendo deles de forma alguma. Estava encolhido debaixo do caminhão por causa do que estava circulando no céu. Ele lançou outro olhar para o alto, tentando encontrá-la...

— Era isso que você estava fazendo, Holt Hawkins? Se escondendo da gente? — o Caveira Amarela perguntou com sarcasmo.

— Se quer saber a verdade, eu estava tirando um cochilo — respondeu Holt,

sustentando o olhar do Caveira Amarela o mais que podia. Ele tinha de distraí-los, mantê-los falando. — É legal ali embaixo, você devia experimentar.

Holt gemeu quando um dos punhos fez mais do que um contato gentil com seu estômago. Aparentemente, o Bando ainda carecia de senso de humor. Onde se meteu aquela nave?

— Você é um cara engraçado, Holt Hawkins — disse o Caveira Amarela, chegando ainda mais perto. — Eu não tinha percebido. Diga mais alguma coisa engraçada. Vamos lá.

Holt não se deu ao trabalho. Em vez disso, deu uma olhada no lugar com o canto do olho.

Estavam todos de pé sobre uma sólida ponte de aço deteriorada que se estendia pelo que um dia fora chamado de rio Missouri. Ela continuava até onde Holt podia ver, nos dois sentidos, e estava tomada por centenas de carros velhos, abandonados por seus donos ou explodidos em pedaços pelas naves de combate dos Confederados durante a invasão.

Os punhos de Holt serraram-se de frustração. Mesmo que ele corresse, não havia muitos lugares para ir, além de saltar do penhasco. Pelo jeito que estava a sorte de Holt nesse dia, aquela provavelmente não era uma boa ideia.

Os cabos de sustentação mal suportavam a ponte, muitos já haviam arrebentado e uma enorme rachadura no asfalto, próxima ao centro, mostrava onde ela se partia lentamente. É claro que o mau estado da ponte foi o que o impulsionou a checá-la a princípio. Lugares como aquele, precários e de risco, eram onde ainda se encontravam coisas valiosas para negociar. Haviam se passado oito anos desde a invasão e quase tudo que não havia sido trancado já fora levado, a menos que fosse de difícil acesso. Obviamente, esse Bando de marginais achava a mesma coisa.

— Pegue alguma coisa para amarrá-lo — ordenou o Caveira Amarela.

— Vamos ter que arrastar esse otário por todo o caminho de volta até Samneric? — reclamou o Cobra.

— O caçador de recompensas disse que Tibério quer esse cara vivo – respondeu o Caveira Amarela. — De que outra forma vamos receber?

— Com o que vamos amarrá-lo? — perguntou o Coração.

— Corda, fio, os seus cadarços. Eu tenho de pensar em tudo sozinho? Vão procurar alguma coisa! — ele disse, impaciente.

Dois dos garotos saíram para encontrar algo. Quando retornassem e amarrassem Holt, estaria tudo acabado, com ou sem plano. Por mais irônico que fosse, ele precisava daquela nave. Só torcia para conseguir chamar a atenção dela.

— Até que é engraçado — disse o Caveira Amarela, seus olhos novamente em Holt. — Um caçador de recompensas com a cabeça a prêmio. Você poderia simplesmente ter se entregado e recebido a recompensa. Já pensou nisso? — ele riu. Os outros riram também.

Foi quando ouviram um som estranho debaixo do caminhão. O riso acabou; todos os garotos olharam para debaixo do veículo. Não estava lá antes, o som. Holt sabia por quê. O que ele havia deixado lá estava começando a ficar cada vez mais quente.

— O que é isso? — perguntou um dos garotos, ajoelhando-se para olhar melhor. Os olhos do garoto se arregalaram ao descobrir.

— E aí? — perguntou o Caveira Amarela. O garoto agarrou algo e puxou. Um cilindro comprido com um brilho vermelho. Mesmo em pleno dia, os garotos tiveram de proteger os olhos.

Um sinalizador de estrada. Reluzindo e se aquecendo.

Se aquilo ia funcionar, seria a qualquer momento. Holt olhou para o céu...

... e viu um flash de luz, bem acima, quando a nave fez uma curva e refletiu o sol do meio da tarde. Seu coração deu um salto de esperança no peito.

— O que você fez? — disse o Caveira Amarela, olhando para Holt, sua voz nervosa e vacilante pela primeira vez.

Holt sorriu.

— ET... telefone... casa — ele disse.

Algo atingiu um dos garotos, lançando-o ao chão e prendendo-o ao mesmo tempo.

Holt só teve tempo para ver a garra se fechando e o cabo se esticando em direção ao céu... antes de arrancar violentamente o pobre garoto da ponte. Seu grito rapidamente se dispersou enquanto ele desaparecia muito acima.

Os outros se encolheram, em pânico, e olharam para a ponte, confusos. Apenas o líder, o Caveira Amarela, sabia o que estava acontecendo.

— Abutres! — ele gritou, o medo transparecendo em sua voz.

Outro garoto gritou quando a garra o levantou e o fez sumir de vista. O resto saiu correndo.

Holt deu uma cabeçada no rosto do único garoto que ainda o segurava, lançando-o ao chão, cambaleante. Ele estava livre; o Caveira Amarela estava muito chocado para reagir. Holt chutou seu joelho, derrubando-o sobre a ponte. Os outros garotos do Bando já estavam correndo. Tinham perdido o interesse em Holt e se concentravam apenas em fugir do horror que vinha de cima.

Holt não deixou escapar a oportunidade. Correu com eles para a extremidade da ponte, a centenas de metros de distância. Infelizmente, carros enferrujados e abandonados bloqueavam seu caminho, como uma pista de obstáculos.

Outro garoto caiu, pinçado pela garra da nave patrulha dos Abutres, que sobrevoava acima deles. Ele gritou quando foi arrastado com violência para cima, desaparecendo a seguir.

Holt tinha visto o Bando se aproximando, sabia que os Abutres estavam circulando o céu. O alcance visual dos batedores dos Confederados era absurdamente poderoso; sendo assim, ele acendeu o sinalizador antes que os piratas o pegassem, torcendo para atrair a atenção daquela coisa. Era um risco, mas valia a pena.

Claro que não havia garantia de que eles não o pegassem em seguida, mas ele gostava mais daqueles seres bizarros do que dos que iria encontrar no Bando.

Holt correu, saltando sobre capôs e porta-malas, deslizando sobre eles com agilidade, alcançando o chão num segundo. Mais à frente, os dois membros da gangue que tinham saído para buscar a corda corriam de volta. Eles não sabiam que estavam em apuros. Sua atenção estava focada em Holt, que os viu erguer suas armas e se escondeu rapidamente atrás de uma picape destroçada. O tiroteio começou. Ele se encolheu, enquanto as balas salpicavam no capô do carro. Os garotos restantes se aproximavam pela outra direção, empunhando suas armas.

Um grito ecoou bem próximo. A garra erguia para o céu um dos garotos que

bloqueavam seu caminho. A seguir, um dos que estavam atrás também foi pego.

Nenhum Abutre poderia lançar e recolher a garra assim tão rápido. Holt lançou um olhar para o céu e viu um clarão de luz. E mais outro. Clarões separados por vários metros, ao norte.

Havia dois deles.

— Perfeito — resmungou Holt. Seu plano havia acabado de sair pela culatra.

O garoto diante do carro, finalmente se dando conta do perigo que o rondava, olhou o céu, apavorado.

Holt se lançou contra ele, fazendo-o cair no concreto destruído da ponte.

Ele podia ouvir às suas costas os tiros dos outros piratas que o perseguiam. Holt correu em meio ao fogo cruzado, ignorando-o.

Restavam apenas dois piratas: o Coração e o líder Caveira Amarela. Eles se apressavam atrás de Holt, saltando sobre os carros, quase tão ágeis quanto ele, as armas em punho.

Uma rajada de balas retalhou a ponte aos seus pés e por pouco não o acertou. Holt tropeçou, cambaleando para a frente, e foi de encontro à porta traseira de uma velha van, caindo com força no chão. Sentiu os pulmões sem ar e lutou para se levantar. Os garotos já quase o alcançavam — ele podia ouvir os gritos aumentando, os passos se aproximando.

Conseguiu erguer-se e correu. Tinha de continuar até alcançar o limite das árvores, do outro lado da ponte. Era sua única chance.

Coração o agarrou por trás. Holt deu-lhe um golpe com o pé, lançando-o para longe.

Outra garra jogou o garoto no chão, prendeu-o e então... arrastou-o com ferocidade pelo ar.

Holt cambaleou para a extremidade da ponte. Acima dele, o sol refletia a fuselagem metálica dos dois Abutres. Ele se esquivou e desviou dos carros abandonados na ponte, chegando à terra firme, do outro lado. Imediatamente virou à direita, descendo uma encosta gramada em direção a uma densa fileira de árvores, a apenas algumas dezenas de metros à frente.

Era sua única chance.

Holt acelerou e alcançou o limite das árvores com um suspiro de alívio.

Com a copa da árvore acima, ele estava a salvo, ao menos dos... Ele soltou um gemido quando o Caveira Amarela atacou-o por trás, lançando-o ao chão. Holt tentou rolar, mas o garoto o segurou pelo cabelo e esfregou seu rosto na terra.

— Você me fez perder todo o meu grupo! — gritou o garoto. — Sabe o que isso significa? — Holt sabia. Significava que o Bando enforcaria o garoto, mas naquele momento ele estava preocupado demais para responder. O pirata bateu o rosto de Holt na terra várias vezes e ele lutava para se libertar, mas o garoto o segurava com força.

Algo rosnou atrás deles. O Caveira Amarela ofegou quando uma enorme forma cinza azulada colidiu com ele.

Holt rolou o corpo para trás e viu o Caveira Amarela lutando com um gigantesco cão pastor, que tinha a boca cravada no braço dele, os olhos apertados. Ele rosnava raivoso enquanto tentava mastigar o membro do garoto, que gritava de dor e medo.

Max. Uma das poucas coisas com que Holt sempre podia contar.

Holt correu para o Caveira Amarela. Max era durão, mas não era um pit-bull.

Uma hora ou outra, o garoto conseguiria se livrar. Não era uma luta que o cachorro pudesse vencer. Holt desferiu um soco com força no Caveira Amarela. Max largou o pirata, latindo furioso.

Os dois garotos se engalfinharam, mas não era uma luta de pátio de escola; era de vida ou morte, e eles sabiam disso.

Os dois rolaram pela terra e o Caveira Amarela fez um movimento que o deixou sobre Holt novamente. Suas mãos agarraram a garganta de Holt e começaram a apertar. Mas Holt estava preparado, colocou o pé embaixo do garoto quando rolaram e chutou com toda a força que tinha. O pirata saiu voando.

O Caveira Amarela caiu e rolou para a direita, saindo da linha das árvores, de volta ao campo aberto.

Max saiu latindo atrás dele, mas Holt o trouxe de volta e o manteve ali,

olhando para a área aberta além das árvores, que trepidavam.

O Caveira Amarela olhou para o alto, hipnotizado. Então ele arregalou os olhos ao se dar conta de que não estava mais protegido pelas árvores. Seus olhares se cruzaram. Holt quase sentiu pena dele.

Quase.

A garra surgiu dos céus e agarrou o garoto no chão. Ele gritava enquanto sumia de vista, de volta para o mortal céu azul.

Estava terminado. Holt soltou Max. O cão se esfregou carinhosamente contra ele e lambeu seu rosto. Holt sorriu, tentando afastá-lo, mas não era tarefa fácil. Seu pelo era uma mistura de cinza e azul, com pontos pretos, e por baixo dele era possível ver seus músculos, fortalecidos por anos carregando fardos de objetos recuperados das ruínas... e de vez em quando caçando um coelho. Max era considerado um cão de médio porte, mas Holt o tinha visto entrar em ação contra criaturas e garotos com três vezes o seu tamanho, sem hesitar.

— Obrigado, amigão — disse Holt, coçando as orelhas do cão. — Fico te devendo mais essa.

Holt encontrou a mochila e as armas onde as deixara, carregadas e prontas para serem levadas. Ele deu três assovios curtos. Ao ouvir o sinal, Max correu à sua frente através das árvores para abrir caminho.

Antes de partir, Holt olhou para onde o último garoto do Bando estivera. Além do chão arranhado onde a garra do Abutre o havia prendido, não havia nenhuma indicação de que houvera alguém ali. Num minuto estava ali. No outro tinha desaparecido.

Assim como todo mundo…

Holt caminhou por entre as árvores, seguindo a trilha de Max.

2. CICATRIZES

HOLT SE ABAIXOU em frente ao que havia sobrado de um trem de carga, torcendo distraído a pulseira grossa de fibra preta que sempre usava no pulso esquerdo. O trem descarrilara havia alguns anos e deixara um rastro de destruição de ambos os lados dos trilhos. A maioria dos vagões agora não passava de pedaços de metal enferrujado, cobertos de mato e que se espalhavam por quase um quilômetro. Alguns ainda estavam inteiros, e, o que era mais espantoso, um ou dois ainda estavam nos trilhos.

Junto ao trem, havia destroços de veículos militares — jipes, hummers, um ou dois tanques — tudo em estado semelhante de deterioração, a maioria tão destruída que era irreconhecível. Perto dos veículos, havia dezenas de esqueletos, alguns ainda usando os farrapos do que pareciam ser uniformes militares.

Conforme Holt absorvia tudo aquilo, organizava as ideias em sua mente.

Um trem militar. Provavelmente levando equipamentos para o Forte Dearborn. E eles o tinham atingido. Entre a primeira e a segunda hora, ele deduziu, antes que a Estática entrasse em ação.

Havia algo mais, no entanto. Algo difícil de se notar, antes ou agora: numa clareira, na parte mais distante dos trilhos, estava uma enorme peça chamuscada, esmagada onde havia caído e queimado anos atrás. Olhando para ela daquela distância, mesmo em seu estado de destruição, era muito claro que não pertencia a este planeta.

Tratava-se de um caminhante combatente dos Confederados. Aparentemente um dos maiores, um Aranha.

As pessoas que estavam no trem naquela noite deram um jeito de levar um daqueles com elas. A julgar pelos esqueletos caídos ao redor, Holt duvidava que

aquilo fosse algum consolo para elas agora. Mas já era algo, sem dúvida...

Holt detestava lugares como aquele. Eram cicatrizes. Cicatrizes na superfície do planeta, e o mundo estava cheio delas agora. Ele os odiava pelas lembranças que lhe traziam, as imagens antigas que o forçavam a ver novamente.

Imagens dela.

Se ele não precisasse estar ali, não estaria. Mas ele precisava.

Max estava atrás dele, roendo alegremente um enorme osso que provavelmente viera de um dos infelizes espalhados pelo campo de guerra. Por mais contente que o cão estivesse, alguma coisa não estava certa.

— Max, venha cá! — Holt tentou tirar o osso de uma perna que estava na boca do cachorro, mas Max saiu em disparada antes que Holt pudesse pegá-lo.

Holt sacudiu a cabeça e virou-se para olhar as pegadas no chão.

Elas estavam por toda parte, pegadas de dezenas de pessoas, datando de anos atrás. Encontrar exatamente as que estava procurando não era impossível — havia maneiras de separar pegadas antigas das novas — apenas exigiria tempo. E um bom olho. Por exemplo, ele poderia eliminar metade delas imediatamente, considerando o tamanho. A maioria era grande demais. As que ele estava procurando eram de pés pequenos que não usavam botas.

Isso lhe tomou algum tempo, mas ele encontrou as marcas que procurava. Após quase uma semana procurando por elas, as reconheceu instantaneamente. Elas se dirigiam para o norte, contornando toda a região. Não haviam sequer se preocupado em vasculhar a área em busca de algo útil. Holt não culpava a pessoa: era difícil ter algo ali que valesse a pena arriscar contrair tétano. Se havia algo de valor, já estava longe fazia muito tempo.

Um som perturbador veio de longe. Um retumbar forte e profundo que ecoou por entre as árvores ao seu redor. Alguns segundos depois, dois outros estrondos ecoaram e se dissiparam da mesma maneira.

Holt olhou para cima. Ele sabia que sons eram aqueles. Explosões. Das grandes. Provavelmente a três ou cinco quilômetros de distância, a nordeste.

Mais sons atravessaram as árvores, diferentes dos primeiros, mais como um trovão repentino.

Canhões de plasma, dos grandes. Os Confederados estavam perto e estavam irritados. Mas por quê? Fosse o que fosse, era melhor não ser pego fora da linha das árvores.

Holt levantou-se para sair e, quando fez isso, reparou novamente nos vagões do trem. Dois dos que ainda se mantinham de pé, sabe-se lá como, estavam a apenas alguns metros de distância. Ele franziu a testa enquanto os observava — provavelmente não havia nada de valor ali... mas nunca se sabe. Mesmo que não houvesse suprimentos, o próprio metal poderia ser valioso se não estivesse tão enferrujado.

A sobrevivência era um fator importante em cada decisão que Holt tomava. Era como ele vivia, e significava muitas coisas. Uma delas era descobrir o que tinha valor. Se você tivesse coisas de valor, poderia sobreviver.

Pela lógica de Holt, a sobrevivência exigia que ele ao menos examinasse os vagões.

Ele se dirigiu para o mais próximo, que estava com a porta escancarada. Max ficou ao seu lado, o osso ainda na boca, como um troféu.

Holt deu uma olhada no interior do primeiro vagão. Estava tão vazio quanto ele esperava, nada além de madeira podre e metal enferrujado. Ele se dirigiu para o seguinte. A enorme porta estava apenas entreaberta, impedindo que ele visse lá dentro.

Holt segurou a beirada da porta e puxou. Ela não se moveu. Ele xingou baixinho e puxou novamente, agora com mais força. Ela deslizou um pouco, mas não muito. Ele a sacudiu várias vezes, tentando forçá-la a se abrir. Lentamente, ela começou a se abrir.

De dentro veio um barulho. Parecia alguém se movimentando. Max largara o osso aos pés de Holt, enquanto seu pelo se eriçava. Um rosnado baixo saía de sua garganta.

Holt se afastou da porta do trem, sacando o rifle das costas, num gesto suave e ensaiado. A arma era um SIG716, um rifle do mesmo tipo que seu pai usava, mas Holt o havia modificado e incrementado bastante. A empunhadura e o cabo de madeira tinham ficado macios com o uso contínuo.

Ele se preparava, silenciando Max com um olhar... a seguir, girou o corpo

para o lado da porta, mirando no espaço que conseguira abrir.

Holt deu um salto quando viu a figura solitária parada na entrada da porta. Esquivou-se com tanta rapidez que quase apertou o gatilho.

A figura não reagiu nem se moveu em qualquer direção, apenas ficou ali, impassível.

— Caramba! — exclamou Holt, mantendo o rifle apontado para a sombra na porta. Seu coração parecia uma bateria no peito. — Quase te matei, sabia? — A figura não se moveu. Holt a analisou de perto. — Ei, tem alguém aí? Está ferido? — Nenhuma resposta.

O raio de sol atrás de Holt revelou que a figura era um garoto, com idade próxima à de Holt. Ele estava vivo, não era uma coisa pendurada do teto como isca. Mas havia algo de muito errado com o garoto. Ele parecia ser sonâmbulo ou estar em transe.

Holt podia imaginar do que se tratava, ele parecia ter a idade certa. Holt sacou uma lanterna do cinto, ligou-a e apontou na direção do garoto. Quando a luz atingiu seus olhos, ele não reagiu.

Mas Holt, sim. Como ele esperava, os olhos do garoto estavam completamente negros. Os tentáculos que ele tinha visto no Bando de piratas haviam preenchido completamente os olhos desse garoto.

Era a Estática. O garoto havia finalmente perdido a guerra contra ela e sucumbira. Estava agora sob o controle dos Confederados. Provavelmente, alguém o trancara no vagão, ou por compaixão ou para negar aos Confederados mais um humano adulto para sua crescente coleção.

Quando um sobrevivente finalmente sucumbia, iniciava uma longa e lenta caminhada, como um zumbi, para o Parlamento mais próximo, as gigantescas naves-mãe dos Confederados, que surgiram rugindo dos céus havia oito anos, encravando-se como punhais no coração das grandes cidades.

O que tinha acontecido (ou estava acontecendo) com a maioria da população humana dentro dos Parlamentos ninguém sabia...

E isso era algo que Holt provavelmente nunca saberia. Mas ainda que fosse imune ao chamado da Estática, ele definitivamente havia sentido seus efeitos.

Ele se aproximou com amargura do garoto sucumbido. Uma pontada de

tristeza começou a emergir do local de sempre, o local em que ele a enterrara havia muito tempo.

Holt sentiu que ela emergia, e ele não queria isso; empurrou-a para dentro novamente. Irritado, deu um passo atrás, afastando-se da porta do trem. Após um momento, o garoto se moveu por vontade própria. Seu olhar enegrecido encarava cegamente o horizonte, sem sequer notar Holt ou seu cão.

Max gania para o garoto, sem saber se ele era uma ameaça ou um parasita inofensivo. Na verdade, Holt também estava em dúvida. Ele afagou o cachorro e o deteve ao seu lado.

Os dois observavam enquanto o garoto se virava lentamente e começava a andar para o nordeste, impelido por alguma força desconhecida em direção ao que sobrara de Chicago... e para a obscura nave do Parlamento que lá se encontrava.

Holt o observou até que se tornou uma pequena silhueta no horizonte. A visão o atormentava. Ele se lembrava daquele andar, sabia que se fechasse os olhos novamente a veria andando daquele jeito.

Por isso Holt manteve os olhos abertos. Ele franziu o rosto, forçando-se a desviar o olhar.

— Vamos lá, camaradinha!

Max latiu, pegou o osso novamente e o seguiu de volta às pegadas. Ele encontrou mais uma vez as que buscava, seguindo em direção ao norte, de volta para as árvores.

Holt e Max se dirigiram rapidamente para a floresta, seguindo a trilha.

A distância ouviram-se mais estrondos, como batidas espaçadas de tambores. Soavam mais próximas agora.

3. O CAÇADOR DE RECOMPENSAS

HOLT ESTAVA NO LIMITE DA LINHA DAS ÁRVORES, olhando por um pequeno binóculo. A noite caíra densa e escura sobre a floresta, e a mata estava tomada pelo zumbido impaciente dos gafanhotos. Max sentou-se ao seu lado, mastigando um pedaço de bala puxa-puxa de cereja, das provisões de Holt. Max tinha loucura por doces e, quando Holt precisava mantê-lo quieto, lhe dava algo para distrair-se.

Pelo binóculo, Holt espiava além das árvores o que outrora havia sido uma casa de fazenda. No geral, ainda estava inteira, embora algumas janelas estivessem quebradas e as portas, pichadas.

Holt viu as janelas do andar inferior se iluminarem uma a uma por uma trêmula luz alaranjada, enquanto algo se movia no interior da casa. Uma lanterna, deduziu Holt, nas mãos justamente da pessoa que ele estava procurando.

Ele sorriu. A recompensa dessa vez solucionaria uma série de problemas para ele, mas tinha de ser cauteloso, precisava agir com estratégia. A pessoa que estava lá devia ser muito esperta.

Holt e Max dirigiram-se para a casa da fazenda, aproximando-se rápido, mas em silêncio, com discrição. Ele podia ver a luz da lanterna numa janela do segundo andar, o que significava que o andar inferior deveria estar livre. A menos que seu alvo tivesse acionado armadilhas e alarmes, é claro. Havia essa possibilidade.

Holt abriu a porta e entrou.

A casa estava escura e provavelmente sem eletricidade desde a invasão. Também tinha sido saqueada muitas vezes. O que sobrara da mobília estava quebrado pelo chão; os armários e as prateleiras, emborcados e vazios.

Holt e Max andavam com cuidado, evitado tropeçar ou quebrar algo, ao mesmo tempo atentos a armadilhas. Até então, Holt não vira nenhuma.

Andaram em direção às escadas, do outro lado da sala. Enquanto caminhavam, Holt reparou nas paredes. Ainda havia alguns quadros pendurados. Retratos de família, a foto de um homem num trator, dois garotos e um cachorro, uma garota em seu vestido de formatura. Eram vislumbres de um mundo que não existia mais, e em todos eles havia algo que fazia Holt se deter.

Imagens de adultos. Pais. Amigos de amigos. Sorrindo, parados ao lado de seus filhos, fortes e capazes.

Holt não conseguia reprimir o impulso de parar e olhar. Já havia se passado mais de uma década desde que vira alguém com mais de 21, 22 anos. Para ele, as pessoas naquelas fotos pareciam... alienígenas. E ainda que o deixassem desconfortável, ele não conseguia desviar o olhar.

O teto começou a ranger enquanto alguém se movia no andar de cima. Foi o suficiente para tirá-lo daquele torpor. Max olhou para o teto, cheirando o ar com curiosidade, rosnando baixo.

Holt o silenciou com um gesto, afastou-se dos retratos e subiu a escada, com muito cuidado, para evitar que os degraus rangessem. Enquanto subia, sacou a escopeta das costas, uma Ithaca 37 desbotada e camuflada que encontrara numa velha base militar e restaurara para que voltasse à ação. Ele a usava quase tanto quanto o rifle. Eram dois de seus melhores aliados.

No alto da escada se estendia um corredor escuro, com pedaços de papel de parede descascado caídos no chão. No corredor havia várias portas, mas apenas uma delas tinha uma réstia de luz que se refletia no piso e na parede. A mesma luz trêmula e alaranjada que ele vira do lado de fora.

Holt e Max avançaram silenciosamente na direção da porta e a alcançaram em seis passos lentos. Holt se encostou com cuidado contra o batente, ouvindo e aguardando. Não havia barulho, nenhuma indicação de quem ou do que poderia estar à espreita.

Era agora ou nunca, ele concluiu. Holt respirou fundo, agarrou a espingarda e a girou pelo lado, erguendo-a ao mesmo tempo. Ele pôs a arma em mira e moveu-se rapidamente para dentro do cômodo que outrora tinha sido o banheiro.

A lanterna estava sobre uma prateleira, inundando tudo em matizes de laranja e amarelo. No centro do cômodo havia uma enorme banheira de porcelana com pés em garra, cheia de água e espuma, cobrindo uma figura solitária que descansava satisfeita. A pessoa não fez muito mais do que se encolher.

— Fora da banheira! — ordenou Holt, com firmeza, mantendo a espingarda apontada para ela. — Nada de movimentos bruscos, eu sei quem você é.

Dentro da banheira estava uma garota, um pouco mais jovem do que Holt, por volta dos 18 anos. Uma fatia de pepino cobria cada olho e seu cabelo estava preso atrás da cabeça, enquanto ela relaxava apoiada na banheira.

— Eu mandei sair! — ordenou Holt, num tom mais alto, ao ver que ela não se movia. Max rosnava baixinho atrás dele, como se estivesse ansioso para pular sobre a garota. Ele provavelmente estava, pensou Holt. O cachorro adorava quando as pessoas resistiam.

De cara feia, a garota lentamente levantou a fatia de pepino de um olho e dirigiu um olhar aborrecido para Holt.

— Você faz ideia de quanto tempo levei para preparar este banho? — ela perguntou, irritada. — Aí vai uma dica: tive de usar uma chaleira para esquentar a água, então, sim, isso me tomou um tempo enorme.

— Não estou nem aí — resmungou Holt, cada vez mais impaciente. — A única coisa que me interessa é o preço pela sua cabeça. — Ele mantinha a arma apontada. Ela parecia absurdamente calma para alguém naquela situação, o que, para um sujeito experiente como ele, era um mau sinal.

A garota removeu a segunda fatia de pepino e o encarou sem emoção. Ao contrário dos olhos dele, os dela ostentavam os veios negros da Estática e a proporção de branco e preto havia mudado, acentuando dramaticamente a quantidade de preto. Ainda assim, eram lindos olhos, notou Holt, tons de verde faiscando à luz da lanterna. De perto, eles provavelmente cintilavam...

Holt rapidamente sacudiu a cabeça para se livrar daquele pensamento. Ele tinha uma tarefa a cumprir; precisava estar focado.

— Outro caçador de recompensas — ela disse, sem se mover para sair da água. — Já deixei três amigos seus comendo poeira... O que te faz pensar que

com você vai ser diferente?

— Porque sou melhor do que eles — respondeu Holt. — E duvido que fossem meus amigos. Saia da água ou terei de fazer com que meu amigo de fato aqui te arranque daí. — Max latiu, em expectativa.

— Ele parece estar precisando de um banho também — disse ela. — Não precisa ser tão rabugento. Se importa de olhar para o outro lado enquanto pego minhas roupas?

Agora, aquilo era novidade.

— Você... está nua?

A garota sorriu.

— É basicamente assim que os banhos funcionam.

Holt hesitou, uma porção de imagens pipocando em sua mente enquanto ele olhava as bolhas que cobriam o corpo dela como um cobertor. Mas ele afastou aqueles pensamentos também, e se concentrou no problema em questão. Ela tinha razão, ele precisava admitir. Que mal poderia haver? Ela estava muito longe para alcançá-lo, mesmo que tentasse. Além do mais, Max não tinha por que olhar para o lado. Não fazia diferença para o cachorro.

— Está bem — ele resmungou, virando-se, mas mantendo a espingarda em riste. — Mas seja rápida.

— Muito rápida — a garota garantiu, satisfeita.

Atrás dele, ela se ergueu da água, sem tirar os olhos de Holt. Max rosnou quando ela se moveu, mas ela o ignorou. No pescoço dela havia vários colares, um deles uma fina corrente dourada com um pingente feito de uma estranha combinação de objetos: duas moedas, um frasco de vidro cheio de um pó cinza escuro e uma bola de gude vermelha, tudo preso por um fio de cobre. No instante em que saiu da banheira, ela pegou o pingente e o arrancou, lançando-o com força no chão, no local em que Holt estava.

Jatos de luz explodiram num círculo ao redor de Holt e Max, quando o frasco se estilhaçou. Raios de luz se espalharam e cintilaram no ar.

Algo arrancou Holt e Max do chão como se eles não pesassem nada.

Eles foram içados e começaram a flutuar, sem peso, os pés fora do chão, girando sem controle. Em choque, Holt tentou alcançar a parede, o teto ou

qualquer coisa em que se segurar, mas não havia nada por perto. Ele estava preso, pairando inutilmente no espaço acima do piso daquele banheiro em ruínas.

Max também girava. A diferença era que ele parecia estar se divertindo. O cachorro latia entusiasmado enquanto girava, adorando a sensação de ausência de peso.

A garota riu com aquela cena.

— Bom, pelo menos um de vocês está se divertindo... — Ela foi até onde estavam as roupas, lentamente, pegou-as e as vestiu.

Ela era magra e ágil, os cabelos vermelhos e curtos caíam até a linha dos ombros. Os olhos eram verdes, exatamente como Holt imaginara, e brilhavam como esmeraldas por trás da escuridão da Estática. Ela tinha uma linguagem corporal ágil, de alguém capacitado, como a maioria dos sobreviventes daqueles dias. Aqueles que não conseguiam se salvar tinham sido eliminados havia muito tempo, mas havia mais alguma coisa naquela garota. Uma astúcia refinada e um brilho despreocupado nos olhos que só podiam ter sido ganhos em contatos diretos com a morte.

Holt a via apenas de relance enquanto girava, breves relances da pele dourada e molhada sob a luz da lanterna. Em outras circunstâncias, teria sido algo bom de se ver.

— Me ponha no chão! — ele exigiu, conseguindo girar o suficiente para apontar a arma para ela. Ela apenas riu, olhando-o divertida. Holt sentiu uma onda de raiva, tanto pela enrascada quanto pelo fato de ter sido ludibriado por uma garota. — Eu não quero, mas, se você me obrigar, vou atirar!

Ele a havia subestimado, sabia disso. Mas agora era tarde. E ele se perguntou quantos outros tinham caído no mesmo erro.

A garota estalou a língua em desaprovação.

— Usar uma arma dentro de um Vórtice Gravitacional não é uma boa ideia — ela avisou calmamente, enquanto amarrava os sapatos. — E a Cidade da Meia-Noite me quer viva. Você não recebe nenhuma recompensa se atirar em mim. E isso significa que não vai atirar.

A garota pegou do chão uma mochila entulhada de coisas e abriu a janela do

banheiro, deixando o ar frio da noite entrar. Colocou um pé para fora e parou, olhando para ele.

— A propósito, meu nome é Mira. Mira Toombs — ela disse, sorrindo enquanto saía pela janela. — Você pensou que eu não ia te dar trabalho?

Só restava a Holt observar, enquanto ela pulava a janela. Ele a ouviu chegar ao chão e se afastar rapidamente, deixando-o abandonado em pleno ar.

Ele flutuava e xingava. Um artefato das Terras Estranhas. Só podia ser. O cartaz de "procurada" dizia claramente que ela era uma Bucaneira; afinal de contas, uma especialista. Ele devia estar preparado. Mas não estava. E agora estava preso, enquanto todo aquele dinheiro da recompensa evaporava.

Mas ele não iria perdê-lo assim tão facilmente.

Holt estudou o local e percebeu que os objetos do outro lado do banheiro não flutuavam como ele e Max. Fosse lá o que fosse que ela havia feito com a gravidade, tinha sido apenas nas proximidades dos dois. Isso significava que o "vórtice gravitacional", ou seja lá como ela o tivesse chamado, não se estendia muito. Se ele pudesse alcançar a extremidade...

Mas ele não conseguia se segurar na parede ou no teto, não conseguia se agarrar a nada para se puxar dali. Havia algo, no entanto, que ele poderia alcançar.

Max ganiu quando Holt o agarrou.

— Aguente firme, garoto! — Holt empurrou Max para a frente. O cachorro voou contente, passou pela barreira do vórtice e retornou à gravidade normal.

Ele caiu com um baque no chão e Holt rapidamente agarrou uma corda no cinto e atirou uma ponta na direção de Max. Metade dela caiu em frente ao cachorro quando passou pelo limite da gravidade zero. O resto, no entanto, ainda flutuava na parte de cima.

— Puxe! — Holt gritou. Max agarrou a corda e começou a puxar, rosnando com entusiasmo.

Holt segurou-se, enquanto era rebocado pelo ar. Quando chegou à extremidade do vórtice e o atravessou, subitamente se deu conta de algo.

— Espere! — gritou para Max, mas era tarde demais. A gravidade o pegou e ele caiu dentro da banheira.

A água se espalhou por toda parte, fazendo espuma e bolhas voarem por todo o banheiro. Holt, molhado e irritado, pulou da banheira e imediatamente saltou pela janela.

Ele aterrissou no chão do lado de fora, buscando pistas da garota. Chegou a tempo de vê-la desaparecer entre as árvores a centenas de metros à frente. Max aterrissou a seu lado e Holt estalou a língua duas vezes. O cachorro disparou como um míssil atrás dela, latindo ferozmente. Holt correu atrás, vendo Max desaparecer por entre as árvores.

Holt corria pela floresta, esquivando-se das imensas sombras dos enormes pinheiros na escuridão. Apenas a luz da lua que atravessava as copas das árvores lhe iluminava o caminho. Mais à frente, ele podia ouvir Max latindo e o seguiu o mais rápido possível.

Quando ele atravessou uma parede de arbustos, freou bruscamente na beira de um penhasco.

Apenas o ar o separava do leito de um rio a centenas de metros abaixo, então começou a descer com muito cuidado. Max, ao seu lado, latia furiosamente. A garota também estava lá, mantendo o cachorro afastado com um galho de árvore.

Holt e a garota trocaram olhares. Ela sorriu quando notou que ele estava encharcado.

— Acho que você também tomou um banho.

E então ela simplesmente se virou... e saltou do alto do penhasco.

Holt ofegou; Max latiu, frustrado. Os dois olharam para baixo esperando vê-la destroçada nas rochas. Mas, em vez disso, viram algo totalmente diferente. Mira flutuava graciosamente no ar, leve como uma pena, como se estivesse usando um paraquedas invisível.

Outro artefato, Holt pensou com desdém.

Max ganiu um lamento e latiu, desesperado para persegui-la, mas sem meios para fazer isso. Holt observou Mira Toombs descer no leito do rio e correr para o norte. Contou cada passo da garota até que ela desapareceu, tornando-se mais uma sombra entre milhares na escuridão.

Ele tinha de admitir, ela era boa. Não era de admirar que a recompensa fosse tão alta. Mas, ainda assim, ela valia cada centavo. Aquela recompensa seria a sua

salvação, seu passaporte para o leste, para longe de todos os problemas, e ele não se importava em dedicar mais tempo para consegui-la.

4. A BUCANEIRA

MIRA TOOMBS OBSERVAVA NERVOSA a grande e imponente estrutura do outro lado do lago.

No Mundo Anterior, era chamado de Estação Clinton, uma usina nuclear construída às margens do lago Clinton, em Illinois, conhecida por suas cúpulas azuis cintilantes e torres de refrigeração. Agora era uma ruína coberta por vegetação. As torres ainda mantinham um pouco da cor original, mas uma delas havia desmoronado e a outra estava bem inclinada. Buracos e partes desmoronadas eram vistos em todos os prédios que ainda se mantinham de pé.

Mas não era a deterioração do lugar que deixava Mira preocupada, ou mesmo a possibilidade real de radiação. Era o fato de que, atrás dela, o sol estava se pondo, uma esfera gigante que mergulhava no horizonte, colorindo de laranja as águas do rio.

Normalmente isso seria bonito, mas agora simplesmente significava que a noite estava caindo. E que o que vivia no interior da velha usina nuclear em breve despertaria.

Mira tentou não pensar nisso. Mas não tinha escolha. Precisava entrar, precisava encontrar o que tinha ido buscar. Não era apenas sua própria vida que ela precisava colocar nos eixos, lembrou a si mesma.

Um som estridente preencheu de súbito a mente de Mira.

Era como estática, como um rádio fora de sintonia no último volume. O choque fez com que seus joelhos se dobrassem e ela mal conseguiu evitar a queda quando foi atingida.

Durou apenas um instante... e então retornou ao lugar de onde tinha vindo, para o fundo de seu inconsciente. Ainda estava lá, como sempre, o pulso estridente de estática que ela podia ouvir nas profundezas de sua mente. O

sempre presente efeito da Estática, o presentinho que os Confederados tinham dado à humanidade.

Ela o ouvia constantemente agora, e ele ficava cada vez mais alto, mas, como a maioria dos sobreviventes, ela tinha aprendido a desligá-lo. Ela ainda não ouvira as vozes e era grata por isso. Os sussurros que os mais velhos afirmavam poder ouvir dentro da cabeça. Eles ainda não a haviam testado, não haviam lutado para controlá-la, mas Mira sabia que a hora viria, o inevitável e macabro momento. À medida que ficasse mais velha, aquilo assumiria cada vez mais o controle e ela precisaria lutar mais para mantê-lo adormecido. Até que, finalmente, não teria mais forças...

Mas isso era um problema para outra hora. Naquele momento, tinha outras coisas a resolver.

Ela se dirigiu para a usina nuclear, escalando montes e abrindo caminho na mata enquanto contornava o lago. O sol estava quase se pondo quando ela finalmente alcançou os antigos portões e entrou.

O enorme espaço livre no centro da usina estava coberto de mato. A torre que desmoronara jazia numa pilha no chão, onde havia caído muitos anos antes. Parte dela havia desabado sobre um dos prédios da administração, destruindo-o.

Diferentemente da maioria dos locais abandonados naqueles dias, a Estação Clinton não estava pichada, não havia sinal de pilhagem ou saques, nenhuma indicação de que alguém houvesse pisado ali em anos.

Mira não estava surpresa. Algumas histórias eram assustadoras o bastante para manter qualquer um fora dali, e dado o propósito original da usina nuclear, aquelas histórias estavam sem dúvida nenhuma à espreita nos túneis escuros sob seus pés.

Ela caminhou até o edifício mais próximo, seus passos ecoando mais alto do que gostaria.

Mira se deteve diante da porta por um bom tempo, tentando se convencer a abri-la. Não era fácil. Podia sentir o medo percorrendo seu corpo, medo do que poderia haver ali. Mas não tinha andado tudo aquilo, e arriscado tudo que arriscara, para desistir ali.

Mira tomou coragem e girou a maçaneta. A porta se abriu com o rangido das

dobradiças enferrujadas...

... mas nada aconteceu. Nenhum som de perninhas finas correndo para ela; nenhuma sombra se contorcendo e se arrastando em sua direção. Tudo que havia depois da porta parecia vazio e desprovido de vida.

Ainda assim, Mira deu um passo à frente, cautelosa.

Tratava-se de algum tipo de sala de controle, deduziu. As bancadas de botões e controles ainda estavam inteiras, mas cobertas com tanta poeira que não se podia distingui-los. Ela limpou algumas, revelando painéis e botões cujas funções originais estavam havia muito esquecidas.

Ela circulou pela sala rapidamente e encontrou o que estava procurando. Uma porta vermelha, grande e espessa, na parede do outro lado. Mira foi até ela e tirou a poeira da placa pendurada ali.

Estação Clinton: principal rota de acesso. Entrada permitida apenas para pessoal autorizado.

— Bingo! — disse Mira para si mesma, sorrindo.

Mas, e se não estivesse lá? Negociara muitos artefatos (valiosos e úteis) pela informação que a levara até ali. Todos com os quais havia negociado pareciam confiáveis, mas o mundo evoluíra para um certo nível de desonestidade. Todos sabiam mentir muito bem quando precisavam. Não havia mais em quem confiar.

Vai estar aqui, ela disse para si mesma. Tem de estar.

Por uma janela da sala de controle, Mira viu os últimos raios de luz desaparecendo do céu, sendo consumidos pela escuridão. Não lhe restava muito tempo.

Tirou a mochila das costas e a colocou no chão. Na parte da frente, algo havia sido bordado em fios vermelhos brilhantes. Uma letra do alfabeto grego, o símbolo δ, um sinal usado no mundo atual para identificar artefatos “ativos” das Terras Estranhas. A mochila estava cheia deles — baterias, relógios, frascos com pós cintilantes, molas, lápis, um pacote de clipes de papel, ímãs, lâmpadas, pregos e, é claro, dúzias de moedas diferentes, cada uma embrulhada separadamente em pedaços de plástico.

Toda vez que ela olhava para os artefatos, eles pareciam vibrar e tentar se

separar uns dos outros, como se alguma força misteriosa e invisível estivesse passando entre eles. Mira ainda não concluíra se aquilo era um fenômeno real ou apenas sua imaginação.

Ela remexeu entre eles e encontrou o que estava procurando. Um grande lampião antigo que parecia prestes a se despedaçar... mas Mira sabia que isso não iria acontecer. Ao menos não ali, fora das Terras Estranhas. Os artefatos se tornavam indestrutíveis quando saíam de lá. Mira recordava a teoria do Bibliotecário, de que aquilo acontecia por causa de suas estruturas moleculares, que “congelavam” assim que eram extraídas. Era uma boa explicação para ela.

Mira colocou óleo no compartimento do lampião, depois enfiou um pavio num pequeno buraco na parte de baixo e o puxou até o topo. Mas ela não o acendeu. Não imediatamente. Não até ser a hora certa.

Mira colocou a mochila no ombro, pegou o lampião, tirou uma lanterna do cinto... e encarou a grande porta vermelha à sua frente. Seu coração batia com força no peito. Do lado de fora, o sol tinha se posto. Era agora ou nunca.

Mira abriu a porta e deu um passo à frente. Quando a porta se fechou às suas costas, a escuridão caiu sobre ela.

5. SUBTERRÂNEOS

MIRA NÃO IMAGINAVA QUE UM LUGAR pudesse ser tão escuro. As sombras a cercavam como finas cortinas. Ela rapidamente ligou a lanterna, enviando um facho de luz para a frente. Mas este era tênue demais para afastar as sombras que oprimiam a luz.

Ela estava no alto de uma escada de concreto que descia pela escuridão. A luz não ia muito longe e, onde terminava, a escada era engolida pelo breu. Apreensiva, Mira começou a descer, cada passo ecoando alto no denso concreto. Alto demais.

Conforme descia as escadas, as sombras iam ao seu encontro. Mas nada se movia entre elas. Ao menos por enquanto. A luz oscilava com o tremor de sua mão e cada passo para baixo requeria mais esforço.

Mas Mira desceu todos os degraus. Depois de andar pelo que pareceu uma eternidade, ela finalmente chegou ao final, onde a escada estreita dava espaço a um túnel mais largo.

Sua luz ainda não ia muito além, mas ela podia ver que no túnel de calcário havia muitas portas cobertas de poeira que levavam a diferentes áreas de trabalho da usina nuclear.

Ela tentou se lembrar do mapa que o garoto lhe mostrara no Fausto, ainda que ele não estivesse disposto a negociá-lo. O depósito devia estar perto do fim do...

Um barulho às suas costas, como se alguma coisa deslizasse pelo chão.

Mira voltou-se bruscamente e ergueu a lanterna. Viu algo escuro retornando rápido para as sombras na outra extremidade do túnel.

Ou será que não? Talvez o seu medo a tivesse feito imaginar.

Ela manteve a luz voltada para onde tinha visto o... o que quer que fosse

aquilo, mas nada mais se movia. Seu coração martelou no peito novamente, a respiração rápida e entrecortada.

Mais barulho. Algo corria na direção dela, vindo de outro lugar.

Ela voltou-se novamente, apontando a lanterna... e viu sombras deslizando pelo chão na direção contrária. Sons estranhos, estalos confusos — como dezenas de dentes rangendo uns contra os outros — ecoando da escuridão... e então se dissipando.

Tudo bem, ela provavelmente não tinha imaginado aquilo, então se concentrou em analisar cada porta aberta à sua frente e às suas costas.

E nos locais onde a luz não podia penetrar completamente... as sombras se moviam. Massas escuras moviam-se lentamente, contraindo-se cada vez que a luz as alcançava, esperando e observando.

Mais barulho, mais sombras. Dessa vez no teto atrás dela. Sua luz a afastou. E mais outra na porta à esquerda, os estalos ansiosos vieram novamente, ainda mais altos.

Mira sabia que a lanterna estava prestes a se tornar inútil. Eles sabiam que ela estava ali agora, estariam sobre ela a qualquer momento...

Ela pegou um fósforo do bolso e acendeu o pavio torto do lampião.

Uma luz brilhante pulsou num clarão poderoso, diferente de tudo que um lampião normal poderia criar. Uma esfera brilhante se formou ao redor de Mira, cintilando intensamente, enchendo o túnel com sua luminescência, ofuscando tudo.

Mira o segurou como um escudo.

Diante dessa luz intensa, as sombras à sua volta foram assustadoramente reveladas. Centenas delas, agarradas ao chão ou às paredes, gotejando do teto, pulsando no batente das portas. Massas enormes e cancerosas de gosma, densas e negras, como petróleo, constantemente se transformando e mudando para novas formas.

Mandíbulas de dentes negros projetadas de seus corpos, formadas unicamente para o propósito de gritarem juntas. Mira manteve os ouvidos atentos, quase derrubou o lampião quando os gritos nauseantes inundaram o túnel estreito. As criaturas se afastavam da poderosa luz, desaparecendo nos

cômodos escuros e corredores da velha usina.

Era exatamente o que ela esperava. Um Enxame de Vermes Espaciais.

Quando os Confederados chegaram à Terra, suas naves estavam cobertas por bilhões de micro-organismos trazidos da imensidão do espaço. Sua reação ao serem expostos ao ambiente terrestre foi o crescimento. Acelerado. Num ano, eles se tornaram os imensos organismos repugnantes que eram agora.

Massas globulares negras, gelatinosas e pútridas, que constantemente mudavam de forma e podiam fazer e desfazer olhos, estômagos e outros apêndices quando necessário.

Eram predatórios ao extremo. Ao contrário dos Confederados, o Enxame de Vermes Espaciais poderia ter facilmente governado a Terra, se não fosse pelo fato de as fontes de luminosidade serem insuportavelmente dolorosas para eles. Além do mais, eram atraídos por fontes radioativas; pareciam viver disso. Locais como a Estação Clinton eram um lar perfeito para eles, com o que restara de radiação e sua constante escuridão.

Esse Enxame de Vermes Espaciais havia temporariamente recuado ante o artefato de Mira. Tratava-se de um artefato principal, das profundezas das Terras Estranhas, e ela o havia negociado na Cidade da Meia-Noite muito antes de ser forçada a fugir, pensando que poderia um dia precisar dele para uma grande aventura. Havia sido uma das poucas coisas que ela pensara que poderiam ajudá-la a sobreviver no covil de um Enxame de Vermes Espaciais.

Até ali, estava dando certo. Sob a luz brilhante, Mira podia ver toda a extensão do túnel. E não havia sinal do enxame.

Exceto pelos estalos. O som de dentes rangendo, partindo de centenas de lugares, ecoando por toda parte.

O enxame podia não ser visível... mas estava próximo. Buscando uma chance para chegar até ela e destroçá-la.

Mira se apressou ao atravessar o corredor, buscando pela porta que queria. Sabia que o lampião não queimaria para sempre; precisava ir rápido. Enquanto ela passava em frente às portas abertas, a luz forte invadia o interior de cada sala, seguida pelos gritos que vinham de dentro, quando o Enxame de Vermes Espaciais se contorcia e se arrastava para a escuridão. Por toda a volta, até o

limite da luz do lampião, as sombras se retorciam e ondulavam, ansiosas para alcançá-la.

Ela encontrou a porta que estava procurando e a atravessou rapidamente.

O cômodo era imenso, estreitando-se mais acima, provavelmente até a superfície. Sob a luz, ela podia ver engradados de todos os formatos, em pilhas altas, todos parecendo intocados e cobertos de poeira.

Aquele era o depósito da usina, tão grande quanto um armazém, e era o que ela estava procurando.

No centro do depósito havia uma espécie de elevador, bem abaixo de uma grande porta no “teto”. Mira deduziu que fosse usado para levar e trazer material da superfície.

Parecia que o Enxame de Vermes Espaciais fizera desse cômodo o seu covil. Estava nojento, incrivelmente coberto de criaturas negras e gosmentas, todas amontoadas, contorcendo-se pela sala, gotejando das paredes, do teto, do chão.

Quando a luz pulsante do lampião de Mira entrou, elas emitiram um guincho coletivo de dor e raiva, e se arrastaram para cima e para longe, numa onda tremulante de escuridão que desaparecia entre as sombras.

Os estalos que faziam se intensificaram, ecoando por toda parte. Se o lampião se apagasse... ela não duraria muito.

O coração de Mira acelerou enquanto ela se movia em direção a uma pilha de engradados metálicos. Firmes e sólidos, pareciam ter resistido bem à ação dos anos. Era um bom sinal. Ela limpou a poeira de um deles, revelando um símbolo circular que se dividia em seis triângulos amarelos e pretos apontando para um círculo preto no centro.

No Mundo Anterior, isso significava radiação.

A satisfação e o alívio de Mira foram suficientes para fazê-la esquecer os estalos que enchiam seus ouvidos, a massa escurecida que tentava atravessar a luz para alcançá-la. Aquilo era o motivo pelo qual ela havia arriscado tudo. E ela o havia encontrado.

Um dos engradados estava mais afastado, e ela destravou as trancas da frente e o abriu. Em seu interior, completamente livre da poeira, havia uma camada de espuma preta protegendo meia dúzia de cilindros de vidro contendo

água. Os cilindros estavam cheios de fibras de um componente marrom e inerte.

Mira sorriu ante aquela visão. Ela estendeu a mão para uma das embalagens e a tirou da espuma. Ao mesmo tempo, pegou outra coisa na mochila. Uma estranha combinação de diferentes objetos comuns: moedas grandes e pequenas, uma bola de gude verde, um rolo de fio de cobre, duas pilhas AAA e outras coisas, tudo preso a uma corrente dourada e a uma linha azul. Não era grande, Mira podia segurar todo o pacote na mão, que estava preso a uma grossa pulseira de relógio.

Era um artefato combinado chamado Amortecedor, que ela havia feito antes de entrar na represa. Ele absorveria toda a radiação e calor naturais do plutônio, tornando-o seguro para ser carregado.

Mira rapidamente prendeu a pulseira em volta do cilindro e a apertou. Quando o objeto tocou o vidro, produziu-se uma faísca de luz... e então um zumbido, como se alguma coisa elétrica estivesse sendo ligada. Mira sentiu os pelos dos braços se eriçarem com a corrente.

Quando terminou, ela segurou o cilindro no alto e o observou diante da luz do lampião, como se fosse um tesouro de valor incalculável...

... foi quando os engradados começaram a tombar sobre ela.

Na ânsia para alcançá-la, o Enxame de Vermes Espaciais subira no topo dos engradados, guinchando e soltando estalidos, empilhando-se mais e mais sobre tudo... até que o peso tornou-se excessivo.

Os engradados tombaram em cascata e Mira se afastou num salto. Ela mal conseguiu se esquivar quando eles desmoronaram à sua volta, caindo com estrondo.

Ela caiu no chão com força e rolou para o lado.

Com o movimento, o lampião rolou para longe. Não foi o suficiente para quebrá-lo, mas a chama se apagou.

A luz vital e protetora que ele oferecia se extinguiu e tudo mergulhou na escuridão.

O cilindro de vidro escorregou, saindo de seu alcance, e rolou para as sombras.

Mira olhou ao redor enquanto guinchos fantasmagóricos preenchiam o

enorme cômodo com seu poder assustador. Mas os guinchos não eram de raiva ou dor dessa vez. Eram de alegria.

Mira não podia vê-los, mas sabia que se aproximavam, ouvia seus corpos escorregadios rastejando pelo chão em sua direção.

— Ah, droga... — ela resmungou, pegando novamente a lanterna. A luz produzida era insignificante comparada à do lampião: mal iluminava em volta. Duas das criaturas deram o bote na escuridão e ela apontou a lanterna para elas, que se encolheram um pouco. Mas havia mais. Muito mais.

No brilho fraco da lanterna, ela viu o Enxame de Vermes Espaciais deslizando até ela de todas as direções, agora sem medo, faminto, raivoso, obcecado. Dentes, mandíbulas e bocas contraídas formavam-se e projetavam-se de seus corpos, prontos para fazê-la em pedaços. Os estalos e ranger de dentes ecoavam por toda parte.

Mira sabia que era seu fim. Não importava o que fizesse, estava diante do inevitável. Ela não sentia medo, apenas um amargor e frustração por ter chegado tão longe e tão perto. Acima de tudo, Mira odiava fracassar, e ali fracassara terrivelmente. Ela pensou nas metas não alcançadas, nas promessas que não poderia cumprir, e a raiva começou a aflorar.

Chegara tão perto!

Próximo dali, ela viu o contorno do cilindro de vidro, mas estava fora de alcance. Tinha de haver uma saída. Tinha de haver...

Mira se arrastou até um canto, mantendo as criaturas afastadas com o facho de luz da lanterna, apontando-o para todas as direções enquanto aquelas coisas guinchavam e saltavam para ela, recuando no último instante.

E, por pior que as coisas estivessem, ela notou algo ainda pior. A lanterna, aquela patética fonte de proteção, começava a falhar. As pilhas estavam acabando. Quando acabassem, ela estaria completamente sozinha enquanto a escuridão a devorava.

6. O ENXAME

ENCOLHIDA NO CANTO da enorme sala, Mira tentava em vão se encostar mais à parede. Mas não havia mais para onde ir.

O Enxame de Vermes Espaciais gritava, estalava e arranhava por toda parte, sombras da gosma pútrida e gotejante, cheia de garras e dentes, iam em sua direção, apenas para serem repelidas pela lanterna.

Mas aquilo não duraria muito mais tempo.

Logo estaria tudo terminado e, considerando a quantidade de criaturas que havia ali, terminaria bem rápido. Era o único consolo que ela tinha. Estranhamente, havia apenas uma forte determinação agora. Determinação de se manter viva quanto pudesse. Era o único vestígio de vitória que lhe restara.

E então o teto do depósito, bem acima, miraculosamente foi tomado por uma forte luz.

Uma enorme porta no teto rangeu mecanicamente enquanto se abria, e o elevador de carga começou a descer até o chão. Luzes brilhantes embaixo dele iluminaram a sala com intensidade.

Não eram tão fortes quanto o lampião de Mira... mas fortes o suficiente.

O enxame guinchou furioso em uníssono. Um grito aterrador e não humano ecoou de um lado a outro das paredes da sala.

As criaturas se dispersaram, algumas formaram asas para levantar voo, ou tentáculos para escalar as paredes, recuando para os cantos da sala, para longe da luz. Aglomeravam-se ali, rangendo os dentes, irritadas pela matança que haviam perdido.

Mira olhou para o elevador, surpresa. Ela podia ver uma figura solitária descendo por ele. Uma figura conhecida, revelada pela luz do elevador. E aquela visão a fez se encolher. Era o idiota do caçador de recompensas que encontrara

na fazenda. Aquele que interrompera seu banho. Ele devia tê-la seguido até ali.

Ele viu Mira encolhida num canto, com a lanterna falhando. Seus olhares se encontraram... e ele sorriu. Convencido, Mira pensou. Pela ironia de ela precisar ser salva por ele.

Bem, não precisava, ela concluiu, buscando algo atrás de si com o olhar. Ela iria mostrar a ele. Ele lamentaria tê-la seguido até ali.

Os gritos frustrados do enxame enchiam seus ouvidos, lembrando-a de que havia problemas mais urgentes.

Ela olhou novamente para o precioso cilindro de vidro e o viu a metros de distância, próximo à pilha dos engradados de madeira apodrecida.

Mira sorriu. Talvez fosse um bom dia, afinal de contas.

Uma das lâmpadas do elevador que ainda descia explodiu numa chuva de faíscas.

Mira olhou para cima... e viu sombras negras saltando das paredes e do chão, voando pelos ares e se chocando com as lâmpadas, partindo-as numa chuva de vidros.

Aquilo era o enxame de vermes. Embora não tivessem conseguido ultrapassar a luz do artefato de Mira um pouco antes, essa luz, ainda que forte, eles podiam ultrapassar.

Mais faíscas se formaram, como se outra lâmpada explodisse. A cada golpe, a sala mergulhava novamente na escuridão. Em poucos instantes, Mira estaria de volta à mesma situação que acabara de sair.

Já estava cansada da tentativa de resgate do caçador de recompensas.

Mira se arrastou até o cilindro de vidro, antes que a última lâmpada do elevador explodisse. Tudo ficou escuro, e o enxame gritou, aproximando-se faminto.

O caçador de recompensas não duraria muito. Se ela ao menos conseguisse chegar ao elevador, talvez com a lanterna, ela...

Um lampejo de luz vermelha surgiu na grande sala. Não era tão brilhante quanto as luzes do elevador, mas o suficiente para afastar o enxame. Mira olhou e viu o caçador de recompensas segurando dois sinalizadores, queimando um em cada mão. Enquanto as criaturas investiam, ele agitava os sinalizadores na

direção delas, fazendo-as retornar lamurientas para as sombras.

Então ele era mais capaz do que ela pensara. Bom para ele.

O garoto saltou assim que o elevador tocou o chão, colocando um dos sinalizadores na plataforma para manter o enxame afastado.

O outro ainda estava com ele, que o sacudia para as horríveis criaturas gosmentas. Ela viu quando ele pegou uma espingarda nas costas e correu até ela.

Mira não tinha muito tempo; ele a alcançaria logo. Ela se virou e correu no sentido oposto, em direção ao cilindro de vidro. Podia vê-lo a apenas alguns metros...

Uma das criaturas surgiu na sua frente — duas mandíbulas se formaram e se projetaram do corpo, guinchando. Ela ergueu a lanterna... e viu que estava apagada, as pilhas haviam acabado.

Estava indefesa.

Atrás dela, o som de tiros de uma espingarda encheu as salas cavernosas como trovoadas. O garoto explodia o enxame enquanto este o atacava, recarregando a espingarda enquanto andava.

Mira tinha seus próprios problemas. Ela se desviou quando aquela coisa à sua frente a atacou, mal escapando das mandíbulas duplas.

De um bolso, tirou um punhado de moedas, cada uma delas embrulhada num plástico brilhante, marcado com o símbolo δ.

A criatura girou, assoviando e estalando enquanto ela puxava o plástico de cada moeda, e então segurou a primeira entre o polegar e o indicador.

A coisa disparou em direção a ela, guinchando e se esfregando no chão.

Com facilidade de quem estava acostumada, Mira estalou os dedos... e a moeda disparou como uma bala de revólver. Quando alcançou a monstruosidade, explodiu em faíscas brilhantes. A coisa urrou de dor, cambaleando para trás, atordoada. Gosma se espalhava por todo lado.

Mira colocou as outras moedas entre os dedos e as atirou para a frente. Elas explodiram naquela coisa como munição, uma após a outra, fazendo com que a criatura se contorcesse e balançasse para trás.... até finalmente cair no chão, sem vida.

Mas havia muitas outras para assumir o seu lugar, e Mira não tinha mais

moedas das Terras Estranhas ao alcance da mão.

Ela se virou e correu em direção ao cilindro, enquanto o enxame se contorcia numa massa mais acima, guinchando e se jogando na direção dela.

Uma delas a derrubou no chão, imobilizou-a com suas asas de couro oleosas e gritou sobre o rosto da garota com suas três bocas.

Mira tentou se soltar, mas a criatura a segurou. As bocas se abriram, revelando presas gotejantes, línguas negras penduradas...

E então um tiro de espingarda explodiu aquela coisa. Ela caiu no chão, deslizou por alguns metros e parou de se mexer.

Faíscas vermelhas preenchiam o ar ao redor de Mira. Ela olhou para cima, confusa.... e viu o garoto olhando para ela, segurando a labareda acima da cabeça, mantendo as criaturas afastadas.

— Ei, você me parece familiar — ele disse, estendendo o braço para ajudá-la. — Está me seguindo?

— Muito engraçado — ela disse com desdém enquanto ele a levantava.

O enxame os cercava por todo lado. Nas paredes e no ar, buscando uma oportunidade, uma massa de escuridão guinchando entre as sombras avermelhadas.

Ele entregou a ela a chama faiscante. Ela a segurou. Não tinha muita escolha: era a única chance de escaparem.

— Vamos correr até o elevador, não pare até chegar lá, estou quase sem cartuchos.

O cilindro estava a alguns metros de distância. Os olhos dela estavam grudados nele. Era sua única chance; sem o lampião, ela nunca conseguiria encontrar outro.

— Espere, pare! — ela implorou, resistindo aos puxões dele.

Uma das criaturas se lançou através da luz.

O caçador de recompensas ergueu a arma e a explodiu, recarregando-a a seguir.

— Segure a chama no alto! — ele gritou. — Se eu tiver que te arrastar, eu arrasto, mas prometo que não vai gostar.

Ela continuou lutando com ele enquanto o enxame pulsava e se retorcia em

volta dos dois.

— Por favor, eu vou com você, não vou resistir — ela implorou. — Pelo menos me ajude a pegar aquilo — Mira apontou para o cilindro, caído a pouca distância. — Por favor, você não imagina quanto é importante.

O garoto a encarou por um momento... e então revirou os olhos, começando a puxá-la novamente.

— Você não precisa disso para onde está indo, docinho. — Ele a puxou com força e dessa vez ela não conseguiu resistir. Ele era muito forte. E começou a arrastá-la para longe.

— Não, por favor! — Mira gritou, olhando agoniada para o cilindro de vidro enquanto era puxada. — É valioso demais, de valor incalculável.

Ao ouvir aquelas palavras, o garoto parou. Ele a encarou.

— Valor incalculável? — ele perguntou, um tom diferente na voz. Ela quase sorriu quando notou. Agora seria moleza.

— É! Você poderia trocá-lo por qualquer coisa! — Mira exclamou. O que não era mentira... ele realmente poderia. Ela havia conhecido pessoas que teriam matado por aquilo, pela oportunidade que aquilo representava.

O garoto olhou para o cilindro, parecendo calcular a distância em comparação ao risco que exigia. O enxame os cercava e Mira precisou se esticar para manter a chama alta o suficiente para espantá-lo.

— Por favor, não vou lutar com você se pegá-lo. Vai valer a pena. Mais do que você imagina.

Quando ele se virou para olhá-la novamente, ela notou algo incrível. Os olhos dele eram cristalinos, nenhum traço de preto. Ele era um Imune, ela percebeu, surpresa (e com inveja). A Estática não tinha efeito sobre ele.

— Se eu descobrir que isso não vale nada — ele disse, com um tom de advertência —, você terá uma viagem desagradável de volta para casa.

Antes que Mira pudesse responder, ele se embrenhou nas sombras, deixando-a segurar a chama para se proteger.

Mas, na verdade, ela não precisava daquilo. A visão de alguém fora do casulo protetor da luz avermelhada era o suficiente para manter as criaturas em frenesi.

Elas dispararam em direção ao caçador de recompensas, mandíbulas e garras se materializando de seus corpos.

O garoto explodiu uma — que caiu na frente dele –, desviou-se do cadáver e se jogou até o cilindro.

Ele o agarrou assim que duas outras criaturas voaram para cima dele. O garoto rolou para longe... e as coisas tombaram numa pilha de engradados deteriorados. O que sobrara das caixas pesadas desmoronou numa massa de destroços e estilhaços, soterrando as criaturas.

O garoto não parou para olhar; correu de volta para Mira, atirando. Quando a munição acabou, ele colocou a espingarda nas costas e tirou do cinto uma escopeta, e, num leve movimento, atirou em mais duas criaturas, deixando-as mortas no chão.

Mira olhava maravilhada. Ele era mais do que bom... ele era incrível!

Ele a alcançou, enfiou o cilindro na mochila dela e a empurrou para a frente.

— Quer que eu pegue algo mais pra você? — ele perguntou, sarcasticamente. — Esqueceu sua escova de dentes em algum lugar? Talvez sua meia favorita?

Mira fez uma careta enquanto corriam para o elevador livre do enxame. A chama vermelha ainda estava acesa lá, mantendo-os longe.

Eles alcançaram o elevador, fecharam o portão às suas costas e apertaram o botão para começar a subir. As criaturas os cercaram, chocando-se contra o elevador, sacudindo-o para tentar entrar, gritando e arranhando com fúria. Mas havia duas chamas agora... com tanta luz, não havia nada que elas pudessem fazer.

Quando as criaturas recuaram, Mira soltou um suspiro de alívio. Ela tinha conseguido. Conseguira o que viera buscar, havia sobrevivido... por pouco.

Ela ofegou quando o garoto a empurrou com força para o piso do elevador e prendeu seus braços nas costas. Ela sentiu uma corda envolvendo cada pulso e se encolheu quando foi amarrada com força.

— Ai! — exclamou, aborrecida, encarando o caçador de recompensas. — Isso machuca!

O cabelo dele era espesso, ondulado e despenteado, mas de alguma forma

conseguia causar a impressão de um estilo intencional. Ele era alto e bem constituído — aerodinâmico era provavelmente a melhor palavra, músculos e agilidade ganhos em anos de corrida e luta —, mas não era só isso. Por trás de seus olhos castanhos havia confiança e astúcia numa proporção que Mira não via normalmente, uma consciência calculada de tudo ao seu redor. Havia algo mais sobre ele... ela tinha certeza. E isso só a irritou ainda mais.

Ele se ajoelhou ao lado dela, sorrindo enquanto o enxame inutilmente pressionava o elevador e se jogava contra ele.

— A propósito, meu nome é Holt. Holt Hawkins — ele disse, apresentando-se com deboche, do mesmo jeito que ela fizera quando eles se viram pela primeira vez. Isso fez o sangue dela ferver. — E você estava certa. Você definitivamente me deu trabalho.

7. TEMPESTADE IMINENTE

ERA POSSÍVEL ENTREVER AS ESTRELAS PELAS COPAS DAS ÁRVORES, bem acima da floresta. Apenas a luz tremulante do fogo iluminava o acampamento, mas Holt estava prestes a extingui-lo. Ele o fizera como de costume: cavara um buraco na base de uma árvore, com galhos cobrindo-o. Fez de um jeito que permitia ao fogo emanar calor, mas suprimia a maior parte da luz e filtrava a fumaça. Tudo para evitar ser descoberto. Não apenas por outros garotos, mas também por patrulhas dos Confederados.

A deixa foi o retumbar de explosões distantes que se aproximavam pelo ar, dessa vez vindo do leste. Estranhas e ritmadas batidas. Parecia que os Confederados ainda estavam causando agitação.

— Com licença — disse uma voz impaciente às suas costas. Holt se virou e olhou para Mira, amarrada a uma árvore, no topo de uma pequena elevação. Ele a amarrara com uma corda pela cintura e prendera suas mãos, uma de cada lado do tronco. Ela não estava feliz com aquilo, mas ele não se importava nem um pouco. Ela já tinha escapado uma vez e ele não lhe daria uma segunda chance.

— Você poderia, por favor, fazê-lo parar de me encarar desse jeito? — ela pediu, indicando Max com a cabeça. O cachorro estava deitado à sua frente, a língua pendurada, observando-a como se fosse um osso premiado.

— Desculpe, mas não — respondeu Holt, extinguindo o fogo com uma pilha de folhas que havia juntado mais cedo para impedir que a fumaça subisse. — Max está apenas fazendo o trabalho dele. Ele sabe que você é seu vale-alimentação.

— Ah, é mesmo?

— Você sabe de quanto é a sua recompensa? — Holt perguntou. Depois que o fogo se apagou, o acampamento foi tomado pela escuridão; apenas a luz das

estrelas o iluminava.

— Só sei que é infinitamente menos do que valho — respondeu Mira. Ela era apenas uma sombra escura contra a árvore.

— É uma quantia considerável, a maior que já vi. — Holt foi até o lugar onde dormia e pegou a mochila. — Vai resolver muitos problemas, meus e do Max.

— Só se você conseguir me levar de volta à Cidade da Meia-Noite — informou Mira, com um sorriso na voz. — Muita coisa pode acontecer numa longa jornada como essa.

— Não estou muito preocupado, agora que você perdeu sua bolsinha de truques. — A mochila de Mira, adornada com o símbolo δ, com todos os artefatos que estavam dentro dela, repousava embaixo do catre de Holt, por segurança. — Seu cartaz de recompensa diz que você é uma Bucaneira. Andando por aí com tantos artefatos, parece que é verdade. Pensei que Bucaneiros viviam tranquilos na Cidade da Meia-Noite. Como foi que você conseguiu irritar todo mundo lá?

— Não é preciso muito para ter um preço pela sua cabeça nos dias de hoje — ela resmungou amargamente. — Mas parece que você sabe disso muito bem. Se precisa da minha recompensa para resolver os seus problemas, vai ter que se apressar. A quem se deve essa sua marca da morte? Um grupo rebelde? O Bando? Alguma facção da Cidade da Meia-Noite?

Holt franziu as sobrancelhas e se enfiou em seu saco de dormir, subitamente consciente da luva em sua mão direita. Ele não gostou de ela ter percebido o perigo em que ele estava. Seria melhor que essa tal Mira Toombs soubesse o mínimo possível sobre ele, melhor que o visse apenas como seu raptor. Mas era culpa dele. Ressaltara que precisava da recompensa e a garota era esperta, sabia como chegar a uma conclusão. Ele seria mais cauteloso.

A sobrevivência o obrigava a isso.

O som de explosões retumbava pelo ar da noite novamente, como um forte trovão que anuncia a chegada de uma tempestade. Ele preenchia o espaço entre as árvores sombrias, e as folhas chacoalhavam em seus galhos. Soava mais distante agora, o que era uma coisa boa.

— O que há com eles agora? — perguntou Mira, calmamente, quase para si mesma. — Alguma coisa os tem deixado nervosos há dois dias.

— Na verdade, três — corrigiu Holt. — Provavelmente algum grupo idiota da resistência. Não estamos muito distantes de Chicago; devem ser os Ovelhas Negras.

— A Brigada dos Ovelhas Negras está muito ocupada; eles nunca deixam as ruínas — disse Mira. — E não são idiotas, são bons no que fazem.

— Que é o quê, exatamente? Serem mortos? Você tem razão, eles são ótimos nisso. — Holt não se esforçou para esconder o desprezo na voz.

— Eles estão resistindo — respondeu Mira, com firmeza. — Estão se opondo; você não respeita isso?

Holt deu uma risada.

— Desafiar os Confederados não é algo para se respeitar, é suicídio. Ninguém pode vencê-los.

— Sempre há um jeito — insistiu Mira. — Sempre.

Holt balançou a cabeça ao notar a convicção na voz dela.

— Já se passaram oito anos desde a invasão. Se fosse para alguém ser bem-sucedido, já teria conseguido. — Holt se virou, olhando as estrelas por entre a copa das árvores. — Eles massacraram cada militar deste planeta, subjugaram a maior parte da população, tudo sem mover um dedo. Os únicos que restaram para “resistir” são jovens, a maioria mais novos do que nós, e duvido que algum deles saiba lutar. Sem mencionar que todos parecemos mais interessados em nos matar uns aos outros do que em nos unir e realmente enfrentá-los. A Estática leva mais de nós a cada dia e muito em breve não haverá mais ninguém para ser levado.

— É fácil para um Imune dizer isso — disse Mira. — Alguém que não vive com uma bomba-relógio na cabeça, em contagem regressiva até que você perca a consciência.

Aquelas palavras tocaram Holt e seu calmo desinteresse se desvaneceu. Ele se voltou para a garota e pôde vê-la melhor agora na escuridão. Ela o encarava.

— Você não sabe como é — ela começou —, ter a estática em sua cabeça, ter isso crescendo em você e nublando tudo. Você não conhece o medo de ouvir

as vozes... e de perceber que aos poucos elas começam a fazer sentido. Se conhecesse, talvez pudesse se motivar um pouco a encontrar uma solução em vez de simplesmente se esconder aqui na floresta como um covarde.

Holt a olhou, sentindo a raiva (e sua antiga dor) se acumulando e atravessando o seu corpo.

— Sei mais sobre a Estática do que você pode imaginar — ele disse, ferino. — Sei mais sobre isso do que qualquer um merece, pode acreditar. Esta conversa acaba aqui. Chegaremos à Cidade da Meia-Noite em três dias, o que significa que teremos de avançar mais depressa. Sugiro que você durma um pouco, se não quiser ser arrastada por todo o caminho até lá. Não tenho problema em fazer isso, se for obrigado.

Mira não respondeu. Ele manteve os olhos nos dela até que ela finalmente desviou o olhar.

Satisfeito, Holt virou para o outro lado. Suas mãos tremiam. Ele sabia que levaria um tempo até que conseguisse dormir. Mas não deixaria que ela visse o efeito que tinha sobre ele. Precisava parecer forte, no controle.

Ele odiava esse sentimento de raiva, porque ela estava sempre atrelada àquelas lembranças. Era mais difícil ignorá-las quando ele estava com raiva.

À sua direita, Max gania baixinho. Ele observava Holt com seus grandes olhos redondos, inclinando a cabeça para os lados. Holt estendeu a mão e coçou as orelhas dele. Max sabia reconhecer o humor do garoto, e havia algo sobre isso que agradava a Holt. Ao menos alguém o compreendia.

Quando ele tirou a mão, o cachorro olhou novamente para Mira, observando-a como um falcão. Holt fechou os olhos, tentando se concentrar no som do vento nas folhas e no estridular dos grilos. Se conseguisse se acalmar, talvez não sonhasse com ela naquela noite...

8. SONHOS

UM JOVEM HOLT, com não mais que 12 anos de idade, irrompeu pela porta da frente, saindo pelo gramado da casa que os pais ganharam em Fort Connor. Um rápido olhar, ao passar correndo pelo relógio da sala, revelou que era quase uma da manhã.

Lá fora, o alerta das sirenes estava ainda mais estridente. Elas tocavam por toda a base, e ele podia ver as luzes piscando na rua, de cima a baixo.

Sua irmã, Emily, uma garota alta, de cabelos castanhos, com quase 17 anos, estava de pé com o pai e a mãe na entrada do pequeno gramado. O pai já vestia sua farda.

Holt viu mais pessoas se aglomerando nas ruas, vestindo as roupas e uniformes às pressas. Esposas e crianças também vinham ver, todos confusos.

Quando Holt alcançou Emily, ela colocou o dedo nos lábios, num sinal para que ficasse quieto, e segurou a mão dele.

A mãe falou com voz suave, mas estava trêmula de nervosismo, de um jeito que Holt nunca tinha ouvido antes. Ele não gostou.

Um som como o de um trovão os alcançou, vindo de longe. Eles olharam em direção à origem do som, além dos edifícios de Fort Connor, nos céus acima de Denver. As luzes faiscantes dos prédios podiam ser vistas da base. Uma grande quantidade de nuvens de tempestade se formara sobre a cidade... e elas brilhavam com uma luz estranha. Um laranja avermelhado desbotado, quase como se estivessem queimando por dentro. Holt as fitou, pensativo.

Todos os que estavam nas ruas ao redor de Holt congelaram diante daquela visão, ouvindo o retumbar dos trovões acima deles. Não era como nenhum trovão que Holt escutara antes.

A mãe se aproximou do pai e ele colocou o braço em volta dela. Holt sentiu

quando a irmã segurou sua mão com força.

O brilho nas nuvens crescia, ficava mais intenso, as sombras vermelhas brotavam vibrantes. O som do trovão que se aproximava da cidade ficava mais alto também. Alguma coisa estava se formando; algo estava acontecendo.

As nuvens sobre Denver se partiram violentamente quando uma forma negra compacta surgiu entre elas.

Holt, Emily e as outras pessoas na rua se sobressaltaram quando aquilo se fincou bem no coração da cidade. Uma bola de fogo gigantesca surgiu no local, crescendo em direção ao céu noturno.

Segundos depois... o som do impacto chegou até eles, um estrondo ensurdecedor que fez o chão estremecer. As pessoas gritaram; algumas caíram como se lançadas por uma explosão. Emily gemeu, seus joelhos se dobraram. Holt a abraçou com firmeza.

Ao longe, as luzes de Denver piscaram uma, duas vezes... e tudo ficou escuro. Segundos depois, aconteceu o mesmo na base, as luzes das ruas se apagaram.

Outros sons foram ouvidos, altos o suficiente para ecoar à distância. Estalos e pancadas, como fogos de artifício na noite de Ano-Novo. Mas Holt sabia que não eram fogos de artifício.

Não era mais possível ver a cidade. Apenas os lampejos brilhantes próximo de onde deveria ser o chão... e pontinhos de luz amarela que jorravam do céu para a terra como seu pai uma vez lhe descrevera os projéteis cortando o céu durante a guerra.

Era tudo muito óbvio. Denver estava sendo atacada. Mas... pelo quê?

A compreensão quebrou o encanto. As pessoas ao redor de Holt começaram a correr em debandada, alguns de volta às suas casas, outros para o quartel. Holt sabia que o pai iria com eles.

A mãe de Holt pensou a mesma coisa. Ela balançou a cabeça e agarrou a camisa dele com força para mantê-lo no lugar... para que ele ficasse com a família. O pai a puxou para mais perto e sussurrou em seu ouvido. Holt não podia ouvir o que ele dizia, mas a mãe relaxou um pouco, fechando os olhos.

Holt e a irmã viram o pai se ajoelhar diante deles. Holt notou como ele

parecia calmo apesar de tudo o que estava acontecendo, apesar do pânico geral na rua. Isso o fez se sentir melhor, o fez acreditar que tudo ficaria bem. O pai sempre o fazia se sentir assim.

Ele disse que precisava que eles ajudassem a mãe a colocar as coisas no carro e ficarem prontos, para o caso de precisarem partir. Ele perguntou se eles achavam que poderiam fazer isso.

Holt e Emily concordaram com a cabeça e se abraçaram com força. O pai sorriu.

Ele olhou para Holt de modo diferente, como se estivesse vendo partes dele que nunca tinha visto antes... ou ao menos nunca precisara ver até então. Após um instante, o pai balançou a cabeça, tirou algo do bolso e o entregou a Holt.

Aquilo seria para seu aniversário, na semana seguinte, disse o pai. Mas ele decidira que Holt já estava pronto.

Holt olhou para o objeto, um canivete suíço das forças armadas, vermelho e cintilante, com muitas ferramentas e lâminas. Ele sorriu. O pai despenteou seu cabelo com carinho. Quando retornasse, disse o pai, ele lhe mostraria como usá-lo. E então ele os abraçou com força, Holt e Emily ao mesmo tempo.

O pai se levantou. Os olhos da mãe brilhavam com as lágrimas. Os sons das explosões vindos da cidade tornavam-se cada vez mais altos. O pai de Holt a puxou para perto e a beijou... ele então se foi, correndo pela rua com outros soldados.

Holt segurou com força o canivete na mão e ficou olhando o pai. Ficou ali até que ele desapareceu à distância, até que não pôde mais vê-lo na escuridão da rua.

Foi a última vez que Holt o viu.

9. ESQUEMAS BEM DEFINIDOS

AS EXPLOSÕES RASGAVAM O AR acima do acampamento e arrancaram Holt de seu sonho.

— O que foi isso? — perguntou Mira, assustada, ainda amarrada, mas acordada e alerta.

E mais uma vez ouviram os múltiplos disparos agudos dos pesados canhões de plasma. Holt os reconheceu instantaneamente.

Assim como Mira.

— Predadores... — ela disse. — Precisamos sair daqui.

Ela provavelmente não estava errada. Holt saiu do saco de dormir, vasculhando cada pedacinho de céu que pudesse ver através da copa das árvores. Ainda era noite: a meia-lua estava alta, a luz prateada banhava tudo.

Ele ouviu novamente. Acima e a leste, aproximando-se rápido. Mais tiros de artilharia. Com uma careta, esticou o braço para trás e pegou o rifle nas costas. Max estava ao lado, ganindo baixinho e farejando o ar, desconfiado. Holt se esticou para acariciar o cachorro...

... e uma nave Predador azul e branca rugiu no alto, visível por meio segundo através da abertura entre as árvores. Dois de seus motores estavam em chamas, a fumaça deixava um rastro atrás de suas asas características, em forma de lua crescente. Max latiu raivoso, mas Holt apenas olhava, assombrado. Ele nunca tinha visto um Predador avariado, nem mesmo durante a invasão, quando os militares levantaram sua breve e desorganizada defesa. O que poderia ter provocado aquilo?

Um segundo depois ele teve a resposta.

Dois outros Predadores passaram rugindo, os canhões de plasma atirando contra a primeira nave batedora. Eles se foram um segundo depois, mas havia

algo diferente sobre eles, e Holt compreendeu imediatamente. Todas as aeronaves ou caminhantes dos Confederados que ele já tinha visto possuíam algo em comum: eram todos azuis e brancos. Os padrões se diferenciavam algumas vezes, mas as cores nunca.

Entretanto, os dois Predadores que haviam acabado de passar não eram azuis e brancos.

Eram de um vermelho forte.

Holt notou quando o som dos canhões ficou fraco e ouviu o estrondo de outra colisão a vários quilômetros dali. O Predador avariado devia ter finalmente caído.

Ele apertou o rifle com força, respirando fundo, pensativo.

— Você viu? Eles eram vermelhos! — gritou Mira, da árvore da ribanceira. Holt franziu a testa. Ela quase parecia entusiasmada. — Vermelhos! O que está acontecendo?

— Boa pergunta — ele respondeu. — Ouvi rumores sobre cores diferentes na Confederação pelas bandas do sul, mas não tinha dado muita importância. E eu definitivamente nunca tinha ouvido falar que os Confederados atiravam nos seus.

Os sons não retornaram. Tudo era silêncio na floresta e no ar da noite. Talvez fosse o último dos...

Uma nave esférica da Confederação, em chamas, explodiu entre as árvores, um pouco acima deles.

Holt rolou, arrastou-se e ficou de pé antes que aquilo o acertasse, puxando Max com ele. Quando a nave colidiu, foi com força, enterrando-se no meio da floresta, caindo ao lado de árvores e folhagens e deixando um rastro de mais ou menos vinte metros. O impacto espalhou detritos e chamas numa esfera perigosa. Mira gritou da árvore, incapaz de se mover enquanto os detritos voavam ao seu redor.

Quando terminou, Holt permaneceu parado por um longo tempo, olhando para a fumaça que se formara e para a enorme nave arredondada, o metal de sua superfície pintado de azul e branco, como era costume.

Mas, embora a cor fosse familiar, nada mais era. Ele nunca tinha visto uma

nave como aquela, uma enorme bola metálica. Chamas queimavam lentamente ao redor, começando a consumir as árvores próximas, mas a nave em si não estava mais em chamas. No entanto, o impacto a deixara completamente aberta. Fumaça brotava do casco, bloqueando a vista de seu interior.

— Ainda está vivo, Hawkins? — Mira gritou, por entre as nuvens espessas de poeira e fumaça. Ele não podia vê-la, mas podia ouvi-la tossindo.

— Sim! — ele gritou de volta. — Com certeza você está aliviada.

A esfera acidentada soltou um rangido conforme alguma coisa se movimentava dentro dela. O olhar de Holt se voltou para lá. Max rosnou alto, o pelo das costas arrepiado.

Algo se movia. Alguma coisa lá dentro ainda estava viva.

Holt não se mexeu, os pensamentos se aceleravam em sua cabeça. Ele nunca vira um Confederado. E pelo que sabia, ninguém tinha visto. Eles sempre estavam trancados em suas armaduras ou naves.

Holt se esforçou para ficar calmo, para pensar. A nave vermelha devia estar por perto. Ou pior, poderia haver caminhantes se deslocando para aquele local. No mínimo, os azuis e brancos teriam reforço vindo em seu socorro. A coisa mais sensata a fazer era fugir. O que adiantaria investigar a nave se ele fosse capturado por um Abutre?

A tecnologia dos Confederados, não importava em que estado estivesse, era inestimável para troca. Duas ou três armas de plasma poderiam, sozinhas, garantir comida para um ano inteiro. Quem poderia saber o que havia dentro da nave destroçada? E se ele não a pilhasse, outra pessoa faria isso, com certeza.

Holt procurou se acalmar e apurou os ouvidos. Alguns sons, mas nada ameaçador. Apenas o vento nas árvores e o crepitar das chamas. Nenhum motor dos Predadores, nenhum tiro de canhão, nenhuma batida metálica das pernas dos caminhantes Aranha. Ainda assim, ele aguardou, com os ouvidos atentos, para ter certeza.

A nave esférica se inclinou novamente. Ouviram-se mais sons de movimento do lado de dentro.

Aquilo o fez tomar a decisão. Holt se levantou e foi até a aeronave, mantendo-se agachado. Ele empurrou o rifle de volta para o lugar e pegou a

escopeta. Melhor para ambientes internos. Max o seguiu, os olhos fixos nas sombras do lado de dentro da nave.

— O que está fazendo? — gritou Mira. — Por favor, não me diga que você está realmente pensando em entrar ali.

Holt a ignorou e seguiu em direção à nave.

— Ei! O que eu vou fazer quando você for morto? — ela reclamou. — Eu nunca vou conseguir me livrar dessas cordas.

Ele continuou ignorando-a. Mais alguns passos e ele chegou à fuselagem da nave, partida como um ovo. Fios e tubulações para fora como vísceras. Faíscas estalavam e crepitavam por toda parte. Havia um zumbido estranho que se esvaía, tornando-se cada vez mais baixo. Era como se algo mecânico estivesse morrendo.

Holt baixou a arma com cautela, espiando o entorno da fuselagem. A fumaça estava espessa do lado de dentro, elevando-se em grandes nuvens. Ele não conseguia ver nada, e não tinha ideia do que havia ali. Para descobrir, precisaria entrar.

— Ei! — Mira gritou com raiva atrás dele.

Holt a ignorou, inspirou profundamente e, então, ele e Max atravessaram a fumaça e entraram na estranha nave.

MIRA OBSERVAVA INDIGNADA enquanto Holt e o cão desapareciam no interior da estranha aeronave. Idiotas. Entrar numa nave dos Confederados acidentada era a superhipercampeã das más ideias. Era um milagre ainda estarem vivos.

Mira correu o olhar pelo acampamento. A maior parte havia sido destruída quando a nave caíra, mas ela viu o catre de Holt a alguns metros de distância. A mochila dela não estava mais lá. Fora lançada para perto dela pelo impacto e ela podia ver o δ vermelho, fora do alcance dos seus pés.

Ou será que não?

Se ela pudesse alcançá-la enquanto a dupla dinâmica estivesse ocupada sendo devorada dentro da nave, poderia conseguir fazer aquilo tudo virar a seu favor.

Mira esticou os pés, os únicos membros dela que o caçador de recompensas

não havia amarrado à árvore. Grande erro, ela pensou.

O sapato parou a apenas alguns centímetros da mochila, estava quase lá. Mas não era suficiente.

Mira fez uma careta. Puxou as amarras... e pôde sentir as cordas se ajustando ao redor da cintura, apertando os braços, puxando-os com mais força para a árvore.

Se ela se esticasse bem, poderia conseguir afrouxar as cordas das pernas o suficiente para alcançar a mochila... contanto que conseguisse aguentar as cordas apertando ainda mais os braços.

Mas valeria a pena.

Ela puxou as cordas com toda a força que tinha. E então grunhiu de dor quando elas apertaram seus braços com força, a casca afiada da árvore ferindo a pele.

Mas as pernas estavam soltas agora. Mira estendeu-as na direção da mochila novamente...

... e dessa vez ela enganchou uma das alças no tornozelo e puxou depressa. Precisava se apressar. Quem saberia quando o caçador de recompensas e seu cachorro fedorento iam aparecer.

Com a perna, ela jogou a mochila para trás. Ela foi parar do lado direito da árvore, onde quase podia tocá-la com a mão. Holt amarrara seus braços contra a árvore, mas deixara os antebraços livres. Ela se mexeu até livrar um deles das cordas, apenas o suficiente para dobrá-lo.

Quando conseguiu, pegou a mochila e enfiou nela a mão direita. A primeira coisa que buscou foi o cilindro. Depois de um instante, sentiu seu toque frio e a textura do vidro entre todos os outros objetos e artefatos, e respirou fundo, aliviada. Ainda bem que o caçador trouxera a mochila com eles. Nem tudo estava perdido.

Ela revirou tudo rapidamente, passando a mão pelas outras coisas, enquanto explorava o interior da mochila.

Num instante, encontrou o que estava procurando, reconheceu sua forma fria, metálica e angular. Ela o agarrou e puxou — um isqueiro Zippo, antigo e enferrujado — e sorriu ante aquela visão.

Fechou a mochila com uma mão e pegou uma das alças. Com o pouco impulso que conseguiu, amarrada à árvore, Mira lançou tudo pelo ar, para longe. A mochila caiu ainda mais distante do que estivera quando a pegara, perto do catre de Holt.

Ela olhou para o Zippo e o fechou na palma da mão. Mal podia esperar para ver o olhar no rosto de Holt. Ele se arrependeria de ter visto seu cartaz de recompensa.

10. ZOEY

A FUMAÇA ERA ESPESSA e tudo estava escuro. Holt mal podia ver a ponta da arma. Max andava ao seu lado como uma sombra, uma mancha cinza azulada no chão. Ele era apenas um cachorro, provavelmente não seria páreo para o que o esperava além da fumaça... mas Holt se sentia melhor por tê-lo ali.

O interior da nave, assim como a fuselagem, era arredondado. A fuselagem disforme ao longo das paredes marcava o que provavelmente fora o painel de controle. Agora estava tostado, irreconhecível. Parte dele ainda resistia, com sua estranha luz cintilando aqui e ali.

Holt seguiu para o interior da nave, a arma em riste, o dedo no gatilho.

A fumaça estava tão espessa que era quase impossível enxergar. Ele tossiu e se agachou, esperando que o ar estivesse mais puro junto ao chão. Estava. Pôde ver um pouco melhor também, um pouco mais do interior da nave.

Mais circuitos queimados, mais rachaduras na fuselagem da nave, algum tipo de equipamento caído, seu conteúdo em pedaços por toda parte. Mas não havia sinal de sobreviventes, ou fosse lá o que tivesse feito os barulhos que ele tinha ouvido. O tempo estava se esgotando. Os Confederados estariam ali em minutos, talvez segundos. Ele tinha de sair naquele momento, disse a si mesmo, não valia a pena...

Um movimento, algo se arrastava um pouco à frente. Ele ouviu alguém tossir.

Tossir? Os Confederados tossiam? Será que eles tinham pulmões?

Em alerta, Holt engatinhou, a arma pronta para atirar, e abriu as cortinas do...

Algo longo, fino e metálico materializou-se na fumaça, enrolou-se em sua perna e começou a puxar.

— Filho de uma...! — Holt saltou assustado e se arrastou para trás. O que quer que fosse aquilo, havia recuado, desaparecendo na fumaça e na escuridão.

Ele disparou a arma naquela direção.

Faíscas foram lançadas da parede oposta. Ouviu-se um som eletrônico, um guincho, como se algo gritasse por um auto-falante quebrado.

E... sussurros. Assobios. Algo como uma linguagem, mas não era isso. Holt não podia ter certeza se estava ouvindo aquilo... ou se estava em sua cabeça.

Sombras se moviam ao redor, ganhando vida na fumaça. Max latia freneticamente, em alerta e pronto para avançar. Talvez aquilo não tivesse sido uma boa ideia no final das contas...

Holt se apoiou novamente na parede mais próxima, erguendo a arma, tentando manter-se abaixado o suficiente para ver quando algo avançasse sobre ele.

As sombras continuaram a pulsar e a se mover. Era assim que soava a Estática? Era isso que os Sucumbidos ouviam dentro da cabeça?

Holt se encolheu quando ouviu novamente o horrível guincho. Mais alto dessa vez, ofendendo, rasgando seus ouvidos. Algo se movia em sua direção. Alguma coisa grande. Ele ouviu os sussurros novamente, mais altos, raivosos...

A escopeta ganhou vida. Era uma arma de combate — poderia disparar cartuchos, um após o outro, se precisasse, e nesse momento, ele precisava.

A arma atirou uma vez e mais outra, explodindo a enorme sombra, que recuou, choramingando seu estranho choro eletrônico... e então caiu em silêncio, desaparecendo na escuridão.

Por um momento não houve movimento. Nenhum som. Max ganiu ao seu lado.

E então um tremor. Era a única forma de Holt descrever isso. Como se o ar ao seu redor tivesse tremido. A sensação ficou mais forte, mais poderosa.

Uma onda de luz emergiu da escuridão à sua frente — tão brilhante, que quase o cegou. Uma luz ondulante, linda e dourada como uma nuvem de energia formada e suspensa diante dele.

Holt não conseguia abrir os olhos, estava muito claro. O sussurro retornou. O som de assobios. Eles penetraram na consciência de Holt como uma lâmina.

Estavam muito mais altos agora, poderosos. Eram tão altos que parecia que a nave (ou talvez apenas o crânio de Holt) poderia explodir.

Ele tentou se afastar daquilo, rangendo os dentes, nervoso. Levou as mãos à cabeça, tentando abafar aqueles sons. Max gania de dor ao seu lado.

E então a luz retrocedeu. Flutuou como uma nuvem colorida, brilhante e pulsante para o ar acima da nave... e desapareceu.

O sussurro desaparecera. Assim como a sensação de medo e pavor. Holt soltou todo o ar e respirou profundamente, sua pulsação ecoando como bateria em seus ouvidos. A luz. Ele já havia visto isso antes, algumas vezes. Um campo de energia que emergia e se afastava das aeronaves Confederadas quando eram destruídas, mas ele nunca estivera tão perto assim antes. Nunca tinha ouvido... aqueles sons...

— Olá? — Uma voz vinha da escuridão. Holt deu um salto, espantado. — Socorro... — A voz era humana.

Holt se levantou e se apressou através da fumaça em direção à voz, na outra extremidade da nave. Max o seguia bem próximo.

À sua frente emergiu uma cadeira metálica. Um vulto estava amarrado a ela, como um prisioneiro. Enquanto Holt se aproximava, a fumaça se esvaiu um pouco e ele pôde ver melhor. Uma garotinha, não mais do que 8 ou 9 anos. Seu rosto estava coberto de fuligem, e ela tossia em meio à fumaça, tentando respirar. Mas, fora isso, ela parecia bem. Quando ele saiu da fumaça, ela o olhou, apavorada. Holt não a culpava.

— Aguente firme, garota, vou tirar você daí. — Holt foi até as amarras que prendiam a garotinha à cadeira. Não eram de metal; eram feitas de algo fino, mas elástico. Será que algum tipo de fibra de carbono? Elas não soltavam.

A garota olhou para ele, olhos arregalados, desesperada para se ver livre. Mas havia algo no olhar dela que fez Holt parar também, algo por trás dos olhos da menina. Aqueles olhos pareciam, de alguma forma, mais velhos que a menina. Mas essa não era a realidade de todas as crianças naqueles dias? As únicas sobreviventes da invasão? Não foram todas forçadas a crescer rapidamente?

— Por favor, temos que correr! — disse a garota. — Eles estão voltando,

por favor!

Ela estava certa: os Confederados com certeza estavam a caminho.

Holt colocou a espingarda nos ombros e tirou o canivete suíço vermelho do cinto. Já estava gasto, àquela altura, mas Holt o mantinha em boas condições, e ele nunca o decepcionara. Por mais forte que fossem as amarras da garotinha, a lâmina surpreendentemente as cortou com facilidade. Ele não fez muito esforço para cortar as quatro.

Holt pegou a menina pela mão e a puxou até o rasgo na fuselagem da nave.

— Fique abaixada e se segure em mim, está bem? Você consegue fazer isso? — Em resposta, Holt sentiu a garotinha segurar sua mão com firmeza. Algo naquele gesto demonstrava não apenas medo, mas também confiança nele. Holt não tinha certeza se gostava daquilo.

De qualquer forma, ele soltou três assovios curtos e Max disparou por onde tinham vindo, abrindo caminho pela fumaça. Holt e a garotinha o seguiram e saíram da nave avariada. Do lado de fora, o fogo se extinguira e tudo estava novamente coberto pelas sombras. Holt e a garotinha respiraram profundamente o ar fresco.

Holt pegou uma lanterna, ajoelhou-se diante da menina e, iluminando-a toda, procurou por ferimentos.

— Você parece bem — disse Holt. E era verdade, se ela não estivesse coberta de sujeira e fuligem da colisão, ninguém desconfiaria que passara por algo traumático. Ela olhou para Holt com seus olhos grandes. — Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Zoey — ela respondeu, a voz ainda um pouco trêmula. — Meu nome é Zoey. Temos de ir. Já disse, não há muito tempo.

Holt observou a menina com mais atenção. Ela se parecia com qualquer outra menininha que ele já tinha encontrado, inofensiva e tímida, de longos cabelos loiros que desciam por suas pequenas costas, um narizinho de botão e olhos cristalinos, profundamente azuis (ainda muito jovem para a Estática começar a se mostrar). Ela não usava nada diferente, apenas uma calça em estilo militar e uma blusinha. Tudo nela era comum e não havia nada que indicasse o que estava fazendo naquela nave. A solitária passageira de uma estranha nave

Confederada, derrubada pela sua própria raça. Havia algo errado, muito errado, mas, apesar disso, conforme ela dissera, não havia muito tempo. Os Confederados estariam ali em peso em poucos minutos, naves cargueiras descarregando caminhantes por toda a floresta. Ele tinha de sair antes que isolassem toda a área.

Aquilo o deixou com uma decisão a tomar.

Levar a menina com ele? Ou deixá-la, agora que estava livre? Seu impulso era deixá-la. Ela era uma sobrevivente, afinal de contas. Se não sabia como tomar conta de si mesma, estava condenada de qualquer forma. Mas... havia algo sobre ela, algo que mexeu com os sentimentos dele. Tinha sido o jeito como ela olhara para ele, Holt concluiu. O modo como seus olhos encararam os dele sem hesitação, como se ela estivesse olhando para dentro dele. Não apenas em sua superfície, não apenas para o que ele parecia ser... mas para quem ele realmente era.

Era bobagem, é claro, provavelmente imaginação, mas, ainda assim, ninguém olhava para ele daquela forma havia muito tempo. Ninguém desde Emily.

Ficar com ela certamente significava uma série de problemas, e problemas era a última coisa de que ele precisava no momento. Ele teria de carregar Mira e a garotinha ao mesmo tempo. Concentrar-se em manter a menina viva significava menos concentração em vigiar Mira, que definitivamente estava planejando sua fuga.

— Olha só quem encontrou uma amiga! — gritou Mira de baixo de sua árvore, aproveitando a deixa.

Ele olhou para ela e ela sorriu, contente. Holt não gostou daquilo. Ela parecia confiante... e era a última coisa que ela deveria estar naquele momento. Deveria estar derrotada, talvez amedrontada, mas não sorrindo. Será que tinha um plano?

Holt rapidamente correu os olhos ao redor de Mira e viu a mochila, mas estava muito fora de alcance, então não poderia ser aquilo. Só se...

Um som veio do leste. Um som distante. Holt desviou os olhos e buscou a origem do som, mas as árvores estavam muito juntas para se ver alguma coisa.

Ele só podia ouvir. Um pulsar sonoro, alto e ritmado. Mais e mais. Nunca tinha ouvido nada como aquilo, mas sabia o que devia ser. Algum tipo de alarme. No entanto, de uma coisa ele tinha certeza. Não era algo feito pelo homem, não era humano. Era muito... diferente. Alienígena.

Só poderiam ser os Confederados.

Mas de onde poderia estar vindo? Não havia nada naquela direção, não até que se chegasse em...

E então ele se deu conta. Chicago ficava para o leste. O Parlamento. Os Confederados, os azuis e brancos, como ele agora os chamava, tinham tocado seu alarme. Só podia ser isso. Mas por quê?

Ele olhou para baixo, para a menina ao seu lado, e sentiu a mão de Zoey apertar a sua com mais força. Ela olhou para ele com olhos suplicantes.

— Temos de ir — ela disse novamente, um tremor de medo na voz. — Por favor.

— Por quê? — perguntou Holt instintivamente, embora tivesse quase certeza de que sabia a resposta. — O que está vindo?

— Eles — respondeu a menina. — Todos eles. — Aquela resposta simples o fez gelar.

O alarme continuava a soar do leste, frenético e enfurecido. Planos tinham sido frustrados naquela noite. E essa garota, essa Zoey, estava de alguma forma no meio deles.

— Seja lá o que você pretende fazer — disse Mira, ouvindo o barulho insistente do alarme distante —, faça logo.

— Você pode andar? — Holt perguntou a Zoey. Ela assentiu, mantendo os olhos nos dele. — Se eles vierem em peso, vamos ter de continuar seguindo em frente. Você consegue? Andar e não parar?

— Consigo — respondeu a menina. — Obrigada, Holt.

Holt acenou com a cabeça, recolhendo rapidamente as coisas no acampamento. Ele guardou o catre e o saco de dormir, colocou tudo na mochila, pegou também a de Mira e a jogou sobre o ombro, e então subiu a colina em direção à prisioneira.

— Como você chama isso? — perguntou a garotinha, fascinada. Ela olhava

para Max. O cachorro também olhava para ela, o rabo batendo no chão, impaciente, esperançoso de ter encontrado alguém para coçar sua cabeça.

— Este é o Max — explicou Holt, alcançando Mira e começando a soltar as cordas. — Nós somos parceiros de trabalho. Ele me ajuda, eu coço as orelhas dele.

— Isso é um... Max — disse Zoey, para si mesma. — Posso montá-lo? — ela perguntou, a voz cheia de esperança.

Holt riu.

— Não sei se isso vai dar certo.

Zoey se abaixou e acariciou Max. Max não tentou impedi-la.

Holt começou a soltar as cordas de Mira. Quando soltou os braços, ela suspirou aliviada.

— Não me lembro de ter amarrado seus braços com tanta força — disse Holt. — Você devia ter me dito, eu poderia afrouxar um pouco.

— Não me faça nenhum favor — ela respondeu, olhando para o caçador de recompensas enquanto ele a desamarrava. Ele notou novamente seus olhos. Verdes, como esmeraldas.

Holt franziu a testa. Esmeraldas ou não, não eram olhos bonitos. Nada nela era bonito, ele dizia para si mesmo. Ela era sua prisioneira, e isso era tudo.

— Você não está com sorte — disse Mira. — Carregar a mim e a garotinha ao mesmo tempo, os Confederados se aproximando. Admita, você está perdendo o controle, não vai dar conta de tudo isso.

Holt desamarrou o resto das cordas e a puxou sem delicadeza para que ficasse de pé. Ele a virou, amarrou suas mãos com a mesma corda e então a amarrou em si mesmo; assim ela estaria presa a ele.

— Acho que dou conta — ele disse. Ela o olhou sem dizer nada.

Com três cliques da língua de Holt, Max se afastou de Zoey a contragosto e disparou em direção à floresta, para abrir caminho. Holt, Mira e Zoey o seguiram a passos largos.

— Eu sou a Zoey — disse a menininha para Mira, colocando-se ao lado da outra.

— Eu ouvi — respondeu Mira.

— Por que vocês estão amarrados um ao outro? São amigos?

Mira prendeu o riso.

— É, nós somos — ela respondeu.

Holt balançou a cabeça, tentando ignorar as duas. Por mais que detestasse admitir, as coisas estavam ficando complicadas. Ele precisava administrar tudo muito bem. De alguma forma, precisava encontrar uma maneira.

Ouviram ao longe o retumbar das máquinas Confederadas decolando. Naves cargueiras Águias-marinhas, sem dúvida. Levando caminhantes, do tipo Aranha e Louva-a-deus. Em dez minutos, aquela área estaria tomada. Mas ele planejava estar longe até lá, embrenhado na floresta. Tinha se saído muito bem em se esconder dos Confederados naqueles últimos oito anos.

Foi só algumas horas mais tarde, quando o som das máquinas e das pernas dos caminhantes desaparecia atrás deles e a sirene do alarme que vinha do leste finalmente silenciara, que ele se deu conta de que a menininha o chamara pelo nome, no local do acidente.

A garota dissera seu nome... mas Holt não se apresentara a ela.

11. COMPLICAÇÕES

A NOITE DESCIA SOBRE MIRA enquanto ela caminhava pela floresta. Já fazia tempo que a lua havia desaparecido no horizonte, e as árvores eram bem mais densas agora, o que significava que pouca luz conseguiria penetrá-las dali em diante.

Eles não viam nada dos Confederados desde o acidente, mas os ouviam. Naves rugiam ao longe, e Mira deduziu que eram naves cargueiras. A suspeita se confirmou quando ouviram a batida dos pés dos caminhantes atrás deles. Pisadas fundas e decididas que estremeciam o chão, mesmo de tão longe. Apenas os maiores, os caminhantes Aranhas, podiam fazer aqueles sons de uma distância tão grande.

Holt tomava cuidado para não atrair a atenção, então não estavam usando lanternas. Era uma boa tática, mas não fazia nenhum bem para as canelas de Mira, que constantemente sofriam arranhões e batiam em pedras e arbustos densos. Era mais um motivo para ela não gostar dele.

Max estava muitos metros à frente, o rabo abanando contente enquanto enfiava o focinho num arbusto, cheirando e arfando, fazendo mais barulho que qualquer um deles. Mira revirou os olhos diante da animação do cachorro.

A corda se esticava às suas costas, por todo o caminho até Holt. Às vezes, quando ela se distanciava muito, Holt a puxava para mantê-la no lugar. Ela sentia raiva da situação em que se colocara. Justo ela, uma prisioneira. E dele. Mas ela ainda tinha o cilindro... e um plano. Ela apertou o isqueiro Zippo com força, esperando o momento certo.

— Holt? — chamou Zoey, atrás de Mira. A garotinha caminhava com o caçador de recompensas, a mão agarrada na barra da camisa dele. Ela não tinha exatamente medo do escuro, mas também não se sentia à vontade naquela situação. Zoey olhava desconfiada para cada sombra e ponto escuro.

— O que foi? — perguntou Holt, aborrecido. Ele deu outro puxão na corda de Mira e os olhos dela se estreitaram de raiva. Em pouco tempo ele ia ver só...

— Ainda estamos indo para o lado errado — disse Zoey.

Mira ouviu Holt suspirar, frustrado. Ele estava sem paciência com a criança, tinha claramente se acostumado a viver sozinho. Não gostava de ter que se explicar, Mira podia perceber. Tudo que ela precisava era que ele perdesse a paciência com Zoey, o suficiente para se distrair, apenas um instante...

— Escute — Holt se esforçou para ser paciente. — Nós estamos cem por cento na direção certa. E essa direção é a norte. Pode confiar em mim, eu sou muito bom nisso.

— Não dessa vez. Estamos indo diretamente para eles.

— Para quem?

— Os que dão medo, os caras de metal.

Mira ouviu Holt suspirar novamente.

— Os Confederados já se foram, Zoey, eu juro. Deixamos todos para trás, e logo o sol vai nascer e você verá que está tudo bem, ok?

— Mas as coisas não estão bem, Holt — insistiu Zoey. A cada novo passo que eles davam em direção ao norte, mais nervosa ela parecia ficar. — Quando o sol nascer, vai ficar pior. Muito pior.

Assim como Holt, Mira não entendia a preocupação de Zoey. Por que os Confederados estariam à frente deles se o acidente havia sido lá atrás? Mesmo assim, Mira não duvidava da menina. A garotinha era estranha. Tímida, assustada e despretensiosa num momento, decidida e insistente no outro. E ainda permanecia um mistério o que exatamente ela fazia naquela nave. Mas, se as coisas saíssem conforme o plano, ela estaria longe para descobrir.

Eles deram mais alguns passos, quando Zoey simplesmente desistiu de caminhar.

Mira se encolheu quando Holt deu um puxão na corda.

— Zoey, precisamos continuar. Está quase na hora de pararmos, eu juro. — Havia frustração na voz de Holt.

— Eu não quero parar, quero voltar por onde viemos.

Mira se virou para olhar os outros dois. Zoey olhava fixo para a frente, para

além de Mira, e até de Max, para as sombras das árvores adiante. Seus olhos estavam arregalados de pavor. Na linha de frente, Max parou e olhou para eles, com um ganido frustrado.

— Olha, garota, estou cansado de ser bonzinho — disse Holt, segurando a menina com força. — Tenho lugares para ir e problemas para resolver e você está me dando trabalho.

Zoey escapuliu da mão dele e recuou alguns passos.

— Eles estão na nossa frente! — ela insistiu, a voz claramente amedrontada, olhando de um para o outro.

— Zoey... — irritado, Holt se aproximou da menina... e deu as costas para Mira.

Era o momento que ela estava esperando. Era agora ou nunca.

Ela abriu o Zippo e o acendeu. Uma pequena chama se formou na extremidade, mas não era laranja, como uma chama normal. Era roxa.

Mira encostou a chama roxa em suas amarras... e a corda inteira, das mãos à cintura, e a parte que se estendia até Holt, incinerou e virou fumaça num piscar de olhos. O isqueiro era um dos principais artefatos das profundezas das Terras Estranhas. A pequena chama que produzia queimava qualquer substância (desde que fosse inflamável) quase instantaneamente.

Mira gritou quando seus pulsos e sua cintura começaram a queimar; Holt gritou também, quando a corda que se prendia a ele virou cinzas. Mas a dor valia a pena. Ela estava livre.

Max latiu em alerta e Holt praguejou. Mira esperou o suficiente para ver a expressão no rosto o caçador de recompensas... e então correu apressada para a floresta, deixando os três para trás.

Mira ouviu Max latir enquanto ela corria, mas ele não a seguiu. O som desaparecia às suas costas. Holt provavelmente havia dito ao vira-lata idiota para ficar e tomar conta de Zoey. Ótimo. Ela sabia que ele não a alcançaria se ela tivesse uma vantagem.

Mira disparou adiante. Não era fácil na escuridão, mas as horas caminhando pela floresta à noite a deixaram acostumada às formas e sombras das árvores; quase podia saber até que distância e para onde elas se estendiam.

Saltava sobre raízes, esquivava-se de troncos e arbustos. Podia ouvir as passadas de Holt atrás dela, em forte perseguição. Ela continuou correndo, respirando com dificuldade, tentando se distanciar dele.

Ela desviou para a esquerda e saltou sobre um tronco caído, esperando se livrar de Holt. Se conseguisse se afastar o suficiente, talvez pudesse...

Mira escorregou e derrapou, quase caindo de cara, na tentativa de parar. Olhou para a frente sentindo a onda gelada de medo subindo pela espinha diante daquela visão. Lentamente, respirando fundo, tremendo, ela começou a recuar...

... e Holt se lançou sobre ela, vindo de trás, arremessando-a novamente no chão, em frente a outro tronco. Ela gemeu quando o ar saiu de seus pulmões.

Holt a virou e abriu a boca para gritar... e então parou quando viu os olhos da garota. Mira sabia que ele podia perceber o terror dentro deles.

Holt olhou para cima e para a frente, para onde ela estava olhando ainda havia pouco. Ela o viu reagir à mesma coisa que ela acabara de ver.

Havia movimento na frente deles. Formas gigantescas — visíveis por cima do tronco caído — moviam-se na escuridão, uma trilha de luzes coloridas atrás deles. Chiados estranhos, sinistros e distorcidos ecoavam entre eles, na frente e atrás. A terra estremecia ritmicamente enquanto eles avançavam, como pés de gigantes golpeando o chão.

Caminhantes Confederados, meia dúzia deles.

Provavelmente o tipo menor de Louva-a-deus, mas “menor” era um termo muito relativo. Holt ficou paralisado, ainda por cima de Mira.

— Saia de cima de mim! — sussurrou Mira, o mais alto que pôde. — Você está em cima do meu... — Holt tapou a boca da garota com a mão. Ela guinchou furiosa, olhou para ele com ódio e tentou morder sua...

Os dois ficaram imóveis quando um ponto vermelho de luz pulsou sobre eles e cruzou o ar mais acima.

Um dos Louva-a-deus estava passando o escaner perto deles, procurando por eles com seu laser. Será que ele os ouvira? Se estivessem usando infravermelho, ela e Holt estariam perdidos.

12. OS LOUVA-A-DEUS

HOLT MANTEVE MIRA presa embaixo dele, enquanto o laser explorava a área à sua volta. A sonda era uma luz de forma triangular que de alguma maneira era sólida e visível no claro ar da noite. Estendia-se para trás num feixe perfeitamente reto de vermelho e roxo até as sombras gigantescas que se moviam na mata.

Holt abaixou a cabeça quando o feixe de luz tocou a extremidade do tronco, como dedos indicadores acariciando a superfície, procurando por pistas. Ele já tinha visto aqueles feixes detectarem calor, movimento, até sons e vibrações.

Estavam em apuros.

Mira lutava embaixo dele, e ele tapou a boca dela com mais força ainda. Sabia que ela estava ficando ainda mais irritada, mas realmente não se importava.

— Pare de se contorcer, ou você vai nos matar — sussurrou Holt, com raiva, no ouvido dela. — Eles estão por toda a parte. — O cabelo dela cheirava a menta e ervas, nem um pouco desagradável, mas Holt afastou aqueles pensamentos. Pare com isso, ela é sua prisioneira, ele disse para si mesmo.

Lasers de duas outras sombras cintilaram adiante e encontraram o tronco, movendo-se até ele, com curiosidade, examinando-o, investigando e procurando com a primeira sonda.

O chão abaixo de Holt e Mira vibrou como tambores. Uma das sombras surgiu do outro lado do tronco. Holt se afastou quanto pôde, arrastando-se pelo chão. A enorme sombra parou bem perto, as vibrações estendendo-se pelo chão e pelo seu peito. Ele sabia que, se olhasse para cima, a veria diante deles. Tudo que a máquina precisava fazer era olhar para baixo.

A sombra emitiu um chiado eletrônico, estranho, distorcido. Soavam curiosos, mas também neutros e amedrontados. Várias outras sombras

responderam, como se estivessem conversando umas com as outras. Até onde Holt sabia, elas estavam mesmo.

A forma escura continuou se movendo, estremecendo o chão com seus passos, caminhando entre as árvores. O laser que estava sobre o tronco desapareceu e o espaço acima deles ficou escuro.

As sombras marcharam adiante, chiando suas conversas misteriosas para a frente e para trás. O som ecoava assustadoramente entre as árvores até que finalmente desapareceu.

Quando as sombras se foram, Holt puxou Mira, obrigando-a a ficar de pé. Eles se olharam com hostilidade.

— Ainda estou te dando trabalho, não é? — Mira perguntou, a boca num sorriso irônico. Sua arrogância deixou Holt enfurecido.

— O que estava fazendo? — reclamou Holt. — Você esperneou o tempo todo! Aqueles lasers podem detectar movimento e som; você quase nos matou!

— Você estava em cima de mim, e eu não estava gostando nem um pouco! — Mira rebateu, empurrando-o para trás. — Suas pernas estavam esmagando meus joelhos e você machucou meu pulso. Além disso, sua mão fede como seu cachorro idiota!

— Meu cachorro idiota seria esperto o suficiente para ficar calado quando uma patrulha de caminhantes Louva-a-deus estivesse a três metros de distância! — Foi a vez de Holt empurrá-la, para ficarem quites.

— E ele seria esperto o suficiente para não nos levar direto para eles em nossa excursãozinha pela floresta? Você por acaso pensou em verificar a rota antes de caminharmos às escuras?

Holt se aborreceu, tentou pensar em algo para dizer... mas não conseguiu. Ela estava certa. Com pressa de afastá-los do local do acidente e dos Confederados, que certamente se encaminhavam para lá, ele os tinha levado direto para uma patrulha de Louva-a-deus.

Mira sorriu diante do silêncio dele, vendo que tinha vencido. Isso o deixou com raiva. Valendo uma boa recompensa ou não, olhos esmeraldas ou não, a garota estava rapidamente se tornando um problema maior do que valia a pena. Não era de espantar que a Cidade da Meia-Noite tinha implicância com ela.

Ele empurrou Mira para a frente, de volta para a trilha de onde tinham vindo.

— Corra! Por ali — ele disse, com firmeza. — Temos de voltar até Zoey e Max antes que os caminhantes cheguem lá.

Os dois dispararam de volta pela mata. Enquanto isso, Holt tentava planejar sua próxima ação. Eles estavam a quilômetros do acidente agora e os Confederados ainda estavam vasculhando a área. Mas por quê? Para quê? Eles já tinham a nave acidentada e quaisquer segredos ela guardasse. O que mais eles poderiam...?

Os pensamentos de Holt congelaram quando algo lhe ocorreu. Quaisquer segredos ela guardasse...

Havia uma coisa, secreta ou não, que aquela nave esférica guardava e que não estava mais lá.

Zoey.

Ela estava na nave. Na verdade, pelo que ele tinha visto em sua rápida excursão, ela era a única coisa que havia sobrevivido ao impacto. O que só podia significar uma coisa, Holt deu-se conta, amargamente.

Os Confederados estavam procurando por Zoey...

Mas por quê? Ela era só uma garotinha. Uma garotinha que tinha medo do escuro, saltava sobre sombras e gostava de cachorros.

Mas era só isso que ela era? Ela não tinha lhe avisado? Ela não tinha dito que os Confederados estavam bem à frente deles? De alguma maneira, era impossível, mas... ela sabia. E Holt não tinha lhe dado ouvidos, e quase foram mortos por causa disso. Será que ela tinha conexão com eles de alguma forma? E, se tinha, eles poderiam detectá-la?

Holt deduziu que não. Se pudessem, eles a teriam alcançado há muito tempo. Fosse o que fosse, parecia ser uma conexão de mão única, ao menos por enquanto.

Mas isso era uma vantagem?

O sol estava nascendo no leste, preenchendo o céu acima da linha das árvores com um brilho fraco que penetrava através das folhas. A floresta estaria iluminada em minutos. Eles precisavam estar bem longe dali quando isso

acontecesse.

Holt e Mira atravessaram as árvores de volta à trilha que haviam tomado mais cedo. Zoey e Max ainda estavam lá. O cachorro estava concentrado em ter sua barriga coçada e nem sequer olhou para cima quando o dono apareceu novamente. Holt franziu a testa para ele.

— Você os encontrou — disse Zoey, olhando para Holt.

— Eles quase nos encontraram — ele disse. — Levante-se, precisamos sair daqui.

Holt pegou sua mochila e a de Mira onde as havia colocado.

Mira olhou para Zoey e sorriu.

— Deveriam começar a te ouvir mais.

Zoey olhou para Mira com seus grandes olhos azuis indecifráveis e sorriu de volta.

Foi então que dois grandes vultos surgiram dos arbustos atrás deles.

Max uivou, surpreso. Holt virou-se rapidamente e se viu encarando as mesmas sombras de antes... só que agora reveladas.

Máquinas com mais de três metros de altura, de pé sobre quatro pernas poderosas, cada uma com dúzias de complicados dispositivos mecânicos. Sobre as pernas, havia uma cabine, com dois canhões de plasma acoplados, uma bateria de mísseis, sensores e outros equipamentos de artilharia. No meio da fuselagem ficavam os “olhos”, um grupamento triangular de três sensores redondos, polidos, que brilhavam em vermelho, azul e verde. As máquinas eram pintadas com uma mistura de padrões e faixas azuis e brancas, como qualquer outro caminhante Confederado que Holt já tinha visto... Até o dia anterior.

Caminhantes Louva-a-deus Confederados. Muito semelhantes aos dois últimos caminhantes dos quais Holt e Mira tinham acabado de escapar. Eles os encontraram.

As crianças terráqueas, as únicas sobreviventes, tinham dado a eles o nome de Louva-a-deus por causa das quatro pernas. Mas, além das pernas, eles não se pareciam nada com insetos. A máquina era aerodinâmica, implacável, construída para ter velocidade e precisão, ao mesmo tempo, poder de fogo suficiente para aterrorizar. Tratava-se de uma incrível construção mecânica, uma maravilha da

engenharia, tão avançada que era quase uma obra de arte.

Ninguém sabia como os caminhantes realmente eram chamados. Confederados e Louva-a-deus eram termos usados pelos sobreviventes terráqueos, tentativas frustradas de dar nome a algo que era indiferente a como os subjugados os chamavam.

Os lasers dos caminhantes ganharam vida, apontando diretamente para eles. As máquinas chamaram umas às outras, com assustadores chiados eletrônicos.

— Corram! — gritou Holt, sem que fosse necessário.

Ele e todos os outros, até Max, instintivamente fugiram apavorados. Naquele momento, não havia preocupação com direção ou caminho específico. Havia apenas a necessidade instintiva de escapar da morte certa, e qualquer direção servia muito bem.

Eles correram desordenadamente por entre as árvores, desviando-se de pedras e raízes. A turva luz do sol que atravessava a copa das árvores tornava as coisas mais fáceis que antes, mas ainda assim era difícil.

Holt ouviu os caminhantes às suas costas, os pés golpeando o chão enquanto os perseguiam.

Tentar correr mais do que eles não era uma opção. Ele tinha visto os Louva-a-deus avançarem a mais de 60 quilômetros por hora em campo aberto. O fato de terem pernas e não rodas não os tornava menos ágeis. Na verdade, a maneira como eles podiam acuar, saltar e escalar, aos olhos de Holt, os fazia ainda mais ágeis. A única vantagem que tinham era usar o seu tamanho contra eles.

— Para a direita! — gritou Holt enquanto corriam.

— Por quê? — perguntou Mira.

— Ali a mata é mais fechada.

Isso era certo, os troncos das árvores eram mais largos, mais numerosos, mais compactos. Os caminhantes teriam de se esforçar para encontrar caminhos onde pudessem se espremer e passar.

Eles correram por entre as inúmeras árvores, com os caminhantes chiando enfurecidos em seu encalço... mas Holt ouviu as passadas diminuindo enquanto as máquinas procuravam maneiras de segui-los.

Os quatro correram pela floresta, distanciando-se dos Louva-a-deus. Holt se

preparava, esperando pelo ruído eletrônico de alta frequência dos canhões de plasma que rasgariam o ar, e os raios amarelos que cortariam as árvores em pedaços a toda volta...

... mas nada aconteceu. Os caminhantes estavam perseguindo, mas não estavam atirando.

Holt ficou surpreso. Os Confederados costumavam atirar sem hesitar... O que havia de diferente agora?

À sua esquerda, ele viu Zoey esforçando-se para acompanhá-los, correndo e se abaixando para desviar dos galhos.

Foi então que entendeu. Só uma coisa fazia sentido. Os caminhantes Louva-a-deus não estavam atirando por uma razão muito específica: eles não queriam acertar Zoey.

Quem quer que fosse, ou o que ela fosse... os Confederados a queriam viva.

13. ÁGUA

HOLT CORREU PELA MATA num estranho estado de concentração apavorada. Mira e Max estavam do seu lado direito, um pouco à frente dele, correndo o mais rápido que podiam. À sua esquerda estava Zoey. E ela não estava indo bem. Ela era muito jovem, muito pequena, fácil de ser deixada para trás.

Holt a colocou sobre os ombros e sentiu os braços dela segurando firme em seu pescoço, lutando pela vida.

— Vire à esquerda! — gritou Zoey em seu ouvido.

— Mas por aqui estamos nos afastando deles!

— Mas só pouco tempo, depois eles vão nos alcançar novamente. Vire à esquerda!

Holt franziu a testa, não estava gostando daquilo... mas ela estava certa da outra vez, e quase custara a vida dele não ter lhe dado ouvidos. Com uma careta, ele fez uma curva abrupta à esquerda, assoviando para chamar Max.

O cachorro mudou seu curso, correndo à frente deles. Mira fez o mesmo. Holt deduziu que ela sabia que sua melhor chance era estar com eles, especialmente porque a presença de Zoey parecia protegê-los dos raios de plasma.

Mais adiante, as passadas dos caminhantes ficaram mais altas, eles os alcançavam novamente, pisando firme atrás do grupo.

Os quatro atravessaram a linha das árvores... e quase caíram num enorme rio, que fluía cheio e rápido em direção a leste.

Holt por pouco não xingou alto.

— Fim da linha! — Holt gritou, deixando a garotinha descer de suas costas para que ele pudesse olhar para ela. Era para lá que o sexto sentido dela os levara?

— Nade! — ela implorou, levantando a cabeça para olhar para ele.

Nadar? Ela estava falando sério?

— Está vendo como a correnteza está forte? Por que a gente iria...?

— Nade! Temos que fazer isso, é o único jeito!

Holt olhou para Mira. Ela deu de ombros.

— De qualquer forma, eles estarão em cima de nós a qualquer momento. Não temos escolha.

Rio abaixo, a menos de cem metros, os dois caminhantes Louva-a-deus irromperam pela linha das árvores e se viraram na direção deles. O céu aberto acima do rio revelava as máquinas azuis e brancas ainda com mais detalhes. Seu formato, suas armas, as pontas afiadas de suas pernas gigantes.

Holt e os outros não esperaram; correram para a beira do rio.

Os caminhantes rugiram à frente em resposta, diminuindo rapidamente a distância e chiando alto.

Um rugido veio de trás de Holt quando Max encarou os caminhantes com um intenso brilho no olhar. Seu pelo ficou de pé; a cauda em riste, imóvel.

Holt conhecia aquele olhar, e sabia o que estava prestes a acontecer.

— Max, não!

Mas o cão o ignorou. Para Max, os caminhantes eram maus e perigosos, tinham perseguido seu dono. Max disparou na direção deles, rosnando feroz.

Os caminhantes estacaram, seus três sensores ópticos focando confusos o chão, onde uma criatura peluda e cinzenta os desafiava. Holt duvidava que caminhantes Louva-a-deus estivessem acostumados com alguém os desafiando.

Mira pegou a mão de Zoey e correu em direção ao rio. Ela parou, virou-se e olhou para Holt.

Holt olhou dela para Max, viu quando o cão alcançou os caminhantes de quatro pernas, mordendo e arranhando suas pernas mecânicas inutilmente, mal conseguindo se desviar quando eles atacavam.

Ele não aguentaria muito tempo.

Holt poderia tentar salvá-lo. Mas valia a pena? A sobrevivência estava acima de tudo, Holt lembrou a si mesmo. Ele também teria de deixar Mira sair de sua vista, e perdê-la seria algo muito ruim. Além de haver pouquíssima

probabilidade de ele sobreviver a um contato tão próximo com um Louva-a-deus.

Max ganiu quando uma das pernas dos caminhantes o acertou, fazendo-o rolar para trás. Holt franziu o cenho.

— Droga! — exclamou, com uma careta. A sobrevivência era importante, mas Max era seu único amigo. Holt não gostou daquilo, então tomou uma decisão.

Largou as mochilas no chão.

— Leve Zoey para o outro lado do rio! — ele gritou para Mira. Ela o olhou de modo diferente, um misto de surpresa, perplexidade e... algo mais. Algo mais suave. Holt não gostou daquilo, o que quer que fosse. — Vai! — ele gritou, e correu para Max.

Mira não esperou muito. Olhou para onde Holt tinha largado sua mochila... e correu até ela, agarrou-a e arrastou Zoey pela água. Elas saltaram na rápida correnteza, que as arrastou rio abaixo.

Holt sacou a arma enquanto corria, colocou o último cartucho com em novas cápsulas, cada uma marcada com fita preta.

Max ainda estava no chão, atordoado. Ele latia para um dos Louva-a-deus enquanto a máquina erguia uma de suas pernas poderosas. Max ganiu e rolou para mais longe quando o membro metálico tentou golpeá-lo.

O segundo Louva-a-deus, que estava atrás de Max e fora de vista, levantou a perna, pronto para esmagar o cão.

Um tiro de escopeta atingiu o Louva-a-deus bem na “cara”, onde ficavam os três sensores ópticos. Mas aquelas não eram munições comuns. As comuns não causariam muito estrago na grossa armadura de um Louva-a-deus. Quando aquelas munições o acertaram, faíscas pretas explodiram pelos sensores ópticos. Ele guinchou, numa fúria eletrônica, e deslizou para trás.

O primeiro Louva-a-deus voltou-se para Holt, apontando seu laser. Holt atirou mais duas vezes. Mais cápsulas ressoaram no alvo, nos olhos da máquina, espalhando aquela coisa preta por toda parte. A máquina chiou furiosa, sacudiu-se e contorceu-se, cega.

Holt agarrou Max e o tirou dali um momento antes que o segundo

caminhante disparasse o canhão de plasma, rasgando o chão e deixando as árvores ao redor em pedaços. Mas Holt sabia que ele atirava a esmo, não podia mais enxergar.

Holt fechou os olhos com força quando o canhão disparou atrás dele. Colocou Max no chão e os dois correram para as águas, a apenas alguns metros de distância. O chão estremecia atrás de Holt enquanto os caminhantes o perseguiam, ainda cobertos pela gosma preta, guiando-se por outros sentidos.

Max não teve problema em seguir Holt dessa vez. Mais alguns passos e alcançariam a água, deixando o rio arrastá-los correnteza abaixo. Eles iriam conseguir.

Ou será que não?

A corrente os manteve próximos à margem e os empurrou adiante. Holt viu que passariam a poucos centímetros de distância dos dois Louva-a-deus. Tudo que as máquinas teriam que fazer era dar um passo adiante e ele e Max estariam acabados.

Os Louva-a-deus se apressaram para a água. Holt fechou os olhos.

Mas os caminhantes não fizeram nenhum movimento para entrar no rio. Na verdade, pararam bem próximos à água.

Holt observou os Louva-a-deus, atônito, enquanto ele e Max passavam bem ao lado deles.

Eles gritaram furiosos; os canhões de plasma se acenderam. Raios amarelos atingiram a água à volta deles... mas era tarde demais. A corrente rapidamente tirou Holt e Max de alcance.

Com a pouca energia que lhe restava, Holt nadou para a outra margem, lutando contra a corrente. A água ameaçava afundá-lo, mas ele finalmente alcançou o outro lado, forçando-se para cima com muita dor, usando suas últimas forças para engatinhar até o chão arenoso. Ele despencou na terra com o rosto para baixo, respirando fundo e enchendo os pulmões de ar, milagrosamente vivo.

Holt permaneceu ali por um longo tempo, concentrando-se em sua exaustão e nas dores do corpo.

Acima dele ouviu-se uma pesada respiração. Um arquejar.

Holt conhecia aquele som.

Ele levantou o rosto da areia. Max estava sentado, olhando para Holt com curiosidade. Estava encharcado. Em sua boca havia uma velha bola roxa de borracha, totalmente mastigada e desbotada pelo uso. Era o brinquedo favorito de Max. Mas como...?

Holt olhou para a direita e viu a mochila caída a uns três metros, completamente aberta, com seu conteúdo espalhado na areia.

O cachorro devia ter chegado à margem antes dele. E a primeira coisa que procurou foi... sua estúpida bola roxa na mochila de Holt.

Holt olhou para ele.

— Me dá isso! — ele ordenou, zangado, arrancando a bola da boca do cachorro. Max o olhava entusiasmado, achando que Holt iria jogá-la. Holt suspirou, mas sorriu. Os dois tinham conseguido.

Holt coçou a cabeça de Max... e jogou a bola. Max latiu e saiu correndo atrás dela.

Holt juntou novamente o conteúdo de sua mochila, tentando tirar o máximo da areia. Ele a fechou, colocou-a nos ombros, verificando as armas em suas costas e o resto de seu equipamento, para ter certeza de que não havia perdido nada. Nem sabia como.

Holt se levantou e Max voltou correndo com a bola. Holt franziu as sobrancelhas para ele, já sentindo os músculos doloridos.

— Por falar nisso, você nem me agradeceu! — disse Holt. Max não fez nenhum comentário.

Holt olhou novamente para o rio, para onde havia deixado os Louva-a-deus.

Não havia sinal deles agora. Eles não os seguiram.

Holt estava mais do que surpreso. Não fazia ideia de que eles tivessem aversão a água. Mas de alguma maneira... Zoey sabia. Ela estava certa novamente. Mas de onde vinham aqueles pressentimentos? E era algo para se ter gratidão? Ou cautela?

Holt caminhou pela margem do rio, buscando por qualquer sinal de Zoey e Mira. Depois de quinze minutos procurando nas duas direções, ele finalmente encontrou o que estava procurando.

Marcas na areia, onde duas pessoas — uma maior, outra bem menor — tinham chegado à margem. Ele seguiu as pistas pela floresta e viu que desapareciam em meio à vegetação.

Mira Toombs. Ela havia fugido. Novamente.

De repente, o cheiro do cabelo dela, menta e ervas, passou por sua mente. Ele tentou afastar aqueles pensamentos, contrariado.

E daí que o cabelo dela cheirava bem? E daí que seus olhos eram da cor de esmeraldas, o que importava isso? Ela era um cartaz de recompensa para ele, e só. Era seu passaporte para escapar do Bando de uma vez por todas. E ela, absoluta e definitivamente, não era nem um pouco atraente.

E nada disso mudava o fato de que ela havia escapado.

Max gania a seu lado, olhando para as pegadas, ansioso para segui-las.

Holt acariciou a cabeça dele.

— Não se preocupe, garoto — ele disse, tirando a mochila do ombro, abrindo-a e olhando dentro dela.

Lá estava, embrulhado em peças de roupas, o cilindro de vidro pelo qual Mira arriscara a vida na Estação Clinton. A estranha substância marrom cintilava no interior do líquido transparente.

Holt sorriu quando o viu.

— Dessa vez, acho que é ela quem vai nos procurar.

14. A CAPA

MIRA E ZOEY CAMINHAVAM pela floresta enquanto o sol da tarde atravessava o topo das árvores, iluminando tudo que estava abaixo como um caleidoscópio de luz e sombra.

A mochila nas costas de Mira estava obviamente mais leve. Parecia mais vazia e, a cada passo que ela dava, deslizava em seus ombros, lembrando-lhe constantemente de que Holt estava um passo à sua frente. Quando será que ele havia pegado o cilindro? Enquanto ela dormia na noite anterior?

Mira estava furiosa por ter sido enganada. Especialmente pelo caçador de recompensas. As imagens de Holt correndo para salvar o cachorro idiota não tinham saído de sua mente a manhã inteira. A maneira como ele tinha corrido em direção aos Louva-a-deus, a espingarda em riste, como um cavaleiro em sua armadura.

Ela afastou as imagens da cabeça.

Ele não era nenhum cavaleiro, ela lembrou a si mesma. Era um caçador de recompensas que queria levá-la para a Cidade da Meia-Noite. Mas ele não tinha deixado que ela fugisse para salvar Max? Não deve ter sido uma decisão fácil, se ele precisasse do dinheiro da recompensa tanto quanto ela pensava. Perdê-la era tão grave para ele quanto perder o cilindro era para ela.

Mas ele teria mesmo deixado que ela fugisse? Ele tinha o cilindro e sabia quanto era importante para ela, provavelmente já imaginava que ela voltaria para pegá-lo. Ele devia mesmo estar esperando que ela aparecesse e se entregasse.

Bem, se era assim, ele tinha algo mais...

A Estática aumentou de volume na mente de Mira, bloqueando todos os seus sentidos com uma explosão de chiado, como numa televisão quebrada. Era alta e agressiva, a mais alta que ela já tinha ouvido... mas desapareceu sem aviso,

assim como havia surgido. Seria imaginação ou ela parecia mais alta agora, vindo do fundo, ressoando e aguardando na retaguarda de sua consciência?

— Você acha que vamos ver o Max outra vez? — perguntou Zoey com seu tom de voz suave e casual. Ela andava segurando a blusa de Mira. O episódio tinha sido muito rápido para a garotinha entender.

— Por mim tudo bem se eu não topar mais com nenhum dos dois — respondeu Mira, tentando livrar-se do resquício da Estática. — Mas eu prefiro que eles não nos vejam.

— Por quê? Você e Holt não são amigos?

— De jeito nenhum — respondeu Mira, com uma careta.

Zoey sorriu, erguendo o rosto para olhar para Mira.

— Vocês parecem amigos para mim.

Mira olhou para a menina. Ela a olhava com seus olhos azuis, e havia algo mais por trás daquele olhar. Uma certa... reflexão era a melhor palavra em que Mira poderia pensar. Cada olhar que Zoey lhe lançava estava cheio de curiosidade.

— Zoey, de onde você é? — perguntou Mira.

— De onde? — perguntou a garotinha.

— Como você chegou até aqui?

— A nave em que eu estava sofreu um acidente, Holt me salvou.

— Eu quero dizer, antes disso. Onde você estava antes disso?

O semblante de Zoey ficou sombrio depois da pergunta. Ela olhou para o outro lado.

— Zoey? — Mira insistiu.

— Não me lembro — respondeu a garotinha, finalmente, ainda sem olhar para Mira. Mal se podia ouvir sua voz agora. — Não me lembro de nada de antes do acidente.

Mira olhou para Zoey, sentindo um baque ao ouvir aquilo.

— Zoey, você tem pelo menos 8 anos de idade. Deve se lembrar de alguma coisa. Seus pais, irmãos ou irmãs, coisas que fez antes dos Confederados, qualquer coisa.

Zoey olhou para Mira novamente. Seus olhos não eram mais curiosos, nem

tranquilos. Havia inquietação neles agora, talvez medo.

— Eu só me lembro de acordar quando a nave bateu e do Holt me encontrando — ela disse. — Eu sei que tinha que lembrar mais, mas não lembro. Eu nem sei se quero lembrar. E se lembrar der mais medo do que não lembrar?

Talvez fosse verdade. Mira não podia dizer que não sentiria o mesmo.

— Você se lembra dos seus pais? Lembra-se de quem cuidava de você antes de te encontrarmos?

Zoey negou com a cabeça.

Como era possível?, perguntou-se Mira. Deus, o que os Confederados tinham feito com ela?

— Veja, Mira! — disse Zoey, um tom de alegria retornando à sua voz. — Agora podemos ver o Max outra vez!

Mira olhou adiante, para onde a mata se fechava numa pequena clareira. Fumaça subia de uma pequena fogueira, desaparecendo no topo das árvores. Ela podia ver o catre de Holt ali perto, e a mochila no chão, embaixo de uma árvore.

Mira se jogou no chão, puxando Zoey com ela e silenciando a garotinha antes que ela pudesse falar.

Tinham encontrado o acampamento de Holt. Ela só torcia para que ele não tivesse visto as duas também.

Mira ficou no chão, prestando atenção a cada som de alarme ou perseguição. Mas não havia nenhum. Se ele as vira, não demonstrava.

Mira analisou as opções.

Se ele não a estivesse aguardando, era um idiota, e seria facilmente enganado, e merecia isso.

Mas ela tinha quase certeza de que não seria tão fácil. Holt, por mais irritante que fosse, não era idiota. Ele era... engenhoso. E esperto. Mira ergueu-se o suficiente para olhar novamente o acampamento por cima do arbusto à sua frente.

O fogo queimando em local tão aberto foi sua primeira pista. Holt sempre acendia o fogo em locais escondidos, para evitar ser visto. Mas lá estava uma fogueira, queimando a campo aberto. E a mochila dele, convenientemente longe de tudo. Obviamente, aquele seria o primeiro lugar que ela iria olhar.

Tudo ali estava fora do lugar. O que significava que era uma armadilha e que Holt estava de tocaia em algum lugar. Bem, ele e seu amigo peludo e fedorento teriam uma surpresa. Uma enorme surpresa.

Mira remexeu na mochila, procurando os artefatos que tinha. Ela tirou duas moedas, cada uma embrulhada num pedaço de plástico para que não se tocassem. Moedas das Terras Estranhas eram artefatos altamente carregados de energia e tinham o péssimo hábito de explodir quando tocavam uma na outra, ou qualquer coisa em que eram jogadas. Eram muito úteis em várias situações, e ela agora sabia usá-las muito bem como armas, em casos de emergência.

Mira pegou ainda um pedaço pequeno de espelho quebrado, um frasco de vidro lacrado que parecia não conter nada dentro e um rolo de fita adesiva. Colocou os primeiros quatro objetos um em cima do outro, formando uma pilha.

Primeiro, desembrulhou uma das moedas e a arrumou de modo que a cara ficasse virada para fora. Depois o frasco (cheio de ar das Terras Estranhas, um ingrediente muito útil) para servir como a Essência da combinação. A seguir, o pedaço de espelho, que seria o Focalizador e refletiria a Essência de ar. Na outra ponta, colocou a segunda moeda, também com a cara voltada para fora (o que faria a polaridade da combinação de artefatos ser “positiva”).

Quando terminou, uniu os itens com fita adesiva. Os pelos dos braços de Mira se arrepiaram quando ela terminou sua Interfusão. Uma pequena faísca saltou no ar e se ouviu um estalo, um zumbido. Como se algo elétrico estivesse carregando. Mira abriu o frasco, com cuidado, por baixo da fita. Um jato de ar, uma pequena luminescência, o zumbido se intensificou por um segundo... e então tudo ficou silencioso.

Ao mesmo tempo, a mão de Mira... desapareceu.

Ela largou o artefato. Sua mão reapareceu e uma pequena pedra, onde o artefato tinha caído, também desapareceu.

Zoey olhava espantada.

— Como foi que você fez isso? — perguntou, num sussurro. — Pode fazer de novo?

Mira sorriu e colocou um dedo nos lábios da menina. A combinação de artefatos criara invisibilidade ao refletir o ar e a luz do que tocava.

Impressionante... mas não o suficiente. Ainda não. Ela precisava fazer uma segunda combinação, usando a primeira como uma nova Essência.

Ela pegou outras coisas na mochila: duas moedas menores (também enroladas em plástico) e uma grande bola de gude azul-esverdeada.

Mira começou pela moeda (com a cara voltada para fora). Depois foi a vez da combinação de artefatos que havia acabado de fazer, e então, finalmente, a bola de gude e a segunda moeda (novamente com a cara voltada para fora). Prendeu tudo com a fita adesiva.

Quando terminou, o zumbido começou novamente, ainda mais alto dessa vez. O ar estremeceu e se turvou como se um casulo de invisibilidade a envolvesse. Tudo do lado de fora estava silencioso e escuro, como se olhasse o mundo através de óculos escuros.

Essa combinação era usada com frequência; era chamada de Capa. Ela incorporava a primeira combinação de artefato, aumentava seu poder e fazia a invisibilidade se expandir em forma de esfera (graças à bola de gude, que servia como Focalizador). Assim, quem a segurasse estaria cercado por uma esfera de invisibilidade. Ao menos até acabar a energia da combinação, o que não demoraria a acontecer.

Mira analisou a combinação de artefatos com desagrado.

Ela não se orgulhava apenas da engenhosidade dos artefatos que criava, mas também de suas qualidades estéticas. Desde que deixara a Cidade da Meia-Noite, parecia que estava sempre fazendo combinações com furor. Não podia mais se dar ao luxo de ter um tempo só para ela, de usar ligamentos bonitos, como correntes de ouro ou prata, cortes de seda de variadas tonalidades ou mesmo linhas coloridas. Seus artefatos agora eram pedaços de fita adesiva ou elásticos, feitos às pressas, sem forma, cor ou arte.

Isso era mais uma coisa que ela havia perdido quando fugiu.

— Fique aqui — sussurrou Mira para Zoey. — Vou até o acampamento.

— Não posso fazer carinho no Max? — perguntou Zoey, desanimada.

— Não, docinho, agora não. Preciso que você fique aqui, fora de vista. Tudo bem?

Zoey fez beicinho, mas não seguiu Mira quando ela engatinhou lentamente

para a frente.

Mira avançou com cuidado. Embora a Capa a mantivesse invisível, ela não era intocável. Ainda faria barulho e moveria os arbustos, o que revelaria sua posição. Precisava ser paciente, e aguardar.

Mira avançava pouco a pouco para o interior do acampamento, estudando as redondezas.

A mochila de Holt estava caída a certa distância, junto de um grupo de árvores que haviam crescido juntas e entrelaçadas. Era um local isolado e afastado do resto. Mira franziu as sobrancelhas diante do óbvio: era exatamente onde Holt queria que ela fosse. Era onde a armadilha havia sido montada... fosse lá o que fosse.

Ela analisou o resto do acampamento e seus olhos avistaram o catre de Holt. O saco de dormir sobre o leito parecia cheio, os cobertores apertados ao redor do suposto ocupante. Mira quase riu alto, perguntando-se se Holt precisara usar todas as roupas extras que tinha para fazer parecer que havia alguém dentro do saco.

Ele achava que ela era idiota?

Também não havia sinal de Max, o que significava que provavelmente o cachorro estava com o dono, esperando do outro lado do acampamento que ela viesse atrás da mochila de Holt.

Entretanto, a pergunta agora era onde realmente estaria o cilindro. Se Holt o tivesse encontrado, estaria com ele, deduziu Mira. Ele não arriscaria perdê-lo, deixando-o ali para que ela o pegasse.

Mas o cilindro era grande e volumoso, além de pesado. Não importava quanto ele quisesse ficar com aquilo, o objeto o atrasaria num momento de fuga.

Não, Holt o esconderia em algum lugar. Mas onde? Qual era o lugar mais improvável para se colocar o cilindro?

Mira analisou o acampamento, e seus olhos viram o catre novamente. Se ela tivesse caído no seu ardil e acreditado que ele realmente estivesse dormindo naquele saco de dormir, a cama era a última coisa da qual ela se aproximaria.

Mira sorriu. O cilindro estava lá. Tinha de estar.

Mas como ela iria pegá-lo? A esfera invisível gerada pela Capa se movia

para onde ela fosse. Se chegasse perto demais da cama, ela também iria absorvê-la. E Holt definitivamente iria notar se sua maca e seu saco de dormir sumissem no ar.

Mas era possível se aproximar o suficiente para alcançá-lo, sem que a esfera invisível o tocasse. Ela era capaz, mas precisava ser cautelosa.

Mira rastejou em direção ao catre. Não havia muitos arbustos ou outros obstáculos entre ela e a cama. Ele havia escolhido uma área aberta para montar o acampamento. Ela parou bem próximo... e esperou.

Mira aguardou alguns segundos mais, atenta a qualquer sinal de ter sido descoberta. Mas não houve nenhum.

Ela examinou mais uma vez o catre. Se ela fosse Holt, teria colocado o objeto no fundo do saco de dormir, assim seria mais difícil alcançá-lo.

Mira sorriu e pegou uma faca. Só seria difícil de alcançá-lo se ela fosse pela frente.

Mira levou a faca até o fundo do saco de dormir...

... e a cama à sua frente se dobrou como se alguém que estivesse embaixo tivesse ficado de pé.

De pé, Holt assoviou três vezes... e Max surgiu correndo no acampamento, bem na direção deles.

Mira se esgueirou para trás, esperando que a Capa a escondesse. Funcionou... mas Holt virou-se para ela, quando ela se abaixou.

Ele saltou para a frente, as mãos se movendo freneticamente. Ele não conseguiu pegá-la... mas chegou tão perto que passou pela extremidade da esfera invisível da Capa, passando para o lado de dentro, com ela.

Ele podia ver Mira agora, e a encarava com aquele sorriso debochado e irritante.

— Você demorou.

Mira o chutou com força no rosto.

Ele gritou de dor e seu corpo girou para trás.

— Ei! — ele gritou, irado, segurando o nariz. — Que inferno!

Mira sorriu, apesar de tudo. Aquilo era bom. Ela se levantou e correu, torcendo para que a Capa...

A mancha cinza-azulada, ou melhor, Max, correu diretamente para ela. Fosse intencional ou apenas sorte, o cachorro conseguiu derrubá-la.

Mira caiu no chão. Instintivamente, estendeu os braços para amortecer a queda. E uma das mãos continha a Capa. A combinação de artefatos caiu de sua mão e rolou pelo chão.

Mira agora estava totalmente visível... e bem encrencada.

Ela tentou ficar de pé, mas Holt saltou sobre ela por trás e a prendeu com força no chão. Ela lutou, tentando se soltar, soltar ao menos uma perna, morder as mãos dele — qualquer coisa —, mas ele era forte demais.

O medo tomou conta dela e ela sentiu a corda circulando suas mãos novamente, sentiu os ombros se esticarem quando foram presos às costas. Era uma coisa muito ruim, a simples perda de movimento, a perda da liberdade.

Quando esticou o pescoço para olhar para Holt, o sorriso debochado havia sumido. O nariz dele estava roxo e ensanguentado, e ele a olhava de cara feia. Mira se encolheu quando Holt puxou as cordas dos seus pulsos com mais força. Mas ela não reclamou. Não daria a ele essa satisfação.

Max continuava a latir e rosnar para Mira, a apenas alguns centímetros de distância do rosto dela. Ela olhou para o cachorro... e latiu também na sua melhor e mais alta imitação.

— Au, au, au!

Max ficou quieto, surpreso, olhou para Mira e para Holt, sem saber o que fazer.

Holt puxou Mira e a colocou de pé, virou-a de frente para ele, limpou o sangue do nariz e a encarou.

— Você sabia que eu iria até a cama. Sabia que eu ignoraria a mochila — ela disse, nervosa. Ela não se aguentava de raiva. Não havia sequer pensado na ideia de que a primeira armadilha poderia ser uma artimanha.

Holt balançou a cabeça.

— Você é inteligente, Mira, então, fiz uma armadilha para uma pessoa inteligente. É uma pena que você não dê muito crédito a si mesma, você poderia ter me descoberto.

Vindo de Holt, aquilo era quase um elogio. Mira lutou contra o instinto de

corar, irritada por estar envaidecida com o comentário de um caçador de recompensas que queria entregá-la em troca de dinheiro.

Mira notou um calor em suas mãos. Levou um momento para entender o que era. Holt ainda as segurava.

— Você pode largar minhas mãos agora — ela disse, em voz baixa.

Aparentemente, Holt também havia se esquecido. Ele as largou rapidamente e deu um passo atrás.

E então Max latiu animado e correu para o lado oposto do acampamento.

— É o Max! — gritou Zoey quando o cachorro correu para encontrá-la, abanando o rabo. — O Max quer carinho!

Max rolou de barriga para cima quando Zoey começou a acariciar sua barriga. Como sempre, ele não fazia nada para detê-la.

Mira ouviu Holt suspirar quando viu a garotinha.

— Fantástico... — ele disse, exasperado.

15. CULPADO

HOLT DESVIOU O OLHAR de Zoey e Max, irritado, e se dirigiu para a extremidade do acampamento, onde havia deixado a mochila.

Havia se esquecido completamente da garotinha, não a incluíra em seus planos. Parecia que ela e Mira eram um pacote completo, ao menos por enquanto.

Mas, tudo bem, ele daria um jeito. Eles já estavam praticamente fora da floresta, próximo ao vale do rio. Os postos de troca ao longo do rio seriam um bom local para deixá-la.

Muitos grupos de Ratos do Rio estavam atrás de novos membros, mesmo da idade de Zoey. Eles ficariam com ela. Ele só teria de guardar para si mesmo a informação de que as naves de carga Confederadas estavam cobrindo toda a área com caminhantes à procura da menina. Aquele mistério seria para outra pessoa desvendar.

Assim, então, ele poderia levar Mira de volta à Cidade da Meia-Noite, sem nenhum percalço. Holt esperava sentir o alívio costumeiro diante daquela perspectiva, mas não sentiu. Os sentimentos estavam adormecidos naquele momento, muito distantes. Pareciam vazios.

Mas por quê?, ele se perguntou, irritado. Mira era uma criminosa. Ao menos era o que proclamava a Cidade da Meia-Noite, e ele não tinha razão para duvidar deles.

Mas ele duvidava, é claro.

A Cidade da Meia-Noite era um lugar de política sem sentido e jogos mentais perigosos. Suas inúmeras facções não hesitavam em acusar falsamente alguém de um crime hediondo para conseguir o que quisessem, mesmo que essa acusação significasse a morte dessa pessoa.

Mas isso não era problema dele, Holt lembrou a si mesmo. Ele precisava sobreviver, e não podia fazer isso direito com o Bando atrás dele. Mira era sua única chance de se libertar deles de uma vez por todas, vendo-se finalmente livre de seus problemas.

A tatuagem inacabada em sua mão coçava sob a luva, mas ele ignorou.

Ele se maldisse silenciosamente, porque sabia qual era o problema. Por mais que tivesse tentado impedir, ele gostava de Mira. Ela era forte e independente, uma sobrevivente como ele, mas... não tão mal-humorada como a maioria das pessoas que ele havia conhecido. De alguma forma, o cinismo do mundo não a dominara. Aquilo era uma ingenuidade, é claro... mas, sem dúvida alguma, atraente.

Atração. Sim, isso também estava lá. Seus olhos de esmeralda, a maciez de suas mãos, o sutil perfume de menta que sentia quando estava perto dela.

Holt não estava acima daquelas coisas, mas, toda vez que se entregara a elas, tinha se complicado. E além disso... ela era sua prisioneira. Com olhos de esmeralda ou não.

Não, ele tinha regras estritas sobre isso. E se manteria firme. Não se envolveria. Não importava por quanto tempo o perfume de Mira continuasse impregnado em sua mente.

Holt seguia para a extremidade do acampamento onde havia deixado a mochila. Ele a pegou, abriu e tirou dali o cilindro da Estação Clinton. Ainda tinha o artefato Amortecedor preso a ele, e o segurou para que Mira o visse.

Seu nariz doía do chute que levara, e o olhar de raiva que ela lhe lançou aliviava a sua dor.

— Você estava com ele, na mochila? — Mira gritou.

— E se você tivesse sido simplesmente burra, como eu esperava que não fosse, poderia estar com ele. — Holt virava de um lado para o outro o cilindro cheio de água, curioso, segurando-o contra o sol para ver a luz dançar através da fibra marrom em seu centro. — O que é isso, afinal? O que há de tão importante para fazê-la voltar por ele?

— É plutônio — disse Mira, sem demonstrar emoção.

As palavras não foram registradas imediatamente na mente de Holt.

Quando foram, ele largou o cilindro no chão como se fosse feito de carvão quente e se afastou.

Mira riu alto.

— Você é sempre nervoso assim ou só diante de elementos radioativos?

— Isso é plutônio? — ele gritou.

— Não se preocupe, matador, é inofensivo desde que o Amortecedor esteja conectado.

— E sua teoria se baseia em...?

— Experiência. Já lidei com isso antes.

— Bom, então você pode "lidar" com isso de agora em diante. — Ele rodeou o objeto, mantendo distância. — Por que arriscar a vida por algo assim?

— É muito valioso — respondeu Mira.

— Sim, você já disse isso antes — disse Holt. — Mas por quê?

— Por causa da Torre Partida — Mira respondeu.

E então tudo fez sentido, ou ao menos o máximo de sentido que um mito das Terras Estranhas poderia fazer, é claro. Era uma história muito conhecida, principalmente ao norte, mais próximo das Terras Estranhas e da Cidade da Meia-Noite. Mas na mente de Holt, era apenas isso. Uma história.

— Está falando sério? — ele perguntou. — Você se mete com Enxames de Vermes Espaciais e usinas nucleares só por causa de um conto de fadas?

— Você não acredita na Torre?

— Não, eu preciso ver antes de acreditar em algo. Eu nunca estive nas Terras Estranhas, mas sei que o lugar existe porque já vi as coisas que saem de lá, e elas são tudo, menos naturais. Mas a Torre? — Holt sacudiu a cabeça. — Parece só história de Bucaneira.

— Mas não é — disse Mira, com firmeza. — É real, e algumas pessoas conseguiram chegar lá e entrar.

— E essas pessoas, você conheceu? Viu com seus próprios olhos? Falou com elas?

Mira o olhou de cara feia e não respondeu.

— O que é a Torre Partida? — perguntou Zoey, por trás deles.

Holt observou Mira organizar seus pensamentos.

— É uma... construção — ela começou. — Uma... não sei exatamente, mas fica no meio das Terras Estranhas. Muita gente pensa que, seja lá o que for, ela é a responsável pelas Terras Estranhas existirem. A lenda diz que qualquer pessoa que conseguir chegar lá e entrar, pode fazer um pedido à Torre. E que, de algum jeito... ela o realizará.

— A lenda também diz que você precisa de um bom pedaço de plutônio só para entrar — completou Holt. — Eu me pergunto quantos sobreviventes morreram tentando conseguir o que você tem aí, jogando fora o pouco tempo que tinham por um sonho impossível.

Mira lançou um olhar fulminante para Holt.

— Isso só prova o que estou dizendo. Algo pelo qual as pessoas morreriam é algo que não tem preço. E eu preciso de algo assim para trocar.

— Pelo quê? — perguntou Holt.

Mira olhou para ele de um jeito diferente, e pela primeira vez Holt viu desespero nos olhos dela.

— Há coisas que eu tenho que... consertar, na Cidade da Meia-Noite. Por favor, Holt, você não sabe há quanto tempo procuro isso, quanto tive de sacrificar para consegui-lo. Mas você sabe o que significa para mim voltar para casa acorrentada. Eu sei que você sabe como é.

O rosto de Holt ficou sombrio com aquelas palavras.

— Você não parece... tão ruim — ela insistiu. — Você parece alguém que poderia compreender. Por favor, me levar de volta à Cidade da Meia-Noite é me levar para a morte. Eu posso pagar. Posso pagar o que você...

— Não é problema meu. — Ele precisava acabar com aquilo. Não estava gostando do modo como as palavras dela o afetavam. — Eu não me envolvo. É uma regra que tenho. Eu só faço o que preciso para sobreviver e, neste momento, isso significa te levar de volta.

— Isso não é verdade, Holt — disse uma voz suave, do outro lado do acampamento. Holt olhou para Zoey, que ainda estava acariciando Max. — Do outro lado do rio, você voltou para salvar o Max. Você fez isso para salvá-lo.

Holt fez cara feia para a menina.

— Ela está certa — disse Mira. — Se você fosse mesmo tão solitário, não

teria se arriscado a me perder para salvar um cachorro. Mas você fez isso.

Holt olhou para ela, sem saber o que dizer. Ele manteve o olhar, sentindo o ardor daqueles olhos verdes, raiados de preto. Parte dele sabia que ela começava a entender as coisas e sabia o que Mira estava prestes a perguntar. E era o que ele temia.

— Quem você perdeu? — As palavras de Mira feriram fundo. Perdeu. Para sempre. — Deve ter sido alguém importante. Alguém muito próximo.

A raiva cresceu dentro de Holt. Não! Ele não ia falar disso. Não ia falar sobre ela. Ele enterrara aquilo havia muito tempo, e ninguém iria desenterrar. Muito menos aquelas duas garotas. Seu olhar endureceu.

— Chega de conversa, não há o que discutir. A floresta acaba em menos de dois quilômetros. É um caminho reto até os postos de troca do Mississípi. Vou encontrar alguém lá para ficar com você, Zoey. Alguém que cuide de você. Depois, Mira e eu iremos até a Cidade da Meia-Noite.

— Mas é para a Cidade da Meia-Noite que eu quero ir — disse Zoey. — Posso ir com vocês.

Holt franziu a testa.

— Não, Zoey, se quer ir para lá, você pode tentar, pode conseguir um barco ou algo parecido para te levar para o norte, mas não será com a gente. Para ser sincero, estou cansado de vocês duas, e quanto mais rápido me livrar de vocês, melhor.

Os olhos de Zoey começaram a marejar. Ela tinha até parado de acariciar Max, e o cachorro não estava nada contente com isso. Ele bateu o rabo no chão, tentando conseguir a atenção dela novamente.

— Está tudo bem, Zoey — disse Mira, olhando com tristeza para Holt. — Holt é como todo mundo. Ele decidiu há muito tempo que iria parar de se importar.

Holt se afastou das duas e começou a recolher as coisas do acampamento. Ele não devia se sentir assim, não devia sentir aquela culpa. Ele estava sobrevivendo. Ele estava fazendo o que precisava fazer.

Não estava?

Ele tirara Zoey daquela nave em chamas e a colocara em segurança. Devia

ter orgulho disso. Devia estar aliviado por ter conseguido escapar a tempo do Bando.

Mas não estava. Por nada disso.

Ninguém disse uma palavra quando ele terminou de desmontar o acampamento. Em poucos minutos saíram, seguindo pela floresta em direção ao norte mais uma vez, com Max abrindo caminho enquanto o sol da tarde atravessava as folhas.

Eles andaram em silêncio por entre as árvores, cada um levando o peso de seus próprios pensamentos.

16. TODOS ELES

OS QUATRO SEGUIRAM PELA FLORESTA em silêncio. Ninguém disse uma palavra desde que deixaram o acampamento. Quanto menos falassem, mais rápido chegariam.

Em uma hora, as árvores começaram a ficar espaçadas. Mais uma hora e eles pararam ao mesmo tempo, numa linha abrupta e arbitrária, que se estendia por uma vasta campina. O chão se elevava suavemente acima da linha das árvores, até uma cordilheira, que dava para o vale do rio do outro lado.

Seria fácil seguir dali até os postos de troca e de lá para a Cidade da Meia-Noite. Eles iriam mais rápido por fora das árvores, é claro, mas a questão é que eles eram muito mais visíveis sem as copas, que serviam de escudo contra os olhos espreitadores dos Predadores e Abutres.

Com sorte, livrar-se de Zoey tiraria os Confederados de seu encalço. Talvez ficasse até mais fácil, com eles concentrando suas forças ao longo do rio e da floresta, em vez das planícies.

De qualquer forma, a parte mais difícil tinha acabado. A mochila nas costas de Holt parecia mais leve do que ao longo do dia; ele se sentia energizado e otimista. Tinha conseguido.

Os quatro alcançaram o topo da elevação e viram o vale do rio Mississípi logo abaixo. Uma tapeçaria verde, entrelaçada por trechos de flores silvestres vermelhas e azuis, que se estendia pelo horizonte. O rio era uma linha grossa que se curvava e retorcia em direção ao sul, ladeada por árvores ao longo de todo o trajeto. O sol refletia do alto, fazendo com que parecesse uma faixa de prata derretida cortando as pradarias.

Tudo era tão belo que, em qualquer outra ocasião, Holt teria parado para admirar.

Mas, quando chegou ao topo da cordilheira, a primeira coisa que fez foi instantaneamente se jogar no chão, puxando Zoey e Max com ele. Mira fez o mesmo, ao perceber o que ele tinha visto. Holt não podia acreditar.

Patrulhas dos Confederados.

Centenas de caminhantes revistavam o vale, em grupos de seis ou dez, cobrindo completamente a paisagem.

E eles não eram azuis e brancos. O sol cintilava nas fuselagens carmesim, fazendo com que todo o vale parecesse em chamas. Eram de um vermelho vivo.

Max ganiu ao lado de Holt quando uma nave batedora vermelha da classe Predador passou acima deles, escoltada por duas enormes naves cargueiras da classe Águia-marinha. Eles observaram quando as Águias-marinhas deixaram mais quatro caminhantes vermelhos nas planícies, viram quando eles tornaram a ligar os motores, ativaram-se e começaram a patrulhar. As Águias-marinhas partiram numa explosão de motores e se afastaram rapidamente pelo ar.

Holt fechou os olhos com força.

Ele nunca tinha visto tantas máquinas Confederadas num único lugar, nem mesmo durante a invasão. E essas não eram azuis e brancas; tratava-se de outro grupo Confederado. O mesmo que havia derrubado a nave de Zoey. Um ou dois Predadores era uma coisa, mas isso era bem diferente; era um exército. E, assim como os azuis e brancos, devia estar procurando por Zoey.

Holt olhou para a menina e viu que ela já o observava. Ela estava apavorada, agitada. Holt entendeu — ele sentia o mesmo.

— Viu, Holt? — ela disse. — Todos eles.

Ela já tinha dito isso antes. E uma centelha de raiva brotou dentro nele.

— Por que não me disse que andamos tanto para encontrar isso? — ele exigiu. Ao ouvir isso, Mira olhou para eles, curiosa também para saber a resposta. — Você sabia da outra vez, por que não agora?

— Eu senti. Só achei que seria bom que você visse por si mesmo.

— Achou que seria bom? — desesperou-se Holt.

— Para que você soubesse por que precisa me levar com vocês.

Mira olhou para o outro lado. Holt suspirou, os punhos fechando com força.

O que ele faria agora? Precisava chegar à Cidade da Meia-Noite com Mira,

mas o lugar ficava exatamente do outro lado do vale, rio abaixo. Não havia outro caminho, e os Confederados vermelhos sabiam disso. Eles haviam bloqueado totalmente a passagem. Para piorar, Holt levava exatamente aquilo que eles procuravam.

Ele devia simplesmente deixar a garota ali. Amarrá-la com um grande laço de fita para os aliens e deixar o problema para trás. Ele olhou para Zoey novamente. Ela o fitou com seus olhos azuis cristalinos e pareceu ler seus pensamentos. Assim como Mira.

— Você não pode deixá-la aqui — disse Mira ao seu lado. Havia um tom de convicção em sua voz que ele não tinha ouvido antes. Isso o perturbou.

— Ah, não posso? — ele a desafiou. — Pelo que eu saiba, quem manda aqui sou eu, e não você.

— Você não pode deixá-la aqui — ela insistiu, dessa vez devagar e firme.

Holt desviou o olhar e suspirou novamente. Ela não precisava dizer isso a ele. Havia fronteiras que ele não poderia cruzar, mesmo em nome da sobrevivência. E essa recusa em cruzar tais fronteiras lhe causava muitos problemas no passado. Parecia que tudo ia pelo mesmo caminho agora.

Holt olhou para Zoey. Ela ainda olhava para ele assustada, a ideia de que pudesse abandoná-la estava clara na mente dela.

— Eu não vou deixar você aqui, não se preocupe — ele disse, vendo a menininha relaxar. — Nós só precisamos encontrar outro caminho para o norte agora.

— Obrigada, Holt — ela agradeceu.

— Obrigada — disse Mira, tão baixo que ele não estava certo se era para ele ouvir ou não.

Outro caminho para o norte...

O problema era que não havia nenhum. Eles poderiam voltar e tentar ir por St. Louis, mas aquelas ruínas estavam ocupadas pelo Bando, o que poderia até piorar as coisas. Não era uma opção.

Além do mais, voltar significava dar de cara com os azuis e brancos.

Algo lhe ocorreu. A verdade era que o vale do rio não era o único caminho para o norte. Havia outros... mas eles eram tão perigosos que a maioria das

pessoas não os consideraria uma possibilidade.

Holt tirou o binóculo do cinto e olhou através dele, estudando o vale.

— O que está procurando? — perguntou Mira.

— Um plano B — ele respondeu.

Holt esquadrinhou o rio de cima a baixo através das lentes, examinando os afluentes, os pequenos braços do rio que se ligavam ao leito principal e o abasteciam.

Ele encontrou o afluente que estava procurando, seguiu-o com os olhos até onde abria caminho pela terra, bem abaixo da cordilheira, e desaparecia de vista pelo oeste, cortando um grupo de montanhas que pareciam bem íngremes.

Estranhamente, os Confederados vermelhos pareciam evitá-lo completamente. E era exatamente o que Holt esperava. Ele deduziu que eles manteriam uma grande distância daquele afluente, dado seu misterioso medo de água.

— O que está vendo? — perguntou Mira novamente, impaciente. — Me diz!

— Outra trilha para o norte.

— Eu não sabia que havia outra.

— Pelo consenso popular, não — confirmou Holt. — A maioria das pessoas, as mais espertas, o evitam. Mas, definitivamente, não somos pessoas espertas...

— Verdade — concordou Mira.

— ... e como não temos outras opções... — concluiu Holt.

— O que está planejando? — ela perguntou, sentindo que não ia gostar da resposta.

Holt baixou o binóculo e olhou para ela.

— As Planícies Alagadas — ele respondeu, com o máximo de convicção que conseguiu demonstrar. Mas não era muita.

Ele viu Mira estremecer ao ouvir aquelas palavras. Aquilo normalmente lhe daria algum tipo de satisfação, se ele não sentisse o mesmo.

— O que são as Planícies Alagadas? — perguntou Zoey.

— Um lugar para onde não queremos ir — respondeu Mira.

— Costumava ser uma várzea abaixo de uma represa — explicou Holt, estudando novamente o afluente através do binóculo, verificando se estava livre

de caminhantes vermelhos. — A represa se rompeu durante a invasão e inundou tudo. Havia vilarejos ali, construídos ao longo do rio. Agora tudo não passa de uma terra de ninguém inundada.

— Essa é a história, pelo menos — continuou Mira. — Ninguém que entra ali retorna. E ninguém sabe exatamente o motivo.

— Alguma coisa lá não é muito hospitaleira. Talvez seja a natureza... ou algo mais.

Zoey olhava para eles, os olhos arregalados de medo.

— Agora, veja o que você fez — reclamou Mira. — Você a assustou.

— Eu? — Holt baixou os binóculos. — Você começou com essa história de "Ninguém que entra ali retorna".

Max parecia sentir o desconforto de Zoey também. Colocou uma pata nas costas dela e lambeu sua orelha. Zoey afastou o focinho molhado.

— Vamos ficar bem, Zoey, eu prometo — disse Mira, tentando confortar a menina. — Holt vai nos levar até o outro lado. Não vai? — ela perguntou, com firmeza.

— Sim, claro, vamos conseguir — ele disse, distraído, concentrado em olhar pelo binóculo. — Já fiz isso muitas vezes, não é grande coisa.

— Mesmo? — perguntou Zoey, esperançosa. — Você já entrou ali antes e conseguiu sair?

— Claro — Holt mentiu. — Várias ve...

Holt não terminou de falar, Mira ofegava de dor, as mãos na cabeça. Ele, Zoey e até Max olharam para ela, surpresos.

Holt foi até ela, mas ela o empurrou, deitando-se no chão em posição fetal.

— Não... — Estava tomada pela dor e pelo desconforto. — Não me toque...

Holt imaginou o que estava acontecendo. Mira tinha mais ou menos 18 anos, a fase em que a Estática tentava assumir o controle. Ele deduziu que era isso o que estava acontecendo. Antes disso, a Estática provavelmente mostrara apenas algumas vezes suas garras, mas agora estava lutando para controlar Mira, talvez pela primeira vez. A batalha era sempre dolorosa... e perturbadora.

A Estática era como os sobreviventes da Terra chamavam o sinal telepático transmitido pelo Confederados algumas horas depois da invasão, e ela tinha

acabado com toda resistência aos alienígenas de uma tacada só.

Um sinal para controle da mente que funcionava terrivelmente bem. Qualquer um que o ouvisse sucumbia instantaneamente ao controle dos Confederados. Soldados deixaram seus postos. Representantes do governo deixaram seus escritórios. Pais deixaram seus filhos chorando na cama. Como zumbis, a população adulta da Terra começou a marchar em massa para o Parlamento Confederado mais próximo, e as gigantescas naves penetraram como gigantescos punhais no coração das cidades humanas. Elas marcharam para lá, milhões de pessoas... e, uma por uma, desapareceram dentro dele.

Ninguém sabia o que tinha acontecido com elas, ou de onde era transmitida a Estática ou como funcionava.

O que logo ficou evidente, no entanto, foi que a Estática parecia surtir efeito no cérebro humano só depois que este amadurecia. Uma reação química que acontecia por volta dos 20 anos de idade. Isso significava que uma boa parte da população era imune a esse chamado. Ao menos temporariamente.

As crianças.

Era por isso que Holt não via um adulto havia quase uma década. Era por isso que o mundo fora deixado aos cuidados dos filhos mais jovens. Mas seu tempo estava quase se esgotando. Quanto mais amadureciam, mais a Estática os influenciava.

O tique-taque inflexível, lento e inevitável do relógio.

A não ser que eles fossem Imunes, pensou Holt com amargura. Aquelas raras pessoas que, por alguma razão, não sofriam os efeitos da Estática. Como ele. Holt jamais sofreria o destino de Mira. Ficaria velho, sozinho num mundo onde todos os outros sucumbiriam, um dos últimos “sortudos” a passar dos 20 anos, sozinho num planeta totalmente vazio e morto para chamar de seu.

— Holt... — chamou Zoey, olhando assustada para Mira.

Holt assistiu Mira tremer e ter convulsões, as mãos para trás se enchendo de grama e as arrancando enquanto lutava contra o sinal.

Ver isso agora lhe trazia algumas lembranças. O mesmo tinha acontecido com Emily. A convulsão, a luta para manter a mente intacta, para repelir as vozes e o chiado da Estática.

Holt observava Mira com horror e em silêncio, os olhos dela fechados com força, tentando bloquear os sons. Ele havia rezado para não ver isso novamente. E ali estava.

Prisioneira ou não, a chance de ele escapar do Bando ou não, Holt instintivamente foi até Mira. Ela tentou afastá-lo, mas ele a colocou no colo.

— Mira — ele disse no ouvido dela, notando sua respiração dolorosa e profunda. — É a primeira vez que você luta contra isso?

Ela não respondeu, apenas estremeceu em seus braços.

— Mira, me diga, é a primeira vez?

Ele notou um leve aceno de cabeça.

— Ajuda, se alguém falar com você, e se você se concentrar na voz da pessoa. Isso pode te ajudar a bloquear o sinal novamente.

Mira estremeceu em seus braços. Holt respirou fundo, pensando no que dizer. Com Emily ele fazia jogos. Jogos de memória. Eles sempre ajudavam a trazê-la de volta.

Ele tentou se lembrar do que costumava dizer.

— Do que você mais sente falta do Mundo Anterior? Você tem idade suficiente para se lembrar. — Mira se agitou silenciosamente, lutando contra o ataque da Estática. — Você pode lutar, Mira. Você é forte. Me diga.

— A... — ela tentou falar. As palavras saíam lenta e dolorosamente. Mas saíram. — A... comida...

Holt sorriu.

— É, eu também. Que tipo de comida?

— Porcarias... lanches... — ela respondeu. As palavras saíam com facilidade. Isso era um bom sinal. Se ela pudesse aguentar, conseguiria bloqueá-lo.

— Garota de bom gosto. Escolha, então, o seu veneno. O que você comeria agora, se pudesse? Bolo? Bala de goma? Biscoito recheado?

— Cupcakes... da marca... Hostess...

— Isso sim é uma escolha estratosférica! — Ele riu. — Faz tempo que não penso neles, mas me lembro. Bolos de chocolate com cobertura, não é?

— E... recheados... de creme...

— Isso mesmo — disse Holt, abraçando-a, lembrando-se. — Recheio de creme. Vinha dois em cada pacote. Você se lembra? E aquele pequeno zigue-zague branco na parte de cima?

— É...

— Você sabe o que é melhor nessa escolha, não sabe, Mira?

— O quê? — ela perguntou, fraca, mas coerente. Estava dando certo.

— O melhor é que esses bolinhos são praticamente indestrutíveis. Esses cupcakes, assim como as baratas, sobreviveriam a uma guerra nuclear.

Mira riu suavemente.

— E a um holocausto extraterrestre?

— A isso também — disse Holt. — Na verdade, se você encontrar um lugar inexplorado, um lugar onde ninguém foi ainda... provavelmente vai encontrar os cupcakes Hostess ainda na embalagem. E eles seriam tão gostosos agora como naquela época.

— Eu duvido muito — disse Mira, abrindo os olhos e olhando para ele. — Já se passaram oito anos, eles devem estar um pouco velhos.

Os olhos verdes dela estavam com mais raias negras agora. A Estática havia se espalhado, ela a estava dominando. Lentamente. Dia após dia. Ela tinha mais um ano, no máximo, Holt deduziu ao observá-la. A conclusão fez seu estômago se contrair...

— Um pouco, talvez. Mas você nem notaria — ele disse, sentindo-se culpado pelos seus olhos sem nenhum traço de Estática. — Sente-se melhor?

Ela fez que sim.

— Foi... horrível. Eu não sabia... Eu não sabia que seria tão ruim. As vozes... elas eram...

— Eu sei — disse Holt. Ele sabia. Era a pior parte, ouvi-las dentro da cabeça. Ao menos era o que Emily dizia. Crianças mais velhas começavam a ouvir vozes misturadas à Estática. A linguagem era incompreensível... no início. Mas, assustadoramente, quanto mais velhas elas ficavam, mais as vozes pareciam fazer sentido. Mais conseguiam entendê-las. Sugerindo coisas, chamando. — As próximas serão mais fáceis, à medida que você se acostumar. Elas... começam a ficar mais fortes.

— Quanto tempo? – Mira perguntou.

Holt queria que ela não tivesse perguntado. Mas ele não mentiria para ela.

— Depende do quanto você é forte. Normalmente é aos 20 anos. Algumas pessoas duram mais. Algumas menos. Mas vou te ajudar. Até onde eu puder.

— Até me entregar? — ela perguntou, calmamente. Holt a olhou em silêncio, mas não respondeu. O que havia para dizer?

Eles ficaram ali por mais um tempo. Holt estava gostando de sentir o calor do corpo delicado em seus braços.

Mas então o ronco de dois outros Predadores sobrevoando-os quebrou o encantamento. Holt se lembrou de tudo. Assim como Mira. Eles se afastaram e viram mais uma vez o enorme exército vermelho cobrindo o vale abaixo, entre eles e o caminho para o norte.

Zoey olhava para eles, sorrindo. Holt e Mira olharam para ela de cara feia.

— O que foi? — perguntaram os dois, ao mesmo tempo.

Zoey apenas riu e escondeu o rosto entre as mãos.

Holt sacudiu a cabeça e fez com que todos se levantassem. Precisavam ir rápido. A primeira parte da viagem seria a mais perigosa. Ao menos da perspectiva dos Confederados. Estariam mais próximos dos vermelhos, porque o afluente que queriam seguir passava próximo às patrulhas extraterrestres.

Quando estavam prontos, Holt foi até Mira; ele tirou do cinto o canivete do pai, o abriu... e encostou na corda que a prendia.

Mira olhou o canivete com curiosidade.

— Você não pode voltar. Não pode seguir em frente — Holt disse a ela. — Você quer sobreviver e sua melhor chance é comigo. Está bem?

Mira o olhou com calma, considerando as opções.

— Sim — respondeu. — Supondo que você saiba o que está fazendo.

— Eu disse que sua melhor chance era comigo, não garanti nada. Vou pensar em alguma coisa no caminho.

Mira sorriu quando ele cortou a corda e a deixou cair ao chão. Ela esfregou os pulsos, agradecida.

Holt deu dois assovios agudos. Max correu em direção a oeste, mantendo-se na linha das árvores, enquanto os guiava. Holt, Mira e Zoey o seguiram.

— Quando vou poder montar o Max? — perguntou Zoey. — Não sou muito grande.

Holt e Mira balançaram a cabeça enquanto seguiam o cachorro.

MUITO DEPOIS DE HOLT TER PARTIDO, novas formas emergiram das árvores e escalaram o mesmo desfiladeiro com vista para todo o extenso vale do rio. Inicialmente, o único sinal da presença deles era um brilho no ar, uma suave onda de luz não muito diferente do artefato de invisibilidade de Mira.

Quem não estivesse procurando por ele, jamais o veria.

Quando as silhuetas alcançaram o topo, os escudos de invisibilidade se desativaram, revelando de quem se tratava.

Dez caminhantes Confederados, diferentes de todos vistos até então. No máximo dois metros e meio de altura. Com três pernas, menores, mais leves e com menor poder de fogo, projetados para ter velocidade e agilidade, mas não força. Mas claramente letais, sem dúvida. Seus pés, com pontas afiadas e assustadoras, perfuravam o solo macio conforme se moviam.

Eles eram Caçadores. E o mais impressionante é que não eram nem azuis e brancos... nem vermelhos. Eram verdes e laranja.

Um deles ia na frente, seu corpo de cor diferente dos demais. Suas marcações eram mais nítidas, mais fortes, mais imponentes. As outras máquinas o observavam com toda a atenção.

O caminhante escaneou todo o ambiente, seus sensores ópticos zumbindo conforme se moviam. Por fim, ele encontrou o que estava procurando. Um pedaço de corda deixado no chão. Evidência de que sua presa estivera ali.

Explosões soavam ao norte, tiros de plasma. A máquina olhou à distância, para o bando de Confederados vermelhos que vasculhavam o vale do rio, mais abaixo.

Predadores azuis e brancos sobrevoavam atirando nos caminhantes vermelhos. Os vermelhos revidavam. Uma das naves de guerra explodiu em faíscas, girando fora de controle, e se estatelou no chão deixando uma trilha de chamas.

O Caçador verde e laranja emitiu um som estranho e distorcido de trombeta

ao ver a guerra que se travava abaixo. O som parecia... desdenhoso. Os outros compartilhavam do mesmo sentimento, emitindo o mesmo som eletrônico em resposta.

O caminhante observou a guerra distante por mais alguns momentos.

Depois se encaminhou para oeste, seguindo o caminho escolhido por Holt e os outros. O resto dos caminhantes o seguiu sem hesitar. Começaram a desaparecer conforme andavam, seus escudos se ativando e tornando-os invisíveis, tirando-os de vista.

17. A ENXURRADA

ERA UMA PAISAGEM ALAGADA. O que fora um simples rio era agora uma poça de água escura que se estendia até onde os olhos alcançavam. Troncos de árvores apodrecidos apareciam de onde haviam submergido anos atrás.

Escarpas finas e afiadas cercavam as águas pelos dois lados, tornando impossível andar em algo seco, a menos que se quisesse escalar um deles e equilibrar-se pelos lados. O que não era a melhor opção.

Holt, Mira, Zoey e Max andavam lentamente pelas Planícies Alagadas, suando sob o sol da tarde que brilhava acima. É claro, andavam era modo de dizer. Às vezes, a água era tão profunda que passava da cintura, fazendo com que nadassem em vez de andar.

Naquele mesmo instante, Holt estava com água até os joelhos. Mas o que era raso para ele, era fundo para Zoey. Ela estaria com água até o pescoço, se ele não a estivesse carregando nas costas.

Max nadava animado. Tinha ficado na água a tarde toda, mas não parecia cansado. Mesmo assim Holt não tirava os olhos dele. O cachorro tinha o hábito de continuar até a exaustão, com seu entusiasmo, e ali era um péssimo lugar para que ele desmaiasse de repente.

Como era de esperar, a pessoa que não estava se divertindo nem um pouco era Mira, que vinha atrás. Desde que colocaram os pés na água pela primeira vez, as reclamações praticamente não tinham parado. A água estava fria. A água estava suja. Tinha água em seus sapatos. A água tinha um cheiro ruim.

E então vieram as cobras.

Holt já esperava por isso. Mira não. A primeira vez que viu uma deslizando na superfície, ela gritou e quase o derrubou de cabeça na água, na tentativa frenética de sair dali.

Cada cobra que viam os atrasava em dez minutos ou mais, até Holt convencê-la a continuar em frente, apesar de ele afirmar que elas eram inofensivas (o que não era totalmente verdade; cobras-d'água não eram apenas agressivas, mas também venenosas, mas isso não era algo que Holt achava que Mira precisasse saber). Agora, quando ele via uma cobra, não dizia nada.

Na última meia hora, eles tinham avistado algo muito pior do que cobras, na opinião de Holt. Evidências de uma civilização destruída tornavam-se mais e mais aparentes.

Carros inundados, cabines telefônicas despontando da água, detritos flutuantes de todo tipo... incluindo mochilas, roupas, sapatos e outras evidências de que muitas pessoas tinham tentado seguir por aquele caminho e não conseguiram.

Mas não havia indicação que sugerisse o que teria acontecido a elas. Ao menos não ainda. Holt não se importava se esse mistério em particular continuasse sem solução.

Eles agora viam mais edifícios. Ou o que sobrara deles, deteriorados pela água. Postos de gasolina, motéis, lanchonetes, tudo meio submerso e projetando-se da superfície vítrea e negra. Os edifícios e as cabines telefônicas ladeavam Holt, o que sugeria que eles estavam onde devia ter sido uma estrada. Isso também significava, conforme os edifícios predominavam na paisagem, que entravam nas ruínas de alguma cidade.

Holt não estava certo se aquilo era bom ou ruim.

Ele sentiu as mãos de Zoey começarem a soltar seu pescoço, sentia a testa dela enfiada em seu pescoço.

— Neném — ele disse, virando-se para trás —, não durma ou vai cair na água.

— Estou cansada — ela respondeu, fazendo beicinho.

— Não é você que está carregando outra pessoa. Talvez devesse tentar me carregar um pouco. Ou Mira.

— Ah, claro — disse Mira, atrás deles. — Por quanto tempo temos de continuar?

— Até encontrarmos um local seguro — ele respondeu. — Ou até que você

não reclame de cinco em cinco minutos; o que vier primeiro. Aposto no primeiro.

— Vou dar a você um motivo para reclamar — ela resmungou, atrás dele.

— Vamos estar na Cidade da Meia-Noite esta noite? — perguntou Zoey.

Holt quase riu. A Cidade da Meia-Noite estava a dias de distância, se os vermelhos não tivessem fechado o vale do rio. Agora, forçados a dar a volta pelas Planícies Alagadas... era um destino muito mais longínquo.

Zoey poderia ir à Cidade da Meia-Noite, se quisesse; só não seria com ele. Se conseguissem atravessar as Planícies Alagadas, voltariam para o Mississípi e talvez encontrassem um posto de troca flutuante. Ele se livraria de Zoey e deixaria toda aquela confusão para trás.

Mas, ao pensar nisso, Holt sentiu a mesma culpa se agitando dentro de si, e isso o deixou com raiva novamente. Ele faria o que tinha de fazer, deixando Zoey. Além disso, ela estaria melhor e teria mais chances de sobrevivência com uma tripulação de Ratos do Rio. Era mais seguro por serem muitos.

Mas Holt sabia que não era exatamente assim. Ele estava sozinho havia tanto tempo exatamente porque acreditava que era mais seguro daquele jeito. E quem quer que ficasse com Zoey não teria ideia do fardo que ela carregava. Eles provavelmente seriam pegos desprevenidos quando a força máxima dos Confederados finalmente a rastreasse. Mas... ela estaria mais segura com ele?

A verdade, no entanto, era muito mais simples do que isso. Ele gostava de Mira. Ele gostava de Zoey. Por mais que valorizasse sua independência e seu isolamento... a presença delas tinha mostrado a ele que isso tinha um preço alto. Havia um vazio dentro dele do qual raramente havia se dado conta, uma sensação de vazio que ele achava ter reprimido. Estar com elas nesses últimos dias tinha começado a desenterrar isso.

Parte dele queria se livrar daquela provação o mais rápido possível, para que pudesse enterrá-la novamente. Outra parte... queria desenterrá-la e trazê-la à luz.

— Que diabos é aquilo? — perguntou Mira, atrás dele.

Holt, concentrando-se novamente, olhou adiante. Algo negro e sobrenatural pairava na água um pouco adiante. Não era um edifício, um carro ou caminhão. Estava contorcido, deformado e congelado onde havia caído. Conforme se

aproximavam, Holt notou uma forma familiar. Mas só um pouco.

Um Aranha dos Confederados, um caminhante dos grandes. Ele normalmente estaria a quase dez metros de altura, mas aquele estava enfiado na água, encostado no fundo e quase irreconhecível.

Foi difícil para Holt descobrir o que exatamente era aquilo, principalmente por causa da substância estranha que o recobrira completamente. Parecia ferrugem, se é que ferrugem podia ser queimada, enegrecida e derretida. A substância, o que quer que fosse, parecia uma teia, quase orgânica, e o Aranha tinha sido corroído embaixo dela, perdendo sua forma original.

Ali perto estavam dois caminhantes Louva-a-deus cobertos pela água. Uma pequena parte de seus corpos rompia a superfície; eles não eram nem de perto tão grandes, mas o que parecia uma ferrugem preta havia corroído o que se via deles também. Holt nunca tinha visto algo assim.

— O que fez aquilo com eles? — perguntou Mira.

— Não sei — respondeu Holt.

— A água — disse Zoey no ouvido dele. — Eles não conseguiram escapar.

— Quem não conseguiu escapar?

— Eles — ela disse.

Holt olhou para ela, com o queixo em seu ombro, olhando para ele com seus olhos cansados. Ele abriu a boca para perguntar o que ela queria dizer...

... e então parou ao notar algo perturbador.

A água não estava mais em seus joelhos. Chegava na altura da coxa agora. E ele podia senti-la fluindo para a frente. Até agora, estivera estagnada e calma.

Os olhos de Holt se arregalaram com a conclusão a que chegou.

— O que foi? — perguntou Mira, parando ao lado dele.

Max ganiu, sentindo o desconforto de Holt. No entanto, isso não o fez parar de nadar lentamente em círculos.

Holt não respondeu. Ele se virou para olhar para trás. A planície inundada se estendia por onde eles tinham vindo, longa e interminável, margeada por penhascos. E à distância estes se encorpavam e se debruçavam sobre as margens.

Alarmada, Mira olhou para trás. E também viu. Uma parede de água deslizava em direção a eles. E rápido.

— É uma enxurrada! — avisou Holt.

—Você só pode estar brincando! — gritou Mira. — Mais água?

Holt acelerou o passo pela água escura o mais rápido que pôde.

À frente deles, os primeiros edifícios da cidade em ruínas assomavam das águas negras como fantasmas na luz difusa da tarde.

Eles correram para lá enquanto a enchente os alcançava por trás. Eles agora podiam ouvi-la, batendo contra os penhascos de dois lados, acelerando na direção deles.

Logo à frente estava o que tinha restado de uma lavanderia, as janelas quebradas pela inundação, o telhado oscilando acima da água.

Eles seguiram para lá desesperados. Ao lado do prédio havia uma velha caçamba de metal, enferrujada, mas ainda inteira. Se eles pudessem chegar até ela, talvez conseguissem alcançar o telhado. Holt começou a...

A inundação os pegou, arrastando-os para a frente como se não pesassem nada.

Eles bateram com força na lateral do prédio. As águas furiosas arrancaram Zoey das costas de Holt. Ela gritava. Mira conseguiu agarrar a mão da garotinha, quando passou por ela, e a puxou de volta.

Eles ficaram presos ali por um momento. Mas o nível da água estava subindo cada vez mais rápido, ameaçando separá-los.

Holt olhou para o telhado. Era a única chance, mas, mesmo com o elevado nível de água, ainda estava fora de alcance.

— Me dê a Zoey! — ele gritou.

Mira lhe passou a garotinha. Holt se apoiou na lateral do prédio e a levantou até o telhado.

— Zoey, segure-se! — ele gritou. A menina encontrou um apoio para a mão no beiral do telhado e se impulsionou para cima.

Holt puxou Mira para si com força, as mãos envolvendo a cintura dela.

— Ei! — ela gritou, surpresa.

— Me dê um tapa mais tarde — ele disse, enquanto levantava seu corpo leve. — Zoey! Segure a mão dela!

A garotinha se inclinou sobre a extremidade do telhado, viu a mão de Mira e

a puxou para fora da água.

Quando Mira tentava subir no telhado, Holt a empurrou de baixo. Ela conseguiu subir com dificuldade, alçando o corpo da água.

A inundação estava cada vez mais forte, ameaçando agora arrancar Holt da parede do prédio e arrastá-lo para longe.

Ele agarrou Max pela parte de trás do pescoço. O cachorro ganiu, mas Holt ignorou. Ele levantou o vira-lata para Mira. Quando ela o segurou, o cão rosnou e latiu irritado.

— Pare com isso! Estou tentando te ajudar! — gritou Mira, levantando Max e colocando-o sobre o telhado.

Só restava Holt. Ele olhou para Mira. Ela olhou para ele.

Holt leu nos olhos dela. Ela estava avaliando a situação. E ele sabia o que ela estava pensando. Era uma escolha simples, ajudá-lo ou não ajudá-lo. Ela poderia simplesmente deixar a água levá-lo embora (junto com todos os problemas dela). Simples assim.

Se Holt fosse ela, seria uma decisão fácil. Ele o deixaria ir. Ele eliminaria o caçador de recompensas que queria levá-lo para casa para ser morto. Por que deveria salvá-lo? Quando a sobrevivência lhe dizia que deveria deixá-lo morrer?

Mas uma parte dele esperava que ela não fizesse isso. A parte que tinha começado a pensar que eles tinham uma ligação, apesar de suas diferenças. Ele se deu conta de que queria que aquela ligação se confirmasse. E ele não gostava de como aqueles sentimentos se fortaleciam.

O tempo pareceu correr mais devagar. Um segundo ou dois pareciam minutos. Um olhando para o outro, um lendo os pensamentos do outro...

... e então, Mira fez uma careta. Ela se abaixou e lhe ofereceu a mão.

Holt nem teve tempo de se sentir aliviado. Ele estendeu a mão esquerda e ela segurou firme o pulso dele, sobre o grosso bracelete preto. Com ela puxando e ele escalando a parede, Holt conseguiu chegar até a borda do telhado.

Quando alcançou o topo, fora da água, ele se jogou no telhado, respirando pesadamente. Lá embaixo as águas passavam ferozes.

Max correu até ele e começou a lamber-lhe o rosto. Holt não teve energia suficiente para impedi-lo.

— Holt! — ele ouviu Zoey exclamar e sentiu o abraço da menina, a cabeça dela afundada em seu peito. — Você não morreu!

— Vou bater na madeira assim que tiver uma chance — ele respondeu, exausto.

Ele procurou Mira com os olhos e a viu sentada na beira do telhado, de costas para ele, segurando os joelhos e olhando o pôr do sol por trás dos penhascos a oeste. A inundação seguia veloz abaixo deles, arrastando consigo todo tipo de detrito — barris, pneus, portas de carros, uma geladeira.

Ela estava imóvel.

— Mira também está feliz — disse Zoey. — Não se preocupe.

Era uma doce ilusão, Holt sabia.

Ele, Zoey e Max sentaram-se ao lado de Mira, olhando o céu escurecer em tons de azul e laranja acima deles.

— Aqui — disse Holt, tirando um pedaço de bala de morango da mochila e dando a Zoey. — Dê para o Max.

— O Max ganhou um doce! — gritou Zoey, dando para o cachorro. Ele abocanhou tudo de uma vez, empolgado... e então, meticulosamente, tentou mastigar o pedaço duro de guloseima. Zoey riu.

Holt se voltou para o pôr do sol. Ele não olhou para Mira. Ela não olhou para ele. Eles só se sentaram um ao lado do outro, quietos, distantes e próximos ao mesmo tempo.

— Obrigado — ele disse, depois de um instante.

Mira acenou com a cabeça.

— Tudo bem.

Eles ficaram ali por um longo tempo, ouvindo o barulho da água correndo, até que a luz finalmente começou a diminuir e o céu, a escurecer.

Eles não disseram mais nada. Não havia nada mais a dizer.

18. ÁGUA NEGRA

O CÉU CONTINUOU A ESCURECER enquanto as cores desapareciam e as nuvens se tornavam silhuetas flutuantes de cinza e preto acima deles. Quando Holt se levantou, finalmente pôde realmente ver onde estavam. O telhado da lavanderia fazia parte de um prédio que ficava numa pequena cidade americana do Mundo Anterior.

As ruínas se estendiam em todas as direções. Centenas de edifícios, ou mais, apareciam na paisagem inundada, meio submersos, todos em ruínas e apodrecendo onde estavam. Placas enferrujadas e gravações os identificavam como prédios de escritórios, mercearias, lojas de ferragens, apartamentos, igrejas, uma biblioteca, um tribunal de justiça.

Tudo abandonado agora. Tudo submerso. Tudo sem vida... Holt os levou até a beira do telhado da lavanderia. A cidade fora construída de modo concentrado; os topos dos edifícios não eram muito afastados uns dos outros. Não seria difícil pular de um para o outro. A não ser para Zoey ou Max — para eles seria um pouco mais problemático.

— Precisamos mesmo é de uma ponte — disse Holt, examinando o espaço entre os telhados.

— Talvez a gente possa fazer uma — disse Mira. Na outra ponta da lavanderia estava o que restara de uma loja de conveniência. O telhado dela era feito de placas de metal ondulado, como o de um celeiro. A superfície estava salpicada de buracos compridos e retangulares onde alguns pedaços tinham quebrado e caído. De onde eles observavam, as placas de metal do telhado pareciam longas o bastante para transpor a distância entre a maioria dos telhados em ruínas.

O telhado da loja parecia no mínimo precário. Mas como era necessário que

alguém saltasse sobre ele, Mira se ofereceu como voluntária. Ela era mais leve, causaria menos impacto quando saltasse sobre ele.

O teto estremeceu quando ela saltou, mais pedaços das placas de metal caíram no espaço vazio. Mas a estrutura não desmoronou. Mira pegou uma das longas peças e a ergueu, posicionando-a como uma ponte entre o teto da loja de conveniência e a lavanderia.

Era forte o suficiente para que Zoey e Max pudessem atravessar, se fossem com calma. Claro que fazer com que Max fizesse algo com calma era difícil, mas Zoey o segurou com firmeza enquanto atravessava a ponte, e o cachorro parecia ansioso para acompanhá-la.

— Posso montar o Max na próxima ponte? — Zoey perguntou.

— Não! — Holt e Mira responderam ao mesmo tempo.

Usando a ponte improvisada, os quatro atravessaram cuidadosamente de edifício em edifício, Holt e Mira saltando os espaços, Zoey e Max deslizando pela placa de metal.

O sol estava quase se pondo atrás das colinas. À frente deles estava o objetivo de Holt: um edifício muito maior, talvez de cinco andares, no centro da cidade em ruínas. Numa placa enferrujada, mal se aguentando na parede, lia-se TAVERNA INN.

Um hotel. Holt achou que seria o melhor local para acampar por uma noite. Seus andares estavam bem mais acima da água do que os outros edifícios, e provavelmente mais secos e em melhores condições.

O telhado, porém, era muito mais alto, e não havia como alcançá-lo com a ponte. Mas eles conseguiram alcançar a antiga escada de incêndio, que subia pela lateral do prédio. Estenderam a ponte para que Zoey e Max pudessem atravessar; a seguir, Holt e Mira saltaram para o outro lado.

Holt subiu vários andares até que encontrou um quarto com a janela ainda intacta e destrancada. Ele a abriu e deixou os outros entrarem. Antes que os acompanhasse, ele olhou e apreciou a cidade em volta, à luz que se extinguia.

Diante deles havia uma velha drogaria, e não parecia tão inundada quanto os outros edifícios. Holt a observou com interesse antes de entrar para encontrar os outros.

O quarto estava arruinado. O papel descascava das paredes, o teto era um mosaico de buracos e bolor, a cama e os outros móveis estavam cobertos de poeira, mas era seco e seguro. A porta para o corredor interno estava fechada, e Holt se certificou de que estava trancada a chave. Uma tolice, provavelmente, mas não faria mal se precaver.

Holt olhou para os outros. Eles estavam sentados no chão, exaustos, descansando contra a parede descascada.

— Você está com um olhar estranho, Hawkins — mencionou Mira, olhando para ele, perto da porta. — O que está pensando em fazer?

— Preciso checar uma coisa antes que o sol se ponha. Você pode cuidar de tudo por aqui?

— Claro, parece tudo tranquilo — ela disse, virando-se para olhar a janela acima dela.

— É — Holt franziu a testa. — É isso que me preocupa — e saiu pela janela.

— Não vá se perder! — recomendou Mira.

— Você não tem tanta sorte assim! — ele respondeu, com um leve sorriso, pisando na escada de incêndio.

Holt subiu até o telhado e observou o pouco que podia ver da cidade com tão pouca luz. Viu mais uma vez a drogaria, logo abaixo, mas sem ligação com a parede que tinha a escada de incêndio.

Como é que ele chegaria lá? Holt achou que poderia saltar, mas eram dois andares para baixo. Mesmo se conseguisse fazer isso sem quebrar nada, o telhado deveria estar em condições tão ruins como a dos outros que tinha visto. Holt poderia quebrá-lo e cair lá embaixo, ao passar por ele.

Holt olhou ao redor. Havia um cabo grosso entre os dois telhados, provavelmente um cabo de energia. Estava preso por pinos grandes nas paredes dos dois lados, depois seguia pelos edifícios submersos e sumia à distância. O cabo definitivamente era grosso o bastante para suportar o peso dele. A questão era: aqueles pinos aguentariam?

Na pior das hipóteses, não. E ele cairia nas águas negras mais abaixo. O que não era uma coisa boa.

Mas a drogaria valia o risco. A cidade inteira, por conta de onde se encontrava e pelos perigos que era preciso enfrentar para chegar ali, provavelmente não tinha sido explorada desde a invasão.

Aquela loja provavelmente guardava coisas que ele poderia usar, coisas que ele não encontraria em nenhum outro lugar. E certamente haveria coisas valiosas para troca. Remédios, material de escritório, curativos e até mesmo desodorante e pasta de dentes eram bens de alto valor agora.

A sobrevivência o impulsionava a explorá-la, apesar do risco.

Holt se esticou até o pino do cabo abaixo dele. Ele quase podia alcançá-lo.

MIRA E ZOEY SENTARAM-SE na cama destruída, ouvindo Max, que continuava a mastigar a bala que Holt lhe dera. Não estava fácil. Ele tinha conseguido roer apenas a metade da substância espessa e grudenta.

Mira olhava aborrecida para o cachorro. Os sons que ele fazia começavam a lhe dar nos nervos, uma combinação grosseira de mastigar e sugar. O cachorro era algo incômodo, sujo e fedorento, que constantemente a observava com seus olhos castanhos e conniventes. Ele não gostava nem confiava nela, o que era bom para Mira, porque o sentimento era mútuo.

Mira tentou pegar o doce da boca de Max. Ele avançou rosnando e latindo, ameaçando-a com frenesi.

— Ok, ok! Tudo bem! — ela gritou, afastando-se. — Fique com essa porcaria.

Max deitou-se e voltou ao que estava fazendo, mas manteve o olhar desconfiado em Mira. Ela também o olhava.

— Ele gosta de doces — disse Zoey, ao seu lado. Quando a garotinha se aproximou para acariciá-lo, ele nem sequer piscou, só ficou olhando e mastigando, enquanto Zoey esfregava suas orelhas.

— Já reparei. — Mira olhou pela janela. Estava ficando escuro, o que restava de luz se esvaía rapidamente. As sombras cresciam do lado de fora, consumindo cada vez mais daquela paisagem de subúrbio alagada. A ideia de passar a noite naquele lugar começava a ficar menos atrativa.

— As coisas que você usa — Zoey falou suavemente —, as que fazem

coisas especiais. O que elas são?

Mira a olhou.

— São coisas de um lugar chamado Terras Estranhas. A maioria das pessoas as chama de artefatos.

— Como você aprendeu a fazer essas coisas?

— Tive um professor — Mira respondeu. — Na Cidade da Meia-Noite. Mas a verdade é que sou boa nisso. É mais fácil para mim do que para as outras pessoas.

— Você foi muitas vezes para as Terras Estranhas?

Mira sorriu.

— Sim. Sou uma Bucaneira. — As palavras vinham fáceis; ela já estava muito acostumada a dizê-las. Mas não era mais totalmente verdade, era? — Eu costumava ser. Antes de... tudo acontecer. — Ela faria com que aquelas palavras voltassem a ser verdadeiras, disse a si mesma. Encontraria uma maneira.

— O que é uma Bucaneira? — perguntou Zoey.

— Alguém que viaja para as Terras Estranhas atrás de artefatos, para trocá-los aqui fora. Alguém que sabe como sobreviver por lá.

— Dá muito medo?

— Em parte, sim. Claro. — Mira sorriu. — O tempo e o espaço não são mais normais lá dentro.

— Por quê?

— Eu não sei... ninguém sabe. Não era assim antes de os Confederados chegarem, então só pode ter algo a ver com eles.

Já fazia quase um ano que ela estivera lá, mas as lembranças ainda eram vívidas. O ar nas Terras Estranhas era carregado, como se tivesse eletricidade estática, como se fosse denso e tangível. Os pelos dos braços de Mira se eriçaram ao pensar nisso.

Era um lugar perigoso, com certeza, mas também lindo e mágico à sua maneira. Os céus eram tomados por grandes nuvens de tempestade de antimatéria e raios faiscavam com luzes violeta, azuis e vermelhas. Pulsares que pareciam ter todas as cores pairavam sobre poços gravitacionais. Gêiseres lançavam jatos de matéria escura no ar. Esferas de quark flutuavam no ar e

mudavam de uma complicada forma geométrica para outra a cada segundo, com regularidade...

— É bonito — disse Zoey, ao seu lado.

Levou um instante para que as palavras fossem absorvidas. Quando isso ocorreu, Mira olhou para a garotinha.

— O que é bonito, Zoey?

— As Terras Estranhas. As cores, as luzes... até as tempestades são bonitas.

— Mas você não esteve lá — disse Mira, cuidadosa.

— Não. Eu vi através de você.

Mira olhou para Zoey. Ela se virou para Max, como se não tivesse dito nada de mais. Zoey viu através dela? A garota podia ver o que se passava na mente de Mira? Mira sentiu um frio na espinha. Pela primeira vez, olhou temerosa para a garotinha.

Quem realmente ela era?

HOLT DESABOU SOBRE o telhado da drogaria, mal evitando bater o rosto no chão. Talvez não tenha sido uma boa ideia deslizar pelo cabo, ele pensou, tirando a mochila do fio. Ao menos não teria o mesmo problema para subir, embora isso significasse que teria de escalar até o hotel.

Ele examinou rapidamente a superfície do telhado. Estava em pior estado do que os outros em que estivera, cheio de rachaduras e o reboco desmoronando.

Próximo a um canto da parte de trás, havia um enorme buraco onde o acúmulo da água da chuva tinha aberto passagem.

Holt foi até lá com passos cuidadosos, sentindo a superfície esponjosa do teto se deformando sob seus pés. Parecia inevitável que tudo aquilo desmoronasse, mas o telhado aguentou quando ele se aproximou do buraco e espiou.

A luz se esvaía rapidamente à sua volta e estava tudo escuro do lado de dentro. Ele pegou uma lanterna do cinto e apontou para baixo.

As vigas de metal que sustentavam o teto estavam logo abaixo, enferrujadas e velhas, mas ainda pareciam sólidas. Holt segurou a lanterna com a boca e desceu pelo buraco. Seus pés tocaram uma viga e ele a ouviu ranger com o seu

peso. Mas, assim como o telhado, ela suportou.

Do alto das vigas, apontando a lanterna para o espaço abaixo, ele tinha uma boa visão do que sobrara da loja.

O andar de baixo estava tão inundado quanto parecia do lado de fora: provavelmente um metro e meio da mesma água escura. As antigas fileiras de prateleiras, que se estendiam de cima a baixo por toda a loja, estavam alagadas até a metade. E Holt avistou exatamente o que procurava.

As prateleiras acima da água ainda mantinham o estoque intocado, cintilando, apesar de toda a poeira sobre o papel laminado colorido dos pacotes do Mundo Anterior.

Ninguém estivera ali para saquear. Aquilo era um verdadeiro tesouro! Holt sorriu com cobiça.

— VOCÊ ESTÁ PREOCUPADA — disse Zoey. — Dá pra notar.

Ela estava certa: Mira estava preocupada. Zoey havia, de alguma forma, extraído imagens direto da mente dela.

— Eu não entendo como você faz essas coisas, Zoey — disse Mira. — Acho que sou do tipo de pessoa que precisa saber como as coisas funcionam.

— Eu não sei como funciona. Só sei que funciona. E eu não posso escolher quando vai acontecer ou não.

— Você tem alguma nova... lembrança? Desde que a encontramos? Lembranças de como você ficou assim?

— Lembranças, mesmo, não. Mas imagens, às vezes.

— Imagens?

— Imagens na minha cabeça. De coisas que vi ou lugares em que estive. Pelo menos acho que é isso.

— Que tipos de imagem, Zoey?

— Corredores de metal preto para cima e para baixo, e não para os lados. Luzes brilhantes. E... outras pessoas. Pessoas mais velhas. Meio que dormindo. — A voz de Zoey estava baixa, difícil de escutar. — Não gosto de pensar nas imagens. Elas me assustam.

Corredores de metal preto? Pessoas mais velhas dormindo? Para Mira,

aquilo era sinal de que Zoey estivera dentro de um Parlamento, que tinha visto até a situação da população adulta da Terra. Mas será que ela queria dizer dormindo mesmo? Ou mortos?

— Mira, como é que as coisas das Terras Estranhas funcionam? — perguntou Zoey, mudando abruptamente de assunto.

— Bem... — Mira organizou os pensamentos. A criação de artefatos não era uma coisa fácil de explicar. — As coisas das Terras Estranhas, como lápis, moedas ou relógios, quando trazidas aqui para fora, passam a ter propriedades estranhas. E quanto mais longe você vai, mais fortes elas ficam. Os artefatos mais poderosos são chamados de “artefatos principais” e são encontrados próximo ao centro. A coisa mais interessante é que os artefatos secundários podem ser combinados e transformados em outros mais fortes, com diferentes funções. Quer ver?

— Quero! — exclamou Zoey, entusiasmada. A menina até parou de acariciar Max. Mira sorriu e pegou a mochila.

HOLT SALTOU DE UMA VIGA para outra, a água tóxica a uns três metros abaixo dele. As vigas rangiam a cada salto, mas o metal ainda era forte. A primeira coisa que ele precisava fazer era encontrar outra mochila, porque a dele já estava quase cheia. Ele precisava de outro lugar para colocar a pilhagem que pensava em levar dali.

Encontrou uma prateleira com várias mochilas para crianças num dos corredores. A parte da frente era decorada com personagens de desenhos animados, em cores vibrantes, mas as mochilas serviriam bem ao seu propósito. Ele pegou uma azul.

As prateleiras do canto da loja estavam cheias de remédios e produtos farmacêuticos. Ele encheu a mochila nova com antissépticos, analgésicos e ataduras. Artigos de primeiros socorros eram os mais procurados no mundo atual.

Dali ele se dirigiu para os artigos de higiene pessoal. Holt se pendurou pelos joelhos na viga, mal alcançando o topo das prateleiras. Pegou pasta de dentes, desodorante, sabonete, produtos de limpeza, tudo que poderia ser negociado por

um bom preço.

Sua nova mochila azul se encheu de tesouros rapidamente e Holt teve que se conter para não encher mais uma. Estava quase totalmente escuro do lado de fora e ele precisava voltar ao quarto do hotel antes que a noite caísse. O perigo atribuído às Planícies Alagadas parecia exagero até então... e isso o incomodava. Ele tinha a sensação de que aquele lugar não tinha mostrado ainda seus verdadeiros perigos.

Mas Holt estava interessado em algo da parte da frente da loja, algo específico, e ele precisava chegar lá antes de pensar numa maneira de sair dali.

Ele saltou sobre mais duas vigas e se sentou diante da parede frontal da loja, olhando para as prateleiras atrás do que era o balcão dos caixas. A caixa registradora estava ali, provavelmente cheia de dinheiro que agora era inútil. Cartazes de refrigerantes, pretzels e sorvetes mal se aguentavam nas janelas escurecidas, artigos de propaganda que mal eram lembrados agora.

Holt parou de olhar os cartazes. Mais cicatrizes. Mais lembranças do que havia no passado...

Ele analisou a parte da frente da loja, iluminando-a de um lado a outro. Se bem se lembrava, era ali que costumavam guardar. Ele olhou as prateleiras, item por item... e encontrou o que estava procurando.

Rádios AM/FM, ainda dentro da embalagem empoeirada.

Holt deu um sorriso largo. Seu rádio tinha quebrado uns meses antes e ele procurava um substituto desde então. Mas rádios que funcionavam eram cada vez mais valiosos. E ali estava ele, com uma prateleira cheia.

Ele devia levar dois ou três extras para trocar. A sobrevivência exigia isso.

Mas antes que Holt os alcançasse, ele viu algo nas prateleiras menores da frente do caixa. Pacotes coloridos de doces e balas de todos os tipos, cintilando sob a viga. Havia balas de mastigar para Max. Chiclete. E outras coisas também. Uma delas estava bem à mão, em embalagens de plástico.

Cupcakes da marca Hostess.

Holt se lembrou das palavras de Mira, lembrou-se da sensação da cabeça dela em seu colo, a maciez do seu cabelo. Aqueles sentimentos ainda lhe provocavam frustração... mas não tanto quanto antes.

Os cupcakes estavam mais fáceis de alcançar do que os rádios, e Holt quase por instinto se pendurou para pegar dois pacotes. A mochila nova estava quase cheia agora, então ele colocou um na nova, outro em sua antiga companheira.

Que mal havia?, ele pensou. Talvez isso deixasse a garota mais cooperativa. Além do mais, ela certamente iria sorrir quando os visse, o que também não era ruim.

Holt foi até os rádios, a última coisa de que precisava. Ele se pendurou nas vigas novamente, esticando-se até eles.

Quando seus dedos roçaram na beirada das caixas, ele notou algo ao longo da parede à sua frente, e apontou a lanterna em sua boca para lá.

A parede tinha marcas compridas e estranhas, que iam de cima a baixo. Estavam agrupadas em cinco. E a cerca da mesma distância que a dos dedos de uma mão humana.

Holt percebeu que não era coincidência. Eram marcas de arranhões. Humanas. Ele apontou o facho de luz para a parede em todas as direções e pôde ver que ela estava coberta de arranhões profundos, de um canto ao outro da parede de gesso.

Holt olhou para todas as marcas reveladas pela luz... e sentiu o estômago se contrair.

19. DESERTADOS

MIRA SENTOU-SE NO CHÃO, de frente para Zoey e Max. O cachorro tinha quase terminado sua bala puxa-puxa e, em resultado do alto consumo de açúcar, deixava Mira fazer o que quisesse.

Mira tinha várias coisas de sua mochila espalhadas à sua frente. Duas moedas embrulhadas em pedaços de plástico, um ímã pequeno, um pedaço de fio de cobre enrolado em forma de anel e um rolo de fita adesiva.

Zoey observou um a um os artefatos, curiosa e confusa ao mesmo tempo.

— É preciso três tipos de artefato para fazer uma combinação básica — Mira começou a explicar. — Primeiro você precisa de uma fonte de energia, que sempre são duas moedas das Terras Estranhas do mesmo valor. Quanto maior o valor, maior o poder do artefato. As moedas também determinam a "polaridade" da combinação de artefatos. A polaridade é "positiva" quando elas estão com o mesmo lado para fora, e "negativa" quando os lados são diferentes. Está entendendo?

Zoey olhou para ela com as sobrancelhas franzidas. Era óbvio que ela não entendia. Mira insistiu, tentando simplificar a linguagem.

— Em segundo lugar, você precisa do que chamamos de Essência. A Essência define o efeito principal do artefato. E, em terceiro lugar, um Focalizador, que é o efeito que essa Essência provoca. Neste caso... — Mira apontou para os artefatos da sua mochila —, as moedinhas são a fonte de energia, o que significa que este será um artefato de baixo poder, e nós as colocaremos na polaridade negativa. O ímã será a Essência. O efeito dos ímãs com um único Focalizador tem a ver com a gravidade. — Mira colocou a primeira moeda com a coroa voltada para fora, junto do ímã. Depois colocou o fio de cobre. — O fio de cobre é o Focalizador, que vai canalizar a Essência num

círculo.

Mira colocou a última moeda do outro lado do objeto, com a cara voltada para fora.

— Como as moedas estão alinhadas em posição negativa, qual você acha que será o efeito gerado pela Essência sobre a gravidade?

Zoey observou os artefatos, alinhados lado a lado, prontos para serem amarrados juntos. Mira se perguntava até que ponto Zoey era, se é que era, mais inteligente do que as outras crianças da idade dela. Não havia dúvida de que a garota tinha poderes, e a cada dia ela os demonstrava mais, mas a inteligência aguçada seria um deles?

— Ele... diminui a gravidade? — ela perguntou, um pouco incerta.

Mira sorriu.

— É isso mesmo. Se estivessem alinhadas positivamente, ele aumentaria a gravidade. — Então ela era mesmo inteligente. Interessante...

Mira prendeu os objetos com a fita adesiva. O ar ao redor do artefato tremulou e zumbiu com a Interfusão, a fusão de vários artefatos numa única combinação. Então, o zumbido parou...

Zoey olhou ansiosa para o pequeno embulho no chão do velho quarto de hotel. Inicialmente, nada aconteceu.

E então, o artefato começou a girar lentamente no chão.

Ele girou e girou, num círculo lento e preguiçoso. Depois girou mais rápido. E mais rápido. E mais rápido. E finalmente... se elevou no ar e flutuou cada vez mais alto.

Zoey bateu palmas. Max parou de mastigar, erguendo a cabeça para olhar o artefato flutuante. Ele ganiu ao vê-lo.

O artefato continuou girando, e subindo, até que bateu no teto. E continuou girando lá em cima, tentando atravessar o teto. Zoey olhava maravilhada.

Mira sorriu, vendo a garotinha contemplando a combinação simples de artefatos que ela tinha feito girar incessantemente no teto. A primeira vez que Mira vira um artefato fazendo algo como aquilo ela tinha provavelmente a idade de Zoey. Aquela visão a deixara encantada e ela quis aprender tudo sobre as Terras Estranhas e os artefatos que as pessoas traziam de lá.

Ela soube naquele momento que queria ser uma Bucaneira.

Os artefatos eram as coisas mais próximas que o mundo tinha da magia. Por muito tempo, Mira pensara que eles eram a chave para tudo, objetos de possibilidades ilimitadas. Talvez servissem para bloquear a Estática, talvez até para expulsar os Confederados. Coisas que aconteceram com ela, coisas recentes, tinham-na deixado em dúvida. Mas ainda ficava feliz em ver Zoey tão absorta.

— Você gostaria de ter um artefato, Zoey?

— Sim! — respondeu a menina.

Mira tirou de sob a gola da blusa sua coleção de colares, por volta de meia dúzia de cordões. Um deles era uma corrente de ouro com dois pequenos dados de cobre pendurados. Mira o examinou, sombria. Ela não pensava naquele colar, ou no que ele representava, havia algum tempo, apesar de usá-lo todos os dias. Não tinha certeza se era por escolha ou por instinto. Rapidamente o colocou de volta, sob a blusa; e olhou para dois outros colares, cada um com uma minúscula bússola presa à corrente, como um amuleto. Mira tirou um do pescoço e o deu a Zoey. A menina o olhou de maneira estranha. Aquilo, obviamente, não era o que ela esperava.

— Estas pequenas bússolas são artefatos — explicou Mira. — E elas estão ligadas. Em vez de apontarem para o norte... sempre apontam uma para a outra, não importa quanto estejam distantes.

Mira olhou para Zoey com expectativa, enquanto a garotinha colocava o colar no pescoço.

— Olhe para a sua bússola — pediu Mira, segurando a dela para que Zoey a visse. Zoey fez a mesma coisa.

Foi como Mira tinha dito. As agulhas das bússolas apontavam diretamente uma para a outra. Mira e Zoey sorriram.

— Agora, estaremos ligadas para sempre — disse Zoey.

— Sim — concordou Mira. — Para sempre.

De repente ouviram um barulho vindo de uma das paredes.

Um som estranho, que Mira não reconheceu instantaneamente. Ela, Zoey e Max se viraram para a parede e a fitaram com atenção.

E ouviram novamente, uma vibração longa e contínua que descia pela parede.

Era como... alguém arranhando algo. Do outro lado da parede. Como se alguém estivesse escavando algo com os dedos, arranhando lentamente de cima a baixo.

O som era de movimento... e estava claro que vinha de algo inteligente.

Max largou o doce e se levantou. Soltou um rosnado do fundo da garganta e o pelo de suas costas se eriçou.

— Mira... — chamou Zoey, puxando a outra mais para perto.

Havia algo na escuridão do quarto ao lado. E, o que quer que fosse, estava acordando.

HOLT OLHOU PARA OS ARRANHÕES de cima a baixo na parede à sua frente. Do lado de fora, a luz do sol havia desaparecido quase completamente. Era noite, e dentro da drogaria estava tudo na mais completa escuridão.

Ele só podia ver o que sua fraca lanterna lhe mostrava, e não era muito. Conforme a escuridão aumentava, Holt se dava conta da distância que havia entre ele e o buraco no teto.

A água se agitou abaixo dele.

Holt apontou a luz para lá. O líquido escuro ondulava, para a frente e para trás, como se algo tivesse acabado de passar por ela.

Ou se movesse dentro dela.

Um som de água espirrando do lado direito. Ele apontou a lanterna, mas, novamente, não havia nada. Apenas sombras e água negra.

Alguma coisa estava no escuro com ele. Subitamente, sentiu uma enorme vontade de se afastar dali.

Ele se esticou até os rádios e pegou um rapidamente. Não havia tempo para pegar mais; ele já havia se demorado muito. Em sua ganância, havia ignorado o instinto de sobrevivência e se colocado em perigo. Sentiu a raiva chegando, mas a afastou. Não havia tempo para isso.

Holt se apressou para voltar à viga e se preparou para saltar de volta... quando parou, dando-se conta de que havia esquecido algo.

Pilhas. Para o rádio.

Ele olhou para as prateleiras atrás do balcão. As pilhas estavam na mesma estante, na prateleira de baixo.

Mais barulho de água espirrando... mas agora vindo de várias direções. As sombras pulsavam e estremeciam mais abaixo, e dessa vez, quando ele apontou a luz, vislumbrou o vulto de algo alto e escuro se aproximando de uma das estantes.

Holt estremeceu de medo.

A mochila azul cheia de tesouros caiu de sua mão, acertou a caixa registradora e deslizou pelo balcão.

Holt olhou para ela. Não estava completamente fora de alcance... Ele poderia pular no balcão, que provavelmente o aguentaria. E então poderia...

Mais água espirrando, agora em toda volta dele. Holt viu formas escuras elevando-se lentamente da penumbra, por toda a loja. Ele tinha a sensação de que, se não saísse agora, não sairia nunca. A mochila não valia o risco.

— Droga... — resmungou, frustrado, olhando para a mochila.

Mas não precisava ser perda total.

Holt retornou de joelhos até a ponta da viga do teto enferrujado. Se esticou até uma embalagem de pilhas e a pegou...

... justamente quando um vulto escuro de forma humana avançou sobre ele da escuridão, sibilando e balbuciando em alguma língua maluca.

Holt se encolheu, flexionou as pernas e balançou o corpo para voltar à viga. A sombra passou por ele e bateu na parede, fazendo com que o rádio e as pilhas voassem para todos os lados.

A lanterna caiu da boca de Holt, diretamente na água. Tudo escureceu.

Mas Holt não tinha tempo para se preocupar. Outros vultos escuros se moviam abaixo, saindo da água, dezenas e dezenas deles.

Ele precisava sair. Agora.

Enfiou as pilhas e o rádio na antiga mochila e saltou de viga em viga o mais rápido que pôde.

Aquelas coisas abaixo dele faziam sons estranhos, sibilando e borbulhando enquanto se aproximavam.

Acima de Holt estava a primeira viga que ele pisara e, acima dela, o buraco para voltar ao telhado. Duas daquelas coisas, o que quer que fossem, arrastavam-se com suas garras em sua direção.

Sem a lanterna, elas eram apenas vultos negros e turvos, mas ele não precisava vê-las para saber que o queriam morto.

Holt saltou para a última viga, aterrissou e pegou sua pistola, uma Beretta 9, e deu três tiros rápidos.

O primeiro vulto recebeu os três tiros, contorceu-se loucamente e caiu, estatelando-se sobre as prateleiras abaixo.

Holt apontou para a segunda coisa que se arrastava em sua direção, mas era tarde demais.

Ela saltou sobre ele, e Holt sentiu o seu cheiro. Ele quase vomitou com a forte combinação do fedor de plantas e carnes podres, óleo, suor e fosse lá o que mais havia naquelas águas negras.

Mas não foi o cheiro daquela coisa, por pior que fosse, que chocou Holt. Nem mesmo a visão do rosto humano ensandecido, escuro e com a pele grossa como couro, a boca sem metade dos dentes. Foram os olhos, afundados no crânio.

Eles eram absurdamente brancos. O oposto dos olhos negros dos Sucumbidos.

A mão da criatura, com suas unhas compridas e recurvadas, tentou pegar Holt pelo pescoço.

Holt bateu a cabeça com força contra o rosto da criatura.

Ela sibilou e gemeu, soltando-o cambaleante. Holt a chutou para trás, o mais forte que pôde. A coisa caiu sobre outros dois vultos tremulantes mais abaixo.

Holt recuperou o fôlego e ficou de joelhos. Mais vultos subiam pela parede para alcançá-lo. Todos os outros se arrastavam atrás. Estavam o tempo todo escondidos sob a água. A imagem dos olhos brancos estava impressa em sua mente.

Não podia ser...

Mas Holt sabia que era. Ele sabia agora o que estivera na água com ele, sabia que criaturas tinham feito da cidade em ruínas seu lar, sabia a razão pela

qual ninguém que entrava nas Planícies Alagadas retornava.

Ele saltou desesperado e agarrou a borda do telhado pelo buraco e se alçou para cima. Precisava chegar rapidamente até as garotas, tinha de tirá-las dali. Se já não estivessem mortas...

MIRA OLHAVA DE OLHOS ARREGALADOS para a parede. Os arranhões haviam se intensificado. Não eram apenas altos, pareciam vir de mais de um lugar.

Mais arranhões, dessa vez da parede oposta.

Mira prendeu a respiração. Vinham dos dois lados agora.

— Mira... — Zoey, apavorada, tentava puxar mais ar para os pulmões.

Mira precisava tirá-los dali rapidamente.

— Zoey, docinho, me solte só um instante — pediu Mira, afastando a menina. — Vou abrir a janela. Quando eu abrir...

O barulho de garras novamente, agora de um lugar diferente. A porta para o corredor.

Zoey se agarrou à perna de Mira. Max latia, alto e com agressividade, olhando para a porta, pronto para saltar sobre o que a atravessasse. O som ecoou pelo quarto, e Mira fez uma careta. Se aquelas coisas não sabiam que eles estavam ali antes, agora sabiam.

Mira se levantou, foi até a janela, segurou-a e levantou com força.

Ela se moveu uns três centímetros, talvez... e então emperrou.

— Ah, só pode ser brincadeira... — resmungou.

Por que ela tinha aberto por fora e agora não queria abrir? Mira a puxou para cima com toda a força. A janela se mexeu, por mais uns três centímetros, e só. Parecia ainda mais emperrada do que antes.

A maçaneta da porta do outro lado do quarto começou a girar. Alguma coisa tentava abri-la. A porta estava trancada, mas quem sabia o que o tempo havia feito com a fechadura; ela provavelmente estaria prestes a se desintegrar.

Mira olhou em volta, buscando algo que pudesse usar para quebrar o vidro. Havia uma cadeira em pedaços, em frente a uma mesa arruinada. Ela pegou o maior pedaço que pôde encontrar e o girou no ar.

— Para trás! — avisou a Zoey, lançando a perna da cadeira na janela.

O vidro se estilhaçou e se espalhou por toda parte. Ela usou a cadeira para quebrar o resto da vidraça. O vidro quebrado cobria o chão como gelo picado.

Não era a solução mais elegante, mas...

Zoey gritou quando um vulto escuro surgiu na janela. Mira levantou a cadeira para se defender.

Era Holt.

Mira suspirou, aliviada.

— Tem uma coisa... — ela tentou explicar, desesperada.

— Desertados — disse Holt, interrompendo-a.

Mira sentiu um pavor frio tomá-la por dentro ao ouvir aquela palavra.

A Estática transformava a maioria dos que a ouvia em Sucumbidos, escravos acéfalos dos Confederados. Mas, para alguns, os efeitos eram inesperados. Havia os Imunes: pessoas como Holt, que não eram dominadas pela Estática.

E havia os Desertados. Pessoas que não sucumbiam à Estática, mas se tornavam totalmente insanas, reduzidas a monstruosidades animalescas, de uma violência atroz. Eles eram atraídos uns para os outros por algum motivo, e viviam em grupos por várias regiões do mundo. Ao menos era o que diziam. Poucos os viram e sobreviveram para contar.

— Vo... você tem certeza? — ela perguntou, sem querer acreditar.

A porta em frente se escancarou de repente. Duas figuras humanoides de olhar desvairado irromperam no quarto, os olhos completamente brancos. A pele das criaturas era negra e tinha textura de couro; o corpo, coberto de cortes e arranhões. O que restara de suas roupas pendia em farrapos imundos, os cabelos estavam selvagens e emaranhados. Elas gemiam como loucas, aproximando-se do grupo com os dedos em garra.

Holt pegou a escopeta e atirou contra as duas figuras, que voaram longe, caindo no corredor.

— É isso aí! — ele exclamou. — Zoey, venha cá!

A menina se jogou em seus braços e ele a passou cautelosamente pela janela quebrada.

— Por que você simplesmente não abriu a janela? — ele perguntou a Mira.

Ela o olhou com raiva.

— Eu tentei, mas...

Holt a pegou e a puxou através da janela, seguida rapidamente por Max.

Atrás deles, mais figuras negras enlouquecidas entravam pela porta, sibilando e gemendo.

Os quatro não esperaram. Correram para a escada de incêndio. Os degraus sacudiam e rangiam enquanto escalavam, e Mira podia senti-los partindo perigosamente a cada passo.

Abaixo deles, mais criaturas saltavam pela janela. A escada sacudiu e balançou, soltando-se da parede de tijolos.

Eles chegaram ao telhado. Holt correu na frente, mas Mira estancou.

— Holt! — ela gritou. O topo da escada estava preso ao telhado por parafusos grandes e enferrujados que mal se aguentavam. Eles sacudiram e se desprenderam quando os Desertados chegaram ao pé da escada.

Mira chutou a ponta da escada de incêndio. Ela se separou da parede. Mas só um pouco.

Ela chutou novamente.

— Holt!

Ele entendeu o que ela queria e voltou correndo até ela. Os dois chutaram juntos a escada de incêndio, soltando-a da parede. Quando a parte de cima se desprendeu, vários suportes da parte de baixo também se soltaram, fazendo com que a escada se afastasse completamente do prédio. Argamassa e gesso voaram para todo lado. Houve um rangido quando o metal enferrujado entortou e desabou de vez, num frenesi de escombros retorcidos.

Os Desertados guincharam quando toda a estrutura desmoronou, espalhando água negra para todo lado.

Eles estavam a salvo. Por enquanto.

— Isso pode ser mais fácil do que pensei — disse Holt, sorrindo. Mira também sorriu.

Eles correram para a outra extremidade do telhado do hotel, onde Zoey e Max estavam parados, imóveis, olhando ao longe. Quando chegaram lá, Mira viu por quê. O hotel tinha vista para toda a cidade inundada, centenas de edifícios iluminados como fantasmas pela luz da lua.

E em cada edifício, vultos se moviam. Saindo pelas janelas, subindo pelas paredes, nadando por aquela água repugnante. Centenas deles, em todas as direções. Silvos e resmungos preenchiam o ar ao redor, enquanto os Desertados gritavam com suas vozes insanas e sem sentido.

E todos eles seguiam para o hotel, desesperados para alcançá-los, ansiosos para rasgá-los com suas unhas recurvadas.

— Pensando bem... acho que não — disse Mira, instintivamente se aproximando de Holt. Ele colocou o braço em volta dela. Os quatro olharam aterrorizados para a onda de insanidade mortífera que se aproximava de todos os lados na escuridão.

20. RESGATE INTEMPESTIVO

HOLT OLHAVA PARA O ENXAME DE VULTOS ESCUROS abaixo, centenas (talvez milhares) de figuras humanas que entravam e subiam nos edifícios inundados, lançando-se na direção deles sob a claridade da lua.

— O que vamos fazer? — Mira se agarrou a ele com força, a voz tensa.

O Tavern Inn era a estrutura mais alta das ruínas, o que significava que os telhados da maioria dos edifícios estavam muito abaixo para saltarem sobre eles. Só havia um perto o bastante, um prédio de escritórios antigo. Dali teriam mais chance de escapar.

Mas escapar parecia quase impossível agora. Os Desertados estavam por toda a parte. Não importava em que direção seguissem, eles iriam atrás.

— Temos de continuar em frente — disse Holt, apesar das circunstâncias. — Se pararmos, vamos morrer... eles vão nos alcançar.

Ele foi até a beira do telhado e olhou para o prédio de escritórios ao lado. Estava, talvez, a uns três metros abaixo, e a um metro e oitenta de distância. Eles poderiam conseguir. Talvez.

— Não temos mais a ponte — disse Mira.

— Não ia dar tempo de usar, se tivéssemos. — Holt olhou para Zoey e a pegou no colo, colocando-a nas costas. Ela pôs os braços em volta do pescoço dele. — Eu pego a Zoey, você pega o Max.

Lá embaixo, os vultos se agitavam e gorgolejavam, aproximando-se do hotel. Eles começaram a escalar as paredes pelos lados. Outra centena estava bem atrás deles.

— Não vou carregar o cachorro! — gritou Mira.

Max olhou para ela e rosnou em resposta, demonstrando sentir o mesmo.

— Você tem que pegar o Max! — gritou Zoey.

Holt deu alguns passos para trás, olhou para a beira do telhado à frente e respirou fundo.

— Eu não vou pegar o cachorro! — Mira insistiu.

— Tenho certeza de que vocês dois vão dar um jeito — disse Holt, quase sorrindo. — Feche os olhos, neném.

Zoey obedeceu.

Holt correu até a beirada e saltou o mais longe que conseguiu.

Ele se lançou no vazio, as pernas balançando no ar. Via o chão inundado abaixo e os vultos se contorcendo.

E então bateu com tudo no telhado. Os joelhos quase se dobraram, mas ele conseguiu se manter de pé, derrapando no cascalho até parar. Assim que se equilibrou, colocou Zoey rapidamente no chão.

— Tudo bem aí? — ele perguntou.

A menina abriu a boca para responder... e gritou para algo atrás de Holt.

Holt se virou, sacou o rifle e atirou.

Dois Desertados levaram tiros no peito, contorceram-se e caíram do telhado. Holt avistou um terceiro, escalando o telhado pelo canto, apontou, atirou, errou, mas as balas ricochetearam ali perto. As mãos da coisa humana escorregaram da borda e ela caiu gorgolejando nas águas.

Mira e Max aterrissaram atrás dele. Max não era um cachorro pequeno, tinha quase metade do tamanho de Mira. Ele esperneava nos braços dela, rosnando e tentando abocanhá-la.

Holt a segurou antes que ela caísse de cara no chão.

— Tire essa coisa nojenta de perto de mim! — ela gritou.

Max pulou do colo dela, latindo para a garota furiosamente.

Ela o encarou.

— É a última vez que te ajudo! — gritou.

— Acho que ele está começando a gostar de você — disse Holt.

Atrás deles, as paredes do velho hotel estavam cobertas por Desertados: vultos negros e sujos se arrastando como aranhas gigantes.

Precisavam se apressar.

Holt correu para a beirada do telhado, analisando os edifícios ao redor,

buscando opções, qualquer coisa que pudesse...

Outros dois Desertados, com insanos olhos brancos sem vida, apareceram na frente deles, escalando um dos cantos, sibilando.

Holt atirou e os derrubou. Mas viu as mãos de outros, agarrando a beira do telhado para subir.

Ele se virou para trás e correu para o outro lado do prédio. Mira, Zoey e Max o seguiram. Estavam quase lá quando mais mãos apareceram, alçando seus imundos donos não humanos até o telhado.

Três Desertados correram enlouquecidos na direção deles, guinchando e sibilando.

Holt atirou, errou dois tiros, mas acertou um dos selvagens... e então ouviu o clique indicando que a arma estava descarregada.

— Para trás! — ele gritou. — Para trás, cheguem para trás! — Num movimento fluido, ele recolocou o rifle no ombro, pegou a escopeta e atirou.

O tiro acertou um dos ensandecidos.

O outro o alcançou antes que ele pudesse atirar novamente, jogando-o no chão. Zoey gritou; Mira a segurou.

Max rosnou e saltou sobre a coisa com todo o seu peso. O cachorro o tirou de cima de Holt e a coisa guinchou quando Max mordeu-lhe o braço, sacudindo-o.

Holt levantou-se rápido, virou a escopeta ao contrário, segurou a arma como um bastão de beisebol e golpeou.

O cabo de madeira acertou com força a cabeça da criatura. Ela caiu no chão, desacordada, ou morta. Qualquer das alternativas estava bom para Holt.

Max continuou atacando a coisa.

— Max! Venha cá! — gritou Holt, indo até...

Os Desertados invadiam cada prédio em ruínas visível à volta deles. Mercearias, postos de gasolina, lojas de bebidas, floriculturas... eles estavam em toda a parte, grunhindo e gorgolejando alto no ar da noite. O som era inacreditável.

Havia outros escalando o telhado do prédio onde eles estavam. Um ataque sem fim de criaturas subindo ansiosas para chegar aos quatro sobreviventes.

Não havia para onde ir. Eles estavam cercados.

Holt olhou desesperado ao redor e viu próximo a eles quatro aparelhos de ar-condicionado, grandes e enferrujados.

— Ali! — ele gritou, correndo para o que restara dos equipamentos. Estavam velhos e em mau estado, mas ainda eram grandes e pesados; serviriam para lhes dar cobertura. Por um tempo.

Holt jogou outros dois Desertados no chão enquanto corria, mas outros chegavam.

Max e as garotas seguiram Holt. Quando alcançaram os aparelhos, abaixaram-se atrás deles.

Holt largou a escopeta, pegou o rifle e começou a recarregá-lo.

Mira pegou a arma e Holt jogou para ela a munição. Ela começou a encher o tambor.

— Nós... — Mira virou-se para Zoey antes de terminar a frase, a menina olhava para os dois assustada.

— Estamos encrencados, não estamos? — Ela sabia que estavam muito mais do que encrencados.

Holt também sabia disso, sabia o que ela queria dizer.

— É — ele concordou. — Estamos na maior encrenca.

Eles se entreolharam, enquanto carregavam as armas, o som de milhares de gritos enlouquecidos, incompreensíveis, ecoando dos prédios em volta. Mais e mais Desertados escalavam o telhado, dezenas deles, e logo seriam centenas. Eles poderiam aguentar alguns minutos com as armas, mas ficariam sem munição muito antes de os Desertados desistirem de atacar loucamente.

Eles iriam morrer. Era simples assim.

— Mira, desculpe, eu... — começou Holt, mas a voz falhou. Por que era tão difícil? — Desculpe... eu te coloquei nisso.

Mira sorriu.

— Tecnicamente, você poderia dizer que fui eu que coloquei você nisso.

Holt quase riu. Ele gostava de Mira. Mais do que deveria. Uma parte dele queria dizer isso a ela. Agora, principalmente. Mas... mesmo chegando ao final daquela situação, as palavras pareciam desnecessárias.

Os Desertados subiam no telhado e corriam para eles, gemendo e balbuciando.

Holt pegou a escopeta da mão de Mira e agarrou o rifle. Max rosnou, ansioso. Mira puxou Zoey para o seu lado.

— Mira — Zoey resmungou aconchegada em seu peito. — Eles nos acharam.

— Shhh, querida — ela disse, sem tirar os olhos de Holt. — Eu sei. Feche os olhos.

Holt apontou o rifle por cima do ar-condicionado e ficou de tocaia. Inúmeros Desertados se aproximavam, outros tantos subiam a cada segundo. Deus, eles tinham talvez mais um minuto de vida. Talvez dois, se sua pontaria estivesse boa. Seu dedo estava tenso no gatilho.

— Eu não estou falando dos homens horríveis — disse Zoey. — Eles.

Holt se preparou para atirar...

... e se encolheu violentamente quando a primeira saraivada de tiros de plasma passou por eles, incendiando o ar e incinerando uma dúzia de Desertados.

Holt rapidamente se abaixou atrás do aparelho enferrujado, os olhos arregalados.

Mais tiros de plasma cortaram a noite, iluminando tudo em tom de amarelo. Dizimando os Desertados sobre o prédio, incinerando os que subiam pelas paredes, derrubando todos do edifício.

Holt observava em choque enquanto os Desertados eram ceifados por todos os lados pelos jatos de luz amarelos.

Levou um instante para que ele entendesse o que aquilo significava.

Zoey estava certa. Eles os haviam encontrado. Os Confederados estavam ali, de alguma forma os haviam rastreado ao longo das Planícies Alagadas.

Holt ficou de pé e olhou na direção da extremidade do telhado. No escuro, sob a luz da lua, iluminado pelos jatos dos canhões de plasma, Holt podia ver dez caminhantes Confederados.

Eles ocupavam posições estratégicas pelos telhados de toda a cidade, ao longo do perímetro.

E eram diferentes de tudo que Holt já tinha visto.

Eram trípodes, com três pernas, talvez com uns dois metros de altura, flexíveis, ágeis, e... o que era mais surpreendente, eram verdes e laranja!

Se ele não tivesse visto com os próprios olhos, não teria acreditado. Quantas facções diferentes havia entre os Confederados? E por que diabos estavam todos atrás de Zoey?

Ele olhou para Mira. Ela também o olhou, chocada.

— Eu tenho uma regra muito clara para situações como esta — ele disse. — Nunca recuse um resgate.

— É bem parecida com a minha — Mira respondeu.

Eles se prepararam para sair dali, enquanto os jatos amarelos incendiavam o ar ao redor, destruindo tudo que acertavam. Holt nunca tinha ficado tão feliz ao ver tiros de plasma.

21. OS CAÇADORES

O TOPO DO PRÉDIO DE ESCRITÓRIOS estava um caos. Um grande número de Desertados invadia o telhado, mas eram partidos ao meio pelos jatos de plasma. As explosões tremeluziam por toda parte e Holt viu a drogaria que pilhara ardendo em chamas.

Os Desertados se dividiam entre os que continuavam perseguindo a presa e os que atacavam os estranhos caminhantes verdes e laranja, uma ameaça potencialmente muito maior.

Holt estava contente com a confusão.

Ele olhou por sobre o telhado, para as ruínas alagadas, e viu que estavam nos limites da cidade. Entre eles e a planície alagada existiam apenas alguns prédios, e a água parecia rasa do outro lado.

Se conseguissem chegar lá, talvez tivessem uma chance. Mas saltar entre os prédios não era mais uma opção. Eles precisavam de um meio mais rápido.

Mira gritou e protegeu Zoey quando um jato de plasma incinerou dois Desertados perto delas. Mais jatos amarelos acertavam o telhado ao lado delas, por pouco não acertando as duas.

Se eles não saíssem rapidamente do meio daquele ataque, teriam sorte se se juntassem aos Sucumbidos nos Parlamentos. Era mais provável que morressem todos.

Holt viu algo sobre um prédio próximo. As letras desbotadas de uma estação de rádio, KCLE, inundada até a metade pelas águas da enchente. Na parte de cima havia uma torre de rádio gigantesca e enferrujada.

Enquanto olhava, um plano começou a se formar. Um plano bem louco. Mas era tudo o que ele tinha.

— Precisamos alcançar aquela torre — ele avisou, e se abaixou rapidamente

quando jatos de plasma passaram raspando.

— Não conseguiremos dar nem dois passos ali! — gritou Mira. Ela se encolheu ao ouvir as explosões a distância. Holt acertou dois Desertados que se aproximavam dos aparelhos de ar-condicionado.

— Tem alguma outra ideia? — ele perguntou para Mira enquanto recarregava a escopeta. — Vai ser só mais um prédio.

Mira pensou por um instante.

— Talvez — ela disse, finalmente, buscando algo na mochila. — Mas me dê um tempo.

— Vamos ver o que posso fazer — ele se levantou, ainda protegido pelos aparelhos de ar-condicionado. — Zoey, fique abaixada! — ele gritou, ao vê-la tentar espiar por cima dos aparelhos como ele.

Sua arma disparou e derrubou dois Desertados que se aproximavam. Ele atirou novamente e um terceiro caiu.

As criaturas estavam se ajustando ao ataque dos Confederados. Ele os viu surgindo de todos os lados, dos edifícios ao redor, aproximando-se rapidamente com seus insanos gorgolejos.

Eles perseguiam os caminhantes.

Dez Confederados com canhões de plasma contra milhares de psicopatas. Parecia justo para Holt. Se ele tivesse sorte, iriam matar uns aos outros.

Mas os Desertados não tinham se esquecido totalmente deles ainda. Holt viu mais quatro selvagens acelerando em sua direção, gritando alto, os cabelos emaranhados esvoaçando ao vento.

Holt derrubou outros dois antes que o rifle ficasse sem munição.

Então o recolocou no ombro e pegou a pistola. Ao fazer isso, estalou a língua e assoviou.

Max latiu ao ouvir o comando e atacou os dois Desertados enquanto Holt calmamente ejetou um pente de balas, pegou outro e o encaixou na arma.

Max saltou sobre um deles, jogando-o no chão. O outro guinchou e se virou para o cachorro...

Mas Holt cravou uma bala entre os olhos dele, que caiu morto no chão.

Holt colocou dois dedos na boca e assoviou alto.

Relutante, Max deixou o Desertado e correu de volta para Holt. A criatura saltou atrás do cachorro, guinchando e assoviando... e cambaleou para trás quando Holt atirou contra ele.

Max conseguiu voltar, abanando o rabo, a língua para fora.

— Bom trabalho, garoto! — disse Holt.

— O Max é corajoso! — disse Zoey, aproximando-se para acariciá-lo. O cachorro lambeu o rosto dela.

Mais explosões, mais tiros de plasma, mais gritos...

Holt olhou para Mira.

— Mira, o que está fazendo?

— Me concentrando — ela respondeu, irritada.

Ela estava combinando itens da mochila. Duas moedas, uma bola de gude e outra combinação que já tinha preparada, que parecia conter mais moedas, uma pilha D e uma velha tampa de garrafa. Ela colocou as moedas em cada extremidade, cara para fora, a seguir prendeu tudo rapidamente com fita adesiva.

Um chiado, um leve brilho... e o ar ao redor se iluminou por uma esfera de luz cintilante. Mas apenas por um segundo, e ela se foi.

— Melhor se apressar — ela disse, olhando para Holt. — Só tenho algumas moedas sobrando e não vão durar muito tempo.

Holt não sabia direito o que ela queria dizer, mas não precisava de muitas explicações naquele momento.

— Zoey — Holt apontou as costas para a menina, que subiu e segurou com firmeza. Ele olhou para Mira. — Não se preocupe com Max, ele vai saltar por conta própria.

Mira encarou Holt com frieza.

— Ele vai saltar por conta própria? Então por que eu tive que carregá-lo da outra vez?

— Porque achei que seria divertido? — ele disse, sorrindo e correndo para a beira do telhado com Zoey. Ele assoviou três vezes e Max disparou atrás dele.

Mira fuzilou os três com o olhar... depois se apressou para segui-los.

Enquanto corriam pelo telhado, um novo som se sobrepôs aos resmungos das centenas de Desertados. Sons estranhos e distorcidos, como de trombetas,

vinham de todas as direções. Os caminhantes posicionados em torno das ruínas alagadas os tinham localizado.

Enquanto Holt corria, viu com terror que os estranhos caminhantes os perseguiam, aproximando-se rapidamente, com agilidade e velocidade, de telhado em telhado. Nem mesmo os Louva-a-deus podiam se mover tão rápido e com tanta precisão. Eles estariam ali em questão de segundos.

Os Desertados mais próximos soltavam assovios horríveis, também se aproximando rapidamente. Holt os via chegar cada vez mais perto.

— Mira! — ele gritou, preocupado. O que ela ia fazer?

— Continue correndo! — ela gritou.

Os Desertados perseguiam Holt... e então trombaram com violência, caindo para trás, ao irem de encontro com algum campo de força invisível. O artefato de Mira, fosse o que fosse, estava funcionando.

Holt acelerou, alcançou a beirada do telhado e saltou para o outro lado. Zoey gritou de alegria em suas costas quando eles aterrissaram com tudo nas ruínas da estação de rádio.

Max aterrissou próximo a eles, seguido por Mira, que ainda olhava para ele.

Mas antes que ela pudesse dizer algo, alguma coisa se chocou contra seu campo de força. Não era um dos Desertados, nem um jato de plasma. Era alguma outra coisa.

Algum tipo de rede metálica tinha caído a poucos metros.

Um dos trípodes verde e laranja se aproximava rapidamente do vão entre os prédios. Outra rede foi lançada de seu corpo e explodiu contra eles.

Ela acertou o escudo e ricocheteou para longe, inofensiva como a primeira. O caminhante fez um som de trombeta, irritado, e recarregou.

Holt e Mira olharam um para o outro. Os dois sabiam que as redes eram para Zoey.

Eles dispararam para a torre de rádio numa louca corrida. Tiros de plasma atravessavam o ar cintilando, lampejos giratórios de luz amarela. Os jatos explodiam contra o escudo, brilhando intensamente, espalhando faíscas por toda parte. Jato após jato os acertavam enquanto corriam... até que o campo de força por fim se dissipou com um lampejo. O ar ao redor cintilou mais uma vez antes

que ele desaparecesse completamente.

Eles se abaixaram por trás dos suportes da imensa torre de rádio enquanto mais tiros de plasma tentavam atingi-los. A torre se elevava na direção do céu noturno. Estava velha e enferrujada e um pouco inclinada para a direita, mas ainda de pé.

Holt espiou pelos espaços entre os metais da torre.

Ele tinha uma boa vista da cidade submersa. Os Desertados brotavam dos prédios: vultos enlouquecidos, furiosos, correndo pela noite, vindos de todas as direções. Fáceis de ver, os caminhantes também se aproximavam. Mas eles agora estavam lutando contra os humanos ensandecidos.

Sozinhos, os Desertados não eram páreo para os canhões dos caminhantes. Porém mais e mais dessas criaturas se aproximavam, uma onda interminável de insanidade que não se importava com quantos haviam sido dizimados, mas estava apenas obsessivamente concentrada em alcançar os caminhantes para fazê-los aos pedaços com as próprias mãos. Ou ao menos tentar.

Eles se atracaram a uma das máquinas, diversos deles, e enfiaram suas garras, rasgando e dilacerando os cabos e ligamentos.

O trípode fez um som de trombeta, antes de tropeçar e cair. Mais Desertados subiram sobre ele, enterrando-o sob seu peso e imundície.

Dois ou três caminhantes não cometeram o erro de parar para lutar com os Desertados; continuaram atirando e avançando, saltando de telhado em telhado, direto para a torre de rádio.

Holt deduziu que chegariam até eles em segundos.

— Precisamos derrubar esta coisa — Holt disse para Mira, batendo levemente com o punho no grosso suporte da torre.

Mais tiros de plasma, mais assovios e resmungos.

Mira olhou para Holt, como se ele fosse louco.

— Derrubar? — ela disse, horrorizada. — É esse o seu plano? Derrubar a torre gigante de metal? Você reparou em como ela é grande?

— Achei que você tinha alguma maluquice das Terras Estranhas que...

— Bom, eu não tenho! Não ando por aí com um depósito de artefatos, Holt! Tem limite para o que eu posso fazer com...

Mais tiros de plasma acertaram a torre, salpicando faíscas por toda parte. Eles se abaixaram. Onde os jatos amarelos tocavam, o metal aquecia e cintilava em tom de branco, a seguir derretia e se desmanchava.

Holt olhou para a destruição, ideias pipocando em sua cabeça. Ele viu os caminhantes se aproximando.

Com uma careta, ele pôs o rifle e a escopeta nos ombros para pegar a pistola. Holt mirou entre as placas de metal do suporte da torre para o caminhante verde e laranja mais próximo... e atirou.

A bala ricocheteou na armadura da máquina, sem causar dano algum.

— O que está fazendo? — perguntou Mira, olhando para ele.

— Tentando irritá-los. — Holt sabia que o tiro não faria mal a um caminhante; ele só queria chamar sua atenção. E a julgar pela saraivada de tiros de plasma que o outro lançou em sua direção, deduziu que tinha conseguido.

Holt saltou e agarrou o suporte logo acima, impulsionando-se para cima e para dentro dele.

— Holt! — gritou Zoey.

— Eu já volto, fique pronta para entrar em ação!

Mais tiros de plasma faiscaram e cintilaram em volta dele, penetrando na torre, derretendo e incinerando tudo que acertavam.

Holt mal se desviou de dois jatos que quase arrancaram sua cabeça. Pelo canto dos olhos, ele viu o brilho bem visível da saraivada de tiros do canhão novamente.

Talvez, no fim das contas, essa não fosse uma boa ideia.

Mais jatos amarelos atingiram o metal à sua volta. Holt contornou a torre correndo, desviando-se dos tiros dos caminhantes. Mais e mais jatos de plasma cintilavam e crepitavam na estrutura.

A torre começou a ranger à medida que se enfraquecia. O metal estalou e se partiu. Seus parafusos velhos e enferrujados voando pelos ares como num tiroteio.

Na parte de baixo, quase em câmera lenta, Holt viu Max latindo furiosamente, e viu Mira saltar sobre Zoey, fazendo-a se abaixar e afastando-a dali.

A torre começou a estalar, a se soltar dos suportes e a arquear. Holt se lançou no ar quando tudo desmoronou sobre o chão alagado, fazendo um barulho ensurdecedor.

Holt caiu com força sobre o telhado, rolou e parou com um gemido.

A torre caída formava agora uma ponte sobre a água, que ia da estação de rádio até as águas rasas da outra extremidade da cidade inundada.

Ele se alegrou ao ver que Mira tinha entendido sua intenção e não estava perdendo tempo. Com Zoey nos braços, ela subiu na torre e correu quanto podia. Max corria à frente dela, latindo entusiasmado.

Atrás deles, uma das redes passou voando e errou por pouco. Os caminhantes estavam em seu rastro, saltando do telhado do edifício ao lado para a estação de rádio.

Assim como os Desertados. Os vultos ensandecidos corriam para a torre num enxame de garras, dentes e corpos imundos, sibilando atrás de Mira e Zoey.

— Rápido! — Holt corria atrás do grupo, atirando com a pistola na massa de Desertados até acabar com a munição, derrubando três ou quatro deles.

Outros continuavam vindo. Muitos deles. A queda da torre os havia atiçado como um enxame de abelhas; eles agora estavam por toda parte.

Holt viu o topo da cabeça de Mira desaparecendo por baixo da beirada do telhado e acelerou o passo.

Atrás dele, estampidos pesados se sucediam, sacudindo o telhado toda vez que o acertavam. Os sons se aproximavam cada vez mais.

Holt só teve tempo de olhar para trás e ver um trípode verde e laranja às suas costas. Ele fez o som de trombeta e espichou uma perna mecânica. Holt se jogou, caiu no telhado e rolou.

De perto, viu mais detalhes do caminhante. Suas três pernas pontudas tinham articulação tripla, a fuselagem da parte de cima era arredondada e polida. Era um Caçador, deduziu Holt. Provavelmente projetado especialmente para se mover com velocidade e rastrear, e tinha feito bem o seu trabalho. O caminhante saltou sobre ele.

Ele pegou a escopeta e tentou se virar para pegar seu...

O caminhante bateu na arma, que deslizou pelo cascalho. Holt mal se

esquivou de uma das pernas quando aquela coisa apitou, perfurando o telhado onde um segundo antes ele estivera de pé.

Ele se desviou novamente, saltou para pegar a arma, agarrou-a, rolou pelo chão e mirou.

O caminhante apitou com raiva e se lançou para a frente.

A escopeta estava completamente carregada e Holt descarregou toda a munição no “olho” tríplice da coisa. Era o menor caminhante Confederado que ele já tinha visto, e ele torceu para conseguir avariá-lo.

Cada tiro lançava a coisa para trás numa nuvem de faíscas, estremecendo todo o telhado... e então o fogo se alastrou sobre ele num arco violento, iluminando o ar da noite. O caminhante desabou soltando um gemido de força se esvaindo e engrenagens falhando.

Holt soltou um suspiro e se levantou. Já fazia uma semana que...

Ele fechou os olhos quando um ofuscante campo de energia dourada e tremulante brotou da máquina verde e laranja destruída.

Holt se afastou, a luz era intensa demais. Sua cabeça estava cheia de estática, como tinha acontecido na nave caída em que encontrara Zoey havia alguns dias. Ele cobriu as orelhas com as mãos, andando para trás, sem conseguir ouvir ou enxergar.

Gritos penetrantes preenchiam o ar a toda a volta. Aquilo devia ter o mesmo efeito nos Desertados.

O campo de energia se elevou no ar, contorcendo-se e adquirindo uma forma cristalina, de geometria praticamente impossível. Com isso, a estática na cabeça de Holt diminuiu e o clarão se dissipou.

Mais jatos de plasma acertaram o telhado à sua volta. Outros dois caminhantes corriam para ele.

Holt ignorou a luz dourada e correu direto para a torre destruída. Se ele ao menos conseguisse alcançar...

Atrás dele, outro toque de trombeta de um dos caminhantes. Os Desertados o atacavam, inúmeros deles, escalando-o e rasgando-o com as garras. A coisa soltou o som de trombeta novamente, mais alto e com raiva.

Holt conseguiu o tempo de que precisava. Alcançou a torre caída e desceu

por ela até o terreno inundado. À sua frente, viu que Mira, Zoey e Max já haviam conseguido e corriam noite adentro.

Atrás dele, os Desertados continuavam a se empilhar sobre o caminhante verde e laranja. Havia muitos; a coisa não podia mais se mover, nem se manter de pé.

Ele caiu para o lado... pelo beiral do telhado, tombando com um toque distorcido de trombeta que parecia de medo. Caiu nas profundezas escuras, esparramando uma enorme quantidade de água para todo lado.

Ele explodiu num clarão crepitante de energia. Fogo saía pelos orifícios do caminhante. Holt parou, observando chocado quando uma substância negra e carbonizada, parecida com ferrugem, formou-se na superfície do caminhante, cobrindo-o em questão de segundos e transformando-o numa massa metálica disforme. A máquina estremeceu algumas vezes, contorceu-se... e então parou, congelada como uma estátua negra e enferrujada na água.

Agora fazia sentido. A ferrugem negra surgia quando as máquinas eram destruídas pela água e, quando isso acontecia, nenhuma energia dourada saía deles. Isso era importante, Holt tinha certeza... mas ele não sabia bem por quê.

Holt olhou novamente para a cidade em ruínas. Os Desertados estavam se aproximando, acelerando na direção deles, uma massa de insanidade e unhas recurvadas.

Os caminhantes que ainda restavam estavam ocupados, seus jatos de plasma cintilando por todo lado, incinerando os ensandecidos, lançando-os ao chão. Mas para cada um que eles acertavam, outros cinco tomavam o seu lugar.

Holt observou por mais um momento o caos absurdo, e então desceu correndo pela torre caída, desviando quanto podia dos buracos e do metal torcido. Ele pulou na água e correu para os vultos de Mira, Zoey e Max, que o aguardavam mais à frente. Eles iam conseguir... sobreviveriam às Planícies Alagadas.

Atrás deles, as ruínas da cidade alagada queimavam, iluminando a noite e tingindo-a de sombras negras e alaranjadas. Gritos e assovios eletrônicos sem sentido preenchiam o ar muito depois de terem deixado as chamas para trás.

22. PESADELOS

UM HOLT MAIS JOVEM, sua irmã, Emily, e sua mãe atravessavam a porta da casa de fazenda às escuras e se agachavam, enquanto o rugido dos motores crescia em ritmo febril do lado de fora. Pelas janelas, Holt viu as luzes das estranhas naves no céu colorindo o chão conforme sobrevoavam. Uma delas iluminou a casa, clareando as janelas.

A mãe de Holt arquejou, puxou os filhos contra a parede e Holt fechou os olhos com força, quando os motores roncaram acima deles. Ele sentiu Emily tremendo ao seu lado e ouviu os sussurros da mãe, dizendo que tudo ficaria bem.

Os holofotes se apagaram, o gemido das máquinas misericordiosamente começando a diminuir.

Os três arriscaram olhar pela janela. O céu da noite estava cheio de luzes brilhantes das estranhas máquinas. Aquela visão deixou Holt sem fôlego. Ele nunca poderia imaginar que veria tantas naves no céu ao mesmo tempo. O chão do lado de fora estava sendo destruído pelos tiros de canhões, jatos de luzes amarelas que incineravam tudo abaixo deles. Da janela, Holt viu duas casas em chamas.

Eles haviam conseguido chegar a essa casa de fazenda abandonada depois de uma corrida frenética de carro desde o Forte Connor, antes que acabasse o combustível e eles ficassem encalhados numa estrada deserta. No entanto, não ficaram sozinhos por muito tempo. Vultos se moviam no céu.

Luzes piscantes, como as de aviões, cortavam o horizonte em velocidades e ângulos impossíveis. Fachos de luz amarela saíam delas, estendendo-se até o chão. Onde quer que acertassem, fogo desabrochava à distância.

E elas se aproximavam. Centenas delas. Milhares, talvez, voando pelo ar, os jatos de luz amarela golpeando tudo. Chamas subiam de onde acertavam,

seguidas pelos sons de explosões, um contínuo retumbar de estalos e batidas.

Eles tinham corrido em pânico, o ronco dos estranhos motores rugindo alto atrás deles, até que Emily vira a casa e eles correram para lá, conseguindo entrar um momento antes de as máquinas sobrevoarem zumbindo.

Agora essas coisas estavam explodindo cada casa da região. Eles viam a destruição pela janela enquanto acontecia. Mas por que tinham poupado justamente a casa em que estavam? Eles tinham certeza: a luz os havia iluminado por um minuto inteiro. Holt não sabia a resposta.

Holt, Emily e a mãe andaram pela casa até encontrar a cozinha. A mãe de Holt o colocou sobre a bancada. Emily molhou uns trapos e passou no rosto dele, limpando as marcas de lágrimas e a sujeira. Ele tolerou a limpeza sem reclamar.

A mãe ligou uma pequena TV sobre a bancada e a sintonizou num canal de notícias. A imagem não era boa, estava trêmula e chuviscada e entrava e saía do ar, mas Holt pôde ler uma chamada que corria no topo da tela.

AMÉRICA DO NORTE INVADIDA.

Enquanto as imagens surgiam na tela do aparelho sem som, Holt tentava ler as notícias que rolavam abaixo.

ESTAMOS SEM CONTATO COM WASHINGTON, MIAMI, HOUSTON, DENVER, BISMARCK, PHOENIX, LOS ANGELES, SAN FRANCISCO…

NÃO ESTÁ CLARO SE OUTROS PAÍSES ESTÃO SENDO ATACADOS. NÃO HÁ COMUNICAÇÃO ENTRE OS CONTINENTES...

NOVA YORK EM CHAMAS...

RELATOS NÃO CONFIRMADOS DE QUE O PRESIDENTE GISONDI FOI RETIRADO DA CASA BRANCA E LEVADO PARA UM LOCAL SECRETO...

A IDENTIDADE DOS INVASORES AINDA É DESCONHECIDA, MAS PARECEM POSSUIR TECNOLOGIA AVANÇADA E UM MAIOR CONTINGENTE...

UM NÚMERO CRESCENTE DE ESPECIALISTAS ACREDITA QUE A INVASÃO POSSA SER DE ORIGEM ALIENÍGENA...

Então era isso.

Origem alienígena. O mundo tinha parado sob o peso daquela ideia. Mesmo sendo jovem, mesmo que não tivesse como confirmar isso, Holt sabia que eles estavam certos. Não podia ser outra coisa. As nuvens brilhantes, a enorme forma escura cravada em Denver, as aeronaves que se moviam em velocidades

impossíveis, os jatos de luz amarela...

De repente, ouviu-se do lado de fora um estampido baixo. Profundo e poderoso.

Eles ficaram imediatamente em alerta. Os pelos dos braços de Holt se arrepiaram. O que poderia fazer um som como aquele...?

Outros dois estampidos, um pouco mais altos. E mais três, mais altos, mais próximos. Os pratos do armário da cozinha sacudiam assustadoramente a cada impacto.

Os estampidos se repetiam de três em três, e começavam a parecer com alguém... andando. Algo grande. E mecânico.

Um pensamento ocorreu a Holt: talvez as aeronaves não tivessem destruído a casa de propósito. Talvez soubessem que não estava abandonada. Talvez, o que quer que houvesse lá fora... estivera atrás deles.

As passadas estavam mais próximas, mais altas e mais profundas. Fosse o que fosse, era enorme.

A mãe do garoto pegou as crianças e correu para a sala. Havia uma escada que levava para os quartos e eles a subiram rapidamente, espiando por uma janela do andar de cima.

Do lado de fora as sombras se moviam.

Formas gigantes marchavam pelos campos atrás da casa. Estavam muito longe para serem vistas claramente, mas se aproximavam.

A respiração da mulher se acelerou de medo. Ela viu um alçapão no teto, segurou a corda e puxou para abri-lo. A escada para o sótão desceu e eles viram a escuridão da parte de cima.

Os passos estavam mais próximos.

Chiados e assovios estranhos vinham do lado de fora. De um lado e de outro, de diversas direções. Os sons eram eletrônicos e distorcidos e só serviam para deixá-los mais assustados.

No andar de baixo, as janelas explodiram. A porta da frente se escancarou quando algo a atravessou. Emily gritou.

A mãe não olhou; empurrou o filho e a filha para o sótão o mais rápido que pôde. Quando os dois estavam lá dentro, ela os mandou se esconder em algum

lugar nos fundos, fora de vista.

Emily gritou alto, implorou à mãe para que não os deixasse, mas ela insistiu para que chegassem para trás e se escondessem.

Holt olhou da irmã para a mãe, inseguro. Mais barulho vindo de baixo. Algo grande e poderoso revistava tudo no andar de baixo.

A mãe tinha dito que tudo ficaria bem. Ela disse que Emily tinha de ser forte por causa do irmão, tinha de tomar conta dele, disse que ela contava com isso. A garota pareceu compreender. Colocou os braços em volta de Holt e começou a puxá-lo para longe e para trás.

A mãe de Holt ficou olhando pelo tempo que pôde, enquanto eles desapareciam na escuridão. Bem depois, Holt ainda se lembrava do olhar da mãe, da forma como os olhos dela pareciam decorar cada detalhe dele antes que ela finalmente acenasse com a cabeça, sorrisse tristemente... e fechasse a porta do sótão.

Vindo de cima e dos lados, o som dos motores invadia a casa. Uma das naves a sobrevoava.

Passos das máquinas novamente. Mais altos, mais próximos.

Emily e Holt continuaram deslizando na escuridão até trombarem com a parede do fundo. Não havia mais para onde ir. Holt se sentou, encolhido, e Emily o abraçou.

Do lado de fora vinham outros sons. O som de alguém gritando. Holt não entendia as palavras, mas reconhecia a voz. Era sua mãe.

O estampido dos pés gigantes parou. Mais gritos se ouviram.

A casa inteira tremeu quando as explosões acertaram o chão. Emily suspirou e abraçou Holt com força quando o teto ameaçou desmoronar. Mais explosões, mais gritos e zumbidos mecânicos.

Eles ouviram a mãe gritar novamente, ouviram sua voz nervosa começar a ficar mais distante e frenética.

O que quer que estivesse lá fora, por mais horrível que fosse, a mãe tentava afastar. Ela os distraía.... e estava funcionando.

Os passos voltaram. Mais rápidos, mais pesados... rastejando atrás da mãe deles. O ronco do motor acima deles ficou mais alto por um momento e então

seu zumbido começou a se afastar.

Depois de um minuto ou dois, sons de mais explosões. Mas bem distantes agora, muito mais distantes. O que estivera lá fora, não retornaria.

Holt e Emily ficaram abraçados no escuro pelo resto da noite e pela maior parte da manhã antes de reunir coragem para pisar lá fora.

Quando saíram, a paisagem estava escura e esfumaçada até onde conseguiam enxergar. Casas e celeiros reduziam-se a ruínas chamuscadas sobre as colinas. E, o mais chocante, ao norte, havia algo desconhecido e horrível.

Uma forma negra e absurdamente colossal se elevava de onde antes ficava o centro de Denver. O que sobrara dos arranha-céus ardentes estava completamente ofuscado pela gigantesca estrutura. Parecia uma enorme torre negra e pontiaguda. Era tão alta que seu topo desaparecia nas nuvens carregadas de tempestade acima dela. Mesmo àquela distância, eles viram a luz que crepitava ao seu redor.

E, na parte de baixo, onde aquela coisa imensa encontrava o chão, linhas negras e tortuosas se estendiam dela até o horizonte, serpenteando para a torre de todas as direções. Holt instantaneamente soube o que eram: pessoas. Dezenas de milhares delas, centenas de milhares, todas, por uma inexplicável razão, marchando em direção àquela gigante e vil estrutura a distância.

Aquilo aterrorizou Holt. Parecia um sonho. Uma parte dele desejava acordar logo. Mas ele sabia que não ia acontecer, sabia que era real, por mais impossível que parecesse.

Não havia sinal da mãe. O que quer que tivesse acontecido, ela estava perdida. E eles também estavam. Perdidos e à deriva num mundo que não era nada como fora no dia anterior.

Agora eles só tinham um ao outro.

23. A VALSA

HOLT ACORDOU DO SONHO COM UM SOBRESSALTO e olhou ao redor, assustado, até se dar conta de que não estava mais lá, encolhido num canto daquele sótão escuro.

Com a constatação veio o alívio. E com o alívio, como sempre acontecia, veio a culpa. Holt afastou aqueles pensamentos, como sempre fazia.

Eles estavam acampados na floresta, a muitos quilômetros de distância das Planícies Alagadas. Ali, as árvores não eram tão numerosas como antes, e as estrelas cintilavam acima deles.

Tinham corrido quase sem parar após escaparem, o brilho vermelho das chamas refletindo nas nuvens acima, perseguindo-os até que o sol finalmente aparecesse.

E ainda assim eles continuaram correndo. Os estranhos caminhantes verdes e laranja pareciam estar perdendo a guerra contra a massa insondável de Desertados naquelas ruínas, mas não havia como ter certeza. Eles estavam na expectativa de que, a qualquer momento, os alienígenas apareceriam ali, em meio à vegetação rasteira, no encalço deles.

Quando não puderam mais seguir adiante, deixaram-se cair na clareira. O sol estava alto quando Holt, exausto, finalmente conseguira dormir. Agora era noite novamente, início da noite, pela posição da lua. Ele tinha dormido durante horas.

Holt estava deitado no saco de dormir, pensando. Os sonhos não eram tão vívidos havia anos. Ele tinha feito um bom trabalho enterrando aquelas emoções, mas a chegada de Mira e Zoey em sua vida tinha evidentemente mexido com ele. Agora os sonhos retornavam, e com eles, todos os sentimentos antigos. Mais uma razão para se livrar das duas, ele disse a si mesmo. Mas aquelas palavras começavam a parecer vazias.

Ele olhou para Mira, que dormia enroscada na mochila de forma protetora. Seus cabelos vermelhos brilhavam como cobre sob a luz trêmula do fogo do acampamento.

— Você teve aquele sonho de novo, Holt? — uma voz doce perguntou, do outro lado. Holt se virou.

Zoey estava sentada de pernas cruzadas ao lado do fogo, comendo jujubas de um pequeno pote. Max estava sentado diante dela, a cauda batendo no chão como um metrônomo, de olho em cada movimento de Zoey. Para cada jujuba que ela colocava na boca, ele gania baixinho.

Holt havia percebido que Zoey era quase tão louca por doces quanto Max, e ele tinha lhe entregado o pote um pouco antes de adormecer. Ele se perguntou se ela e Max estavam comendo aquilo desde então. Ele não se surpreenderia.

A menina atirou para Max uma jujuba verde. Ele a abocanhou no ar e engoliu praticamente inteira. A cauda retomou sua batida.

— Eu dou as verdes para o Max — disse Zoey. — Não gosto das verdes.

— Manda uma vermelha — disse Holt em voz baixa, para não acordar Mira. — Ou uma rosa.

Zoey fez uma careta, mas atirou uma de cada. Ele as mastigou lentamente, saboreando a doçura levemente ácida. E então Holt se lembrou da pergunta de Zoey.

— O que você me perguntou? — Talvez ele não tivesse ouvido bem.

— Perguntei se você teve aquele sonho de novo. Você parece ter sempre. Acho que tem a ver com a invasão. E com uma garota. Sempre a mesma garota. — Zoey deu a Max outra bala verde.

Holt a olhou espantado.

— Como é que você sabe disso?

Zoey deu de ombros.

— É só o que eu vejo. Eu vejo muitas coisas.

Holt continuou observando a menina, sem saber o que responder. Ele a cada dia tinha mais certeza de que Zoey não representava perigo; nenhum dos “poderes” que ela exibira até então poderia fazer mal a ele, a Mira ou a Max.

Mas havia a ameaça constante dos Confederados.

Três facções diferentes (de que eles tinham conhecimento, ao menos) estavam atrás dela. Holt entendia agora por que os Confederados temiam a água. Ele tinha visto com os próprios olhos o efeito que ela exercia sobre eles, a ferrugem negra inexplicável que os consumia se as máquinas quebrassem em contato com ela. E, ainda assim, aqueles caminhantes tinham perseguido Zoey até as Planícies Alagadas, uma paisagem inundada por água.

A habilidade da menina para sentir as coisas era importante. Como era essa nova habilidade de ler a mente das pessoas próximas, ainda que de modo limitado. Mas aquilo era suficiente para gerar uma perseguição tão obsessiva por parte dos Confederados? Era o suficiente para justificar uma massiva tropa vermelha no vale do rio Mississípi havia dois dias?

Holt sabia que não, e era o que realmente o incomodava. Isso significava que ele não sabia tudo que Zoey podia fazer. Significava que havia mais surpresas a caminho. E Holt não gostava de surpresas.

Ele pegou a mochila, abriu e tirou o rádio que tinha conseguido pegar na drogaria. Ele ainda lamentava a perda daquela outra mochila azul, cheia de tesouros de valor incalculável, mas tentava não pensar naquilo.

— Quem é a garota do seu sonho, Holt? — Zoey perguntou.

Holt ficou tenso.

— Zoey, eu não gosto de falar sobre isso.

Ele colocou as pilhas no rádio e o ligou. Só ouviu estática, então mudou de estação, buscando algum sinal.

— Por que não?

— Porque não e pronto — ele disse, com firmeza, tentando se fazer entender. E era verdade. Com exceção de uma outra pessoa, ele nunca tinha falado sobre Emily com ninguém. E não tinha intenção de abandonar aquele costume naquela noite.

— Aquelas coisas horríveis de metal a levaram?

— Zoey...

— O nome dela era Emily?

— Zoey! — ele gritou, lançando um olhar fulminante para a menina. Ouvir o nome de Emily era como levar um tapa na cara. Os olhos da menina o

alfinetavam.

Do outro lado do acampamento, Mira se esticou, mas não acordou.

Holt suspirou, desapontado consigo mesmo. Zoey era só uma garotinha, no final das contas. Uma garotinha que via os demônios pessoais dele da primeira fila, mas ainda assim uma criança. Ela não sabia ser diferente.

Quando Holt a fitou novamente, os olhos dela estavam cheios de tristeza, e a mágoa que havia neles deixou Holt baqueado. Ele sentiu muita vergonha de repente; não tinha intenção de ser tão enérgico.

— Zoey, eu não... — ele começou, levantando-se.

— Eu sinto quanto dói em você, Holt — ela disse. Aquelas palavras o paralisaram. — Você esconde isso, bem lá no fundo, mas ainda está aí. Você nunca deixa isso melhorar.

Zoey verbalizou a observação com o mesmo nível de confusão que sentiria se tivesse perguntado por que ele não removia uma faca enfiada no peito. Holt a olhava sem saber direito o que dizer.

— Por que você não deixa isso melhorar, Holt? — ela perguntou, com sua voz doce.

Era uma pergunta sobre o qual Holt raramente se permitia refletir. Principalmente porque ele não gostava da resposta.

— Porque, Zoey — ele começou lentamente, a voz quase tão baixa quanto os estalidos da fogueira —, eu teria de sentir tudo aquilo de novo. E eu não acho que tenha forças para isso.

A tristeza e a dor aos poucos se dissiparam do rosto de Zoey.

— Talvez porque você esteja sozinho há muito tempo.

Quando Zoey olhou para Holt, olhou dentro dele, abaixo da superfície. Num mundo do qual ele havia deixado muito poucas pessoas se aproximar, esse tipo de olhar era raro. Talvez a intimidade que sentia ao lado de Zoey fosse causada meramente pelos seus estranhos poderes, sua inexplicável capacidade de saber o que ele sentia... mas aquilo fazia com que fosse menos real?

O rádio em suas mãos ganhou vida de repente. O sinal não estava forte, e estava cheio de estática, mas havia sinal. Holt deixou Zoey de lado e o sintonizou o melhor que conseguiu.

Música clássica, intercalada por espaços de estática, preencheu a clareira.

O som de centenas de instrumentos de corda flutuou ao redor deles como pedaços de ar. Holt viu os olhos de Zoey se arregalarem ao ouvir aquilo. Ela provavelmente nunca tinha ouvido música, Holt deduziu. Afinal de contas, aquilo agora era uma relíquia, uma reminiscência estranha e esquecida do Mundo Anterior.

— O que é isso? — uma voz rouca perguntou do outro lado do fogo. Mira estava acordada, olhando para ele com seus olhos verdes contaminados com os tentáculos negros que não paravam de crescer.

— Uma rádio rebelde — ele explicou. — Está meio longe, por isso a estática... mas estamos conseguindo sintonizar.

Vários sobreviventes mantinham rádios rebeldes por toda a América do Norte, transmitindo uma variedade de conteúdo relacionado basicamente à rebelião. Alguns deles tinham conseguido ativar as velhas torres de rádio espalhadas pelas ruínas urbanas, mas a maioria era móvel. Transmissores menores, construídos às pressas por pessoas que tinham habilidade com aparelhos eletrônicos. Eles tinham um alcance limitado, mas o que lhes faltava em potência era compensado pela facilidade de transportá-los e evitar que as naves dos Confederados rastreassem seu sinal. Obviamente, Holt sabia que deveria ser fácil para os Confederados encontrá-los, se quisessem. A verdade é que eles provavelmente não se importavam.

— Eu conheço essa! — Mira saiu do saco de dormir e se sentou, ouvindo atentamente. — “In the Fen Country”, de Vaughan Williams. — As notas continuaram a pulsar e a envolvê-los, flutuando e crescendo em sua guerra contra a estática do sinal fraco. — Meu pai adorava Vaughan Williams, ele tocava essa sempre.

— Como ele era? — perguntou Zoey. Holt observava as duas. Max tinha desistido de tentar ganhar mais jujubas, e estava deitado aos pés de Zoey, deixando-a acariciar sua cabeça. Holt se perguntava se Zoey poderia sentir as emoções que Mira estava sentindo agora.

— Eu tinha apenas 10 anos quando os Confederados chegaram. É terrível ver quanto as lembranças se apagam rápido. — Embora aqueles pensamentos a

fizessem sorrir, seus olhos não perderam a expressão sombria. — Eu me agarrei a... flashes dele, apenas imagens, sério: ele fazendo panquecas, ou escrevendo, ou cuidando do jardim. Ele costumava me sentar em seu colo no carro e me deixava fingir que estava dirigindo. Minha mãe odiava isso... acho que ela achava perigoso, mas eu sempre me sentia segura com ele. Acho que ela também se sentia. Quando a Estática o dominou, dominou os dois, eles simplesmente... me abandonaram. Me deixaram e foram embora.

Holt olhou ao longe ao ouvir aquela última frase. Pelo canto do olho, ele viu Zoey desviar o olhar de Mira para ele.

— Nunca nenhum dos dois tinha me deixado sozinha daquele jeito — Mira continuou. — Foi como se quem eles eram tivesse morrido.

Holt olhou para Mira e ela para ele. Os dois mantiveram o olhar, ambos compreendendo o que se passava entre eles. Se ele não estava ligado a Mira antes... agora estava. Holt sentiu a frustração crescer. Como é que ele ia fazer o que precisava fazer? A sobrevivência exigia isso, mas...

Mira o olhou com tristeza, como se pudesse perceber os sentimentos dele tão bem quanto Zoey.

A música cresceu num turbilhão de emoção e som, culminando no ar ao redor deles. E então ela retroagiu, enfraqueceu e terminou. Holt e Mira ainda estavam se olhando quando a voz do DJ da estação de rádio emergiu em meio à estática.

— O Carinha Críptico, da Rádio Críptica, transmitindo quando e de onde puder... — A voz de um menino bem jovem do outro lado, a sabe-se lá quantos quilômetros de lugar nenhum. — A caminho da Cidade da Meia-Noite esta semana e, se você está ouvindo isso, aposto que também está seguindo pelo mesmo caminho. Talvez nossos passos se cruzem, e nossas jornadas se entrelacem, irmãos e irmãs. E esse foi outro clássico da coleção superlimitada de músicas da Rádio Críptica. Temos mais canções a caminho, praticamente as mesmas da última hora, mas depois disso, vamos às últimas notícias saídas da Boca do Povo. Mas, como sempre dizemos, nunca acredite em tudo o que ouve por aí. Quanto mais distante da verdade, mais distante da História.

Zoey se levantou e foi até Mira, sentando-se em seu colo. Mira sorriu e

passou os dedos pelos cabelos da menina. Max se aproximou e se deitou ao lado de Holt, o queixo entre as patas, e Holt coçou as orelhas dele.

— Continuo recebendo relatos, de sobreviventes e negociantes do sul, de que a oeste das ruínas de Chicago há uma grande atividade estranha dos Confederados.

Incrível, mas aquilo era verdade. Holt e Mira trocaram olhares novamente enquanto a voz continuava.

— Uns garotos disseram ter visto não apenas números massivos de caminhantes comuns... mas também alguns pintados de vermelho vivo. Sim, se eu não tivesse ouvido uma enorme quantidade de relatos iguais a esses, eu também não acreditaria, mas este DJ não para de ouvir por aí a mesma porcaria. Para piorar, a maioria dos relatos afirma que esses vermelhos não se dão muito bem com os caminhantes locais. Ei! Se tivermos sorte, talvez eles destruam uns aos outros! Uma coisa é certa. Algo errado está acontecendo na terra dos Confederados e todos que ouvirem isto estão avisados para se manterem longe dos arredores do Parlamento de Chicago por enquanto. Eu encontraria uma rota alternativa ou simplesmente me sentaria quieto em algum lugar até que tudo passasse. Seja lá o que for.

— Não brinca — disse Mira. Zoey olhou para ela.

— Agora uma boa notícia! — continuou a voz. — O Carinha Críptico aqui está de olho numa nova coleção de CDs. Eu sei, eu sei, sempre digo isso, mas dessa vez a fonte parece confiável. E se dermos sorte poderemos ouvir algo além dos clássicos... não que haja algo errado com eles. Eu adoro instrumentos de corda. Lembrem-se, fiquem alertas, continuem vivos, façam o que for preciso para sobreviver. Carinha Críptico desligando.

O sinal se encheu de estática quando a voz desapareceu. E então outra música saiu dos auto-falantes. Clássica novamente, e mais antiga dessa vez, num ritmo muito específico, com repetições de três acordes.

Holt sorriu, reconhecendo-a.

— É uma valsa! — ele disse.

— O que é valsa? — Zoey perguntou.

— É uma música antiga para dançar — ele explicou. — Tem um certo

ritmo, você consegue perceber?

A música pulsava e avançava em três acordes. Zoey ouvia com atenção.

— Um-dois-três, um-dois-três, um-dois-três, ouviu?

Zoey balançou a cabeça afirmativamente, sorrindo e se recostando ainda mais nos braços de Mira.

— Minha mãe era dançarina antes de conhecer o meu pai. — Holt abraçou os joelhos. — Ela ensinou a mim e a minha irmã a dançar valsa uma vez. Nós éramos pequenos, ficávamos sobre os pés dela e ela fazia os movimentos da dança.

— O que é uma dança? — Zoey perguntou.

A pergunta pegou Holt de surpresa. Ele então se deu conta de que, se Zoey nunca tinha ouvido música, não tinha como saber o que era dança.

A música continuava a tocar. Já fazia um bom tempo, talvez anos, desde que ele ouvira uma, e isso fez com que Holt sorrisse. As dificuldades dos últimos dias, a dor nos músculos, a exaustão... tudo parecia distante.

Holt pegou a mochila e a abriu. Ele vasculhou um dos bolsos até encontrar o que estava procurando; depois se levantou e esticou a outra mão para Zoey.

— Venha, vou te mostrar.

O sorriso de Zoey era imenso quando ela se levantou e pegou a mão de Holt.

— Suba nos meus pés.

— Isso não vai te machucar?

Mira riu e se reclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos para olhar.

Zoey colocou o pé direito em cima do esquerdo de Holt, depois o esquerdo em cima do direito. Holt lhe deu uma das coisas que tinha tirado da mochila. Uma simples pedra negra que havia sido polida até ficar lisa e cintilante. Ela se encaixava perfeitamente na mãozinha de Zoey. Holt segurava outra pedra exatamente igual.

— É importante se lembrar qual é o seu lado direito — ele continuou. — Porque você sempre começa pela direita e pode ser difícil se lembrar se você estiver pensando nos seus pés. Então, se segurar alguma coisa na mão direita com bastante força, você não vai se esquecer. Faz sentido?

Zoey concordou, colocou a pedra na palma da mão e a apertou.

— Está bem, então — Holt pegou as mãos dela. — Lá vamos nós.

Ele esperou algumas notas... e então deu um passo para a direita.

— Um-dois-três, um-dois-três — ele disse, enquanto valsava pelo acampamento em três movimentos, carregando Zoey sobre seus pés. A garota ria enquanto se moviam e giravam, contornando a fogueira crepitante enquanto a música, fora de sintonia, irradiava do rádio.

Enquanto eles giravam, Holt continuou percebendo o olhar de Mira, observando-o. Na escuridão do fogo que se apagava, ele não podia ver os dedos negros da Estática nos olhos dela, via apenas o suave verde-esmeralda.

No final das contas, talvez ela fosse bonita, ele pensou. Dessa vez, seu lado racional não tentou atrapalhar.

Holt e Zoey deram mais algumas voltas ao redor do fogo. Depois a menina fixou nos dele os olhos azuis cheios de entusiasmo.

— Dance com a Mira agora, Holt! — ela pediu.

Mira riu do outro lado do acampamento.

— Holt não vai querer isso. Eu quebraria os dedos dele.

Holt olhou para Mira, que ainda estava apoiada nos cotovelos, os cabelos vermelhos roçando de leve nos ombros. Ele viu a pergunta em seus olhos verdes... e soube que se perguntava a mesma coisa: ele realmente queria isso? Seria cruzar uma linha, com certeza, uma linha perigosa para ambos. Só iria complicar as coisas. E a vida dele se baseava na simplicidade, em manter as coisas em perspectiva.

Mas, ao longo dos últimos dias, Holt havia deixado sua vontade de lado quando se tratava dela. Ele ouvia cada vez menos a voz da sobrevivência em sua cabeça. E naquele momento, ao imaginar pegando-a nos braços, ter aqueles olhos olhando para ele a poucos centímetros de distância... ele parou de ouvir a voz completamente.

— Qual o problema? — Holt perguntou em voz baixa, mantendo os olhos nos dela. — Não vai dar conta?

O sorriso no rosto de Mira gradualmente se desfez, como se aos poucos ela tomasse sua decisão. A garota então se levantou e andou até ele.

Holt deixou Zoey descer dos seus pés e pegou a pedra negra de sua mão. Ela

foi até onde Max estava mastigando uma das tiras da mochila de Holt e segurou as orelhas do cachorro, torcendo-as gentilmente como se fossem o guidão de uma moto.

— Vrum, vrum... — ela brincou. O cachorro não pareceu se importar.

Mira estava diante de Holt. Um de frente para o outro. Ele pegou a mão direita dela, abriu-a, e colocou sobre a palma a pedra polida. Os dedos dela eram macios e quentes, como seda.

— O que te faz pensar que eu preciso disto? — ela perguntou, olhando para ele.

— Eu te vi correndo — ele respondeu. — Vai por mim. Você precisa.

Mira sorriu para ele.

Holt pegou as mãos dela, ergueu uma lentamente até o nível do ombro e colocou a outra em suas costas. Ele a puxou mais para perto e a sentiu contra o peito. Ela era uma combinação impossível de maciez e firmeza ao mesmo tempo. Eles se olharam quando seus corpos se tocaram.

Zoey dava risinhos junto ao fogo, observando os dois.

— Está rindo de quê, garota? — Holt perguntou sem tirar os olhos de Mira. Zoey riu mais alto.

Holt e Mira começaram, então, a se movimentar, girando lentamente com a valsa e a estática que emanavam do pequeno alto-falante do rádio. A música os envolvia, crescendo, prestes a terminar. Mas para Holt a música se tornara irrelevante. Apenas um guia audível para saber quando mover os pés e em que direção. Seu verdadeiro foco era a garota à sua frente, suas mãos macias, o cheiro do seu cabelo, a maneira como o fogo cintilava em seus olhos.

Holt e Mira valsaram ao redor do acampamento, os olhos fixos um no outro. Tudo parecia desaparecer à distância em torno deles. A luz das estrelas, as chamas tremulantes, a brisa que sussurrava nas folhas.... tudo se esvaía lentamente enquanto eles giravam, desaparecendo até não haver mais nada, apenas eles, dançando em câmera lenta. As lembranças sobre os caminhantes Confederados, os Desertados, os caçadores de recompensa, as marcas da morte, o plutônio, o Enxame de Vermes Espaciais e tudo mais que tinha algo a ver com a realidade desaparecera, até haver apenas a valsa fora de sintonia, eles e...

A música terminou. E quando isso aconteceu, tudo terminou.

Os movimentos de Holt e Mira diminuíram e então pararam totalmente. Quando pararam, eles continuaram no mesmo lugar, bem próximos, olhando-se nos olhos. Uma mecha do cabelo vermelho pendia na testa de Mira e Holt gentilmente a empurrou para trás, colocando-a atrás da orelha. Eles podiam sentir o coração um do outro batendo.

E então, à distância, um barulho os trouxe num solavanco de volta à realidade. Em algum lugar distante, o som estridente dos tiros de canhões de plasma. As batidas abafadas pós-explosão. Max, ao lado de Zoey, levantou a cabeça, alarmado. Os sons ricochetearam pelas árvores finas, ecoando assustadoramente ao redor deles... e então pararam.

Holt olhou para a garota em seus braços e mais uma vez se lembrou do que ela representava. Uma recompensa. Seu passaporte para escapar de uma vez por todas do Bando. A possibilidade de ir para onde quisesse sem precisar olhar para trás o tempo todo. Uma chance de ser verdadeiramente livre.

Holt podia ver ideias semelhantes por trás dos olhos verdes de Mira.

Eles estavam de volta ao normal. Ela sabia que era uma prisioneira. E ele era seu captor.

Mas suas mãos demoraram para se soltar, seus olhares estavam presos um ao outro. Apesar do que o outro quisesse acreditar, para o bem ou para o mal, alguma coisa havia mudado.

Eles se afastaram um do outro quando uma nova orquestra começou a tocar. Mira voltou para seu saco de dormir enquanto Holt se abaixava e desligava o rádio.

— Vamos descansar, partiremos ao amanhecer — ele disse. — Não dormimos nada em quase um dia e meio.

Zoey fez uma expressão desapontada, largou Max e foi até o saco de dormir de Mira. Mira não disse nada quando a menina se enfiou no saco, apenas a puxou para perto.

Holt entrou em seu próprio saco e ouviu Max se acomodar ao seu lado.

O fogo estava se apagando, a madeira estava reduzida a brasas agora, brilhando em vermelho e laranja, propiciando apenas uma luz suave.

Holt, pessoalmente, estava feliz por estar no escuro. Ninguém o veria ali, de olhos abertos, bem depois que o fogo finalmente se apagou, olhando insone para as estrelas que brilhavam entre as copas das árvores.

24. CUPCAKES

HOLT, MIRA, ZOEY E MAX ESTAVAM PARADOS no alto de uma colina que descia até o vale do rio. Lá embaixo, onde o rio fazia uma curva e atravessava o mato rasteiro, alguma coisa se estendia de um lado a outro da água: um posto de troca flutuante feito com pedaços de todo tipo de barcos, jangadas, barcas e outras embarcações que tinham sido amarrados numa única estrutura. Mira viu pelo menos uma centena de garotos esparramados por ela, andando de um lado para o outro, negociando suprimentos e outras mercadorias de primeira necessidade.

Postos de troca flutuantes como aquele tinham a vantagem de ser móveis. Eles podiam fazer negócios em locais diferentes a cada poucos dias, para evitar as patrulhas dos Confederados. Os depósitos permanentes (como o Fausto e a Cidade da Meia-Noite) não podiam se mudar se os alienígenas os atacassem, então sua única saída era se defender. Felizmente, eles raras vezes precisaram.

Os quatro haviam novamente deixado as árvores para trás e agora apenas olmos e pinheiros ocasionais apareciam nas colinas verdejantes. Holt e Mira estavam de pé sob a sombra de um deles, recostados em lados opostos do tronco, enquanto Zoey e Max brincavam juntos na grama alta.

Mira olhou para o posto de troca lá embaixo e sentiu um inesperado aperto no peito. Mas por que não? Afinal de contas, aquele local representava o fim do grupo dinâmico que se formara desde que estranhos tinham sido forçados a atravessar as Planícies Alagadas juntos. Uma dinâmica que, apesar dos pesares, ela aprendera a gostar. Era parecida com a sensação de pertencer a um lugar que ela experimentara na Cidade da Meia-Noite. A perda iminente disso a incomodava muito mais do que ela queria.

A partir dali, Holt entregaria Zoey para uma das tripulações ou barcos abaixo, e os mistérios que a rodeavam ficariam para outra pessoa resolver. Mira

seria amarrada novamente e exibida como um troféu. Holt negociaria os suprimentos dos quais necessitava para a inevitável marcha em direção à Cidade da Meia-Noite, ao norte, onde ela seria devolvida para a sua antiga facção e depois executada.

Apesar dos fatos, os pensamentos dela estavam divididos entre o posto de troca do rio... e a valsa da noite anterior. Representavam polos opostos.

Mira afastou as imagens da mente. Ela nunca deveria ter deixado aquela dança acontecer. Mas ver Holt colocar Zoey sobre os pés e girar ao redor do fogo tinha sido demais para ela. Os sentimentos que cresciam dentro dela, sentimentos que negava veementemente, tinham vindo à tona.

Será que ela estava louca? Não havia como estar apaixonada por seu raptor. Pelo caçador de recompensas que planejava entregá-la em troca de alguma coisa, que a tinha mantido amarrada por quase uma semana. E então havia suas... outras responsabilidades. Seus outros relacionamentos. Será que ela tinha se esquecido disso, também?

Mira suspirou. Por que tinha de ser tão complicado? Por que Holt não podia ter sido totalmente assustador como todos os outros? Por que ele tinha de ter aquela gentileza, aqueles irritantes impulsos de heroísmo? Por que ele tinha de ter mãos tão fortes e aquele sorriso torto?

De repente, a Estática se expandiu do seu subconsciente e se espalhou para a fronte. O sussurro, as vozes, o chiado... eles começaram a pressioná-la. Mira gemeu, agarrou a árvore para não cair e lutou contra os ruídos, tentando afastá-los.

— Você está bem? — Mira mal ouvia a voz de Holt enquanto os sussurros incessantes a preenchiam e subjugavam. — Mira?

O assovio estático na mente da garota se dissolveu lentamente conforme ela o afastava para um canto de sua consciência, mantendo-o lá. Mira respirou fundo, ao se estabilizar. Estava terminado. Por ora.

— Mira? — Holt insistiu com firmeza. Ela sentiu a mão dele em seu braço. Quando ela olhou, viu inquietação nos olhos dele. Mas havia também algo mais. Medo, ao que parecia. Um medo antigo. Ela se perguntou novamente quem ele havia perdido...

— Estou bem — ela respondeu. — Parece que estou aprendendo a lutar contra isso, como você disse. Com que frequência isso vai acontecer?

— É diferente para cada um — ele respondeu. — Mas geralmente é quando você está fraca, sofrendo ou... preocupada, com medo ou doente. Nesses momentos é que as coisas podem ficar fora de controle. Sempre parecem estar fora de controle.

Ele ainda a olhava com preocupação e ela quase sorriu, sentindo uma leve onda de calor começando a se espalhar pelo corpo.

E então ela viu a corda nas mãos dele e a realidade voltou a assaltá-la.

Sentiu um nó no estômago. Ela olhou rápido para o posto de troca no rio. Não podia acreditar que ele realmente iria fazer aquilo. Mas ali estavam eles, de volta ao ponto em que haviam começado. Ela sentiu o olhar desconfortável e silencioso que ele lhe dirigia.

— Meu pai uma vez me ensinou como podemos saber quais coisas são reais na vida — ela disse, sem olhar para Holt, colocando as mãos para trás para que ele pudesse amarrá-las. Ela sentiu o caçador de recompensas se aproximar.

— E como é? — ele perguntou.

— Quando você para de acreditar nelas... elas não desaparecem. Eu me pergunto se a noite passada seria uma delas.

Mira continuou esperando que a corda macia prendesse suas mãos. Em vez disso, Holt abriu gentilmente a mão dela e colocou algo ali. Mira não identificou a princípio. Estava empoeirado, embrulhado num tipo de plástico fino, e era esponjoso.

Havia um tom levemente divertido na voz dele.

— Não aperte, senão vai esmagá-lo.

Ele não tentou impedi-la quando ela levou a mão para a frente lentamente para ver o objeto misterioso. Em sua mão estavam dois cupcakes de chocolate numa embalagem de plástico transparente. Os dois com cobertura de chocolate e decorados com riscos brancos de glacê.

Um sorriso surgiu no rosto de Mira. Ela não podia acreditar. Não era só porque ele os havia realmente encontrado... mas porque ele havia lembrado.

Cupcakes da marca Hostess. Exatamente como ela os descrevera.

Mira se virou lentamente e olhou para ele. Holt também a olhava. Ela não sabia o que esse gesto significava, mas não havia nenhuma corda amarrando as mãos dela.

— Onde você os encontrou?

— Nas Planícies Alagadas, antes que os Desertados tentassem nos matar. Eu tinha pegado mais, mas foi tudo que pude salvar.

Mira olhou para os bolinhos em suas mãos. Havia tanto tempo que ela não via um que agora eles pareciam algo tirado de um conto de fadas.

— Então... o que significam? — Ela o encarou, buscando por um sinal das intenções dele. — Última refeição de uma condenada?

— É essa a tradição?

— Acho que sim.

— Se fosse isso, seria bem patético, não é? — Ele a olhava com seus olhos castanho-claros, sem fazer menção de pegar a corda. Holt a observava, considerando seus pensamentos, como se quisesse colocar em palavras conceitos totalmente novos que ele nunca tinha expressado antes. — Eu acho... — ele começou. — Eu me segurei o máximo que pude para que as coisas continuassem como eram, sabe? Dando a mim mesmo as mesmas respostas para as mesmas perguntas. Eu me segurei até quando... sei lá, mais ou menos uma hora atrás, eu acho, quando chegamos aqui, e eu soube que tínhamos conseguido e as coisas poderiam voltar a ser como antes.

O coração de Mira batia forte no peito. Ela tinha certeza de que Holt também podia ouvi-lo.

— Eu percebi que simplesmente... não queria que as coisas voltassem a ser como antes. — Ele olhava para baixo, envergonhado. — Não agora. Você é uma... amiga. Até salvou a minha vida. E você não merece ser sacrificada apenas para resolver meus problemas idiotas. Eu vou encontrar algum outro jeito de lidar com eles.

Ao ouvir essas palavras, Mira sentiu a esperança crescendo dentro de si.

— Você está dizendo que... está me deixando ir?

Holt ficou quieto por um momento, e então apenas concordou com a cabeça.

E, quando fez isso, uma onda de diferentes emoções irrompeu dentro de

Mira. Aquilo era mais do que ela desejara. Era estranho, como acordar de um sonho e descobrir desapontada que ele não é real. Só que, neste caso, era o oposto. Ela estava acordando de um pesadelo para descobrir que a realidade era muito melhor. Sua garganta se apertou, ela sentiu seus olhos se umedecendo. Antes que Holt pudesse vê-la chorando, ela colocou as mãos em seu pescoço e o puxou mais para perto.

Holt não se moveu quando ela o abraçou. Ela podia sentir o desconforto, a incerteza dele, mas não se importou. Não tinha ideia de quanta tensão e preocupação ele estava carregando até que elas se fossem.

— Obrigada, Holt — ela sussurrou, tentando se recompor. — Obrigada.

Ela sentiu os braços dele lentamente a enlaçarem, puxando-a para ele. Um na cintura, outro por trás de seu pescoço. Os dedos dele acariciavam seus cabelos vermelhos.

— Desculpe, eu... não abraço ninguém há muito tempo — ele disse, com um tom de nervosismo na voz.

— Você tem um talento natural — ela disse. E era verdade. Mira gostava bastante de ser abraçada por Holt; ela parecia se encaixar perfeitamente em seus braços. A jovem deixou o momento durar um pouco mais, e então se afastou e enxugou os olhos rapidamente.

Então ela olhou para ele e disse:

— Eu... não sei o que dizer.

— Bem — ele disse, a voz ainda mais tensa agora. As palavras saíam rápidas, como se ele estivesse tentando colocar os pensamentos para fora antes que a chance passasse. — Eu estava pensando que você podia vir comigo. Você sabe, se você quiser, é claro. Isso faz sentido, de uma certa maneira, não acha? Quero dizer, você está sendo perseguida, eu estou sendo perseguido. Acho que vou para sudoeste, em direção às Regiões Pantanosas, ver se encontro um lugar onde ninguém saiba quem eu sou. Talvez esse lugar sirva para você também.

Um turbilhão de sentimentos crescia dentro dela, a maioria agradáveis.

— Isso parece maravilhoso... — ela disse automaticamente, sem pensar. E era verdade. Um sorriso se formou no rosto de Holt antes que ela se desse conta do que quase tinha feito. — Mas... eu não posso fazer isso, Holt.

Puxa! Ela quase tinha concordado! Quase jogara fora tudo pelo qual ela havia lutado. Ela tinha enlouquecido? Mira viu o sorriso no rosto de Holt se dissolver e instantaneamente se odiou por ceder aos seus instintos. Holt tinha feito um gesto inacreditável e ela tinha jogado tudo fora.

— Não é que eu não queira... — ela continuou rapidamente. — Eu... adoraria. Mas tenho coisas pra resolver na Cidade da Meia-Noite.

Holt pareceu intrigado.

— Mas é lá que você é procurada. E quer voltar para aquele lugar?

— Nos meus próprios termos, sim. Eu ainda tenho coisas para consertar. E eu deixei alguém lá, alguém importante, e ele precisa da minha ajuda.

Holt quase perdeu o equilíbrio. “Ele?”

Mira fechou os olhos por um momento. Por que ela tinha que ter dito aquilo? Precisava passar cada pequena informação? Tinha que continuar arruinando aquele momento? Mas então, por outro lado... não era verdade? Holt não merecia saber, após tudo de que tinha aberto mão por causa dela?

— O nome dele é Ben — ela explicou. — Ele foi incriminado injustamente pelo mesmo motivo que eu, mas, quando eu tive chance de escapar, tive de deixá-lo para trás. Eles vão matá-lo no meu lugar se eu não voltar.

— E o plutônio? — Holt perguntou. — É para quê? Trocar pela vida dele?

Mira balançou a cabeça.

— Mais ou menos.

— Entendo — disse Holt, ficando então em silêncio. — Bem, provavelmente é melhor assim, de qualquer forma. É mais... difícil para duas pessoas sobreviverem juntas do que apenas uma. Além do mais, quem sabe, talvez a gente se veja outra vez.

Naquele momento, Mira viu as barreiras que Holt havia derrubado nos últimos dias subirem novamente. E isso doeu. Mas o que mais ela podia fazer?

— Holt... — ela começou, gentil.

Outra voz a interrompeu antes que ela pudesse terminar. A voz de Zoey, doce e jovial, incapaz de perceber as sutilezas emocionais demonstradas pelos dois jovens à sua frente.

— Eu também quero ir para a Cidade da Meia-Noite! — disse a menina,

andando com Max atrás dela.

— Talvez Mira possa te levar com ela — disse Holt. — Se você pedir com jeito. Mas Max e eu vamos para outra direção agora.

— Mas... você e Max precisam ir... — O rosto de Zoey era puro desapontamento. — É assim que tem que ser.

— Escute, neném — Holt se ajoelhou diante dela —, foi maravilhoso viajar com você, e você se tornou uma amiga de verdade, mas Max e eu temos coisas a fazer também.

— Mas eu preciso que você venha — ela repetiu.

— Eu garanto que você não precisa — ele disse. — Você vai ficar bem. Eu tinha dúvidas a princípio, mas você é uma sobrevivente, eu sei disso.

— Eu preciso que você venha, Holt — ela insistiu. — Por favor, venha. Você tem que vir.

Mira via a menina puxar a camisa de Holt e viu os olhos dela se encherem de lágrimas. Mira balançou a cabeça. Como alguém podia dizer não diante daquilo?

Holt suspirou, obviamente pensando a mesma coisa.

— Vamos ver... como as coisas se encaminham, está bem? Talvez a gente possa continuar viajando juntos até que vocês tenham que ir para o norte. Mas eu não prometo, está certo?

Zoey sorriu e largou a camisa de Holt.

— Está certo, Holt.

Holt olhou para Mira novamente.

— Você vai comer isso ou não?

Mira se deu conta de que ainda segurava os cupcakes. Ela olhou para a embalagem suja.

— Você tem certeza que... ainda dá para comer?

— Como eu disse, essas coisas podem sobreviver a um ataque nuclear. Eu nem tenho certeza se são mesmo comida.

Mira riu e abriu a embalagem, com alegria. Então ela fechou os olhos quando partes havia muito adormecidas de sua memória reconheceram o cheiro do chocolate e do bolo umedecido que flutuava no ar. Ela se lembrava de comer

esses cupcakes na igreja. Seu pai os passava para ela, sem que ninguém visse, e ela os comia e dava risadinhas, enquanto a mãe os olhava com ar de desaprovação. Mas seu pai sempre os levava e sempre os dava para ela.

Ela não esperava ter aquela lembrança: não pensava naquilo havia anos. Ela olhou a embalagem aberta, assombrada por aquelas lembranças.

— Tudo bem? — perguntou Holt.

Ela confirmou com a cabeça.

— É que eles... têm um cheiro muito bom, é só isso. Vamos dividir?

Mira tirou um dos cupcakes da embalagem e o passou a Holt. E então repartiu o seu, expondo o creme branco no meio, e deu a metade para Zoey.

Mira provou a sua metade. Ela não sabia como aquilo era possível, mas estava tão saboroso quanto se lembrava; a doçura e o amargor do chocolate ao mesmo tempo. Ou sua lembrança dos cupcakes tinha se esvaído a tal ponto que ela nem notou quanto ele estava rançoso, ou quem quer que tivesse feito aquelas coisas tinha colocado nelas conservantes realmente incríveis. De qualquer forma, estava feliz. Não se lembrava de ter comido algo tão saboroso.

Mira enfiou o resto na boca. Zoey ria, fazendo a mesma coisa e sujando o rosto com chocolate, sorrindo enquanto mastigava.

Holt deu uma mordida no dele... e então parou quando Max começou a ganir ao seu lado. O cachorro olhava para o bolinho na mão de Holt, o rabo batendo no chão.

— Está bem, está bem — ele disse. E jogou o resto do cupcake para o cachorro, que o abocanhou e engoliu de uma vez.

Holt olhou novamente para Mira. Para ela, o olhar era desconfortável... e frustrante. Ela tinha conseguido tudo que desejava. Ela tinha o plutônio, não era mais prisioneira, era livre para ir aonde quisesse, e poderia colocar em prática o plano que estava traçando havia meses. Então, com tantas coisas boas... por que ela se sentia tão vazia? Por que aquele olhar entre ela e Holt estava repleto de tristeza?

Ela sabia a resposta. Era o mesmo medo que tinha sentido um minuto antes, apenas transformado agora. Tudo voltava a ser o que era antes, e essa breve etapa de sua vida estava chegando ao fim.

Gritos chegavam até eles do posto de troca abaixo.

Mira e Holt olharam para lá e viram um grupo de jovens deixando a estrutura de barcos e embarcações no rio e andando pela grama em direção a eles. Eles finalmente tinham sido vistos.

— Festa de boas-vindas, eu acho — disse Holt. Ele colocou a mochila nas costas e desceu a colina. Max o seguiu.

Mira seguiu Holt com o olhar enquanto ele descia. O momento estava oficialmente terminado. Caminhos diferentes que poderiam ter sido escolhidos ou não. Mas o que se podia fazer? Obrigações podiam ser um fardo, Mira pensou.

Ela pegou a mão de Zoey e seguiu Holt colina abaixo.

25. DOMINÓS

HOLT, MAX, Mira e Zoey desceram a colina. À frente deles, o sol tinha começado a se pôr. Mesmo agora, a luz ficava cada vez mais suave. Cauteloso, Holt via os garotos subindo ao encontro deles. Mesmo que fosse apenas um posto de troca, eles ainda poderiam ser perigosos. Era um mundo perigoso, afinal de contas.

Quando chegaram à base da colina, estavam perto o bastante do rio para ouvir o barulho da água que fluía tranquilamente. Cinco jovens se colocaram em posição protetora entre eles e o posto de troca. Holt podia ver mais quatro atrás deles esperando na entrada, para o caso de serem necessários.

O grupo à frente deles era formado por quatro garotos (entre 13 e 16 anos, Holt calculou) e uma garota, pequena e baixinha, com um colete com bolsos cheios de coisas e um sextante pendurado no cinto. Ela parecia mais nova que os garotos, mas, apesar da idade, transmitia confiança e astúcia, e Holt podia garantir que ela os avaliava. Mesmo antes de a garota dar um passo à frente, Holt deduziu que ela devia ser a Mestre de Trocas.

Por experiência própria, Holt sabia que a maioria dos barcos dos Ratos do Rio navegava para cima e para baixo num rio específico, andando a favor da corrente durante o outono e o inverno, negociando o combustível e os suprimentos que precisariam para subir contra a corrente durante a primavera e o verão. As tripulações dos barcos, apesar de jovens, tinham se tornado especialistas em resgate e negociação de mercadorias, e era comum se estabelecerem em postos de troca como aquele.

Como os postos de troca flutuantes recebiam muitas embarcações diferentes ao mesmo tempo, isso significava que eles ficavam sob as ordens de diversas tripulações ao mesmo tempo. Quando um barco decidia se estabelecer num local, um Mestre de Trocas era escolhido entre todos os Chefões (o termo para

“Capitão” entre os Ratos do Rio) para controlar as operações no posto.

— Meu nome é Stephanie Freed — disse a garota baixinha, analisando calmamente cada um deles. Os olhos dela começavam a mostrar os primeiros tentáculos negros da Estática. — Eu sou a Mestre de Trocas. A que vocês vêm?

— Pela paz e pelo lucro — respondeu Holt, como era de costume.

Zoey espiava por trás de Mira, olhando os garotos. Eles não pareciam notá-la. A atenção deles estava voltada para Holt.

Os garotos estavam em alerta. Um tinha um cano de metal, outros dois seguravam estilingues (nada digno de riso — Holt tinha visto garotos derrubarem pássaros a centenas de metros de altura com aquilo), e o quarto, um garoto de cabeça raspada, segurava o que parecia ser um punhado de moedas.

Holt fez uma careta. Moedas das Terras Estranhas, sem dúvida. Ou ao menos o garoto careca queria que ele pensasse assim. Ele não tinha intenção de descobrir. Artefatos eram perigosos, e ele não precisava de Mira para lhe dizer isso: ele os vira sendo usados como armas muitas vezes. Aqueles garotos queriam fazer negócio. Holt sorriu — ele já gostava deles.

— Vi vocês da colina. Estamos aqui para negociar, é só — disse Holt.

— Você é bem-vindo para negociar, sem problema — Stephanie respondeu, com tranquilidade. — Mas terão de deixar seus brinquedinhos do lado de fora. Armas não são permitidas no posto. A não ser que queira trocá-las. Conheço várias tripulações que buscam armas que funcionem, a minha inclusive. Está ficando difícil encontrá-las.

Holt balançou a cabeça negativamente.

— Não negocio minhas armas. Elas são muito perigosas se a pessoa não for treinada para usá-las e eu não tenho tempo para ensinar ninguém.

— Então deixe-as aqui, ninguém vai mexer — disse a garota.

Sem muita certeza, Holt tirou o rifle, a escopeta e a pistola. Ele não gostava de ficar sem suas armas; sentia-se praticamente nu, indefeso. Mas todos os postos de troca do rio tinham a mesma regra, mesmo que os depósitos mais perigosos, como o Fausto, não tivessem problemas com armas. Holt tinha feito negócio nos postos fluviais muitas vezes, deixando suas armas para trás e pegando-as depois.

Quando Stephanie viu que as armas estavam no chão, ela acenou com a cabeça.

— Bem-vindos ao nosso convés. Façam bons negócios. — Ela sorriu e acenou para que eles seguissem em frente, depois retornou para os enormes barcos com os outros. Holt e seus amigos seguiram com eles.

No caminho, contornaram um bosque e viram algo que se escondia ali, ancorado próximo ao depósito de troca. Um navio maior do que todas as embarcações que estavam no rio, só que esse estava em terra firme.

— Uau! — exclamou Zoey, quando o viu melhor. — Olha só, como é enorme!

— É mesmo, docinho — disse Mira, com um sorriso de surpresa. — É um navio terrestre.

Navios terrestres eram embarcações gigantescas, como barcos, só que ficavam em terra. Eram constituídos de uma série de partes e estruturas e se moviam por meio de enormes rodas. Velas gigantes os impulsionavam, e eles podiam abrigar dezenas de garotos (às vezes mais). Na direção oeste, onde as planícies alagáveis davam lugar aos desertos e a terras planas e estéreis, navios terrestres eram comuns.

Holt tinha visto alguns no seu tempo, e ele sempre ficava impressionado com as suas dimensões colossais. Eles eram a prova da criatividade e da imaginação dos sobreviventes da Terra, por mais estranhos que parecessem.

— Devem ter parado para negociar no depósito — ele disse enquanto caminhava.

— Mas estão muito longe do leste — respondeu Mira, olhando com estranheza para o navio.

Ela estava certa. Suas tripulações geralmente eram compostas por mercadores e comerciantes, e elas raramente se distanciavam muito do leste, indo além da Cidade da Meia-Noite. Era raro ver um desses navios ali tão longe, e Holt se perguntou o que estariam fazendo ali.

Holt o analisou mais de perto. Possuía oito rodas gigantes, quatro de cada lado. Dois pares ele achou que tinham vindo de um veículo gigante de construção civil ou de uma máquina agrícola do Mundo Anterior. As rodas do

meio eram construções customizadas de madeira e aço, meticulosamente moldadas e adaptadas. Tinham cerca de três metros de altura e sustentavam o convés do navio a talvez sete ou nove metros do chão.

O convés tinha sido montado a partir de uma variedade de madeiras e lâminas metálicas reaproveitadas, tanto de trens quanto de navios. Dois dos mastros eram feitos com asas de avião polidas e eram enormes, talvez até para uma aeronave.

A coisa toda era uma mistura de partes, cada uma com diferentes origens e aparências, mas, de alguma forma, tudo se fundia numa embarcação enorme e bela, que era muito mais uma obra de arte do que um veículo de transporte.

— O posto é grande também! — disse Zoey, ao vê-lo.

O comentário de Zoey chamou a atenção de Mira e Holt novamente para o posto no rio.

Holt concordou.

— É, se estende de um lado a outro do rio. Não é apenas um posto de troca, é uma passagem para qualquer um que precise atravessar. Desde que possa pagar o pedágio.

Quanto mais eles se aproximavam, mais detalhes podiam perceber, enquanto o sol se recolhia acima deles. Garotos de todas as idades e aparências o atravessavam, passando de barco em barco numa multidão.

Era formado por mais de uma dúzia de barcos diferentes e de vários tamanhos. Barcaças, barcos de pesca, um rebocador enferrujado, mas a maior parte das embarcações parecia ter sido feita a partir de pedaços e seções de outros barcos. O primeiro em que eles pisaram, por exemplo, era feito do que antes fora um enorme píer flutuante e o telhado de uma casa, alinhados com boias na parte de baixo. Onde aqueles garotos conseguiram o telhado de uma casa, Holt não sabia, mas imaginava que era o resultado de alguma inundação após a invasão. A tripulação do barco tinha feito uma série de cabanas em volta do píer reaproveitado, e Holt viu uma cama pela janela do sótão do antigo telhado, provavelmente os aposentos do Chefão.

Cada embarcação tinha sua área de troca, com todos os tipos de mercadoria: água potável, alimentos não perecíveis, doces, artigos de primeiros socorros,

rádios, facas, relógios mecânicos, mapas, cabos e cordas, ferramentas, roupas (tanto usadas quanto novas), bolsas e mochilas, uma ou outra arma e, é claro, artefatos das Terras Estranhas. Não tantos quanto se encontraria na Cidade da Meia-Noite, mas ainda assim uma boa quantidade.

E os barcos estavam cheios de garotos, sobreviventes de todas as idades (embora nenhum tivesse mais do que 20 anos), em vários estágios de efeito da Estática. Eles atravessaram a multidão com dificuldade e, a certa altura, Holt teve que colocar Zoey nos ombros e segurar a mão de Mira, puxando-a, com medo de que fossem empurradas e caíssem no rio. Sinceramente, ele não estava preocupado com Mira, mas não desperdiçaria a oportunidade de sentir seus dedos uma última vez.

O barco central de um posto de troca era normalmente o mais robusto, por ancorar toda a sua estrutura. Neste caso, era um rebocador grande e pesado que um grupo de garotos arrojados tinha conseguido colocar novamente em funcionamento. O nome Delirium estava pintado grosseiramente em sua lateral.

O Delirium tinha várias barracas de troca ao longo do convés, com todo tipo de mercadoria. Holt e Mira se separaram ao andar por ele. Mira gravitou em torno dos artefatos das Terras Estranhas, Holt notou, as barracas com o símbolo δ brilhante, sem dúvida querendo se reabastecer de todas as coisas que tinha usado nos últimos dias. Holt estava mais preocupado com coisas básicas. A recompensa que ele receberia na Cidade da Meia-Noite teria financiado toda a sua viagem para o leste e lhe dado o suficiente para começar a viver confortavelmente. Agora ele teria que ser econômico. Se queria chegar às Regiões Pantanosas, precisaria de água e comida, sem mencionar os artigos de sobrevivência no pântano. Ele provavelmente teria que andar durante todo o trajeto agora, e precisava estar preparado.

Por alguma razão Zoey tinha seguido Holt em vez de Mira, ele percebeu. E não gostou. Ficava pouco à vontade com a presença da garotinha agora, porque não tinha intenção nenhuma de acompanhá-la à Cidade da Meia-Noite. Ele torcia para que Mira se oferecesse para levá-la, porque assim ele poderia escapar durante a noite, antes que ela ou Mira percebessem. Seria a solução mais fácil. Ele havia se afeiçoado à menina. Quase tanto quanto a Mira. Mas precisava ir

para o leste, tinha que se afastar do Bando. Sua opção era fugir.

Enquanto analisava as barracas de troca, Holt notou que o Delirium tinha muitos itens que ele poderia usar. Alimentos não perecíveis e água eram os mais óbvios, mas eles também tinham um kit de purificação de água e protetor solar.

Um dos negociantes do Delirium se levantou quando ele se aproximou. Um garoto de 15 anos, Holt deduziu, pela quantidade de tentáculos negros em seus olhos.

— Quer trocar alguma coisa? — ele perguntou.

— Quero — respondeu Holt.

— Bem, praticamente terminamos por hoje — o garoto disse com desdém. Ele usava uma camisa jeans coberta por remendos de vários tipos de tecido colorido. — O posto de trocas está aberto há três dias e já estamos bem abastecidos. A menos que você tenha algo especial, não sei se vamos ter interesse.

— Defina especial — disse Holt.

— Armas que funcionem, pregos, parafusos, combustível, remédios, rádios... basicamente isso.

A cada item, Holt se torturava mentalmente. Se ele não tivesse perdido a mochila azul nas Planícies Alagadas, teria tudo de que precisava para deixar esses garotos até sem as cuecas. Mas ele a perdera. E não tinha nada que o Delirium quisesse.

Por trás dele, Zoey sussurrou:

— Diga que você tem dominós.

Holt se virou e olhou para Zoey, sem entender.

— Como você sabe que eu tenho...? — Holt começou, e então se calou. Ele estava começando a achar que era melhor não saber.

— Apenas diga a eles — ela insistiu, os olhos grudados no garoto que cuidava da barraca, daquele jeito intenso e estranho com que ela focava as coisas.

Holt fez uma careta e se virou para o garoto.

— Nós.. temos dominós — ele disse, sem muita esperança.

A reação do garoto foi um leve arquear de sobrancelhas, mas ainda assim

Holt notou. Mesmo que ele não tivesse notado, os quatro garotos da tripulação do Delirium que estavam mais próximos se animaram como cães ao verem seu brinquedo favorito. Um deles, um garoto loiro de óculos sem lentes, virou-se e olhou para o negociante principal quase implorando.

Ele ignorou o garoto, olhando de Holt para Zoey, atrás dele, e de volta para Holt.

— A gente está tentando montar um dominó inteiro há um ano. Só estão faltando seis peças.

— Eu tenho um dominó completo — disse Holt. E tinha mesmo. Ele o encontrara enterrado nas ruínas do que fora o bairro de St. Louis. — Você pode escolher as peças de que precisa. — Zoey estava certa: ele tinha convencido aqueles garotos agora, e eles sabiam disso.

— Eu sou o Russ — disse o garoto. — Como você sabia que precisávamos de dominós? — Não era uma pergunta para Holt, mas para Zoey. — Eu vi você dizendo a ele. Foi ideia sua, não foi?

Zoey encolheu os ombros.

— Eu não sei como é que eu sei... eu apenas sei — ela disse.

— Parece mais um artefato das Terras Estranhas — disse Russ. — Mas deixa pra lá. Vamos ver o que você tem.

Holt colocou a mochila no chão e começou a abrir os fechos. Enquanto isso, ele observava o barco. Havia cabanas e barracas por toda a parte traseira do convés. Três delas estavam abertas... e uma estava totalmente fechada.

Na luz difusa, Holt viu o brilho de uma lanterna na parte interna, movendo-se de um lado para o outro. Havia alguém ali. Ele se perguntou por que aquela pessoa não estava do lado de fora com os outros.

— Pelo que você quer trocar? — perguntou Russ, impaciente.

— Três ou quatro produtos não perecíveis seria legal, e também um daqueles purificadores de água — disse Holt. Ele viu as sobrancelhas de Russ se levantarem novamente, mas insistiu antes que o negociante pudesse se opor. — E o protetor solar. Uma embalagem cheia, e não usada.

— Quatro não perecíveis são muito mais do que valem esses dominós. Também não posso trocar pelo purificador de água e o protetor solar.

— O jeito como os seus amigos se ouriçaram quando eu falei dele me faz pensar que você pode — Holt respondeu, calmamente.

Russ olhou para o garoto loiro de armações vazias. Ele rapidamente desviou o olhar.

— Dois pacotes de carne-seca — disse o negociante, aborrecido. — E chega de não perecíveis.

— Que tal munição? Qualquer munição que você encontrar por aí.

— Pegue o balde — disse o negociante. Um dos garotos sumiu por um canto da ponte enferrujada do rebocador. Quando voltou, segurava um balde velho e grande de plástico, cheio de munição. Projéteis e cartuchos de todos os tipos — Você pode pegar quanto quiser. Está ficando difícil negociá-los, são só peso morto.

— Posso apostar. — Holt olhou para o balde com ganância. Há muito tempo ele não via tanta munição. — Está ficando difícil encontrar armas que funcionem, a maioria das pessoas não cuida delas direito.

— Ou passaram a usar armas recondicionadas dos Confederados — disse Russ.

Era verdade. Ele tinha disparado um ou dois canhões de plasma que alguns garotos mais engenhosos tinham conseguido saquear de um caminhante Confederado caído. Eles eram poderosos, mas perdiam muito da precisão. Ele continuaria com suas armas até que elas caíssem aos pedaços, muito obrigado.

Holt entregou a caixa de dominó... e os garotos caíram em cima dela como pequenos abutres felizes. Holt remexeu o balde de munição, procurando por calibres que pudesse usar.

Atrás dele, Mira ainda negociava artefatos. Com o balde de munição tomando sua atenção, Holt não notou quando Zoey se afastou do grupo e começou a se aproximar de uma tenda solitária e fechada...

26. LIBERTE-SE

ELA TINHA ESCOLHIDO O MOMENTO CERTO PARA SE AFASTAR; esperara até que eles estivessem ocupados com as negociações.

Zoey não sabia o que a atraía para a tenda. Como tudo o que tinha a ver com os “sentimentos”, ela simplesmente fora atraída até ali. Em sua mente, estava certa de que havia algo ali para ela, e ignorar isso não era uma opção.

Às vezes Zoey se sentia como um barco sendo levado pela correnteza. Ela se deixava levar, empurrada e puxada, e às vezes isso era assustador. Mas ela sentia que era importante se deixar levar para onde tivesse que ir. E foi o que ela fez.

Zoey chegou à tenda, que estava fechada com um zíper. A lanterna ainda estava acesa do lado de dentro, balançando de um lado para o outro. Zoey ouviu uma respiração e o que ela tinha certeza ser alguém chorando baixinho. Ela pegou o cursor do zíper junto ao chão e o puxou para cima, abrindo a tenda.

Do lado de dentro havia duas pessoas, ambas mais velhas do que os outros do lado de fora, aparentando uns 20 anos.

Uma era uma garota. Ela estava ajoelhada junto à outra pessoa, um garoto. Os olhos dela estavam vermelhos de chorar. Quando Zoey abriu a tenda, a mão da garota estava sobre o peito do garoto como se ela estivesse sentindo a respiração dele.

O garoto estava de costas no chão, sem se mover, como se estivesse doente. Mas ele não estava doente, Zoey sabia. Ela notou que as mãos e os pés dele estavam presos, amarrados com corda. E o mais impressionante... seus olhos estavam completamente negros. Eles olhavam vidrados para cima, sem piscar.

A Estática o havia dominado.

— Quem é você? — perguntou a garota, a voz tremendo de surpresa. — Você não devia estar aqui.

O garoto estava além do alcance de Zoey; ela não conseguia captar suas emoções nem sentir nada que viesse dele. Era a Estática, de alguma forma ela sabia. Quando pegava alguém, a pessoa ficava inacessível para ela.

Mas a garota...

Zoey sentiu as emoções da garota assaltá-la, um misto de dor, tristeza, raiva e... medo. De ser encontrada, Zoey sentiu. Ela estava se escondendo. Mantendo o garoto longe da vista de Holt, de Mira e dela. Obviamente achando que eles não entenderiam. O nome dela era Elizabeth, Zoey sentiu.

Elizabeth leu aqueles pensamentos nos olhos de Zoey.

— Isso... Vo... você não entenderia — ela gaguejou, dos olhos brotavam lágrimas novamente. — Eu só quero ir com ele. Ele é o meu melhor amigo. Eu só quero esperar até que ele me leve também... e então poderemos ir juntos. Então... nós o amarramos. Só isso...

Zoey viu os olhos dela agora, a Estática se espalhando por eles como uma teia de veios negros. Ela não precisaria esperar muito.

— Por favor — pediu Elizabeth. — Por favor, não conte aos seus amigos. Por favor, não...

— Elizabeth — Zoey disse calmamente. A garota mais velha parou de falar, e olhou para Zoey. — Eu entendo. Você não fez nada errado.

Zoey deu um passo para dentro da tenda e se ajoelhou ao lado do garoto. Não porque ela quisesse, mas porque era compelida a isso. Havia algo para ela ali, ela só não sabia o quê. Elizabeth não tentou impedi-la.

O coração de Zoey batia furiosamente em seu peito, ressoando em seus ouvidos. Suas mãos tremiam. A pressão subia à sua cabeça, atrás dos olhos. Sua visão se embaçou. Hora de ir devagar. Havia algo ali para ela. O que preciso fazer?

Entregue-se, era a resposta.

Zoey fechou os olhos e deixou a correnteza levá-la para onde quisesse.

O mundo pareceu desaparecer. Ela sentiu as próprias mãos se erguerem, uma descansando sobre o peito do garoto, outra sobre as mãos de Elizabeth. Mas ela não tinha certeza se era ela mesma que as movia. À distância, enquanto o mundo começava a ficar branco e tudo desaparecia, ela mal podia ouvir a voz de

Elizabeth.

— Estou com medo...

E então aconteceu.

Liberte-se. As palavras preencheram a mente de Zoey... e tudo ficou branco.

O SOL SE PUNHA do outro lado do rio e Holt ainda mexia no balde de munição. Os garotos tinham levado para ele os alimentos não perecíveis (carne-seca, principalmente), o protetor solar e o purificador de água. Ele estava remexendo o balde atrás do último cartucho da escopeta de calibre doze quando um grito cortou o ar.

A cabeça dele se virou ao ouvir aquilo, os olhos parando na tenda próxima que ele tinha visto antes.

Só que não estava mais fechada. Estava aberta. E todas as pessoas do Delirium corriam para lá.

E então ele notou algo realmente alarmante. Não via Zoey em lugar nenhum.

Instintivamente, ele olhou para Mira do outro lado do convés, negociando artefatos. Ela lhe lançou um olhar de dúvida.

Holt xingou entredentes. Tinha se esquecido totalmente de Zoey na empolgação com a munição. Ele se levantou rapidamente, seguindo em direção à tenda. Será que a menina tinha feito alguma coisa? O que ela poderia ter feito? Ela tinha, no máximo, 8 anos de idade.

Holt chegou à tenda em poucas passadas. Havia uma confusão do lado de dentro, os garotos do Delirium aglomerados na entrada. Outros estavam a caminho, ele viu, dos outros barcos do posto de troca. Uma garota mais velha saía entusiasmada da tenda, e apesar de estar realmente perturbada, ela não estava zangada ou assustada. Para Holt ela parecia... maravilhada.

No meio de tanta gente, ele viu Stephanie, a Mestre de Trocas, fazendo sinal com a cabeça para a multidão que se aproximava.

— Vi um clarão e de repente sumiu! — gritou a garota para Stephanie e os outros. — Eu a vi sumir dos olhos dele! Olhem para os meus olhos! — Ela apontou para eles, e houve murmúrio entre os garotos que rodeavam a tenda.

— Isso é impossível — disse Stephanie, sem tentar esconder o espanto. —

Não pode ser.

— Mas é! — insistiu a garota mais velha. — Olhe para o Jim! Olhe para ele!

— O que está acontecendo? — perguntou Holt. Ele podia perceber Mira se aproximando do outro lado do barco, mas ela ainda estava longe.

Os outros se espalhavam ao redor, olhando para Holt. Foi Stephanie quem falou.

— Jim era um de nós, a Estática o dominou há três dias. Elizabeth nos convenceu a prendê-lo até que ela fosse dominada também, para que eles pudessem ir ao mesmo tempo para o Parlamento. Eles estavam escondidos na tenda... não queríamos que ninguém visse.

Holt entendeu. Algumas pessoas ficavam bem tensas diante dos Sucumbidos, sem ver muita diferença entre eles e os Confederados. Afinal, eles estavam sob o controle alienígena.

— Então, vocês estão segurando ele aqui — disse Holt, tentando ver através dos garotos que bloqueavam a tenda, mas eles estavam muito aglomerados. — Isso não é inteligente, mas não é da minha conta. Onde está Zoey?

— É exatamente isso — disse Stephanie. — Elizabeth garante que foi sua amiga Zoey... que curou ela e Jim da Estática.

Levou um momento para que Holt assimilasse aquela informação. E então o peso daquilo o acertou: curou... da Estática?

— Isso não é possível! — ele conseguiu dizer. Mas algo lhe dizia que era mais do que possível. E se fosse, Zoey seria a única pessoa que poderia fazer aquilo.

— Mas é o que estou dizendo — respondeu Stephanie. Ela acenou com a cabeça para Elizabeth. — Mas aqui estamos. Os olhos de Elizabeth estavam quase completamente negros ontem. — Ela se voltou para a tenda. — Saiam do caminho! — ordenou. — Deixem a gente entrar. Saiam!

A multidão se afastou para ela, e puderam ver dentro da tenda. Stephanie ofegou.

Zoey estava sentada no fundo. Quando Holt conseguiu olhar lá dentro, os olhos dela já estavam nele. Mas não foi isso que espantou Stephanie e os outros. Era o garoto mais velho, que agora estava sentado no saco de dormir, a cabeça

entre as mãos.

— Jim! — exclamou Stephanie. O garoto olhou para ela, meio grogue. Olhou para ela com os olhos perfeitamente limpos da Estática. Holt estava chocado com o que via. O mundo pareceu parar quando ele entendeu o que estava acontecendo.

Tinha sido exatamente como a garota dissera. O efeito da Estática tinha desaparecido. De alguma forma... Zoey o revertera.

— Como foi que você fez isso? — Stephanie perguntou, seu olhar indo de Jim para Zoey.

— Eu não sei — foi tudo que Zoey disse.

Os garotos olharam para ela. Estavam sem palavras. Mas só por um segundo. E então começaram a chamar a atenção de Zoey, implorando para que ela fizesse o mesmo com eles. Que os curasse.

Eles forçavam caminho como se fossem um só, como uma onda desesperada e insana.

Eles não eram mais crianças; eram algo inferior, algo assustador. Sentiram a sobrevivência, bem ali naquela tenda, e a queriam para eles.

Pela primeira vez desde que se conheceram — desde que tinha visto Zoey numa nave acidentada, fugido de várias facções dos Confederados e mal se desviado dos canhões de plasma e da morte —, Holt viu terror nos olhos da menina.

— Holt! — ela gritou quando os outros a agarraram e a puxaram.

Ele se esticou para a frente, agarrou Zoey e a colocou rapidamente sobre os ombros. A menina se segurou, os braços enroscados em seu pescoço enquanto Holt abria caminho para fora da tenda e se movia rapidamente para a margem do rio.

Os garotos o seguiam desesperados, dúzias deles, de diversas tripulações e origens.

— Espere! Espere! — gritavam.

— Ela pode nos salvar!

— Trocaremos por qualquer coisa!

— Apenas deixe que ela nos ajude!

— Por favor!

Eles tentaram parar Holt, derrubá-lo, arrancar Zoey de suas costas.

— Afastem-se! — Holt gritou. Mas não adiantava. Eles continuavam se aproximando, agora irritados. Como ele iria se livrar daquilo? Olhou em volta e viu Mira já seguindo para a saída mais próxima. Era a coisa mais inteligente a fazer; ela poderia se encontrar com eles depois, em terra. Pressupondo que eles conseguissem chegar lá. A multidão aumentava cada vez mais, e logo todos do posto de troca estariam tentando derrubá-los. O que ele ia...?

Um som estranho veio dali de perto.

Um canto poderoso, distorcido, eletrônico, sinistro, parecido com o de uma baleia, mas muito mais ameaçador. Era incrivelmente alto, ecoando pelo vale do rio, por todos os lados. Segundos depois um novo urro respondeu, de outra direção.

Todos pararam, até mesmo Holt. Zoey ainda em suas costas. Todos olhavam em volta, às cegas. Mas não havia nada para se ver na luz difusa, ou nas árvores que flanqueavam o rio.

Holt já tinha ouvido aqueles sons antes. E achava que muitos daqueles sobreviventes também tinham ouvido. E ele sabia o que significava: problemas dos grandes, e assustadores.

— Eles estão aqui — Zoey sussurrou em sua orelha.

Os sons vieram novamente... um lamento do outro lado do rio. As árvores ao lado da margem tremeram quando algo grande passou por elas, derrubando-as como se fossem galhos, com imensas passadas e lascas de madeira voando para todos os lados.

As árvores tombaram sobre o rio e dois caminhantes vermelhos, os Aranhas, apareciam acima delas. E o sangue de todos que estavam no posto de troca se enregelou.

Os Aranhas eram os maiores dos dois tipos de caminhantes dos Confederados (embora o verde e laranja que eles tinham encontrado nas Planícies Alagadas indicasse que deveria haver outros tipos). Os Aranhas tinham nove metros de altura e eram mais largos que uma rua. Ágeis, rápidos, poderosos e com poder de fogo suficiente para dizimar qualquer coisa que os desafiasse.

Eles tinham recebido o nome de Aranhas por causa das oito enormes pernas mecânicas que sustentavam sua enorme fuselagem bem acima do solo. Essa combinação lhes dava mobilidade superior e fazia deles a visão mais assustadora do planeta.

E ali estavam dois...

Os negociantes e as tripulações dos barcos olhavam chocados, em silêncio, e Holt conhecia bem aquele olhar. Tinha passado pela mesma coisa poucos dias atrás. Esses garotos nunca tinham visto Confederados vermelhos.

— Que diabos é isso... — sussurrou Stephanie, a Mestre de Trocas, apavorada. Os olhos dela, como os de todos os outros, estavam colados nos Aranhas vermelhos.

Quando os enormes caminhantes viram o posto de trocas, soltaram seus guinchos horríveis novamente, um de cada vez... e abriram fogo.

Os canhões de plasma ganharam vida, soltando silvos agudos enquanto lançavam espessas nuvens de jatos amarelos contra o posto de troca. Os tiros de plasma incendiaram o ar ao redor, acertando tudo, espalhando fagulhas, chamas e detritos.

Um barco explodiu na parte mais distante do posto, numa chuva de fogo, e Holt viu os garotos sendo lançados do convés em direção ao céu como bonecas de pano.

Gritos rasgavam o ar e a multidão que cercara Holt um pouco antes se dispersou em pânico, correndo em todas as direções ao mesmo tempo.

— Para os seus barcos! — gritou Stephanie enquanto mais tiros de plasma cortavam o ar. — Desmontem o posto, levantem suas defesas!

Holt procurou por Max e o viu a uns quatro metros de distância. Ele deu dois assovios curtos e Max latiu, atravessando a multidão, seguindo pelo mesmo caminho de onde tinham vindo.

Holt rapidamente o seguiu.

Atrás deles, os Aranhas rugiam e atiravam, entrando no rio e seguindo para a aglomeração de barcos; seus passos golpeando o chão como trovões. Mais abalos sacudiram a água.

Holt se precipitou em meio à multidão desesperada o mais rápido que pôde.

De certa forma, estava mais difícil do que antes. Tudo estava um caos, com garotos correndo por toda parte, empurrando-o em todas as direções ao mesmo tempo. Já seria difícil o bastante se equilibrar sem Zoey agarrada com força em seu pescoço.

Ele viu Mira à sua frente, em meio à multidão, com poucas pessoas entre eles. Ela enfrentava os mesmos problemas.

— Mira! — ele gritou, tentando se fazer ouvir sobre os tiros de plasma, as explosões e os gritos. Ela o ouviu e se virou, os olhos arregalados, procurando por ele.

E então um barco próximo a Holt foi detonado, espalhando detritos metálicos e fogo num arco malévolo à sua volta. Ele foi jogado no convés da barca que tentava atravessar.

Holt se jogou sobre Zoey a protegeu enquanto mais tiros de plasma passavam chiando e acertaram três negociantes acima deles, lançando-os na água.

Holt espiou da beirada da barca. Os Aranhas estavam prestes a alcançar o posto de troca. Ele pôde ver painéis deslizando pelos dois lados, quando uma bateria de mísseis se projetou, cintilando com ogivas prateadas. Aparentemente os vermelhos estavam levando aquele ataque a sério.

— Eu dou muito trabalho, não é? — Zoey perguntou, ainda embaixo dele.

Holt olhou para ela.

— Neném, você nem faz ideia.

27. O TESOURA DE VENTO

OS CAMINHANTES VERMELHOS ESTAVAM QUASE sobre o posto de trocas, os enormes canhões atirando conforme avançavam. Outro barco explodiu e foi lançado pelos ares quando o combustível incendiou.

Mira corria entre a multidão em pânico, saltando de barco em barco, tentando chegar aonde tinha visto Holt e Zoey pela última vez antes da explosão. Num relance, ela notou uma mancha acinzentada atrás dela. Max a tinha encontrado e a seguia.

Metade dos negociantes e tripulações se apressava para dividir o posto de trocas em várias embarcações. A outra metade erguia suas defesas. Alguns barcos tinham armas, outros preparavam canhões de água aproveitados de navios de combate a incêndios, e alguns até possuíam canhões primitivos que lançavam grandes soldas de pedaços de metal. A maioria não tinha chance contra o ataque massivo dos caminhantes vermelhos. Os negociantes estavam acostumados a lutar contra os Louva-a-deus e a fugir dos Abutres, mas não a enfrentar Aranhas em combate em campo aberto.

Mira saltou para a barca onde tinha visto Holt e Zoey... e quase caiu sobre eles, que se abrigavam numa bobina de corda. Alguns segundos depois, Max fez o mesmo, latindo enlouquecido.

Assustada, Mira se curvou para olhar Zoey, que estava deitada sob Holt.

— Ela está bem? — perguntou, preocupada.

— Nós estamos bem — ele enfatizou. Ela o olhou irritada.

Outra explosão, mais jatos de plasma incendiando o ar. Na outra extremidade do posto de troca, os barcos começavam a desatracar um do outro. A estrutura inteira começava a se inclinar com a força da correnteza.

— Acho que eles vieram por minha causa — disse Zoey. Holt e Mira

olharam para ela, notando sua voz trêmula. — Acho que eles me encontraram quando fiz... aquilo. — Ela olhou para os dois com um visível medo nos olhos.

— Tudo bem — disse Holt, olhando para a extremidade da barca. Eles viram um dos barcos lançar uma bola de metal enferrujado no caminhante mais próximo. O projétil acertou a armadura do Aranha vermelho sem causar nem sequer um arranhão. — Eu diria que foi uma boa lição, não acha? O tipo de coisa para não se esquecer mais. Certo?

— Certo — concordou Zoey.

Outra explosão, uma nuvem de fogo em direção ao céu. Mais rugidos dos caminhantes.

— Pensaremos nisso mais tarde — disse Mira, pegando Zoey pela mão. — Agora precisamos sair daqui.

Holt se levantou e olhou para o que havia sobrado do posto de troca.

Mais e mais barcos desatracavam, ligando os motores e descendo pela correnteza o mais rápido que podiam. Bom para eles, não tão bom para Mira e Holt. O restante do posto estava começando a rodopiar, não mais ancorado ao leito do rio, e a correnteza os puxava. Se eles não saíssem dali depressa, teriam que nadar.

Algo rápido passou assobiando quando um dos caminhantes lançou uma rajada de mísseis. Eles zuniram pelo ar, acertando dois barcos que recuavam. Mais sacudidas enquanto as embarcações ligavam os motores, perdiam o controle e batiam umas nas outras.

Eles não perderiam mais tempo.

Mira puxou Zoey, e saltaram de barco em barco o mais rápido que puderam, tentando chegar em terra firme. Mas tinham muito pela frente ainda. Mais tiros de plasma cortaram o ar; os garotos negociantes corriam por toda parte em pânico, desfazendo rapidamente as amarras e ganchos que prendiam seus barcos uns aos outros.

Mas era tarde demais.

Os enormes caminhantes alcançaram o que restava do posto de trocas ao mesmo tempo. Um deles ergueu as duas pernas da frente, emitiu um rugido ensurdecedor e raivoso que cruzou o ar, e fincou os pés no chão. As pernas

poderosas adentraram o velho rebocador como se ele fosse feito de papel. Uma coluna de fogo se ergueu; o casco metálico do navio foi partido ao meio, lançando metais e parafusos por toda parte. Mira viu a tripulação saltar para fugir das chamas, mergulhando no rio segundos antes de uma nova explosão destruir o que sobrara do barco.

Os outros barcos começavam a se soltar do resto, incluindo o barco de pesca modificado em que eles estavam.

— Rápido! — gritou Holt, acelerando para a beirada da última embarcação. Ele saltou sobre o chão firme e os outros o seguiram, um por um, tentando desesperadamente...

Um dos Aranhas vermelhos rugiu furioso. Holt e Mira se viraram, olharam para onde estavam os caminhantes e viram um deles com seu enorme olho trióptico voltado diretamente para eles. Ou, mais especificamente... diretamente para Zoey.

— Oh, não... — sussurrou Mira.

O caminhante gigantesco se dirigiu a eles, as pernas espalhando água do rio por onde andava. O segundo Aranha se virou, seguiu o olhar do companheiro e rugiu ferozmente em resposta quando seu olho também encontrou Zoey. Ele seguiu o outro.

Uma fresta se abriu por baixo do corpo do caminhante. Mira pôde ver algo girando, crescendo, movendo-se para baixo. Uma garra metálica.

— Não! — ela gritou, puxando Zoey para perto de si.

E então o Aranha vermelho se encolheu ao ser atingido por uma rajada de tiros de plasma.

Cinco Predadores azuis e brancos sobrevoavam o rio, canhões atirando nos caminhantes vermelhos. O segundo Aranha resmungou irritado e descarregou nos Predadores uma massiva saraivada de tiros de seu canhão de plasma.

Um deles foi alvejado, soltou fagulhas, girou e incendiou-se, batendo contra as árvores do outro lado do rio.

Mais som de motores ecoou ali perto. Mira olhou para cima a tempo de ver três naves cargueiras Águias-marinhas azuis e brancas se amontoando acima do rio. Mais dois caminhantes se balançavam embaixo deles.

As Águias-marinhas os soltaram no chão e eles imediatamente se energizaram, lançando luzes coloridas e zumbindo enquanto seus sistemas eram ativados.

Oito caminhantes Louva-a-deus e um Aranha.

As Águias-marinhas rugiram alto e levantaram poeira ao subir aos céus.

Os novos caminhantes azuis e brancos voltaram sua atenção para os dois Aranhas vermelhos... e abriram fogo. Jatos de plasma amarelos atingiram diretamente os caminhantes vermelhos, que soltaram faíscas.

Estes rugiram furiosamente, o som ecoando sobre todo o vale, enquanto eles se viravam para enfrentar a nova ameaça.

Mísseis saíam de suas baterias, rugindo pelo ar como abelhas gigantes e raivosas. Explosões atingiram o chão por toda a volta dos caminhantes azuis e brancos, já separados em pequenos grupos.

Tiros de plasma dispararam de ambos os lados, chiando pelos ares, assoviando e queimando.

Predadores azuis e brancos sobrevoavam... agora perseguidos pelo mesmo número de naves de combate vermelhas, que apareceram do nada, descarregando seus canhões contra os azuis e brancos.

Mira olhou para Holt enquanto protegia Zoey no chão. Ele a olhou sem palavras.

As embarcações que sobraram do posto de trocas desciam o rio a todo vapor. A maior parte estava em chamas ou avariada, mas conseguira escapar. Os Aranhas vermelhos haviam se esquecido delas; tinham problemas maiores agora.

Mira e Holt estudaram a paisagem rapidamente. Tudo era campo aberto para além do rio; eles seriam avistados rapidamente assim que os dois grupos terminassem de detonar um ao outro. Precisavam de outra opção, precisavam de algo que...

Mira avistou o enorme navio terrestre que tinham visto antes, ancorado ali perto. A tripulação escalava freneticamente o convés, mas o navio não estava se movendo. As velas estavam caídas nos mastros, em vez de serem sopradas pela brisa.

Mira não entendia por que esperavam tanto, mas ela nunca desperdiçava

uma oportunidade.

— Holt! — ela gritou, puxando Zoey e correndo para a frente. Holt viu para onde elas iam e não pareceu muito empolgado com isso. No entanto, as explosões que acertavam o chão ali perto fizeram com que ele e Max as seguissem.

Atrás deles, a batalha se acirrava. Predadores guerreavam no céu, desintegrando-se em chamas e chuvas de faíscas. Os enormes Aranhas não paravam de atirar, disparando tiros de plasma e lançando mísseis. Os azuis e brancos mantinham a ofensiva, tentando cercar os vermelhos.

Enquanto Mira corria para o navio terrestre, ela pôde observar mais detalhes. Ele era lindo. Em outra situação, ela teria olhado para a embarcação com reverência. Mas as naves de guerra cintilando no alto refrearam esse impulso.

— Ei! — Mira gritou para o convés. — Ei!

Algumas poucas cabeças olharam por sobre o corrimão e a viram embaixo, mas elas logo desapareceram. A tripulação estava mais preocupada em escapar do que em lhe dar atenção. Mira não os culpava. Mais explosões se ouviram ao longo do rio.

— Isso não vai dar certo — disse Holt, olhando a batalha ao redor com nervosismo. — Vamos sair daqui. Se conseguirmos nos adiantar o suficiente...

Mira o ignorou e gritou novamente para o navio.

— Algum problema com seu Chinook? Talvez eu possa ajudar! — Era um tiro no escuro, mas talvez o motivo para o navio terrestre ainda não ter zarpado fosse um problema com seu equipamento principal.

O vento simplesmente não era forte o suficiente para movimentar a imensa embarcação. Era necessário algo mais poderoso e, por esse motivo, as tripulações de navios terrestres usavam um artefato das Terras Estranhas chamado Chinook, que aumentava o poder do vento normal, intensificando-o o suficiente para impulsioná-los. Mira fizera alguns Chinooks nos velhos tempos; era difícil montá-los corretamente, mas eram sempre vendidos por um preço alto.

Mais cabeças apareceram, e então rapidamente se separaram quando outra

pessoa forçou caminho entre eles: um rapaz, provavelmente por volta dos 18 ou 19 anos, com um ar confiante incomum para a própria idade e um sorriso arrogante. Os cabelos escuros caíam em ondas atrás da cabeça, e mesmo à distância Mira pôde notar sua beleza rude. Ele usava uma camisa preta enfiada numa calça estilo militar também preta, e um cinto para armas ao redor da cintura. Ele olhou para as pessoas abaixo, colocando a bota de ponta prateada no corrimão que circundava o convés, dobrando o joelho e reclinando-se casualmente.

— Digamos que você esteja certa — ele disse. — Digamos que o Chinook esteja avariado. Digamos que um dos retardados responsáveis pelos artefatos negociou-o com um componente defeituoso e agora estamos presos aqui enquanto os Confederados se explodem uns aos outros a poucos metros. Como você se propõe a nos ajudar? Garotas bonitas são as coisas mais úteis deste mundo, mas, no momento, eu realmente preciso de alguém com experiência em artefatos.

Mira corou, apesar da batalha que se travava ao redor, e ela viu Holt olhar para o Capitão.

— Ah, qual é... — ele disse entredentes.

— Eu sou uma Bucaneira! — Mira gritou para o Capitão. — Tenho artefatos comigo, provavelmente os necessários para inflar suas velas novamente. O que acha?

O Capitão a olhou de outra maneira.

— Muito bem. Bonita e inteligente. Isso pode ser útil no fim das contas.

Mais explosões, mais mísseis chiando. Todos — a tripulação do navio, Mira, Holt e Zoey — instintivamente se viraram para olhar a batalha.

As árvores, dos dois lados do rio, estavam em chamas. Predadores rugiam no alto, atirando uns nos outros, chocando-se e explodindo em chamas. Os campos brilhavam com as energias em forma de cristal que se elevavam no ar, provenientes dos caminhantes em chamas.

O que restara dos azuis e brancos estava concentrando seu ataque num dos Aranhas vermelhos, que rugia terrivelmente, encolhendo-se a cada jato de plasma e míssil que o acertava.

Ele foi finalmente vencido, caindo na água com um guincho distorcido e explodindo em meio às chamas.

Mas nenhum campo de energia brilhante se elevou dali. Ferrugem negra se formou em sua superfície, espalhando-se incrivelmente rápido, sufocando a máquina que se contorcia, como um câncer metálico. E então ela parou de se mover.

Atrás dela, duas enormes Águias-marinhas surgiram de repente, cada uma carregando mais Aranhas.

Seus motores rugiam enquanto elas pairavam sobre o rio, deixavam sua carga e rapidamente se retiravam. Quando os dois Aranhas chegaram ao chão, ganharam vida, zumbindo e se iluminando, erguendo-se com seus pesos enormes.

Eles abriram fogo imediatamente, enviando jatos de plasma em direção à linha de azuis e brancos, dando reforço ao primeiro Aranha. O conflito tinha rapidamente se tornado uma batalha de grande escala.

O Capitão olhou para Mira, sem nem sombra de pânico nos olhos. Ele certamente era um cara controlado e de sangue-frio.

— Estamos fazendo algum tipo de barganha? — ele perguntou.

Tripulações de navios terrestres tinham uma subcultura focada na troca e no comércio. Para eles, tudo era parte de uma barganha, e a única troca digna de respeito era a que trazia lucro para ambos os lados. Se Mira não tivesse nada a oferecer para o atraente Capitão, seria melhor que ela nem subisse a bordo. Felizmente, ela tinha, e já havia lidado com negociantes de navios terrestres o suficiente para saber como o processo se dava.

— Estamos — respondeu Mira. — Pura troca, sem condições. Eu uso meus próprios artefatos para fazer o Chinook funcionar. Em troca, você nos leva para qualquer lugar longe daqui.

Um jato de plasma errante explodiu no ar bem acima deles. A tripulação se encolheu. O Capitão, não; ele apenas olhava Mira, pensativo.

— Isso é um simples negócio — ele disse. — Você não terá de volta nenhum artefato que usar em nosso Chinook.

— Está bem! — ela gritou. — Deixe a gente subir!

O Capitão sorriu.

— Meu nome é Dresden. Bem-vindos a bordo do Tesoura de Vento.

Dresden saiu de onde estava e começou a gritar ordens. Na lateral do navio, uma prancha gigantesca desceu do convés e bateu com força no chão.

Mira se voltou para Holt, sorrindo aliviada. Mas então, viu seu olhar frustrado.

— O que foi? — ela perguntou, mesmo sabendo que não iria gostar da resposta.

— Minhas armas — ele disse, angustiado, virando-se para o caos, com o fogo tomando conta de tudo ao longo do rio. — Não posso deixá-las.

— Você só pode estar brincando! — exclamou Mira. — Você pode conseguir outras!

— Não como essas! — ele gritou. — Leve Zoey para cima. E segure este navio!

Mira viu Holt e Max voltarem correndo na direção que tinham vindo, direto para os mísseis e os jatos de plasma voadores. Ela podia ver as armas dele, perto da fileira de árvores que margeava o rio, onde Holt as tinha deixado mais cedo. Estavam a cerca de cem metros de distância. — Ele precisava ser rápido.

Mira sacudiu a cabeça, pegou Zoey e correu pela prancha. Dresden a recebeu e juntos eles seguiram para a plataforma central do navio, onde estava o imenso timão.

— Não posso segurar o navio para o seu amigo, gracinha — ele disse. — Ou ele volta quando estivermos partindo ou ficará para trás.

— Ele vai voltar — disse Zoey. — Holt sempre volta.

Mira esperava que ela estivesse certa.

— Todos aos seus postos! — ordenou o Capitão. — Vocês sabem o que fazer. Preparem o navio. Quando nossa convidada aqui fizer o Chinook funcionar, quero a vela inflada em tempo mínimo. Mexam-se!

Foi um alvoroço quando a tripulação, mais de vinte garotos, entrou em ação, correndo para todos os lados no convés. Cordas eram desamarradas e placas gigantes de metal desciam pelas janelas e aberturas do navio, lacrando os pontos fracos.

Os garotos corriam para seus postos no convés e abaixo, subindo pelos mastros e velas para as várias cestas da gávea, a quase cem metros de altura.

Mira e Dresden pararam diante do timão, onde dois garotos procuravam por algo específico numa pilha de vários tipos de pregos, parafusos e porcas. Um deles tocava rapidamente cada objeto com a ponta de uma combinação de artefatos, e Mira o reconheceu: um pequeno Detector, uma combinação que detectava outros artefatos. Se uma das peças caídas no convés fosse genuinamente um artefato ativo das Terras Estranhas, ele a encontraria. Até então, não havia encontrado nada.

— Tente os parafusos da placa de metal! — gritou o outro garoto.

— Já tentei! — o primeiro gritou de volta. — Eles não funcionam, são comuns. Aqueles Ratos nos venderam um saco de bugigangas comuns!

— Do que você precisa? — perguntou Mira, enquanto mais explosões eram ouvidas ao lado do navio.

Os dois garotos olharam para ela.

— Quem diabos é você? — perguntou o garoto com o Detector.

— Aquela que vai salvar a pele de vocês — Dresden respondeu com firmeza. — Ela é uma Bucaneira; comecem a ouvir e respondam às perguntas dela.

— É para o Chinook. É um artefato que...

— Eu sei como isso funciona; já fiz alguns — interrompeu Mira. — Do que vocês precisam?

Os garotos olharam para ela e disseram ao mesmo tempo:

— O Focalizador para a quarta fileira.

Mira balançou a cabeça e baixou a mochila. Ela sabia do que eles precisavam e tinha quase certeza de que possuía um.

— Eu tenho um parafuso de estrada de ferro. É maior do que o que vocês costumam usar, provavelmente, mas vai funcionar direito. Com o que vocês estão prendendo a peça?

— Uma corrente de bitola curta — respondeu um deles.

— Vá buscar!

Eles correram para buscar a engrenagem enquanto Mira revirava a mochila.

O navio sacudiu com mais explosões que acertavam o chão, e ela viu outro Aranha vermelho cair em chamas no rio. Quando os Confederados tivessem se destruído uns aos outros, eles voltariam sua atenção para procurar Zoey... e então estariam todos perdidos.

— E pensar que este dia começou tão bem... — disse Dresden, recostando-se no timão do navio e observando a batalha que se desdobrava.

— Nem me fale, eu comi cupcakes hoje cedo — completou Mira. Onde diabos estava Holt?

HOLT QUASE CAIU DE CARA na grama quando derrapou até parar diante de suas armas. Elas estavam exatamente onde as havia deixado, e com as explosões e bolas de fogo a apenas alguns metros de distância, a visão de suas velhas amigas lhe davam, no mínimo, paz de espírito.

Ele pegou as armas e rapidamente as colocou nos coldres. Agora, tudo que tinha a fazer era voltar na metade do tempo para o navio e para aquele capitão idiota. O que havia de errado com aquele cara, com aquele cabelo e aquelas botas? “Bonita e inteligente?”, ele ia mostrar a ele a inteligência...

Holt ouviu um rosnado ali perto. Virou-se e viu Max olhando atentamente para o limite das árvores adiante, o pelo do pescoço eriçado, a boca entreaberta, mostrando os dentes. O cachorro não estava contente com algo que vinha dali.

Holt olhou em direção às arvores, mas não viu nada. A batalha estava na outra direção. O que poderia ter deixado o cachorro tão irritado?

O ar cintilou quando a camuflagem das máquinas Confederadas caiu. Eram as pequenas e ágeis, pintadas de verde e laranja. Os olhos de Holt se arregalaram horrorizados ao reconhecê-las.

Apenas quatro delas haviam sobrevivido às Planícies Alagadas e permaneceram na floresta como fantasmas mecânicos, com as armaduras arranhadas, amassadas e enlameadas. Seus três olhos giraram para focar em Holt.

— Filhos da... — xingou Holt, ficando de pé. — Max, vamos embora!

O cachorro se desvencilhou dos trípodes e os dois correram o mais rápido que puderam, de volta para o navio. Atrás deles, Holt ouvia os assustadores sons

de trompetas eletrônicas e as passadas furiosas dos trípodes.

Jatos de plasma amarelo passavam voando e atingiam o chão ao redor dele. Max uivava enquanto corriam; ele não parecia estar se divertindo no momento.

À frente dele, o navio terrestre continuava onde o haviam deixado. Holt poderia conseguir. Tudo que precisava fazer era continuar correndo e então poderia...

As velas gigantes do navio se inflaram de repente, como grandes asas de águia.

Holt sempre achara belíssimas as velas de navios terrestres, mosaicos de cores e padrões, feitos com todos os tipos de tecido, e este não era diferente. Das cores laranja, roxo e amarelo, pareciam enormes obras de arte flutuando ao vento, mas como Holt sabia o que aquilo significava, ele não sentiu vontade de parar e apreciar a vista.

Mira devia ter conseguido consertar fosse lá que problema o navio tivesse e agora a embarcação estava partindo.

Sem ele.

— Ei! — Holt gritou, correndo mais rápido. — Ei!

A prancha, que havia sido baixada para o chão, subia de volta ao convés e o navio rugia com suas rodas gigantescas girando lentamente, esmagando o solo rochoso, ganhando velocidade e impulso.

Mais jatos de plasma chamuscaram o ar. As passadas e o som de trombeta estavam quase chegando aonde ele estava. Dentro do rio, dois Predadores azuis e brancos caíram em chamas, atingidos por suas próprias forças terrestres, incinerando-se onde estavam. A paisagem era sua única proteção naquela insanidade.

Holt chegou ao navio quando este começava a avançar, correndo ao seu lado. Ele procurou alguma coisa em que se segurar — uma escotilha, um corrimão, qualquer coisa — mas a madeira do casco tinha sido bem polida. Não havia em que se segurar.

— Holt! — uma voz gritou para baixo. Ele olhou para cima e viu Mira jogando um rolo de cordas e placas de madeira. Quando aquilo se estendeu, ele pôde ver o que realmente era. Uma escada. Holt não perdeu tempo; segurou-a,

encontrou apoio para os pés e puxou.

Não foi algo bonito de se ver — ele se arrastou pelo chão precariamente, espalhando pedras e terra atrás dele —, mas finalmente conseguiu escalar o suficiente para tirar o pé do chão.

Acima dele, o Capitão e alguns de seus homens seguravam as cordas da escada para começar a puxar. Atrás dele, Max latia desesperado, perseguido pelos quatro trípodes que se aproximavam rapidamente.

Holt deu três assovios curtos e o cachorro ligou as turbinas, correndo loucamente atrás de Holt com toda a energia que lhe restava. O navio estava ganhando mais velocidade: ele só teria uma chance. Holt agarrou a escada com uma das mãos e esticou a outra para pegar Max.

O cachorro saltou para a frente com o que restava de suas forças, os trípodes se aproximando...

... e Holt o pegou nos braços, segurando-o contra o peito com firmeza.

O cachorro não parecia muito agradecido; ele se debatia e chutava e não havia muito o que Holt pudesse fazer segurando-o com apenas uma mão.

— Max! — ele gritou, irritado.

Ele ouviu gritos vindos de cima quando mais homens da tripulação agarraram a escada e começaram a puxar. O chão se afastava abaixo dele... e bem na hora.

Os trípodes finalmente o alcançaram, mas já era tarde; ele estava fora de alcance agora. Holt viu que um estava pintado de modo diferente dos outros; suas marcas eram das mesmas cores, mas únicas. Mais ousadas. Chamativas. Holt fitou os olhos da máquina e, para ele, era como se ela o encarasse com ódio.

Era a segunda vez que Holt a vencia. A máquina não parecia ter aceitado bem... ou o que quer que a estivesse controlando. Tiros de plasma partiam dos trípodes e Holt estremeceu quando mãos o jogaram no convés bem na hora que um deles passou raspando pela sua cabeça.

— O Max! — ele ouviu Zoey gritar de algum lugar, e o cachorro se desvencilhou de Holt e correu para a menina. Holt fez uma careta. Max tinha sérios problemas para demonstrar gratidão.

Holt se levantou... e foi envolvido imediatamente num abraço esmagador.

Braços delicados o envolviam e ele sentiu Mira contra o peito.

— Holt... — ela disse, e a emoção em sua voz era sincera. Ela havia ficado preocupada; ele podia sentir em seu abraço. Lentamente, com hesitação, Holt colocou os braços ao redor de Mira e a abraçou também.

Holt se esforçara muito para não se importar com outras pessoas. Tanto, que havia se esquecido de como era bom ter alguém que se preocupasse com ele. Isso era... não era tão desagradável assim.

Mira se afastou, corada, olhando nos olhos dele. Holt também a olhou, e um sorriso começou a se formar no rosto dele.

— Está vendo? — Zoey disse ao seu lado. — Holt sempre volta.

Holt olhou para a menina.

— É isso aí, neném. — Ele sorriu de verdade agora. — Eu sempre...

Uma rajada de plasma cruzou o ar e Holt sentiu um baque do seu lado esquerdo. O impacto o fez rolar descontroladamente, numa onda de dor e confusão; ele bateu com força no convés do navio e ficou ali deitado sem se mover.

Holt ouviu Mira gritar acima dele, sentiu quando ela se jogou sobre ele, de modo protetor, e viu o resto da tripulação se jogar no chão para se proteger.

Quase em câmera lenta, conforme sua visão diminuía e a escuridão aumentava, Holt olhou atrás deles. Ao longe, as explosões continuavam ao longo do rio quando o último dos Aranhas caiu em chamas dentro da água. No chão, o pequeno trípode verde e laranja o perseguia com raiva, mas era deixado para trás conforme o enorme navio ganhava velocidade. Seu canhão de plasma atirou contra o navio, enquanto Holt olhava para o caminhante com padrões diferentes novamente. Mesmo com a distância entre eles, Holt podia sentir o olhar da máquina sobre ele, como antes, faminto e cheio de maldade e más intenções.

E, então, tudo ficou escuro e o mundo se apagou.

PARTE DOIS

A CIDADE DA MEIA-NOITE

28. ALGUMA COISA

EM SEU LENTO E DOLOROSO RETORNO À CONSCIÊNCIA, Holt observava o mundo através de estranhas imagens que iam e vinham e eram pontuadas pela escuridão. Por mais desagradáveis que fossem, ele preferia os momentos de vigília do que de inconsciência, ao menos porque, naquela mistura confusa de imagens e sons isolados, ele não estava sonhando. Os sonhos haviam se tornado mais vívidos do que nunca. Ele sabia para onde o estavam levando... e ele não queria ir para lá.

Conforme a escuridão retrocedia, levava com ela a névoa e a confusão. Quando ele abriu os olhos, piscou para o brilho intenso do mundo. Estava num quartinho, feito completamente de madeira polida. O teto era abobadado e liso, tudo combinando perfeitamente, e a cama em que estava parecia ter sido construída direto da parede. Havia um baú do outro lado, e uma pequena janela de vitral — talvez de uma antiga igreja — permitia que fachos de luzes coloridas flutuassem no ar.

Ele também notou uma outra coisa. O quarto balançava ocasionalmente, sacudindo e vibrando. Era como se tudo se movesse...

— Ei, Hawkins — disse uma voz conhecida. — Obrigada por se juntar a nós.

Holt olhou para seu lado esquerdo e viu Mira sentada no chão ao lado da cama, olhando para ele. Ele se perguntou por quanto tempo ela estivera ali. Saber que a garota estivera olhando para ele de modo protetor era ao mesmo tempo prazeroso e desconfortante.

— Onde estamos? — ele perguntou, sentando-se devagar.

Ele se arrependeu do movimento quase que imediatamente. Sua cabeça girou e ele sentiu as costelas do lado esquerdo queimarem. Agora que estava se mexendo, podia sentir as bandagens pegajosas recém-colocadas ao redor de seu

abdome. Alguém havia tratado o seu ferimento e, com a constatação, veio a lembrança do tiro de plasma e do mundo girando enquanto ele desmoronava.

— É melhor ir com calma, matador — ela disse, notando a dor que ele sentia. — Você levou um golpe e tanto. Eu não tinha certeza se sobreviveria. — A voz dela tinha um tom de preocupação. — Você ficou apagado por umas vinte horas. A gente está no Tesoura de Vento — continuou Mira. — Ele está nos levando para a Cidade da Meia-Noite. Zoey está lá em cima com o Max, no convés.

— O navio terrestre do posto de trocas? — Holt se lembrou de que estava correndo para ele quando os verdes e laranja apareceram. O resto de suas lembranças era no mínimo vago. Isso explicava o movimento sacolejante do quarto. — Você consertou o... sei lá o que deles?

Mira sorriu.

— O Chinook, sim. Eles tinham trocado um Focalizador ruim no depósito. Eu tinha outro, ajudei a reconstruí-lo.

Holt segurou a cabeça entre as mãos, deixando a dor e a tontura passarem. Então algo lhe ocorreu. Algo ruim.

— A Cidade da Meia-Noite — ele suspirou.

— É — Mira respondeu. — Eu sei que é a direção oposta da que você queria ir, mas achei que fosse preferir isso do que ser deixado para trás.

Ele olhou para ela.

— Aposto que você vai fazer qualquer coisa para me manter por perto, hein?

Mira sorriu.

— É possível que você esteja ficando um pouco convencido.

Holt desviou o olhar, pensativo. Aquilo significava uma longa viagem para ele, e mais chances de ir direto para o Bando ao longo do caminho. Mas não havia nada que pudesse fazer para mudar isso agora; precisava pensar. Ele fechou os olhos novamente. Tudo estava retornando e, com a volta da memória, ele se dava conta de quanta sorte eles haviam tido.

Mira também sabia disso.

— Aqueles Caçadores estavam quase em cima de nós — ela disse. — E os outros estavam se explodindo em pedaços. Eu nunca tinha visto tanto tiro de

plasma num único lugar. — Ela lhe lançou um olhar expressivo. — Alguma coisa aconteceu com a Zoey, não foi?

Holt olhou para ela, lembrando do que acontecera no posto de troca. Ele mesmo ainda não tinha certeza se acreditava, mas lhe contou o que tinha visto. Os gritos que vinham da tenda, Zoey sozinha com dois adolescentes mais velhos, a reação quando os outros viram os olhos claros deles, sua insistência em dizer que Zoey os havia "curado" da Estática.

Mira olhou para Holt em choque, como ele esperava.

— Você... acredita naquilo? Aconteceu mesmo?

— Se aconteceu, eu não vi — ele respondeu. — Mas pela reação daqueles garotos, eu diria que foi real. Eles teriam partido Zoey ao meio para ficar com ela, tenho certeza. É só mais um motivo para eu começar a me perguntar se é seguro mantê-la por perto.

Mira olhou para ele, indignada.

— Eu não estou dizendo que ela nos faria algum mal — ele continuou. — Mas você viu aquela batalha lá atrás. Era uma guerra das grandes. E tudo por causa de uma garotinha? Ela é perigosa! No instante em que ela... fez sei lá o quê, três grupos diferentes de Confederados começaram a descer do céu, Mira.

Ela o analisou.

— Holt, você já pensou que talvez a razão para que os Confederados queiram a Zoey... seja porque eles têm medo dela?

— Ela tem 8 anos de idade.

— Se o que você está dizendo for verdade, ela pode deter a Estática, Holt.

— E daí? — ele disse, irritado. — O que nós vamos fazer, colocar em fila todos os que foram deixados vivos e fazê-la tocar todos eles? Um milhão de sobreviventes no mundo todo?

— Já é alguma coisa — disse Mira. — Tudo começa por algum lugar.

— Não, isso não é nada. Isso é ridículo.

— Acho que Zoey é especial — disse Mira, com convicção. — E eu confio nela.

— Ela é incrivelmente especial, não há dúvida, mas eu não confio cegamente em nada — disse Holt. — Eu não acredito em fé, eu não acredito em

magia. Eu acredito em mim mesmo e no que eu vejo com meus olhos. Você não pode simplesmente começar a acreditar a troco de nada. Mira, isso é perigoso. É preciso pensar na sobrevivência.

— Eu acho tudo isso uma idiotice. — Ela manteve o olhar fixo nele. — Eu não acho que isso tenha a ver com sobrevivência. Eu acho que tem a ver com medo.

Holt apenas a observava, sentindo um nervosismo crescer dentro dele.

— Quem você perdeu, Holt? — ela perguntou gentilmente, mais uma vez.

Holt suspirou e olhou para o lado. Já fazia um bom tempo que ele não falava naquilo. Na verdade, ele só tinha falado com uma pessoa... e essa pessoa era muito diferente de Mira. Ele se surpreendeu ao ouvir a própria voz.

— Minha irmã — ele disse. — Ela estava partindo para se juntar aos Ovelhas Negras. Foi anos atrás, quando eu ainda era criança. A Estática já tinha quase acabado com ela, mas minha irmã achava que podia conseguir mais um ano, talvez dois, em Chicago, lutando com eles.

Ninguém sabia por quê, mas a Estática ficava mais fraca à medida que se chegava mais perto das naves-mãe. Em ruínas como as de Chicago, onde ficava a enorme torre do Parlamento, que se erguia sobre tudo, os sobreviventes podiam durar mais um ano. Não era coincidência que os grupos de resistência que havia por lá, como a Brigada dos Ovelhas Negras, eram compostos principalmente por garotos no final da adolescência.

Conforme falava, Holt sentia as emoções voltando, sentimentos que havia enterrado e com que nunca lidara, e tudo ainda parecia muito fresco em sua memória.

— Eu a segui, mesmo ela tendo me dito para não fazer isso. Quando a alcancei, ela ficou furiosa. Mas eu não me importei. Eu só não queria ficar sozinho, não queria viver sem ela.

Holt sentia o olhar de Mira sobre ele, mas não olhou para ela.

— Nós fomos atacados pelos Confederados numa parada de caminhão, e a estrutura toda desabou e ficamos presos do lado de dentro. Eu estava ferido e ela precisou se virar para me manter vivo e, ao mesmo tempo, cavou uma saída para nós, sozinha. Não havia água nem comida e, quando nós finalmente saímos,

estávamos tão fracos que mal podíamos nos aguentar de pé. Estávamos a dias de distância de qualquer tipo de ajuda.

À medida que falava, ele sentia a respiração ficar difícil.

— Foi como se... depois que ela nos tirou de lá, toda a força que reunira para nos salvar tivesse acabado.

Mira permaneceu sentada em silêncio, ouvindo.

— A Estática a atacou, não foi?

Holt balançou a cabeça afirmativamente.

— Ela estava doente e cansada demais para continuar lutando. Antes que a Estática a levasse, com a pouca energia que lhe restava, ela me disse... — Holt desviou o olhar, como estivesse vendo um fantasma. — Ela me disse...

Mira continuou calada, olhando para ele, sem pressionar.

— Isso não importa — ele disse, afastando as lembranças. — A única coisa que importa é que eu vi a mente dela ser sugada e reduzida a nada bem na minha frente, a vi ir embora sem nem olhar para trás, e foi por minha culpa que isso aconteceu. Se eu não tivesse ido atrás dela, nós nunca teríamos entrado naquele lugar idiota e ela teria tido mais um ano para continuar sendo ela mesma. — Os olhos de Holt estavam úmidos e ele tentou enxugá-los com raiva, mas aquilo só pareceu fazer piorar. Ele não queria que Mira o visse daquele jeito.

O único som era do sacolejo do quarto pelo vento do lado de fora. Quando Mira finalmente falou, a voz dela era gentil e delicada.

— Holt, olhe pra mim — ela disse.

Ele manteve os olhos no chão. Não podia olhar para ela, porque...

— Olhe pra mim. — Ele sentiu os dedos dela em seu queixo, gentilmente erguendo seus olhos para ela. Holt sabia que eles estavam vermelhos e cheios de emoção; podia senti-los ardendo.

— Como ela se chamava? — perguntou Mira.

Não havia tom de julgamento na voz dela, nem horror ou pena. Só havia delicadeza. Apesar de tudo, Mira realmente se importava. Apesar de tudo...

— Emily — ele respondeu com a voz entrecortada.

Mira se inclinou lentamente para ele e, com a aproximação da garota, Holt sentiu uma onda de relaxamento por todo o corpo.

— Me escute — ela disse, olhando nos olhos dele. — Você amava Emily. E ela amava você. Sua irmã estava condenada, não importava o que você fizesse; era apenas uma questão de tempo. Ela sabia disso, eu lhe garanto. Sei que ela sabia porque eu vivo com esse mesmo pensamento todos os dias. Quando cavou uma saída na parada de caminhão, ela não estava se salvando... estava salvando você. Você era Imune, ela sabia que você poderia ter uma vida longa, e pensar nisso a deixava feliz. Ela sacrificou o pouco de tempo que tinha para tirar você dali, para que você pudesse viver. Esse é o maior gesto que alguém pode fazer neste mundo.

Ele tentou desviar o olhar, mas ela o impediu, levantando o queixo dele e mantendo seus olhos nos dela.

— Você não tem por que se sentir culpado — Mira disse com firmeza. — E não sou só eu lhe dizendo isso... é ela, também. Eu posso falar por ela, se ninguém mais pode.

Eram apenas palavras, mas elas tocaram Holt profundamente. Eram palavras que nunca alguém havia lhe dito, e era surpreendente quanto ele se sentia aliviado por ouvi-las.

Holt pegou a mão de Mira, sentiu seus dedos entre os dele. O cheiro dela o envolveu. Ele olhou para aqueles olhos verdes, flutuando por trás dos tentáculos negros. Lentamente, instintivamente, quase magneticamente... eles se inclinaram um para o outro.

— Vocês dois vão ou não vão se beijar? — perguntou Zoey da porta do quarto, e Holt e Mira pararam a poucos centímetros um do outro. Max estava ao lado da menina, a língua para fora.

Holt suspirou e se afastou, relutante. Mira sorriu para ele e deu de ombros.

— O Capitão Dresden queria que eu dissesse a vocês que chegamos — disse Zoey.

— Já? — perguntou Mira. — Fizemos num bom tempo.

— O Capitão Dresden disse que não tem navio terrestre mais rápido que o Tesoura de Vento! — Zoey repetiu, empolgada. — Ele disse que ultrapassou enxames inteiros daquelas coisas de metal assustadoras lá do céu.

Holt fez uma careta.

— Tenho a impressão de que Dresden fala demais.

Mira sorriu e gentilmente tocou o rosto de Holt.

— Vamos lá, matador! — ela disse, ao se levantar. — Todos ao convés! — Holt observou Mira e Zoey saírem do quarto e desaparecerem pelo corredor do outro lado da porta. Max latiu entusiasmado e seguiu as duas.

— Ah, claro! — ele respondeu, sarcástico. — Só tenho que me arrastar lá pra cima, então. Tenho certeza de que vou conseguir sozinho.

— Você só sofreu um arranhão! — ele ouviu Mira gritar do corredor. — Rápido!

Holt já podia ouvir os sons da multidão do lado de fora do navio, e por mais que tentasse, não podia compartilhar do mesmo entusiasmo que os outros. A Cidade da Meia-Noite era um lugar imprevisível, na melhor das hipóteses; e perigoso, na maioria das outras. Pelo menos ele não ficaria muito tempo.

Mas era só isso, não era? Ir embora, por mais necessário que fosse... significava deixar Mira e Zoey.

Como ele tinha deixado aquilo acontecer? De algum modo, voltara ao mesmo ponto em que começara. Um lugar onde levantaria muros para prevenir que isso não acontecesse novamente.

Sobrevivência era tudo. Era no que ele acreditava, era o que lhe ensinaram, e o mundo lhe mostrara que isso era verdade, muitas e muitas vezes. Como pôde deixar que isso acontecesse? Não tinha sido por falta de tentativa: ele tinha mantido distância de Mira e Zoey no início, mas, em vez disso, alguma coisa nelas se recusava a ser ignorada.

Holt sacudiu a cabeça. No seu modo de ver, havia duas escolhas:

Deixá-las ali, na Cidade da Meia-Noite, e permitir que Mira e Zoey enfrentassem os perigos sozinhas. Era problema de Mira, afinal de contas, não dele. A sobrevivência dizia que ele devia seguir para o leste, em direção às Regiões Pantanosas. O Bando ainda estava procurando por ele e, quanto mais permanecesse num único lugar, menos seguro estaria. E, o mais importante, se partisse não teria de ver tudo aquilo acontecer novamente. Ele não teria de ver alguém com quem se importava sucumbir à Estática bem na sua frente.

Ou...

Ele poderia ficar. Poderia correr o risco de sentir a dor e a perda, e tentar encontrar um jeito de impedir que aquilo acontecesse novamente. Poderia encontrar uma maneira de salvar Mira. E, com Zoey, se o que acontecera no posto de troca fosse real... talvez ele realmente pudesse fazer isso. O pensamento o encheu de estranhas emoções, assustadoras. Elas quase pareciam... esperança.

Holt ficou sentado na cama por um bom tempo, pensando, ouvindo os sons das pessoas fervilhando do lado de fora, através do vitral.

Tudo que ele sabia era que, de qualquer maneira, não poderia passar por tudo aquilo de novo...

29. OS VENTOS

MIRA EMERGIU DA PARTE INFERIOR DO CONVÉS do Tesoura de Vento para o sol brilhante da manhã, acompanhada de Zoey e Max.

De fora, ela tinha visto que o navio era feito com várias partes diferentes, mas ali, de perto, via tudo isso de um novo ângulo. As peças — trem, carro, partes de edifícios ou barcos, os mastros feitos de asas de avião — não tinham sido apenas juntadas de qualquer maneira na forma de um navio gigante. Tinham sido meticulosamente montadas e soldadas, e cada componente brilhava à luz do sol, com suas extremidades grossas bem polidas. Não havia vestígio de ferrugem em lugar nenhum, e cada pedaço tinha sido moldado um ao outro para que o navio fluísse sem esforço, tudo unido por madeira entalhada. Pedaços de antigos pisos, convés de barcos, gigantescas vigas de telhado — até mesmo uma parte tirada de uma antiga quadra de basquete! Tudo isso polido e envernizado, brilhando em diversas cores e tons diferentes.

O Tesoura de Vento não era apenas o transporte dessa tripulação; era também a casa dessas pessoas, e ela podia ver agora quanto todos caprichavam na manutenção do navio. E pensar que no Deserto havia centenas dessas embarcações, cada uma única à sua própria maneira, como o Tesoura de Vento.

Algo desse tipo fazia o mundo parecer menos insignificante, pensou Mira.

Ela observava a tripulação — cerca de vinte pessoas, pensou Mira — se movimentando pelo navio e se preparando para atracar. Guardando as velas, estocando equipamentos, desenrolando metros de corda para amarrar.

— Mira, venha cá! — gritou Zoey quando passou correndo com Max ao lado dela. Mira sorriu e foi até o corrimão do convés com eles. Abaixo estava o que havia sido uma gigantesca represa do rio Missouri, paredes imensas de concreto mergulhando numa queda acentuada dezenas de metros abaixo, de onde

uma versão reduzida do rio continuava a seguir para o sul, através de uma enorme várzea.

Era o que no passado se chamava Represa do Forte Bennett, mas agora era o exterior do maior centro populacional permanente da América do Norte, um lugar conhecido como Cidade da Meia-Noite.

A “cidade” verdadeira ficava abaixo do solo, Mira sabia, no sistema de cavernas naturais atrás da estrutura, mas, apesar disso, ela olhava para lá com um olhar perdido, receoso. Era estranho olhar para um lugar que ela costumava chamar de lar, um lugar onde costumava se sentir segura, e saber que agora esse lugar era hostil a ela, que não só não a queria mais, como a machucaria se tivesse chance. Ver a cidade novamente era tanto empolgante quanto triste.

Mira sentiu outra pontada de tristeza quando se deu conta do que a cidade representava. A possibilidade de outro adeus. É claro que Holt não ficaria, agora que tinham chegado à Cidade da Meia-Noite, não com a cabeça a prêmio. Ele tinha dito que seu plano era seguir para as Regiões Pantanosas, para tentar se afastar dos seus problemas. Aquela possibilidade, embora fosse inevitável, deixou um sentimento de vazio no estômago de Mira. Ela não gostava daquele sentimento.

— Você está bem? — Holt perguntou ao lado dela. Ele os tinha seguido até em cima, seus pertences pendurados nas costas. Ela olhou para ele com doçura, e algo se passou entre os dois. E então ela balançou a cabeça e tocou no braço dele.

— Uau! — exclamou Zoey, pegando a mão de Mira. A menina estava olhando para o ancoradouro, do lado de fora do navio, com entusiasmo.

Mira sorriu para ela.

— Isso não é nada! Espere até chegarmos na cidade.

— Como é lá? — perguntou Zoey.

— É... lindo, na verdade. Escuro e brilhante ao mesmo tempo. Cheio de energia, mais pessoas do que você jamais viu num único lugar. Não é como nenhum outro lugar em que você já esteve.

Zoey olhou para o ancoradouro abaixo deles.

A Cidade da Meia-Noite, na verdade, tinha dois ancoradouros, um no ponto

onde o Tesoura de Vento havia atracado, chamado Ancoradouro Superior, e outro bem mais abaixo, onde o rio Missouri se afastava da represa e seguia para o sul, chamado Ancoradouro Inferior.

O Ancoradouro Inferior era para os Ratos do Rio, que traziam seus navios direto do sul para fazer negócios. Mira olhou sobre a beira da represa, para a parte mais abaixo, onde dezenas de barcos e barcaças de rio estavam atracadas. Vistas de cima, as tripulações e as pessoas que se moviam lá embaixo pareciam formigas.

O Ancoradouro Superior era a entrada por terra da Cidade da Meia-Noite e os negociantes entravam a pé, assim como as eventuais caravanas de navios terrestres do Deserto, que atracavam e entravam pela cidade por ali. Havia dois outros navios terrestres parados perto do Tesoura de Vento, ambos uma mistura semelhante de diferentes partes e peças, todas meticulosa e artisticamente unidas, e a tripulação dos três navios tinha esticado cabos entre eles para que a carga, mensagens e até mesmo pessoas pudessem passar facilmente de um lado para o outro.

Em terra, centenas de sobreviventes transitavam entre os navios e a entrada principal da cidade, uma enorme abertura na estrutura de concreto no lado mais distante do ancoradouro que, no passado, provavelmente permitia a entrada de veículos no interior da represa.

— Seria perda de tempo tentar te convencer a ficar? — perguntou uma voz vinda de trás. Mira se virou e viu Dresden. — É um longo caminho para o oeste e sua especialidade seria bem-vinda. Sem mencionar que... você traz beleza e charme ao navio.

Mira corou, mesmo notando o olhar de Holt. O capitão era uma graça e tinha jeito com as palavras, mas ele era mais problema do que ela poderia imaginar.

— Lamento dizer que minha resposta ainda é não. Mas você tem um jeito simpático de reformular uma pergunta, capitão. — Ela viu Holt revirar os olhos e fingir prestar atenção no ancoradouro abaixo.

— Vejo que seu amigo está de pé novamente — disse Dresden, olhando para Holt. — Isso é bom. Quando você caiu, pensei que estivesse acabado. Diabos, por um segundo, achei que todos estivéssemos. A forma com que aquelas coisas

estavam atrás de nós... qualquer um pensaria que estavam interessadas em vocês três, particularmente... — Dresden sorriu animado, mas não completamente desarmado. Ele tinha suas suspeitas, isso estava claro.

— Eles provavelmente só estavam tentando tomar o posto — sugeriu Holt. — Um alvo tentador.

— Três grupos diferentes de Confederados? — duvidou Dresden. — Eu nunca tinha visto vermelhos ou verdes antes, e eles simplesmente aparecem e começam a lutar uns contra os outros? Não. Alguma coisa estava errada ali, e o que quer que fosse, estou feliz por ter me afastado. Partiremos para o oeste amanhã de manhã. A prancha de desembarque está pronta, nós já atracamos; vocês estão livres para desembarcar quando quiserem — Dresden pegou a mão de Mira. Ele a levou até os lábios e a beijou gentilmente. — Sinto que estamos destinados a nos encontrar de novo, você e eu.

Holt, aparentemente, já tinha visto o bastante.

— Duvido que a gente vá visitar o Deserto tão cedo. — Ele tirou a mão de Mira da de Dresden e começou a descer para o porto. Mira quase sorriu. Ela se surpreendeu por gostar tanto de ver Holt com ciúme.

— Nunca se sabe — disse Dresden, caminhando casualmente ao lado deles, aparentemente sem se aborrecer. — Os ventos nos levam para onde querem, no final das contas... e não o contrário. — Ele baixou os olhos para Zoey e a garota ergueu os dela para ele. Dresden piscou para ela. — Lembre-se, pequena. Cuide-se bem.

— Você também, Capitão Dresden — ela respondeu.

— Que os ventos os guiem! — ele disse, fazendo uma reverência, na tradicional despedida dos navios terrestres. A seguir se virou e desapareceu entre a tripulação, dando ordens.

A prancha se estendia à frente deles, uma rampa ornamentada, feita de madeira e metal cintilante, que se estendia até o Ancoradouro Superior abaixo. Os quatro desceram e pisaram no mato rasteiro.

Uma multidão de pessoas, centenas delas, espalhava-se por toda parte, entrando e saindo dos navios terrestres atracados, de outros veículos ou da entrada principal da cidade. Mira ergueu a cabeça para Holt e encontrou os olhos

dele já voltados para ela. A cabeça de Zoey virava de um lado para o outro, analisando os dois.

— Bem... — disse Mira. — Aqui estamos, em outra encruzilhada.

— Bem... — ele disse.

Eles ficaram ali, olhando um para o outro, sem saber o que dizer. Mira viu Zoey revirar os olhos, frustrada.

— Você vai...? — começou Mira.

— Eu estava pensando... — Holt começou, ao mesmo tempo.

Os dois pararam, olhando um para o outro, pouco à vontade.

— Continue — ela disse.

— Não, eu te interrompi. Você começa.

Mira suspirou. Por que era tão difícil? Ela tinha passado por muitas despedidas na vida. Era assim que o mundo funcionava, no final das contas. Por que a possibilidade de este ser um daqueles momentos causava uma dor tão aguda?

— Difícil acreditar que conseguimos — ela disse, finalmente. — Depois de tudo.

— Nós definitivamente superamos todas as expectativas — ele disse, orgulhoso. — Somos uma boa equipe.

Eles se olharam novamente, as perguntas e pensamentos no ar. Mira ouviu um leve “a-hã”, vindo de baixo, e olhou. Zoey lhe lançava um firme olhar de acaba logo com isso. Mira fez uma careta e olhou novamente para Holt.

Ela se forçou a perguntar.

— Você está... indo para o oeste agora? Para as Regiões Pantanosas, quero dizer?

— É isso que você acha que devo fazer? — ele perguntou.

— Eu acho que... você deve fazer o que quiser — ela respondeu, desviando-se completamente do que queria dizer. O que havia de errado com ela? — É isso que... você quer fazer?

— É isso o que você quer que eu faça?

— Mira — interrompeu Zoey, agitada. Eles olharam para ela e a garota os fitou com um olhar severo —, Holt quer perguntar se ele pode ficar e ajudar a

fazer o que você veio fazer aqui. — Holt arregalou os olhos, mas Zoey continuou antes que ele pudesse protestar. — Holt, Mira quer perguntar se você ficaria conosco em vez de ir para o oeste, ao menos por enquanto — e então ela olhou de um para o outro. — Foi tão difícil assim?

Holt e Mira sorriram e olharam um para o outro.

— Acho que não, neném — respondeu Holt.

— Tem certeza? Isso não vai ser fácil, Holt — avisou Mira. — Na verdade, pode ser realmente perigoso.

Ele olhou em volta, com cautela, para a multidão de pessoas que entravam na cidade.

— Por que eu esperaria algo diferente? — ele perguntou. — Além do mais... Max poderia sentir falta de Zoey... — Holt lançou para ela um olhar significativo ao dizer isso.

Ela deu um sorriso largo.

— Ele sentiria, não é?

— Posso montar no Max só até chegarmos ao portão? Por favor? — implorou Zoey.

Holt e Mira suspiraram, balançaram a cabeça, movimentaram os lábios dizendo não e seguiram em frente. Zoey fez beicinho, mas os seguiu.

Eles se misturaram à turba que seguia para a entrada principal. Mira cobriu o rosto com o capuz da blusa, disfarçando-se o máximo que podia.

— Me diga uma coisa... quanto você é conhecida aqui? — perguntou Holt.

— Muito — ela respondeu.

— O que acontece se eu for pego com você?

Ela lhe lançou um olhar malicioso.

— Esqueça que eu perguntei.

Eles continuaram seguindo em direção ao portão, em meio à fila de pessoas para entrar na cidade. Conforme avançavam, mais detalhes da antiga represa se revelavam. Canhões de todo tipo se alinhavam na parte de cima da estrutura, improvisados, como os usados nos barcos do posto de troca; armas recondicionadas, provenientes de tropas e bases militares antigas; e ainda algumas armas de plasma reaproveitadas dos Confederados, que tinham sido

reformadas para funcionar novamente.

Além dos canhões, os habitantes da cidade haviam criado postos armados por toda a parte externa, de onde poderiam atirar protegidos. Todos esses eram sistemas de defesa, para o caso de haver um ataque dos Confederados, mas, até onde Mira sabia, isso nunca tinha acontecido. Eles estavam nos limites do território do Parlamento de Minneapolis, e os alienígenas pareciam não se importar nem um pouco com a existência da cidade. Por que deveriam? Afinal de contas, tudo que tinham de fazer era esperar, pois a Estática entregaria o resto dos sobreviventes diretamente em suas portas.

A entrada principal da Cidade da Meia-Noite crescia à frente deles, duas gigantescas portas de aço que haviam sido abertas para permitir a entrada no túnel de concreto do outro lado.

Acima das gigantescas portas, estava pintado um símbolo. A face de um relógio, com os dois ponteiros para cima e os números de 1 a 12 em toda a volta. Era o símbolo da cidade. Abaixo dele, um grupo de garotos mais velhos fazia guarda na entrada, checando as pessoas que entravam.

As diferentes facções da Cidade da Meia-Noite dividiam as diversas responsabilidades em toda a cidade, e a guarda da entrada era uma delas. Aliviada, Mira viu que os garotos não usavam cinza; estavam de verde.

Isso significava que faziam parte de uma facção chamada Paladinos. Se estivessem de cinza, significaria que eram da facção dos Demônios Cinzentos, a mais poderosa da cidade e aquela à qual Mira um dia havia pertencido.

A probabilidade de os Demônios Cinzentos a reconhecerem era muito maior.

Eles continuaram em frente até alcançar o portão da cidade. A fila se dividia em três, cada uma passando por um guarda diferente. Eles revistavam cada pessoa, buscando por contrabando ou qualquer coisa perigosa, antes de permitir que entrassem. Mira ficou tensa. O que ela estava pensando? Simplesmente entrar pelo portão principal? Era esse o plano dela? Seu rosto era bem conhecido ali e a chance de aqueles guardas a reconhecerem, Demônios Cinzentos ou não, era enorme.

Ao seu lado, Holt abria o zíper da mochila e a remexia, procurando algo específico. Ele tirou dali um pequeno cilindro vermelho com símbolos chineses e

um pedaço de corda pendurado numa das extremidades.

Mira olhou para ele, com ar de interrogação.

— Quando chegar a hora — ele disse, sem olhar para ela —, apenas siga em frente.

Antes que ela pudesse perguntar, Holt puxou a corda do cilindro... mas não houve nenhum pop! ou bang! Nada aconteceu. Ele disfarçadamente o colocou na mochila do garoto à sua frente. Ninguém notou.

A fila continuou seguindo. Holt e Max entraram numa fila, Mira e Zoey em outra, mas Mira continuava olhando com nervosismo o garoto na frente de Holt.

Assim que o garoto alcançou o guarda vestido de verde... fumaça começou a sair da mochila dele, subindo pelo ar.

Os três guardas começaram a gritar e automaticamente se amontoaram em torno do garoto com a mochila fumegante. Ao fazer isso, a fila diante de Mira ficou desprovida de guardas.

Ela entendeu o plano de Holt, pegou Zoey pela mão e caminhou rapidamente, passando pelos guardas distraídos em direção ao túnel à sua frente.

Atrás dela, Holt e Max fizeram o mesmo, avançando rapidamente para...

— Ei! Você! — gritou um dos guardas. Mira fechou os olhos com força e então se deu conta de que os guardas não gritavam para ela. Eles iam em direção a Holt. — Você simplesmente sai andando assim pelo corredor principal carregando essas armas? — perguntou o guarda, irritado.

Holt olhou para trás, indeciso.

— Suas armas, Indiana Jones — mandou o guarda. — Precisam ser inspecionadas antes de você entrar. Armas não são permitidas. Nem estilingues ou arcos. A não ser que sejam para trocar; neste caso, você precisa de uma licença para carregá-las e elas têm de estar descarregadas. Você vai trocá-las?

— É... não — respondeu Holt, cauteloso. — Não, elas são minhas.

— Deixe tudo aqui, então — disse o guarda, impaciente, indo até uma série de armários na parede junto à entrada. Mira seguiu em frente e viu Holt entregar a contragosto suas armas para o guarda dos Paladinos. Ele as fechou no armário e deu a chave para Holt, e ele e Max andaram em direção a ela e Zoey.

Atrás dele, os outros guardas estavam revistando brutalmente o garoto no

qual Holt havia plantado a bomba de fumaça, enquanto ele insistia em voz alta que o artefato não era dele. Os garotos vestidos de verde não pareciam estar acreditando.

Depois que Holt e Max alcançaram Mira e Zoey, o grupo seguiu pelo túnel.

— Até agora tudo bem, eu acho — disse Mira, apertando o capuz em volta da cabeça.

— É — concordou Holt. — Mas eu não gosto de ficar sem minhas armas.

Eles continuaram avançando em meio à massa de sobreviventes descendo o túnel, que aos poucos ia mergulhando numa escuridão ainda mais densa, rumo ao que quer que os esperasse na outra extremidade.

30. A CIDADE DA MEIA-NOITE

O TÚNEL FICAVA GRADUALMENTE MAIS ESCURO conforme eles desciam, tão escuro que de vez em quando Holt tinha de se segurar em Mira, à sua frente, para não cair. Na pouca luz que restava, Holt via Max saltitar à frente deles, brincando entre as pessoas.

— Max! — ele gritou, tentando detê-lo, mas ele já tinha sumido na multidão; Holt meneou a cabeça.

Eles passaram por mais alguns dos pesados portões de aço, todos bem abertos. Eles eram formidáveis, com diversos postos de armas. Mais defesas, ele deduziu. Para o caso de um ataque.

Holt só estivera ali duas vezes; em ambas havia usado a entrada do Ancoradouro Inferior e não tinha permanecido por muito tempo. O que para ele estava ótimo. Havia algo sobre aquela cidade, e todas aquelas pessoas, mais pessoas do que ele normalmente veria num ano inteiro, espremidas dentro daquelas cavernas.

Era inquietante. Ele preferia espaços abertos onde pudesse ver o horizonte. E preferia menos pessoas também. Pessoas não eram confiáveis, e quanto mais delas se juntavam num único lugar, mais chances havia de algo ruim acontecer.

Surgiram luzes à frente, um azul e um vermelho turvos ao longo do teto do túnel de concreto, marcando o seu final. Bem, ao menos da parte onde eles estavam andando. O túnel de concreto continuava para a direita, onde dava para uma grande porta de metal fechada. Mas, onde se bifurcava, um buraco tinha sido escavado na parede.

Mais à frente, havia outro túnel, mas este era natural, feito de pedras entalhadas, e seguia para baixo. A fila de pessoas descia por ele e desaparecia mais à frente.

Holt e os outros seguiram a fila, até finalmente sentirem o nível do chão se elevar. Era o fim da descida. O ar estava gelado e úmido, quase como uma neblina, e Holt podia sentir o gosto dele enquanto respirava.

E então eles chegaram a um local incrível.

Apesar da desconfiança de Holt em relação ao lugar, ele nunca deixava de impressioná-lo, e entrar ali assim, pelo túnel escuro, só fazia a revelação ficar ainda mais dramática.

Eles pararam numa enorme caverna, formada atrás da represa quem sabe quantos milhões de anos atrás. As paredes dessa galeria se estendiam em todas as direções e o teto pairava a dezenas de metros acima deles.

Por toda a caverna, uma cidade havia sido construída. Não havia outra palavra para isso. Holt torceu o bracelete no pulso esquerdo ao entrar. Estruturas feitas de madeira, metal e plástico, edifícios reaproveitados de outras partes do mundo, pregadas e soldadas, além de componentes recondicionados de todos os tipos de aparelho e objeto subiam pelas paredes da caverna, algumas vezes por seis ou sete andares de altura.

Luzes de todos os formatos e cores estavam penduradas no teto, em grande número. Pela quantidade e grande altura a que ficavam, à primeira vista elas pareciam estrelas num céu noturno, iluminando tudo que estava abaixo com sua luz tremulante. Não era mistério o motivo de o lugar ter esse nome. A Cidade da Meia-Noite era uma cidade em noite perpétua.

Os edifícios e o fluxo natural da caverna criavam grandes caminhos semelhantes a ruas, sinalizados por postes de luz que brilhavam em diversas cores e intensidades e se estendiam ao longe por outras partes da cidade cavernosa.

A rocha negra fazia tudo parecer sombrio e misterioso, e as luzes brilhantes e coloridas pareciam ainda mais incríveis em contraste com ela. Era como Mira havia dito a Zoey: a cidade era escura e brilhante ao mesmo tempo.

Zoey olhava deslumbrada, de boca aberta. Holt viu Mira sorrir e se ajoelhar ao lado dela.

— É aqui que você mora? — perguntou Zoey.

Holt notou um ar de tristeza no rosto de Mira, antes que ela respondesse.

— É. Este é o corredor principal. É onde todo mundo mora, menos as facções maiores. Eles têm suas próprias cavernas.

Mira examinou a cidade com um ar de melancolia. Por estar sempre em trânsito, Holt nunca havia sentido realmente que tivesse um "lar". Até mesmo quando convivera com o Bando, ele não tinha ficado muito tempo em Fausto. Mas se ele tivesse tido um lar, um lugar ao qual pertencesse, e se esse lugar lhe fosse tirado, ele poderia imaginar como seria a sensação.

Centenas de sobreviventes entravam e saíam dos edifícios da cidade, cuidando da própria vida, andando pelas ruas iluminadas.

— De onde vêm essas luzes? — perguntou Zoey.

Boa pergunta, agora que Holt havia notado.

— São elétricas? — ele perguntou. — Eles conseguem fazer os geradores da represa funcionar?

Mira negou com a cabeça.

— Não, a represa não funciona há anos, e ninguém sabe como consertá-la. As luzes são combinações de artefatos secundários, chamados Iluminadores. A cor das luzes depende dos componentes, e você nunca sabe de que cor elas vão ficar. É por isso que são todas diferentes.

— Eu gosto das cores! — disse Zoey, esticando o pescoço para ver o teto da caverna.

Eles voltaram a andar pela cidade brilhante e Max reapareceu, desviando-se da multidão em seu caminho de volta, a língua para fora.

— Max! — gritou Zoey, pegando uma das orelhas do cachorro e segurando-a enquanto andava, como se fosse a mão de alguém.

Os edifícios se elevavam bem acima deles. Tinham janelas improvisadas, mas sem vidro. De fato não era preciso vidro ali, imaginou Holt. Não havia chuva ou vento. Dentro dos edifícios, ele podia ver outras luzes, pessoas se movimentando, sobreviventes trabalhando em lojas.

Penduradas no teto, bem acima, havia doze enormes faixas que desciam até o chão, imóveis. Cada uma com um Iluminador preso a ela, destacando os detalhes. Cada uma de uma cor diferente, com um símbolo único.

Uma era marrom avermelhada, com uma grande cabeça de lobo branco

costurada na frente. Outra era verde e mostrava uma espada amarela. A terceira era laranja e tinha um escudo vermelho costurado no centro. No meio pendia a maior faixa de todas. Era cinza escuro e branca, e em relevo dos dois lados havia o rosto de um demônio rindo, com uma língua bifurcada saindo da boca e chifres na cabeça.

Eram as faixas das facções da Cidade da Meia-Noite, Holt sabia, embora não soubesse qual era qual. Mas Mira certamente sabia. Ele teve a impressão de vê-la estremecer ao avistar a cinza.

Em sua caminhada, eles passaram por baixo dos arcos de uma estrutura de concreto e tijolos que se estendia de uma extremidade a outra da caverna, onde desaparecia em pequenos túneis. Canais tinham sido construídos nas laterais e em cima, e uma água cristalina e cintilante fluía por eles. Holt podia ouvir o fluxo dela passando. As pessoas estavam alinhadas ao longo dos canais, enchendo garrafas e jarras, transportando-as de volta às suas casas ou locais de trabalho.

— É um aqueduto — explicou Mira. — A cidade tem quase vinte deles, e são todos controlados pelos Demônios Cinzentos. — Ela gesticulou para o mesmo símbolo da grande faixa acima deles, um demônio branco chifrudo num fundo cinza, que também estava pintado nas paredes do arco.

— De onde vem a água? — perguntou Holt.

— Da caverna dos Demônios Cinzentos. Há um rio subterrâneo lá — explicou Mira. — Quando descobriram, quebraram tudo e construíram os aquedutos. Um ano depois, eram a facção mais poderosa da cidade. Todo mundo precisa de água... então, todo mundo precisa dos Demônios Cinzentos.

Eles passaram pelo enorme aqueduto e seguiram em meio à multidão, caminhando pelas “ruas” até chegarem à parte comercial da cidade, uma área dentro de um túnel em forma de rampa. Tinha apenas uns doze metros de largura e o teto estava a quase seis metros de altura. Ainda assim era grande, mas nada como o corredor principal do qual tinham acabado de vir.

Dúzias e dúzias de barracas estavam dispostas ao longo das paredes da área comercial, vendendo de tudo, desde suprimentos gerais a joias, kits de primeiros socorros a eletrônicos ainda em funcionamento, até itens de luxo, como

guloseimas, brinquedos, giz de cera, hidratantes para a pele e garrafas empoeiradas de refrigerantes. Tudo que fosse interessante para alguém e que ainda existisse em certa quantidade no mundo era possível encontrar ali. Holt olhava tudo. Ele não conhecia outro lugar onde pudesse encontrar tantas mercadorias, e era surreal ver tantos produtos.

Holt notou que várias barracas tinham o mesmo símbolo δ que Mira usava na mochila.

Isso significava que aquelas barracas vendiam artefatos e, quando Holt olhou de um lado a outro das fileiras, viu tantas com o símbolo quanto sem ele. Os produtos dessas barracas faziam coisas fantásticas. Objetos pairavam ou circulavam no ar, frascos e bolsas brilhavam com cores estranhas ou acendiam luzes, coisas desapareciam e reapareciam, e havia armários cheios de artefatos menores, prontos para serem usados em combinações, todos parecendo, de alguma forma, contorcer-se e afastar-se uns dos outros... ou talvez fosse apenas impressão, Holt não tinha certeza. A visão disso tudo lhe causou um arrepio.

— Por que tantos artefatos? — Zoey perguntou.

— Porque a Cidade da Meia-Noite está bem ao lado das Terras Estranhas — respondeu Mira, olhando para tudo com cobiça nos olhos. — É o primeiro lugar onde os Bucaneiros vêm para vender o que trazem de lá.

Holt deu uma olhada para o lado esquerdo e notou um grupo de quatro garotos parado numa das barracas de artefatos, pechinchando com o Bucaneiro que estava ali. Eles se pareciam com quaisquer outros sobreviventes, mas havia algo de rude em relação a eles, uma energia maliciosa, que Holt reconheceu. Ele olhou para o pulso de um deles... e viu a serpente verde gravada ali.

Era uma tatuagem. Eles eram do Bando.

Holt rapidamente ficou de costas para eles, escondendo o rosto. A mão esquerda cobriu a luva da mão direita. Ele podia pressentir os piratas do Bando atrás dele, observava pelo canto do olho com cuidado quando eles se viraram e deixaram a barraca. Esperou até que eles desaparecessem na multidão antes de relaxar.

Seus instintos de sobrevivência rugiam como uma fera. Ele sabia que não deveria estar ali. Aquela era a Cidade da Meia-Noite, afinal de contas — era

óbvio que ele iria topar com o Bando, mas fizera uma escolha, e sabia dos riscos que isso implicaria. Apesar do perigo... ele não estava pronto para partir. Torcia apenas para que aquele não fosse seu último erro.

— O que foi? — Mira lhe perguntou, ao seu lado.

A preocupação devia estar estampada em todo o seu rosto e ele rapidamente a apagou o melhor que pôde.

— Nada. Está tudo bem.

Mira o observou com curiosidade, com uma expressão pensativa.

— Juro! — ele disse, tentando ser convincente. Mira era esperta; ela saberia se houvesse algo errado e até deduziria o que fosse. Mas ela também sabia que aquele momento, no meio da multidão, não era a melhor hora para aquela conversa. Pensaria a respeito em outro momento... e então ela pegou a mão de Zoey. Os quatro seguiram em frente, misturando-se à multidão ambulante, seguindo em direção a uma outra galeria, do outro lado das barracas.

Quando entraram, Holt viu que era quase tão grande quanto o corredor principal. O que era uma coisa boa, porque também era mais movimentado, e Holt puxou Max para perto enquanto entravam.

A maior parte da população da Cidade da Meia-Noite parecia estar amontoada naquela galeria de formato oval, palpitando e pulsando como ondas dentro de um píer, sendo os gritos e olhares as características dominantes da sala.

A parede do fundo da galeria tinha uns trinta metros de altura e se estendia lateralmente por mais algumas dezenas. Tinha sido cuidadosamente polida e transformada numa superfície preta, macia e lisa, quase como um gigantesco quadro-negro. Que era exatamente como estava sendo usada.

Aquele era o Mural do Placar, Holt sabia, e era o ponto mais importante da cidade.

A política da Cidade da Meia-Noite era tão complicada e multifacetada que só fazia sentido para as pessoas que viviam ali. Tudo girava em torno de um complexo sistema de pontuação em que tanto indivíduos quanto grupos recebiam (ou perdiam) pontos com base em quem eles eram, quem conheciam, o que haviam feito, sua posição na facção, sua posição nas hierarquias da cidade e centenas de outras regras e exigências. Esses pontos determinavam sua

permanência na cidade e o nível de poder que alguém ostentava diante dos outros. Aqueles com o maior número de pontos tinham a opção de escolher primeiro os alimentos e os melhores lugares para morar, além de ter mais voz nos fóruns e cargos mais altos nas suas profissões. Donos de lojas com pontos suficientes poderiam fazer seus concorrentes fecharem as portas. Bucaneiros com uma pontuação alta poderiam trazer artefatos mais rentáveis para a cidade, e negociantes poderiam monopolizar com mais facilidade um mercado. A conquista de pontos era a principal força motriz de tudo o que acontecia na Cidade da Meia-Noite, e o Mural do Placar apresentava o total atualizado de cada facção, cada residente e cada visitante da cidade.

Os nomes das facções estavam do lado direito do mural. Quanto mais para a esquerda se olhava, mais indivíduos se via; centenas e centenas de nomes, estendendo-se a perder de vista, numa confusão de giz colorido, até a extremidade mais distante do mural, cada um com seu próprio número e uma ocasional nota de rodapé, dentro de uma caixa desenhada a giz. Para Holt, isso parecia um conjunto de dados e informações impossível de administrar, e as implicações logísticas faziam sua cabeça doer.

Flutuando acima do Mural do Placar havia enormes luzes brilhantes que iluminavam toda a extensão da gigantesca estrutura. As luzes pairavam no ar de alguma maneira e, quando alguém ficava entre elas e o mural, elas automaticamente mudavam de lugar, indo para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita, de modo a continuar iluminando a informação. Mais artefatos, deduziu Holt.

Na frente das luzes flutuantes, dúzias de garotos pendiam do teto, pendurados por cordas e roldanas, o que lhes permitia não apenas pairar em frente ao mural, mas subir e descer. Eles eram chamados Guardiões dos Pontos e se moviam constantemente pelo mural, mudando a soma dos pontos com base em informações oficiais que recebiam, escrevendo com giz de diferentes cores, modificando os números, aumentando-os e diminuindo-os, adicionando nomes ocasionalmente.

Os habitantes da cidade lotavam a câmara gigantesca e gritavam para os Guardiães, que seguiam fazendo seu trabalho, balançando de um lado para o

outro. Era tudo caótico, dinâmico, cômico... e muito cansativo.

— Estive aqui duas vezes — disse Holt. — Mas nunca vim a esta galeria. Sempre ouvi falar, mas... uau!...

— É difícil entender até que você a veja — disse Mira, absorvendo tudo aquilo como se fosse a primeira vez.

Holt observava a multidão agitada, observava-a gritar, berrar, celebrar e xingar, tudo dependendo dos números que se modificavam a todo momento e da rapidez com que os Guardiões dos Pontos conseguiam escrevê-los.

— Todo mundo age como se isso fosse uma questão de vida ou morte.

— Na Cidade da Meia-Noite... é. — Ela olhou para ele, mantendo o olhar. — Quer ver uma coisa? — Ela seguiu para a esquerda, embrenhando-se na multidão; Holt, Zoey e Max a seguiram.

No finalzinho do Mural do Placar, onde terminava a lista de residentes, além dos visitantes anônimos e os pontos totais dos Bucaneiros que haviam desaparecido nas Terras Estranhas, havia uma sessão do mural com cerca de trinta nomes. Todos os nomes tinham uma coisa em comum. Estavam escritos com giz vermelho e o número de pontos era zero.

— O que é isso? — perguntou Holt, olhando os nomes.

— É a parte do Mural do Placar que mostra os Imencionáveis — Mira explicou. — Pessoas que perderam todos os seus pontos.

Ela apontou para o nome na parte de cima da sessão, na extremidade do canto esquerdo. A caixa pertencia a MIRA TOOMBS. E ao lado do nome estava um solitário número zero.

Mira olhou para ele por um longo tempo, as emoções em seu rosto passando de raiva e amargura para tristeza. Holt desviou os olhos dela, sem dizer nada. De qualquer forma, ele não sabia o que dizer. Mal entendia aquilo tudo, então como poderia ao menos entender o que ela sentia?

Por fim, Mira voltou a olhar para ele.

— Vamos sair daqui — disse rispidamente, e então começou a abrir caminho de volta pela multidão, como se o ar tivesse ficado tóxico de repente.

31. REVELAÇÕES

MIRA SAIU O MAIS RÁPIDO que pôde da galeria do Mural do Placar e se recostou numa parede, trêmula e sem fôlego.

Ver o próprio nome entre os Imencionáveis lhe causara um impacto maior do que o esperado. Ela sabia que estaria lá — onde mais estaria? Mas, ainda assim, vê-lo ao lado dos outros e com o zero dentro da caixa, um zero onde antes havia bem mais de dez mil...

Ela estremeceu ao se lembrar da perda; sentia como se tivesse sido atingida fisicamente.

E não era só isso: a caixa dos Imencionáveis era mantida na ordem dos nomes adicionados. O que significava que outro nome deveria estar bem acima do dela. Mas não estava.

O de Ben.

A pessoa que ela havia voltado para salvar. Mira não sabia o que isso significava. Ele ainda estaria no quadro principal? Ou estava morto e eles o tinham removido do quadro?

Mira afastou aqueles pensamentos de sua mente. Nenhum deles era útil. Aquela parte de sua vida estava terminada, não importava o que ela tivesse feito. Mas ela tinha ido até ali por um motivo específico. Mira tinha um plano, e o seguiria. Ainda poderia consertar alguns erros que havia cometido.

Mira sentiu a mão de Holt tocando gentilmente suas costas. Ela queria se virar e abraçá-lo, sentir seus braços em volta dela... mas isso também não ajudaria em nada. Seria bom, certamente, mas não ajudaria.

Ela enxugou os primeiros traços de lágrimas que surgiam em seus olhos e se virou.

— Estou bem — ela disse, sentindo a mão de Zoey deslizando para dentro

da dela.

Holt a observava.

— Você sabe, se quiser minha ajuda... — ele começou. — Seria bom se eu soubesse o que está acontecendo aqui.

Mira olhou para ele. Holt estava certo, é claro; ele provavelmente deveria saber. Mas ela ainda não estava certa sobre querer a ajuda dele. Aquilo era problema dela, e a ideia de arriscar a vida de pessoas importantes para ela para corrigir seus erros não lhe parecia boa.

Mira se embrenhou pela nova galeria em que haviam entrado. Era uma área de mercado. A diferença em relação à área comercial era que os artigos vendidos ali eram apenas para os residentes. No ar, aromas de todos os tipos de comida, chiando em grelhas e pratos quentes. Itens em grande quantidade brilhavam nas prateleiras, tanto reaproveitados como encontrados ou recém-preparados. A sala estava cheia de pessoas, acotovelando-se entre as barracas, negociando suprimentos.

Mira foi até uma cabana, feita de uma velha Kombi verde, que alguém conseguira trazer para dentro, com mesas e um balcão. Uma garota estava sozinha atrás do balcão, vestindo as roupas de cor laranja dos Cavaleiros Perdidos. Ela sorriu quando Mira pediu três xícaras de chá. A loja tinha um bom estoque de saquinhos de chá numa prateleira atrás dela, ainda em suas embalagens empoeiradas.

Quando ela trouxe o chá, Mira deu como pagamento um pequeno kit de costura que ela havia conseguido em algum lugar. Foi o suficiente. Normalmente teria negociado pontos, mas, como vira com seus próprios olhos, não os possuía mais. Ela, Holt e Zoey se sentaram numa mesa improvisada, presa ao batente da porta da velha Kombi, enquanto Max se enrodilhava aos pés de Holt, mastigando gentilmente a ponta de sua bota.

— Eu não gosto disso — disse Zoey, provando o chá e torcendo o nariz. — Não é doce.

— É chá, docinho. Experimente com um pouco disto. — Mira empurrou um frasco de mel pela mesa até a menina.

Mira olhava a multidão fervilhante em torno deles, passando entre as

barracas e estandes. Eles estavam completamente cercados por pessoas que poderiam reconhecer Mira, mas ela sabia que não era provável. Se havia uma certeza sobre a Cidade da Meia-Noite era o fato de que sua memória era curta.

— Criar combinações de artefatos sempre foi fácil para mim — Mira finalmente disse. — Quanto mais complicado era, mais eu gostava. Portais. Chinooks. Magnatrons. Mas o melhor era quando alguém pedia algo novo, algo que nunca tinha sido feito antes. Um novo artefato, com novas propriedades e poderes — ela sorriu ao se lembrar da sensação. — Criar um artefato que já existe pode ser desafiador, mas não é perigoso. É como montar um quebra-cabeça que você já completou muitas vezes. Mas... uma nova combinação? Começar do nada, tentar descobrir a combinação correta de componentes, os Focalizadores corretos, as Essências corretas? Não há nada igual.

Ao lado dela, Zoey ainda apertava a embalagem plástica de mel sobre o chá e Mira a tirou dela com uma careta.

— Já chega, Zoey. Você vai ficar enjoada.

A menina provou o chá, depois olhou para Mira e sorriu.

— Então, você estava criando algo novo — deduziu Holt.

Mira confirmou com a cabeça.

— Algo que eu vinha testando havia anos e, quando estava quase encontrando a combinação certa, comecei a abrir mão das comissões pagas para trabalhar nele. Meus pontos começaram a cair, o resto da facção se perguntava o que eu estava fazendo, por que fazia tantas viagens às Terras Estranhas.

Zoey tirou os olhos do chá, curiosa.

— O que você estava fazendo, Mira?

Mira passou a mão pelos cabelos da menina, alisando-os.

— Um artefato que enfraqueceria a Estática. — Ela sentiu o olhar de Holt fixado nela novamente. — E depois de tentar uma porção de vezes, eu achei que tinha conseguido. Mas estava errada.

— Não funcionou? — perguntou Holt.

— Na verdade, funcionou — ela respondeu. — Só que não do jeito que eu planejei. Eu fiz algo errado, ainda não sei o quê, nunca cheguei a pensar muito nisso. Mas o artefato não enfraqueceu a Estática. Ele fez o oposto. Acelerou o

processo, fez com que ela se espalhasse mais rápido.

Holt se mexeu, desconfortável na cadeira.

— Mais rápido quanto? — ele perguntou.

— Menos de um minuto de exposição e você sucumbia, não importava o quanto fosse jovem — disse Mira, erguendo os olhos para ele. — Mesmo que você fosse um Imune.

— Espere aí... — Holt estava tentando juntar as peças e não era fácil. — Como você pode saber o que essa coisa faria?

— Porque eu testei — ela respondeu. — Eu testei em mim mesma.

— Mira!... — a voz de Holt falhou.

— Era minha criação, minha responsabilidade; em quem mais eu poderia testar? — ela disse, antes que ele terminasse. — Eu provavelmente perdi seis meses para a Estática nos poucos segundos que o usei. E foi... horrível. Como é a Estática agora, só que pior, muito pior. Foi como... se eu tivesse coisas se arrastando pela minha cabeça... — Sua voz vacilou, ela não queria se lembrar.

Mira podia ver o horror nos olhos de Holt.

— Deus, qualquer um que tivesse isso em mãos poderia... — Ele fez uma pausa para tentar entender.

— Facilmente se livrar de quem quisesse, só para começar — ela disse. — E se você fosse bom mesmo, poderia usar a combinação como Essência de uma nova, aumentando e focando a função dela, transformando-a numa arma para atingir várias pessoas ao mesmo tempo.

— Isso tem que ser destruído! — exclamou Holt. Mira podia notar a tensão na voz dele, e era a tensão de quem já havia experimentado o horror verdadeiro da Estática, visto a mente de pessoas conhecidas ser substituída por... nada. Mira sabia sobre a irmã dele agora, e ela não o culpava.

— Eu tentei destruí-lo — ela disse. — Mas a Interfusão já tinha selado o artefato. O que significava que ele só poderia ser destruído nas Terras Estranhas. Ben e eu iríamos devolvê-lo, garantir que ele fosse desmontado, mas Leonora, de alguma maneira, descobriu tudo.

— Quem é Leonora? — perguntou Holt, mas Mira sabia que não era sobre ela que Holt queria perguntar.

— A líder dos Demônios Cinzentos — ela respondeu. — O que significa que ela tem mais pontos do que qualquer indivíduo da Cidade da Meia-Noite. Ela é uma pessoa muito, muito poderosa, e é Imune, como você. Eu ainda não sei como ela descobriu sobre aquilo, mas, quando descobriu, veio com todos os guardas nos impedir de sair. Eu fiz a única coisa que pude pensar na hora. Escondi o artefato para que Leonora não o pegasse. Para uma Imune, o poder de usar a Estática como uma arma seria uma coisa horrível. Ela não vivenciou a realidade como você, e ela não se importa.

— Ela é a líder da facção a que você pertencia? — ele perguntou, surpreso.

— Leonora e eu tínhamos uma... relação complicada. De várias maneiras, ela era como uma irmã. Uma mentora, até. Mas a pressão para se manter no Poder Supremo é grande. Isso provavelmente mudaria qualquer pessoa para pior. Com o tempo, quando você começa a abandonar as formas convencionais para se manter por cima, começa a buscar alternativas. Qualquer alternativa.

— Mas ela nunca encontrou o artefato? Tem certeza? — Holt perguntou.

— Eles nunca encontraram e nunca encontrarão. Não através de mim. É a única razão pela qual não estou morta. Mas antes de eu fugir, Leonora veio com outra ideia para me pressionar.

— Ben — deduziu Holt, e Mira confirmou. — Quem é ele?

Mira sentiu uma pontada de nervosismo. Ben era a única coisa sobre a qual ela não queria falar com Holt, mas, ela ponderou, ele merecia uma explicação, ao menos.

— Ben era... é um amigo. Muito próximo, um Bucaneiro dos Demônios Cinzentos. Leonora o acusou de Fabricação de Pontos, como eu. É o pior crime que se pode cometer aqui, e dá pena de morte. Ela disse que, se eu contasse onde o artefato estava, ela nos deixaria ir embora. Nós não tínhamos mais os nossos pontos, éramos Imencionáveis, mas poderíamos viver. Desde que ela ficasse com o artefato.

— E você não contou — completou Holt.

— Eu não contei... e então fugi — respondeu Mira, sentindo a dor daquela decisão novamente. — Não havia como salvar Ben. Eu... o deixei aqui. Com Leonora. Eu arrisquei, esperando que ela o mantivesse vivo para poder

influenciá-lo, mas, pelo visto, ele já está morto. E se estiver mesmo, a culpa é minha. — A angústia em sua voz era palpável e Mira sentiu a mão de Zoey nas suas.

— Você sabe que isso não é verdade — disse Holt com gentileza. — Você não podia deixar Leonora ter aquilo. Se deixasse, seria responsável por muito mais mortes do que a de Ben. Você fez a única coisa que podia fazer... foi corajosa.

— Você acha? — ela perguntou. — Bom, sinceramente, eu não me sinto assim.

Holt ficou em silêncio, pensando, e ela sentiu o olhar dele sobre ela.

— Você voltou até aqui — ele começou. — Arriscou tudo por isso. Mas por quê, Mira? O que quer fazer?

Mira olhou para ele. Havia algo em Holt que o tornava diferente de qualquer pessoa que ela já conhecera. Ela sabia o que era. Ele sacrificara seus próprios interesses por ela. Estava ali por ela, quando seria muito melhor para ele se estivesse em outro lugar. Era um gesto jamais visto neste mundo, como ele era agora, e até onde Mira sabia, inédito para o próprio Holt. Mas, ainda assim, ali estava ele...

Mira sorriu para Holt, acertando o rosto dele levemente com o punho. E então seu olhar endureceu à medida que pensava no que teriam de fazer, e ela sabia que não seria fácil.

— Tem alguém que precisamos ver — ela disse.

Holt olhou para ela com certo receio. Na verdade, Mira sentia o mesmo, mas contou todo o seu plano de uma vez, enquanto eles terminavam o chá.

32. CÉSAR

QUANDO HOLT E OS OUTROS CHEGARAM ao portão principal, foram imediatamente parados pelos guardas de Los Lobos, garotos mais velhos que usavam roupas marrom avermelhadas, a cor de sua facção, o preto da Estática rastejando em seus olhos.

— Nada de visitantes hoje, não queremos Penhores — disse um dos guardas. — Podem se virar e pegar o caminho de volta.

— Mas a gente não está aqui para penhorar nada — disse Mira enquanto baixava o capuz do rosto. — Diga a César que Mira Toombs quer vê-lo.

Os guardas encararam Mira como se ela fosse um fantasma. Zoey conteve o riso ao ver a cara que eles fizeram.

— Espere aqui — um deles murmurou, antes de correr para o complexo do outro lado do portão. Alguns minutos depois, retornou com outros quatro Lobos, dois garotos e duas garotas. — César vai receber você. Mas o cachorro espera aqui fora. Animais não entram no complexo.

— Eu espero com Max — disse Zoey, ajoelhando-se e colocando as mãos no cachorro de modo protetor. Holt olhou indeciso para Mira.

— Ela vai ficar bem — Mira garantiu. — Somos convidados, sob a proteção da facção. Ao menos por enquanto.

Holt não achava que tivessem muita escolha. Ele se virou para Zoey:

— Voltamos num minuto, neném— disse Holt, e Zoey sorriu para ele. Ela não parecia nem um pouco preocupada.

Holt a invejava.

Ele estava em território desconhecido, como nunca estivera antes, e ainda por cima sob a liderança de outra pessoa. Ele não gostava de não ser a pessoa no comando da situação. Só esperava que Mira soubesse o que estava fazendo.

Eles atravessaram o portão principal do complexo, com guardas dos dois lados. Embora estivessem evidentemente sendo “protegidos”, isso não ajudava Holt a relaxar.

As principais facções da Cidade da Meia-Noite ganhavam suas próprias cavernas para construir complexos, e Los Lobos possuía uma feita de concreto e madeira de lei. Parecia mais com um forte do que uma sede, de alguma forma fundido e parafusado nas formas caóticas das paredes da caverna, o que só o reforçava ainda mais. Era maciço, mas não totalmente funcional. O concreto havia sido pintado com grafismos vermelhos, com imagens espiraladas e letras ao redor de uma enorme representação artística da cabeça de um lobo, que cobria a parede principal.

— A especialidade de Los Lobos é a construção — Mira disse a Holt em voz baixa. — É a fonte dos seus pontos. Com exceção dos aquedutos dos Demônios Cinzentos, eles construíram praticamente tudo na Cidade da Meia-Noite, incluindo os complexos das outras facções.

À frente deles estava a entrada principal, e era uma visão incrível: uma porta gigantesca de cofre de banco havia sido colocada numa estrutura de aço, no muro principal do complexo. Ainda tinha as alavancas e a fechadura de combinação, mas elas estavam ao contrário, viradas para o interior do complexo.

Assim poderia ser trancada por dentro, Holt deduziu. Ele a observou com admiração. Não era uma façanha pequena aproveitar algo tão grande.

— Como eles conseguiram trazer isso até aqui? — perguntou Holt. A porta devia pesar várias toneladas.

— Só os Lobos sabem disso — disse Mira passando pela porta. — Mas envolve artefatos, provavelmente um Portal combinado com meia dúzia de Aleves. Seja lá o que fizeram, levaram apenas uma noite. Bem impressionante, e isso rendeu a eles vários pontos.

No Mural do Placar, a cidade reservava doze espaços para os que eram simplesmente chamados de “facções”, grupos organizados de sobreviventes residentes que viviam e se viravam juntos, não muito diferentes dos milhares de congregações que existiam na superfície. A diferença era que as facções estavam interessadas em pontos.

Os pontos de uma facção eram determinados por uma equação complicada que levava em conta a soma de pontos de todos os membros, de seus inimigos, e das conquistas e falhas da facção como um todo. A facção que tivesse mais pontos era chamada de Poder Supremo, uma posição que concedia uma porcentagem dominante na votação do conselho superior da cidade. O que essencialmente significava, sem exagerar, que os Poderes Supremos controlavam a Cidade da Meia-Noite.

O Poder Supremo do momento eram os Demônios Cinzentos, a antiga facção de Mira, e eles mantinham o título havia mais de três anos.

Depois da porta principal, o concreto do exterior dava a vez para mais paredes de pedra. Holt notou que o exterior era uma fachada fortificada, que protegia o sistema de cavernas mais diversificado do complexo acima.

Mas não era simplesmente uma caverna. Um pequeno “corredor” se abria para uma enorme galeria, com dezenas de metros de diâmetro. Havia saliências naturais em algumas paredes e escadas levavam até elas. Nas saliências, Holt viu dúzias de portas de todas as formas, cores e origens, construídas em recessos e fendas para dar passagem a diversas partes do complexo.

Mas era mesmo a enorme galeria o mais impressionante.

Dezenas de estalactites em forma de cone pendiam do teto, cada uma envolta por fileiras de iluminadores, como árvores de Natal petrificadas banhando a sala com um brilho cálido, branco leitoso. O teto também havia sido polido, como madeira bruta lixada.

E na superfície lisa, entre as estalactites, havia uma inacreditável coleção de grafites. Imagens, símbolos, formas e escritos, e não apenas em marrom avermelhado como os do lado de fora, mas numa miríade de cores que cobria o teto, brilhando intensamente por baixo das estalactites.

Andaimes e cordas subiam pelo centro até o teto, onde um garoto estava pendurado de costas, usando máscara e óculos de proteção, segurando uma lata de tinta spray em cada mão. Ele estava grafitando o teto, incrementando a gigante tela já repleta de cores brilhantes, dando vida a um texto escrito.

As letras entrelaçavam-se com uma série de estalactites, uma mistura de roxo, vermelho e azul. O que quer que estivesse escrito, estava em espanhol.

— César! — um dos guardas gritou para o garoto. Ele continuou pintando; se ouviu o chamado, não demonstrou — César! Tem um Demônio Cinzento na galeria.

A lata na mão do garoto parou de borrifar tinta, mas ele não olhou para baixo.

— Você está enganado — disse o garoto, batendo numa série de ganchos trava-quedas no peito. As cordas que o prendiam ao teto o desceram até o chão e ele as manejou com facilidade, acionando os trava-quedas um instante antes de tocar o chão. — Ela não é mais dos Demônios Cinzentos. É, Mira?

O garoto que estava diante deles era um hispânico de cerca de 15 anos, com cabelos pretos encaracolados, uma camiseta vermelha sobre uma calça preta em estilo militar, e era certamente o mais baixo da sala. Mas alto ou baixo, o jeito que os outros garotos o olhavam com cautela indicava que ele sabia impor respeito. Ele saiu do cinto cadeirinha sem tirar os olhos de Mira.

— Não, César — respondeu Mira. — Não sou mais.

César passou as duas latas de tinta para um dos garotos sem olhar para ele e tirou a máscara e os óculos.

— Minha capela Sistina! — ele disse, apontando para o teto multicolorido acima deles com um sorriso de orgulho. — O que acha?

— Acho que foi preciso muita tinta — ela respondeu, sem muito entusiasmo.

Diante do comentário indiferente, os outros membros da facção ficaram tensos.

Mas César soltou apenas uma risada alta, longa e forte, embora, para os ouvidos de Holt, o som tivesse um tom de ameaça.

— Sempre foi difícil impressionar você, Mira — disse o garoto baixinho, com um sorriso largo. — Mas eu sempre gostei disso.

— O que está escrito ali em cima? Quer dizer o quê? — perguntou Holt.

Ao ouvir a voz de Holt, o sorriso sumiu do rosto de César. Seus olhos foram de Mira para Holt e este sentiu o peso do olhar do pequeno garoto. Havia algo de perigoso na postura dele, algo de imprevisível em seu olhar que Holt já tinha visto antes em jovens que conquistaram muito poder rapidamente. Quando acha

que ninguém é capaz de enfrentá-lo, há muito pouco que você não faça, se tiver vontade.

— Está escrito “Al mal paso, darle prisa — disse César.

— Que significa...?

César observou Holt por mais um instante, e então olhou novamente para Mira.

— Esse aí não usa nenhuma cor... é um Forasteiro. Por que o trouxe ao meu complexo?

— Ele é meu amigo, Forasteiro ou não — respondeu Mira. — Você ficaria surpreso, há muitas pessoas que vale a pena conhecer na superfície.

César cuspiu e se afastou, olhando novamente para o teto.

— A superfície faz parte do passado. Bandos patéticos de gentalha se estapeando pelo que restou de um mundo morto, tentando apenas sobreviver. Aqui, nós fazemos mais do que sobreviver: nós construímos coisas. Nós prosperamos.

— Prosperaram, talvez — disse Mira. — Mas ainda estão em segundo lugar.

César se empertigou. Ele continuou de costas para eles enquanto lentamente olhava do teto até o chão.

— Eu alguma vez te contei, Mira, que seu nome é uma palavra em espanhol? Significa “olhe”. — Se havia um pouco de gentileza em sua voz antes, ela agora tinha desaparecido. — Combina com você, eu acho. Você está sempre olhando alguma coisa, não está? Foi o que te causou problemas. E é o que vai te causar problemas agora. — Ele se virou, encarando-a com um olhar frio. Qualquer sombra de cordialidade havia desaparecido, e os outros Lobos instintivamente deram um passo para trás. — Você veio até aqui para olhar o quê, Mira Toombs? Ou você é muito corajosa ou muito idiota. Aposto meus pontos em idiota, principalmente se acha que não vou te entregar para o conselho. Você tem ideia de quanto sua cabeça está valendo agora?

— Me entregar te daria pontos, com certeza — respondeu Mira. — Mas me entregar ao conselho é me entregar para os Demônios Cinzentos.

César considerou o que ela disse, seu rosto indecifrável.

— Eu estive no Mural do Placar hoje — ela continuou. — Vi os totais, vi

quanto eles estão na sua frente. Até mais do que quando fui embora. E o que você anda fazendo a respeito, César? — Ela olhou para o grafite nas estalactites brilhantes, sem se impressionar. — Pintando o teto?

César deu um passo lento e perigoso na direção dela. Holt se adiantou também, mas Mira ergueu uma mão. Por mais que não gostasse disso, ele parou e ficou olhando enquanto César lentamente se aproximava dela como um lobo.

— Até agora eu não ouvi a resposta à minha pergunta — ele disse.

— Eu quero invadir o complexo dos Demônios Cinzentos — ela respondeu. — E quero sua ajuda.

A risada dos membros da facção ecoou por toda a enorme galeria. César, no entanto, não riu.

— Você conhece as cavernas melhor do que qualquer facção — ela continuou. — Especialmente as áreas não mapeadas. É uma fonte de muitos pontos para você. Aposto que conhece caminhos secretos em praticamente todas as cavernas principais e complexos do sistema.

César a estudou calmamente, pesando os fatos.

— Talvez sim. Talvez não. Mesmo que eu soubesse, por que eu me arriscaria para ajudar uma Bucaneira fingida e traiçoeira como você?

— Ah, César... — ela disse, com um leve sorriso. — Me xingando? Sério?

— Quando você for pega — ele disse, ignorando-a — e descobrirem como você entrou, alguém vai perder pontos por isso. E você não tem mais pontos, o que significa que serão Los Lobos que sairão perdendo.

— Tem razão — ela disse. — Mas só se eu for pega. Se eu conseguir, os Demônios Cinzentos é que vão perder pontos. Muitos deles. Provavelmente o suficiente para te colocar de volta no Poder Supremo.

Murmúrios dos Los Lobos preencheram o ar, ideias e cálculos se espalhando pelo ambiente. Mira tinha conseguido a atenção de César agora.

— Os Demônios Cinzentos dizem que você fabrica pontos — disse César.

— Os Demônios Cinzentos dizem muitas coisas. Você não é idiota, sabe que isso não é verdade. Eles mentiram para se livrar de um problema.

— Isso não me surpreende. Leonora é a maior mentirosa que eu já vi, e ela já mentiu por muito menos — disse César, pensativo. — Mas é esse “problema”

que você menciona que me faz pensar. Eles estão com algo que te pertence, não é? O que é? Um artefato, algo que você fez? Seja o que for, deve ser incrivelmente valioso ou incrivelmente perigoso para que eles fossem a extremos para se livrar de você.

— Isso é problema meu e de mais ninguém — Mira respondeu com rispidez.

César deu de ombros e se afastou dela, andando de um lado para o outro na enorme caverna, pensando.

— Então, talvez você consiga, talvez você roube de volta o que quer que eles tenham pegado, talvez você os exponha pelos perdedores patéticos e mentirosos que são; isso definitivamente faria com que o total deles caísse bastante. Mas são muitos "talvez" e vocês são apenas uma Bucaneira e um Forasteiro.

— Temos um cachorro e uma garotinha também — informou Holt.

César o ignorou.

— Ainda não vejo por que valeria o risco te ajudar. Me ajude a entender.

— Com prazer — disse Mira, buscando algo na mochila. Os guardas ficaram nervosos, mas César acenou para eles em concordância. Ela tirou o cilindro de vidro com o filamento marrom de plutônio ainda flutuando no líquido claro. O Amortecedor ainda estava preso pela pulseira do relógio.

Quando César o viu, seus olhos se arregalaram. Era a primeira vez, desde o início da conversa, que Holt via o líder dos Lobos surpreso ou desnorteado.

— Isso é... o que estou pensando que é? — César perguntou.

— Há quanto tempo você vem tentando organizar uma expedição à Torre Partida, César? Dois anos? Três? Eu me pergunto quantos pontos vale hoje em dia entrar na Torre — disse Mira, sorrindo. — Você me leva para o complexo dos Demônios Cinzentos... e poderá descobrir.

César lançou um olhar de ganância para o plutônio por mais um instante, depois desviou os olhos em direção a um dos garotos que aguardavam ali perto, um garoto grandalhão, bem mais alto do que os outros, com um rabo de cavalo preto e uma faca de caça intimidadora no cinto.

— Marcus, responda à pergunta desta Bucaneira. Você precisa checar os mapas.

— Não — respondeu o garoto. — Existem duas maneiras de entrar nas cavernas dos Demônios, duas rampas laterais que se ligam pelo Caminho Rastejante. Elas são estreitas, não é divertido entrar lá, mas levam para dentro.

— Onde elas dão? — perguntou Mira.

— Uma perto do laboratório, a outra no fundo do corredor, perto dos dormitórios, eu acho, na cachoeira.

— Quero a que fica perto dos dormitórios — disse Mira.

César a analisava.

— Acha que será inútil para mim pedir o plutônio como adiantamento?

— Inútil não é a palavra certa — Mira sorriu.

— Sendo assim, dois dos meus rapazes irão com você. Marcus e algum outro — anunciou César. — Só para ter certeza de que você terá vontade de pagar quando tudo acabar.

Mira deu de ombros.

— Se precisa ser assim, que seja.

Os olhos de César encontraram os dela.

— De qualquer forma, Mira Toombs, ou as coisas seguem o planejado ou mando vocês para o inferno. Você e eu não nos veremos novamente. Você acabou para a Cidade da Meia-Noite. Mas sabia que isso ia acontecer. Não há volta para um Imencionável.

— Este lugar sempre restringiu o meu estilo, de qualquer forma — respondeu Mira. Holt estava impressionado com a postura dela, no quanto ela se mantinha firme e não mostrava nem uma sombra da dor que ele sabia que aquelas palavras lhe provocavam.

33. O CAMINHO RASTEJANTE

HOLT EMPURROU MAX PARA A FRENTE através do túnel incrivelmente estreito da caverna, mas o cão não estava nem um pouco cooperativo. Ele resistia a cada poucos passos, ganindo e algumas vezes rosnando.

— Max, anda! — sussurrava Holt com firmeza, enquanto empurrava a traseira do cachorro. Ele estava com receio de fazer muito barulho. Marcus tinha avisado, do final da fila, que eles estavam chegando perto dos Demônios Cinzentos agora e precisavam ficar em silêncio.

O Lobo era simplesmente o maior garoto que Holt já tinha visto, um feixe de músculos, forte como um carvalho. Parecia ter sido esculpido em granito e, para dizer a verdade, Holt não conseguia imaginar como o garoto conseguia passar por aquele horror que eles estavam atravessando e se manter calmo.

O “Caminho Rastejante” era uma série de túneis emaranhados que passava pela maioria das grandes galerias do sistema de cavernas, e o nome, definitivamente, era merecido. Para Holt, era um pesadelo claustrofóbico, um túnel tão estreito que ele precisava manter as mãos na frente porque não havia espaço suficiente para colocá-las dos lados.

Os primeiros quinze metros não tinham sido tão ruins, mas agora seu entusiasmo com a novidade tinha definitivamente chegado ao fim. Ele se sentia enterrado vivo, como se as paredes estivessem se fechando sobre ele e o túnel se estreitasse à medida que seguiam em frente.

Max parecia apreciar ainda menos a experiência.

— Max, você consegue, deslize como uma minhoca! — ele ouviu Zoey dizer, encorajando-o. Não havia sinal de desconforto ou dificuldade na voz dela, mas a garota era a menor de todos eles. Droga, Zoey provavelmente estava se divertindo!

Max ganiu e avançou, seguindo a voz de Zoey, e Holt suspirou, aliviado. Rastejou pelo túnel apertado, até olhar para cima e notar que Max não estava mais à sua frente.

Na verdade, não havia nada à frente, apenas uma parede e escuridão. Holt apontou sua laterna para lá mas isso não ajudou. A rocha era tão escura que ele não podia dizer se estava olhando para uma parede negra iluminada ou para uma sombra.

Holt fitou com cautela a escuridão à frente.

— Max? Zoey? — Não houve resposta, nem som nenhum. Como eles podiam ter desaparecido tão rápido?

Ele seguiu adiante com cuidado, consciente da rocha pressionando-o mais acima. Ainda não havia sinal de...

O chão desapareceu abaixo dele quando o túnel fez uma curva íngreme para baixo.

Holt gritou surpreso quando escorregou de cabeça pela rocha lisa, ganhando velocidade e descendo cada vez mais rápido... para o que o aguardava lá embaixo.

Ele fechou os olhos e esperou pelo momento que seu rosto bateria em alguma parede, mas em vez disso caiu num túnel maior, rolando até Max e quase atropelando o cachorro. Todos estavam se levantando do chão e Holt viu os Lobos.

— Custava avisar? — ele perguntou, irritado.

Eles apenas deram risinhos.

— Você ainda está inteiro, Forasteiro — disse Marcus. — Agora fique quieto daqui em diante. O som se propaga daqui e essa passagem está ligada ao complexo.

Marcus e seu companheiro seguiram em frente e Holt estava prestes a segui-los... quando viu Mira mais adiante. Ela tinha um olhar estranho, indeciso e contemplativo, com um toque de culpa. Estaria em dúvida quanto ao plano? Se estava, era um pouco tarde para isso agora.

Ele a viu seguir adiante, engatinhando atrás dos Lobos. Zoey seguiu atrás, acenando para que Max os seguisse, e ele obedeceu. O cachorro agora andava

normalmente e, pela forma incessante como abanava o rabo, estava claro que se sentia melhor. E quando Holt viu o novo túnel, também se sentiu. O teto ainda era baixo e ele teria dificuldade para andar agachado, sem contar que não podia estender os braços totalmente para os lados, mas, depois desse túnel, iria parecer que estavam na Grande Estação Central.

À sua frente, ele viu as lanternas se desligarem e fez o mesmo. Deviam estar quase lá.

Mais adiante, viu os outros agachados em volta de um buraco no chão. Uma luz entrava por ele e Holt deu uma olhada.

Havia outra caverna abaixo, mais larga que aquela em que eles estavam, e Holt viu de relance portas pintadas na parede a alguns metros de distância.

Ele se inclinou para a frente para ver melhor, mas a mão de Marcus segurou seu ombro e o impediu. Quando Holt ergueu os olhos para o enorme garoto, viu um dedo em seus lábios.

De baixo deles vieram sons de vozes. Segundos depois, duas figuras passaram, uma garota e um garoto, ambos de roupas cinzentas. Eles nem sequer olharam para cima, mas, se fizessem isso, veriam cinco rostos e um focinho olhando para eles.

Quando o som das vozes finalmente desapareceu, Marcus olhou para cada um deles.

— Este túnel dá para o corredor do dormitório principal — ele sussurrou.

— Estamos de que lado do complexo? — perguntou Mira, em voz baixa.

— Do lado norte, perto da cachoeira. O melhor que você terá — ele respondeu, e seu olhar ficou duro. — Ficaremos com o plutônio agora.

— Vou levar o que disse na brincadeira — respondeu Mira.

— E por quê? — perguntou Marcus, ameaçador.

— Esses túneis são um labirinto! — respondeu Mira. — Eu não quero passar um mês perdida neles.

— Nós vamos esperar — disse Marcus, com um sorrisinho no rosto.

— Eu sei que vão, porque vocês só serão pagos quando voltarmos. — Uma expressão contrariada se formou no rosto de Marcus, mas Mira apenas sorriu com doçura para ele. — Não é como se eu não fosse voltar, não é? De que outro

modo eu sairia daqui? Pelo portão da frente?

Marcus e seu companheiro trocaram olhares, decidindo.

— E tem outra coisa, senão nada de acordo — Mira pressionou, antes que eles pudessem dizer não. Ela se virou e olhou para Holt; havia algo em seu olhar. — Eu vou sozinha, não quero que ninguém me siga.

— Ei, o quê?! — Holt exclamou.

— Mira... — resmungou Zoey, fitando a amiga.

— Temos de tomar conta dos seus amigos, também? — perguntou Marcus.

— Pense neles apenas como uma garantia — respondeu Mira. — Algo pelo qual você sabe que voltarei.

Marcus e o outro Lobo trocaram olhares; e então os dois encolheram os ombros. Marcus se aproximou e agarrou Holt com firmeza, imobilizando-o. Holt lutou, mas a mão gigante o prendia como um torno.

O outro garoto segurou Zoey. Ela tentou fugir, mas o garoto a puxou de volta, silenciando-a com uma mão na boca dela.

— Não a machuque! — sussurrou Mira, com o semblante visivelmente irritado.

— Sem garantias quanto a isso. Sem garantia nenhuma — disse Marcus, puxando lentamente uma faca do cinto e deixando-a à mostra para que Mira a visse. Era uma faca grande. — Você quer fazer esse joguinho, tudo bem, a gente pode jogar. Mas, se depois de uma hora você não estiver de volta, eu vou começar a fazer picadinho dos seus amigos aqui. Estamos entendidos, você e eu?

Mira olhou para o garoto grandalhão com os punhos fechados dos lados do corpo.

— Estamos. — Mira olhou para Zoey. — Zoey, vai dar tudo certo, eu prometo. Está bem?

Zoey continuou lutando apesar da garantia.

— Mira, não faça isso... — disse Holt, e então gemeu quando a mão de Marcus apertou seu ombro com força.

— Desculpe, Holt — disse Mira. Quando ele ergueu os olhos, os dela estavam nele novamente. Mira estava decidida; ela tinha o seu plano, e não ia voltar atrás. Mas também havia culpa. — Isso é problema meu... e erro meu

também. E ninguém mais vai se machucar tentando consertá-lo. — Ela se aproximou e tocou a mão dele gentilmente. — Mas obrigada por vir até aqui por mim.

Holt sentiu a mão dela sobre a dele por mais um instante, e então ficou olhando enquanto ela saltava pela abertura do chão, para a caverna dos Demônios Cinzentos abaixo, e desaparecia.

34. A FOTOGRAFIA

ASSIM QUE MIRA CAIU NO FUNDO DO BURACO, ela começou a correr, deixando-o rapidamente para trás. Era engraçado. Quando ela morava ali, passava todos os dias por aquela abertura, mas nunca tinha lhe dado muita atenção. Apenas mais uma rampa estreita e intransponível das áreas não mapeadas das cavernas, ou assim ela pensava. Ela se perguntou quantas vezes um espião dos Lobos a havia observado ali de cima.

Mira viu que estava no túnel que dava para o dormitório dos Demônios Cinzentos, exatamente como Marcus dissera. Iluminadores flutuavam próximo ao teto, proporcionando luz, e pequenos cômodos se ramificavam dali. Estavam todos fechados com portas trazidas de fora. Elas estavam trancadas, Mira sabia disso.

Ela remexeu na mochila e tirou um molho de chaves com várias chavinhas de diferentes cores e formatos, cada uma marcada com o símbolo δ. Eram Chaves Mestras, artefatos valiosos das partes mais profundas das Terras Estranhas, e elas abriam qualquer fechadura. Nem todas as chaves das Terras Estranhas eram Chaves Mestras; apenas algumas desenvolviam as propriedades certas e Mira normalmente só encontrava uma em cada oito que trazia. Elas eram raras, muito valiosas, e esse molho de chaves, com cerca de meia dúzia, compunha toda a coleção dela.

Enquanto andava, Mira separou duas delas do molho. À sua frente estava uma das portas. Ela se aproximou e colocou uma das Chaves Mestras na fechadura. Ouviu-se um estalido e um rangido, e Mira pôde sentir a maçaneta da porta vibrar levemente em sua mão.

Ela virou a chave e, com um lampejo, a porta estalou e destravou. Mira rapidamente a abriu e entrou no pequeno cômodo de pedra. Quando tirou a

chave houve outro lampejo... e esta se desintegrou, transformando-se numa porção de pó metálico em seus dedos. Mira limpou os resíduos enquanto entrava no cômodo e fechou a porta atrás de si. Chaves Mestras só podiam ser usadas uma vez.

Era um depósito de suprimentos, como ela esperava, com fileiras de armários, cheios de todo tipo de coisa: latas de tinta, sucata de metal, caixas de pregos, ferramentas, baterias de carro, uma corrente grossa, cordas e roldanas, pedaços de compensado. Mira pôs a mochila no chão e rapidamente vasculhou-a, tirando dela duas moedas, um pedaço pequeno de espelho e um frasco de vidro.

Ela reuniu os componentes e rapidamente os prendeu com seu rolo cada vez menor de fita adesiva. Um estalo se fez no ar e um leve zumbido começou e logo se desvaneceu.

Mira examinou o artefato, outra Capa, mas esta não era para ela. Só esperava que ele se lembrasse do que ela lhe dissera. Ela colocou a nova Capa na mochila e o molho de Chaves Mestras sobre ela.

Mira saiu do depósito, deixando a porta destrancada. Tirou um fio vermelho do bolso e rapidamente o passou pela maçaneta. Não dava muito na vista. Quem não estivesse procurando, provavelmente não o notaria.

O corredor ainda estava vazio e silencioso, e ela voltou a caminhar por ele, em direção ao final do túnel, que se abria para um outro cômodo. Quando se aproximava, ouviu um som grave, como o constante retumbar de um trovão, que aumentava cada vez mais à medida que ela avançava.

O dormitório dos Demônios Cinzentos era uma enorme caverna cilíndrica que se estendia dezenas de metros para cima. Havia saliências e reentrâncias em todas as negras paredes brutas e rochosas; e construídas a partir delas havia dezenas de plataformas feitas de madeira e placas de metal, parafusadas e suspensas com cordas e correntes presas nas laterais da caverna.

Cada plataforma era o espaço pessoal de um membro dos Demônios Cinzentos. E cada pessoa fazia do seu espaço o que quisesse, decorando-o com diferentes mobiliários e artigos pessoais. Eram pintados em tons de cinza e branco, mas a maioria tinha desenhos ou textos adicionais abaixo deles, que

eram visíveis do chão. Vistos de baixo, eram um caleidoscópio de cores e comentários que se estendia até o teto da caverna. Escadas subiam pelas paredes e pontes precárias se estendiam entre elas, até a parte de cima.

Grandes Iluminadores flutuavam no ar junto ao teto, banhando tudo com sua luz suave, e outros menores estavam presos entre as estalactites do teto. Penduradas naquele mesmo teto havia duas enormes faixas, cada uma delas estampada com a figura de um sorriso demoníaco. E entre elas, na parte mais alta da caverna, havia algo como uma sacada, onde a luz de velas e lampiões cintilava no escuro. Era o dormitório de Leonora, e Mira olhou lá para cima com cautela antes de se virar e examinar a característica mais marcante do aposento.

Uma grande cachoeira subterrânea irrompia do alto da parede da caverna e caía mais abaixo, numa piscina natural, na extremidade da galeria, descendo através de algum sistema de túneis subterrâneos. Ao lado dela, havia uma placa de metal atada a braços mecânicos, mas não havia indicação de seu uso.

Grandes Iluminadores azuis estavam instalados atrás da queda-d'água e a luz que saía dali fazia com que a água cintilasse como safiras no escuro. Era uma visão impressionante e Mira parou para admirá-la. Havia construído e instalado ela mesma aqueles Iluminadores azuis, um projeto que lhe dera pontos suficientes para finalmente se tornar a Bucaneira mais importante da Cidade da Meia-Noite. Ela sorriu ao olhar para eles.

Mira havia se esquecido de como o ruído da cachoeira era alto e se espantou por ter sido capaz de dormir ali um dia. Mas se acostumara com aquilo. Tinha parado de ouvir com o tempo.

O bom era que, pelo fato de a cachoeira ser tão barulhenta, ela não precisava se preocupar em ser silenciosa. No entanto, estava preocupada em não ser vista.

Mira se curvou para ficar sob as sombras da parede mais próxima e olhou para as plataformas multicoloridas acima dela. Seus olhos se desviaram para duas delas, no quinto nível, próximas uma da outra; as duas estavam escuras e vazias.

A plataforma dela e, um pouco mais abaixo à esquerda, a de Ben. Dois lugares de outra época e dos quais ela tinha muitas lembranças. Vê-las novamente, escuras e sem nenhuma indicação de vida, causou uma dor profunda

e um vazio em seu estômago. Ela não tinha voltado ali para rememorar como as coisas tinham sido lembrou a si mesma. Não havia volta.

Mira desviou o olhar, encontrou a escada mais próxima e começou a subir. Era de madeira e bem resistente, mas só chegava ao terceiro nível. Dali em diante, teria de pegar uma das pontes para outra escada.

Ela continuou subindo e passou por uma das plataformas do nível inferior. Esta ela conhecia: pertencia a um garoto chamado Daniel, que liderava corridas de recuperação de objetos nas ruínas da superfície e sempre voltava com itens legais, alguns dos quais ela havia negociado. A parede dele ainda estava decorada com dúzias de cartões-postais desbotados do velho mundo, alguns deles com coisas escritas à mão. Eram todos das ruínas que ele havia explorado, Mira sabia. Daniel sempre tivera como regra primeiro encontrar um cartão-postal como lembrança do local onde faria uma caça ao tesouro. Do contrário, era má sorte.

Ela gostava de Daniel; ele sempre fora gentil com ela. Agora, se ele a visse, provavelmente acionaria o alarme e ajudaria a persegui-la. Engraçado como as coisas mudavam rápido por ali!

Mira continuou subindo e chegou ao final da escada, onde ela se ligava a uma das muitas pontes de corda da caverna. Aquela coisa balançou precariamente quando ela subiu. Acontecia o mesmo com todas as pontes ali e Mira nunca tinha se sentido muito segura atravessando-as. Sempre pareciam prestes a se partir ou a derrubar alguém, mas, até onde podia se lembrar, nenhuma delas havia caído, uma prova de quão resistentes realmente eram, apesar da aparência.

Ela seguiu pela ponte o mais rápido que conseguiu, segurando nas cordas que corriam pelos dois lados. Mantinha a atenção nas plataformas escuras, atenta a qualquer sinal de movimento. De algumas emanava a luz tremulante de velas ou lampiões, mas a maioria estava no escuro, e ela contava com isso. A distância, qualquer um que a visse acharia que ela era apenas outro membro da facção subindo para chegar ao seu quarto. Ao menos esse era o plano.

À frente dela, a ponte se ligava a duas outras escadas que seguiam em diagonal até uma parede distante. Mira pegou a que precisava e começou a subir,

movendo-se rápido para o quarto andar e parando no quinto.

Seu aposento estava escuro e vazio, como esperava; ela saltou silenciosamente da escada para sua plataforma e se abaixou, ficando fora de vista.

Tudo estava, em grande parte, exatamente como ela havia deixado, embora estivesse empoeirado agora. Sua rede e seus cobertores ainda estavam suspensos entre a parede da caverna e um pilar que ela fixara no piso, no centro da plataforma. No canto mais distante havia uma fileira de prateleiras azuis de metal, meio vazias, o que não era surpresa. Era onde ela guardava seus principais artefatos, que a essa altura com certeza já tinham sido todos roubados.

Ainda restavam algumas coisas, no entanto. Velas, um bule de chá, livros antigos, uma pasta com mapas das Terras Estranhas e um porta-joias. Uma fotografia polaroide estava colada na parede atrás da prateleira, e no centro dela havia um pequeno aglomerado de cristais roxos. Na prateleira de baixo, havia um bauzinho de madeira ornamentado, feito de uma combinação de madeira de cerejeira com ouro e prata.

O cristal era remanescente de um raio que caíra numa das muitas tempestades de antimatéria do quarto círculo das Terras Estranhas. Embora pudessem ser muito perigosas, Mira sempre achara que as luzes da antimatéria eram lindas. Elas cortavam o céu numa gama de cores e, onde quer que seus raios caíssem, incineravam o solo, formando um cristal da mesma cor. Por isso, navegar pelo quarto círculo era como atravessar um labirinto cristalino colorido com gás neon. A primeira vez que o explorou, ela trouxe aquele cristal como lembrança.

A foto tinha um significado ainda maior: ela a tirara nos limites do quarto círculo, o mais distante que já havia ido. Mostrava enormes faixas de cores flutuantes que preenchiam o céu acima do horizonte, nas ruínas da cidade, como auroras boreais. Na foto via-se também a silhueta de duas enormes torres cuneiformes escuras, girando vigorosamente à distância. Eram tornados, mas não como os que havia no mundo normal; eram seis vezes maiores e formados por uma espiral de energia escura. Estavam isolados do núcleo, a parte mais profunda e mortal das Terras Estranhas, e o que eles tocavam era sugado para

dentro deles e exterminado. Mira tirara a foto na manhã anterior à que ela e Ben voltaram para casa, e ela se lembrava de ter sido obrigada a puxá-lo para fora de lá. Explorar o núcleo era uma obsessão para ele, e não tinha sido fácil fazê-lo sair.

Ela observou a plataforma inteira com um misto de emoções. Era tão confortável ali... e parte dela esperava ver Ben se pendurar na beirada, como sempre fazia. Mas o resto dela sabia que as coisas haviam mudado para sempre e aquele tempo não voltaria jamais.

Mira olhou cada um dos objetos em seu antigo aposento, perguntando-se qual Leonora teria escolhido. Devia ser algo carregado de significado, algo que Mira pegaria com certeza, mas eram muitas as opções que seguiam esse critério.

Mira hesitou. Estava prestes a ultrapassar um ponto sem volta e ao fazer isso poderia colocar outros em perigo — pessoas com as quais ela se importava, talvez até amasse. Ela poderia sair agora, voltar pelo túnel secreto e entregar o plutônio que tinha lutado tanto para conseguir. Mas essa era a razão que a fizera voltar até ali. E precisava ir em frente. Precisava consertar as coisas... o máximo que pudesse.

Mira respirou fundo e foi até o bauzinho no fundo da prateleira. Pegou a segunda Chave Mestra e a enfiou na fechadura. Ela era feita para uma chave muito menor, mas isso não fazia diferença. Quando o artefato tocou o fundo do burado, soltou faíscas e zumbiu, e de alguma forma seu tamanho se adaptou para se encaixar na pequena fechadura.

Ela virou a chave e esta se acendeu ao destrancar o baú e depois se dissolveu num pó metálico, que passou por entre os dedos de Mira e se espalhou pelo chão, quando ela a tirou da fechadura.

Mira ergueu a tampa do bauzinho com a mão trêmula... mas nada inesperado aconteceu; ele simplesmente se abriu. Em seu interior havia um cronômetro de bronze manchado pelo tempo, mas bem conservado; um espelho redondo com moldura de prata e um ímã mais ou menos do tamanho de uma moeda grande, preso a uma longa corrente de ouro.

Mira sorriu ao ver suas ferramentas. Apenas com esses três itens, ela podia sobreviver a oitenta por cento das anomalias das Terras Estranhas, e esses em

especial a tinham levado até o quarto círculo. Quando fugira da Cidade da Meia-Noite, não tivera tempo sufiente para pegar essas coisas e sempre se arrependera disso.

Mira tirou um item de cada vez do bauzinho. A cada peça tirada, ela esperava o pior... mas, ainda assim, nada alarmante aconteceu.

Mira contemplou as ferramentas nas mãos, pensando. Se não eram elas, o que seria então?

Ela enfiou os três objetos no bolso. Era bom sentir seu peso e sua forma familiares novamente. Sem eles, era como se lhe faltasse um braço ou uma mão.

Mira estendeu o braço e tocou o cristal roxo que sobrara na prateleira. Nada. Ela tocou a foto. Nada. Passou as mãos sobre os livros, pegou seu velho bule de chá, tocou as velas, uma de cada vez.

Nada.

Mira estava ficando preocupada. Estaria errada sobre tudo? Se estivesse, então o plano não iria funcionar... e ela estaria bem encrencada.

Ela deu uma olhada rápida no resto do lugar. Não havia muito mais; ela sempre mantivera o mínimo. Havia apenas a rede e...

Mira parou, olhando para algo na parede da caverna, atrás da rede. Uma pequena foto em preto e branco desbotada. Lentamente, ela se levantou e foi até ali, com o olhar de quem via um fantasma. Era a foto de um homem recostado num velho vagão de trem, segurando uma garotinha nos ombros. Atrás deles, o oceano se estendia até o horizonte.

A menina era Mira, anos atrás, e o homem era seu pai. Era a única foto que ela tinha dele, tirada pela mãe durante um dos verões que viajaram para Portland.

Havia se passado muito tempo desde que vira o rosto dele, e aquela visão lhe provocou uma súbida tristeza. Essa era outra parte da vida dela que tinha terminado e nunca mais voltaria, e que ela tinha ainda menos chance de consertar.

Essa era a única coisa que ainda restava daquela época, a coisa que ela guardava havia mais tempo, e qualquer um que a conhecia sabia o que aquela fotografia significava.

Mira observou a foto por mais um instante e então, lentamente, com cuidado, foi até ela...

... e tudo à sua volta se acendeu, banhado numa luz forte e brilhante.

O mundo girou vertiginosamente quando seus pés foram arrancados do chão da plataforma e ela voou pelos ares em direção ao centro do gigantesco aposento. Quando chegou lá, ficou pendurada, imóvel, girando num casulo de luz e inércia a dezenas de metros do chão da caverna, presa numa armadilha feita com algum tipo de artefato.

É claro que era a foto, Mira pensou. Seu primeiro instinto foi sentir um pouco de alívio. Mas, quando os Iluminadores do teto da caverna se acenderam, enchendo o quarto de luz, e os garotos das plataformas começaram a se agitar em seu sono, o alívio logo desapareceu.

Em volta dela, os membros dos Demônios Cinzentos olhavam para a pessoa presa e girando impotente no Vórtice Gravitacional no centro do dormitório. Aos poucos, eles se deram conta de quem ela era. A armadilha montada destinava-se a pegar uma pessoa em especial, e tinha funcionado muito bem.

Por toda a gigantesca caverna cilíndrica, os vivas e as exclamações de alegria se espalharam no ar, ecoando por toda parte ao redor de Mira.

— Cinza!... Cinza!... Cinza!... Cinza!... Cinza!... — Quanto mais pessoas se juntavam ao clamor geral, mais hostil ele parecia. Mira sentiu um calor no rosto quando se virou para olhar seus antigos colegas de facção. Ela reconheceu a maioria deles. Os principais Informantes da facção, Johnny Ringo e Sam Smythe. Outro especialista em recuperação de objetos, como Daniel, chamado Oscar. Duas jovens Bucaneiras chamadas Summer e Meadow, garotas que sempre a procuravam e às quais ela tinha ensinado muitas coisas. As principais forças dos Demônios, dois garotos grandes e assustadores chamados Hawke e Waylan. E muitos mais. Alguns haviam sido amigos; outros, conhecidos e uns poucos, concorrentes, mas agora eram todos seus inimigos, e eles olhavam para ela com malícia.

— Cinza!... Cinza!... Cinza!... Cinza!... — Os gritos hostis continuavam, ecoando por toda parte a sua volta.

Definitivamente, não havia mais volta agora.

35. LEONORA

ELES TINHAM DEIXADO AS PERNAS DE MIRA DESAMARRADAS, mas suas mãos estavam presas nas costas. Ela estava sozinha na caverna de teto liso, onde Iluminadores azuis e brancos flutuavam. Tinha se passado muito tempo desde que estivera ali, mas não parecia que Leonora tivesse mudado muito.

Nos fundos do cômodo estava a “sacada”, a borda do penhasco que dava para o dormitório do complexo abaixo. Dali se ouvia o som trovejante da cachoeira.

Havia uma cama grande de dossel nos fundos, de onde pendiam cortinas cinza com um grande armário vitoriano ao seu lado. Numa parede havia várias prateleiras cheias de livros e uma área de leitura, com cadeiras e um sofá. No canto, algumas bancadas com equipamento fotográfico. Era tudo velho, mas evidentemente tratado com esmero.

O quarto era limpo, arrumado e feminino, e os móveis velhos combinavam bem com as paredes escuras da caverna; nada exagerado, o que não era surpresa. Como todos os líderes poderosos de facções da Cidade da Meia-Noite, Leonora era obcecada por pontos, e ela passava muito mais tempo no Mural do Placar que em seu próprio quarto.

Uma indulgência, no entanto, era aparente: por todas as paredes estavam penduradas grandes fotos emolduradas em preto e branco do Mundo Anterior. Fotos famosas. Fotos impressas de Adams, Strand e Cartier-Bresson, todas espalhadas pelo quarto. Deveria ter sido uma coleção valiosa em outra época, mas agora só tinha valor sentimental.

Ainda assim, Mira sabia que Leonora havia gastado muitos recursos para conseguir essas fotos. Para ela, fotografias eram lembranças físicas, quase como congelar o tempo. Mira não discordava, e os pensamentos a fizeram se lembrar

da foto de seu pai.

Ouviu-se um clique quando a grande porta dupla do quarto foi destrancada. Adornadas e desgastadas, elas ainda eram bonitas, e tinham sido tiradas de uma antiga missão hispânica em algum lugar ao sul e instaladas na abertura do quarto. Ao se abrirem, Mira viu de relance dois guardas corpulentos dos Demônios Cinzentos do lado de fora, quando um vulto passou por eles e entrou.

Era difícil dizer a idade de Leonora Rowe. Mira vira tão poucas vezes alguém com mais de 20 anos que sua base de referência estava distorcida, e Leonora nunca revelava sua idade. Mas, se ela fosse adivinhar, diria que algo em torno dos 30 anos. Os olhos dela eram verdes, cristalinos e radiantes, e sempre que Mira olhava para eles não podia deixar de pensar amargamente que era assim que os dela deveriam ser, se não fosse pela Estática se espalhando lentamente.

Leonora era alta e magra, com longos cabelos pretos e brilhantes que caíam pelas costas, numa longa trança frouxa. Ela usava um vestido cinza estampado com flores coloridas, que se ajustava nos pontos certos. Leonora estava bem consciente de que era uma mulher num mundo de meninas, e ela usava isso em vantagem própria, dentro ou fora de sua facção. Ela era bonita e feminina, não havia dúvida, mas a beleza era temperada com uma dureza fria que sempre mantinha as pessoas a uma certa distância, não importando quanto se considerassem próximas.

O olhar de Leonora encontrou Mira e lentamente a examinou de cima a baixo. Sua expressão era indecifrável, como sempre, e ela não disse nada enquanto se aproximava devagar. Leonora sempre se movia com consciência, quase em câmera lenta, e havia algo de fascinante nisso. Mira engoliu em seco quando a mulher se aproximou. Esse era um momento pelo qual ela havia, de certa forma, esperado desde que saíra dali. Um confronto, um acerto de contas, mas agora que estava ali, tudo que sentia era pavor.

Leonora não tinha armas que Mira pudesse ver, não havia nada em suas mãos, mas com os pulsos de Mira presos às costas, ela não tinha como se defender. Estava completamente à mercê de Leonora e aquela nunca era uma situação muito boa.

Quando Leonora estava bem perto, acelerou os últimos passos e Mira se encolheu... A outra inesperadamente jogou os braços em volta dela, puxando-a para um abraço.

Levou um instante para que o choque passasse e Mira entendesse o que estava acontecendo. Surpreendentemente, Leonora a abraçava.

— Mira! — disse Leonora com carinho, acariciando seus cabelos vermelhos. — Eu... sinto muito. Por tudo.

Era surreal. Leonora a abraçou por mais um instante e então lentamente se afastou e Mira viu que os olhos dela começavam a se encher de lágrimas.

— Eu não mandei amarrá-la! — ela se justificou, olhando para as mãos de Mira com agitação. — Tirem as cordas! — Os guardas rapidamente cortaram as cordas e a libertaram. Ao se ver livre, Mira esfregou os pulsos. Desde a primeira parte de sua jornada com Holt, ela odiava ficar com as mãos amarradas. — Agora, nos deixem a sós — ordenou Leonora.

Os dois garotos vestidos de cinza saíram e fecharam as portas. Mira e Leonora olharam uma para a outra no quarto silencioso.

— Deixe-me vê-la! — disse Leonora, aproximando-se. — Eu sei que só se passaram alguns meses, mas parecem anos. Você está muito bem, querida! Um pouco cansada, talvez, mas bem. E seu cabelo está mais comprido. Eu sempre lhe disse para experimentar deixá-lo assim, lembra? Eu gosto.

Os olhos verdes transparentes de Leonora encararam Mira por mais alguns segundos; e então ela se moveu casualmente para uma bancada numa das paredes. Nela havia copos e um jarro de água, com tiras de casca de laranja e de limão flutuando. Ela serviu um pouco da bebida num copo.

— Água? — Leonora passou o copo para Mira, mas a garota o olhou, hesitante. Quem sabe o que poderiam ter posto ali?

Leonora mostrou-se triste ao notar a preocupação de Mira.

— A que ponto chegamos! — Ela pegou o copo das mãos de Mira e tomou um gole antes de devolvê-lo. O olhar que Leonora lhe lançou quase fez Mira se sentir envergonhada. Quase. Ela deu um grande gole na bebida e era bom, o sabor cítrico se espalhando em sua boca. Nesse momento ela se deu conta do quanto estava com sede. Bebeu um pouco mais.

Leonora lhe estendeu algo. Era a fotografia do pai de Mira.

— Eu os fiz ligar os artefatos à foto. De tudo que você deixou, era a única coisa insubstituível, e a única que eu tinha certeza de que você levaria se algum dia voltasse. Eu sei quanto isso significa para você.

Leonora deu a foto para Mira e ela olhou a garotinha congelada, sobre os ombros do homem. Ela estaria ali para sempre, e havia algo de reconfortante nisso.

— É uma bela composição! — disse Leonora. — Sua mãe tinha um bom olho; eu gostaria de tê-la conhecido.

Mira continuou em silêncio. Ainda não estava certa do que fazer com tudo aquilo, com a simpatia e o carinho de Leonora, duas qualidades que ela não exibia com frequência.

— Como foi que você entrou? — perguntou Leonora. — O portão da frente está trancado há horas, e os Retificadores que você construiu continuam lá, então você não usou uma Capa.

Mira sabia que uma hora precisaria falar, de uma forma ou de outra. Era melhor que fosse agora.

— César estava muito ansioso para ajudar — disse Mira.

Leonora refletiu sobre o comentário, encaixando as peças.

— Então, Los Lobos conhecem túneis que se conectam às nossas cavernas... Eu não deveria estar surpresa... Eles conhecem o Caminho Rastejante melhor do que ninguém. — Leonora sorriu com a ideia. — Ainda assim, quando a notícia de que você voltou para casa se espalhar, não estou certa de que César ficará muito entusiasmado.

— Voltei para casa? — perguntou Mira.

Leonora contemplou Mira atentamente, refletindo.

— Antes de você ir, eu tratava as coisas... de maneira deficiente — ela disse. — Mais do que deficiente! E é algo de que me arrependo. Você era mais do que um membro da facção para mim, Mira, você era... da família. E familiares não fazem uns aos outros as coisas que eu fiz a você.

Mira olhava para Leonora sem saber o que pensar. Eram palavras que ela nunca esperara ouvir, e ela sabia que o ceticismo transparecia em seus olhos.

— Você não confia em mim — continuou Leonora. — Eu provavelmente também não confiaria. Afinal de contas, fiz coisas muito desagradáveis.

— Desagradáveis? — A reação de Mira era de incredulidade. — Você me acusou de Fabricar de Pontos, Leonora! Você tirou meus pontos e me declarou Imencionável. Você ameaçou torturar e matar meu melhor amigo!

— Eu sei — respondeu Leonora, calmamente. — Não vou fingir que o que fiz não foi errado. Quero me redimir, o máximo que puder.

— E depois? Eu simplesmente tenho de acreditar nisso? — perguntou Mira.

Leonora suspirou e desviou o olhar.

— Eu sabia que você voltaria, Mira. Você nunca conseguiu deixar nada pela metade. Minha esperança era de que, quando você voltasse, Ben estaria aqui. Se pudesse ouvir isso dele, seria muito mais fácil convencê-la.

Ouvir o nome de Ben a fez sentir um arrepio de medo na espinha.

— Onde está ele? — Mira perguntou.

— Livre! — Leonora sorriu. — Ben ainda tem os pontos dele.

— Eu não acredito em você!

— Você deve ter ido ao Mural do Placar, para ver seu próprio nome, pelo menos. Você viu o nome de Ben com o seu? Viu? — Mira se lembrou da ausência do nome dele no quadro dos Imencionáveis e sentiu a esperança se agitar dentro dela. — Tudo que você tem a fazer é ir até o mural e ver o nome dele lá, e os pontos. Ele está vivo, Mira... E ainda é um Demônio Cinzento.

— Você não respondeu à minha pergunta — insistiu Mira. — Onde ele está? Por que não está aqui?

— Ele está liderando uma expedição.

— Para as Terras Estranhas? Por quê?

— Por pontos — respondeu Leonora.

— Por pontos? Isso não faz sentido. A não ser que ele tenha ido para a... — Ela vacilou quando a resposta lhe ocorreu.

— Para a Torre Partida, Mira. Ele será o primeiro Demônio Cinzento a ir até lá e voltar. Você, mais do que ninguém, sabe quantos pontos isso pode valer.

De fato, Mira sabia. Uma quantidade enorme. Nenhum Bucaneiro dos Demônios Cinzentos tinha ido à Torre Partida e sobrevivido. Se essa façanha

pudesse ser realizada, a facção ganharia pontos suficientes para solidificar sua posição como Poder Supremo por muitos anos ainda. Mas isso era um grande se. Se menos de meia dúzia de pessoas tinha conseguido entrar na Torre, que dirá retornar. Ir até o núcleo era basicamente suicídio.

— Ele vai morrer — disse Mira. — Ninguém consegue entrar na Torre há anos.

— Foi escolha dele, Mira. Ele me pediu e eu dei permissão, como um gesto de reconciliação. — Leonora a olhou com doçura. — Ben queria que você tivesse ido com ele. Não há ninguém em quem ele confie mais.

Era verdade. Eles tinham trabalhado bem juntos, tinham até batido recordes das travessias mais rápidas pelos segundo e terceiro círculos. Desde que ela conhecera Ben, eles nunca entravam nas Terras Estranhas sem a companhia um do outro, e pensar nele andando sozinho por lá a fez sentir um vazio desagradável no peito.

— As chances dele seriam muito melhores se você estivesse lá — disse Leonora, e as palavras ressoaram em Mira. — Você ainda pode ir com ele, Mira. Você pode ajudá-lo. Entrem na Torre juntos, do jeito que ele sempre quis. A expedição saiu há apenas alguns dias. Você pode alcançá-los. Se não for possível antes das estradas transversais, que seja na Estrela Polar.

— E você simplesmente... me deixaria ir, Leonora? — Mira perguntou, duvidando. — Simples assim? Depois de tudo o que aconteceu?

— Não, Mira — respondeu Leonora, dando um passo à frente. — Eu pretendo fazer muito mais do que isso. Eu devolverei a sua vida, a que eu tirei de você de maneira tão insensível.

Mira olhou para Leonora como se ela tivesse enlouquecido.

— Você me transformou numa Imencionável! Não há como voltar atrás depois disso.

— Seus pontos, eu sinto muito, estão perdidos — disse Leonora. — Mas a condição de Imencionável pode ser alterada.

— Mas o Código...

— Permite a eliminação de uma desonra imencionável — ela explicou. — Se o cidadão pertencer a uma facção disposta a sacrificar um quinto dos seus

pontos como penalidade.

Mira estava sem palavras. O Código era a constituição da Cidade da Meia-Noite, seus princípios fundamentais, e era um documento muito extenso e complicado. Ele explicava em detalhes precisos a incrível complexidade do sistema de pontos, assim como a estrutura política da cidade. Mira o lera apenas algumas vezes, e uma coisa que ela tinha aprendido era que não havia verdade absoluta no Código. Tudo parecia ter uma brecha. E mesmo as brechas tinham brechas. Mas, ainda assim, havia um preço alto a pagar.

— Um quinto? — Mira exclamou. — Isso a colocaria abaixo de Los Lobos; tiraria você do Poder Supremo. Você não espera mesmo que eu acredite que você abriria mão de todo esse poder apenas para me trazer de volta para casa.

— Eu consideraria isso uma troca — respondeu Leonora. — Nós conseguiremos de volta os pontos perdidos e mais alguns quando o seu artefato não for mais um boato, quando as outras facções souberem que o possuímos.

E, finalmente, ali estava o motivo de todo aquele teatro. Mira sentiu dentro de si a raiva começar a crescer.

— Nós já tivemos essa conversa.

— Não, isso é diferente. Eu não quero usá-lo, Mira — respondeu Leonora. — Você está certa: é terrível só de pensar nisso.

Mira hesitou. Novamente não era o que esperava.

— Então, você iria... me deixar destruí-lo?

— Ele é valioso demais para simplesmente ser destruído. Você não entende?

— Não, eu não entendo. Eu devo ter deixado escapar alguma coisa. Você não quer usá-lo, nem irá me deixar destruí-lo. Você não pode ter tudo. É uma coisa ou outra.

— Pense por um instante, Mira. Ele não precisa ser usado para ser valioso. Ele pode ser um impedimento — enfatizou Leonora, aproximando-se dela conforme falava. — Eu anunciaria que o possuímos, eu garantiria que todas as outras facções soubessem do poder que os Demônios Cinzentos detêm... e então deixaria esse poder simplesmente guardado, intocado e protegido no Cofre, para sempre. Não é uma troca justa, uma boa promessa? Eu consigo o que quero; você ganha sua vida de volta. Você será recebida de braços abertos, verá seu

nome ser recolocado no Mural do Placar e aquela monstruosidade que você fez não verá jamais a luz do dia.

Mira abriu a boca para falar antes de se dar conta de que não tinha ideia do que dizer. Ela sempre pensara que a única opção era destruir o artefato. Mas e se Leonora estivesse falando a verdade? E se ela realmente pudesse conseguir sua vida de volta, uma vida que tinha começado a achar que estava perdida para sempre... e ainda conseguisse dar um fim à ameaça que representava o artefato?

Mas... ela realmente queria aquela vida de volta? Tanta coisa havia mudado desde então...

— Sua dúvida me deixa esperançosa — disse Leonora, finalmente. — Estou feliz que esteja considerando.

— Isso... não é algo em que eu tenha pensado. Isso... eu não sei o que pensar — admitiu Mira. — Mas tem uma coisa que não entendo. Você disse que declararia que os Demônios Cinzentos o possuem. Mas como faria isso sem usá-lo?

Leonora desviou o olhar e seu semblante pareceu se tornar mais sombrio.

— Você sempre pensa num problema até o fim, Mira. Esse é um dos motivos por que confiei em você. E porque sinto sua falta também. — Quando Leonora olhou novamente para Mira, havia um brilho desagradável em seus olhos. — Você está certa, é claro. Não poderíamos querer que as outras facções simplesmente acreditassem em nossa promessa de que temos esse poder. Teríamos que demonstrar isso.

O olhar de Mira se tornou perigoso.

— Haveria aqueles que se ofereceriam como voluntários para usarmos o artefato neles.

— Voluntários? — Mira se espantou.

— Aqueles cuja lealdade para com os Demônios Cinzentos é tão grande que fariam esse sacrifício.

— Não, Leonora — disse Mira, sacudindo a cabeça indignada.

— Pense nisso por um instante; não é tão pérfido quanto parece. Temos membros que estão perto de sucumbir e não desejam se juntar ao grupo da resistência e morar perto de um Parlamento. Eles sabem que estão condenados,

não importa o que aconteça, então por que não fazer algo que tenha valor no final?

— Como isso pode ter algum valor? — Mira perguntou, enojada.

— Porque é um final com um propósito. Uma pessoa que beneficia sua facção e fortalece a posição dela! Isso não faz mais sentido do que simplesmente sucumbir à loucura e perder a lucidez?

Mira suspirou, fechou os olhos e virou de costas.

— Apenas uma vez, Mira — garantiu Leonora. — Só uma. Não vale a pena uma única vez, por todo o bem que virá disso?

Mira ficou em silêncio por um bom tempo e Leonora não disse mais nada. Ela havia exposto seus argumentos e agora a decisão era de Mira. Ela estaria mentindo se dissesse que a proposta não fazia sentido em alguns níveis, ou que uma parte dela não queria sua antiga vida de volta. Ela e Ben poderiam explorar o núcleo juntos e, por mais arriscado que fosse, sabia que, se trabalhassem juntos, poderiam conseguir. Eles poderiam ver a Torre Partida.

Mas tudo no cenário de Leonora estava à mercê de uma coisa, e Mira sabia que essa coisa seria a fraqueza de todos que tivessem acesso ao artefato que ela havia criado: a natureza humana.

— Você diz “uma única vez”, Leonora — Mira finalmente respondeu. — Só uma. E eu acho que você realmente acredita nisso. Mas nós duas sabemos que a Cidade da Meia-Noite tem memória curta. As facções irão se intimidar por um tempo, seus pontos vão subir. Mas isso não vai durar. Os outros vão acabar se esquecendo. O medo vai diminuir; isso sempre acontece. E os pontos que você ganhar com o artefato vão começar a ser superados. — Mira se virou lentamente para encarar Leonora, agora sem vacilar o olhar. — Eu te conheço, Leonora, você não vai permitir isso. Não quando os pontos começarem a escorrer pelo ralo; não você. Vai usá-lo mais uma vez. E dará a mesma justificativa: só mais uma vez. Mas, quando se faz uma coisa duas, três vezes, ela deixa de parece tão ruim. Quatro, menos ainda. Cinco. Seis. Outro inimigo que poderia simplesmente desaparecer. Outro rival com o qual seria bom não ter mais preocupação. Sinto muito, Leonora, mas eu não acho que você tenha força para não usá-lo. Acho que ninguém tem.

À medida que Mira falava, a expressão de Leonora foi se tornando mais sombria, mas ela se manteve em silêncio o tempo todo.

— A resposta é a mesma de antes — continuou Mira. — A resposta é não. Ele tem de ser destruído. E, se você me deixar destruí-lo, se puder abrir mão dele como deveria... então eu voltarei para casa. Terei orgulho disso.

Mira aguardou em silêncio, observando Leonora, mas a mulher apenas permaneceu quieta e parada, como uma estátua, perfeitamente imóvel.

— É sua resposta definitiva, então? — ela finalmente perguntou.

— Sim. É a única resposta que posso dar.

O comportamento calmo de Leonora evaporou diante de Mira, e sua expressão se transformou subitamente numa silenciosa aversão.

— Você voltaria para casa? — ela debochou. — Você voltaria para casa? Você não tem casa. Eu te ofereci a salvação. O perdão. Um comprometimento genuíno, e você jogou tudo isso na minha cara pelas mesmas razões egoístas e equivocadas de antes.

As palavras a feriam, mas Mira manteve a compostura.

— Só você chamaria o que estou fazendo de egoísmo — Mira retorquiu, calmamente. — E se todos aqui pensam do mesmo jeito, então você está certa; esta não é a minha casa. Nunca foi.

— Ben disse que você nunca voltaria — comentou Leonora. — Eu acreditava que você entenderia. Mas ele estava certo sobre você, é claro. Ele te conhece melhor do que ninguém.

Alguma coisa nas palavras de Leonora estava fora de lugar, e levou um momento para Mira entender o que era.

— Ben sabe que você quer usar o artefato?

Leonora lançou um olhar de pena para Mira.

— Ah, Mira, que tristeza... Você realmente não sabe? Você nem ao menos suspeitou? Ou seus sentimentos por ele ofuscaram tudo?

Mira não estava gostando do rumo da conversa.

— Como você acha que eu soube do artefato? — perguntou Leonora. — Como foi que eu soube a tempo de impedi-la de sair da cidade? Você nunca se perguntou?

Na verdade, Mira nunca tinha se perguntado. Tudo acontecera muito rápido quando foi pega, e a seguir veio a fuga e estivera em movimento desde então. Não tivera tempo para pensar em todos os detalhes. Mas Leonora estava certa, isso não fazia sentido.

— Foi Ben, Mira — revelou Leonora maldosamente. — Ben veio até mim e me contou o que você tinha feito no laboratório. E que você, como uma idiota, queria destruí-lo.

Mira sentiu o coração martelando no peito, os joelhos começarem a fraquejar.

— Você está... mentindo — ela disse, a voz falhando. A garganta ficou muito seca de repente. — Eu... não acredito nisso.

Leonora sorriu.

— Pense, Mira. Quem mais sabia? Havia mais alguém que pudesse ter me contado? Quem?

A verdade era que, evidentemente... não havia. E Mira sabia disso. Mas, ainda assim, ela se recusava a acreditar.

— Por que ele...? — balbuciou, insegura. Tudo parecia um sonho agora.

— Por que ele faria isso? — perguntou Leonora, sarcasticamente. — Por que ele trairia sua melhor amiga, a pessoa que ele amava? O melhor amigo de Ben sempre foi ele mesmo, Mira. Qual era a única coisa que ele sempre desejou? Mais do que tudo? A coisa que ele me pedia o tempo todo?

— Uma expedição — concluiu Mira, mas sua voz era apenas um sussurro agora. — Uma expedição, com todos os suprimentos necessários, para o núcleo, para que ele pudesse tentar chegar à Torre Partida.

— E agora, veja você — replicou Leonora. — Ele trocou o que sabia sobre o seu artefato pela posição de principal Bucaneiro da Cidade da Meia-Noite, pelos seus pontos e pela oportunidade de liderar uma expedição dos Demônios Cinzentos para o núcleo. E eu fiquei feliz em favorecê-lo, visto que isso a impediria de destruir o que construiu.

Mira sentiu o estômago embrulhar. Tudo se encaixava, e ela estava envergonhada por não ter juntado as peças sozinha. Mas, ainda assim, não queria acreditar, não podia acreditar...

Leonora se afastou dela.

— O mais irônico é que você entregará o artefato pra mim, de um jeito ou de outro. Quando eu terminar, você me dirá tudo que quero saber e o entregará você mesma. Levará meses, provavelmente. Meses e meses de sofrimento na escuridão. Você será um exemplo para os outros, de que mesmo os que estão nos patamares mais altos podem cair. E quando for a hora de mostrar à cidade o poder do que você criou... será você que o artefato irá destruir. Desse modo, você poderá se redimir por tudo que fez... e por ter me magoado tanto.

Leonora olhava para Mira e seus olhos demonstravam malícia e triunfo.

— Guardas! — gritou Leonora, e aguardou que os dois corpulentos Demônios Cinzentos abrissem as portas, prendessem novamente a prisioneira e a levassem para o calabouço.

Mas as portas não se abriram.

Leonora olhou para elas irritada.

— Guardas! — gritou novamente. Como as portas continuaram fechadas, ela marchou até elas, furiosa, agarrou as maçanetas e as escancarou.

Os guardas estavam lá, mas não como antes. Agora estavam caídos no chão, inconscientes.

Mira viu os olhos de Leonora se arregalarem, e então olhou para o túnel da caverna por algum sinal de...

Ouviu-se um som sibilante, um zumbido de energia, e então uma esfera grande se acendeu no ar, uma, duas vezes, tremeluziu e desapareceu, revelando duas pessoas e um cachorro parados na porta de entrada.

Holt estava segurando um tubo de cobre que tinha arranjado em algum lugar. Leonora o fitou chocada e Holt sorriu para ela.

— Você deve ser Leonora — ele disse. — Ouvi bastante a seu respeito. — E acertou o tubo com força na cabeça dela. O corpo de Leonora rodopiou e ela caiu no chão, inconsciente como os guardas.

Holt olhou para Mira, orgulhoso, mas a garota não esboçou nenhuma reação.

— Você demorou! — ela disse, e Holt franziu a testa.

36. OS DEMÔNIOS CINZENTOS

HOLT FEZ UMA CARETA PARA MIRA, segurando o cordão com a pequena bússola de Zoey.

— Ei! Tenho certeza de que é moleza usar esta coisa lá fora — ele disse. — Mas aqui dentro, é um pouquinho mais difícil.

Zoey estendeu a mão e pegou o cordão de Holt.

— Você disse que ia me devolver — ela reclamou. Holt suspirou e entregou para ela, e então mostrou a Capa que Mira tinha feito, enrolada em fita adesiva.

— Isso está torrado, não está? — ele perguntou.

— Jogue fora — respondeu Mira, e ele a atirou no chão. — Você se livrou dos Lobos?

— Sim. — Holt deu um largo sorriso e ergueu a enorme faca de caça de Marcus, admirando-a. — E veja o que eu consegui!

Mira deu dois tapinhas no rosto de Holt.

— Que gracinha! Onde está minha mochila?

Holt lhe passou a mochila e observou enquanto ela a revirava.

— Estava como você imaginou? — ele perguntou. — Seu antigo quarto?

— Sim, eles deixaram uma armadilha — respondeu Mira, tirando um artefato qualquer da mochila. — Uma pena que não sabiam que ser pega fazia parte do plano.

— E agora, vamos encontrar seu negócio? Está muito longe?

Mira parou e olhou por todo o quarto.

— Não está longe — disse ela, desviando-se de Leonora e indo até o canto do quarto onde estava o equipamento fotográfico.

— O que é isso, Mira? — perguntou Zoey, olhando para o artefato que Mira estava segurando. Pareciam diversas combinações diferentes entrelaçadas, com

moedas, pilhas, dois ímãs, uma grande bola de gude amarela e fios de cobre, tudo atado com fita adesiva.

— Um Retificador, docinho. Ele anula o efeito de outros artefatos, desliga tudo. — Mira passou o Retificador pelo ar, no canto da caverna. Conforme ela o movia, ele deixava rastros borrados de luz, como o reflexo de lentes numa fotografia. Era uma coisa estranha de se ver. Holt recuou. Tudo parecia ondular e cintilar na área em que Mira passava o objeto, ficando cada vez mais brilhante. E então algo se materializou e caiu.

Mira o pegou antes que tocasse o chão: um saquinho preto. Holt olhou para ele.

— Você escondeu o artefato aqui? — ele perguntou, surpreso. — No covil da Rainha do Gelo?

— O último lugar onde ela procuraria, não é? — Mira lhe lançou um olhar cheio de astúcia.

Holt estava impressionado. Mira era inteligente e esperta, autossuficiente, e ainda assim vulnerável. Ela não precisava que ninguém cuidasse dela — estava bem claro —, mas isso não significava que não quisesse que alguém tentasse. Seu cabelo vermelho caía solto em volta do pescoço e, mesmo agora que só havia alguns pontinhos verdes no negro dos seus olhos, ele pensou, ela ainda era bonita. E em algum momento ele não pensara assim?

— Você realmente é incrível! — ele disse.

Mira sorriu e desamarrou o saco. Retirou dali um grande conjunto de artefatos de aparência muito estranha. Não era algo simples como os outros que Holt tinha visto. Este era feito com mais de uma dúzia de objetos diferentes (pelo que ele podia ver), todos presos por uma corrente de prata e um cordão trançado de couro roxo. O objeto principal do conjunto lembrava um antigo relógio de bolso dourado. Um δ de prata estava gravado de maneira artística na cobertura metálica do relógio.

Mira o segurou na mão, olhando para o objeto que havia lhe custado tanto. Holt podia sentir sua apreensão.

— Quer que eu carregue isso comigo? — ele perguntou. Considerando-se quanto ele detestava artefatos, esse não era um pequeno gesto.

— Não — disse Mira. — Fui eu que fiz, então eu é que tenho de lidar com ele. — Ela o enfiou na mochila e ergueu os olhos para Holt.

Holt balançou a cabeça, depois olhou para Leonora inconsciente.

— O que faremos com ela?

Mira se forçou a olhar mais uma vez para o corpo imóvel de Leonora. Quando fez isso, Holt não soube dizer se ela estava com medo, remorso ou raiva. Poderia ser as três coisas.

— Deixe-a aí — Mira finalmente respondeu, em voz baixa.

— Ela não vai parar de te perseguir, você sabe; não depois disso. Vai mandar a facção inteira atrás de você.

Mira olhou para Leonora, seu rosto ainda com as mesmas combinações de emoções.

— Eu não vou matá-la — ela disse, com firmeza. — Não sou como ela, e nunca vou ser. Vamos sair daqui.

— Como vamos fazer isso sem aquele negócio da invisibilidade? — perguntou Holt.

Mira sorriu para ele.

— O nome daquilo é Capa. E eu disse para não se preocupar; nós temos um plano. — Ela pegou a mão de Zoey e começou a andar depressa.

— Está bem — Holt a seguiu fazendo uma careta. — Seria possível conhecer alguns detalhes deste plano em algum momento?

— Confie em mim, você vai preferir não saber. — Mira e Zoey atravessaram a caverna de Leonora até a sacada, na outra extremidade. Holt e Max as seguiram.

A vista da sacada era incrível. Dali se via todo o dormitório, as inúmeras plataformas ao longo das paredes íngremes da caverna até o chão, e todas as pontes e escadas que se conectavam a elas. A cachoeira rugia bem abaixo dela, e a passarela mais alta estava apenas dois metros mais abaixo.

Daquele ponto, as duas grandes faixas dos Demônios Cinzentos que pendiam do teto estavam quase ao alcance da mão, e o zumbido de estática dos grandes Iluminadores, que as iluminavam e pairavam no ar a poucos metros, flutuava ao seu redor.

Mira tirou do ombro a mochila e olhou para Zoey.

— Suba nas minhas costas, docinho. — A menina pulou, colocando os braços ao redor do pescoço de Mira.

Holt olhava apreensivo para o chão da caverna, vários metros abaixo.

— Nós vamos pular? — ele perguntou, nervoso. — Diga que não vamos pular.

— O túnel aqui de cima é muito estreito e de mão única — disse Mira. — Demoraria muito, e precisamos sair rápido daqui. Além do mais, se alguém subir para dar uma olhada, estaremos encrencados. Saltamos para as faixas, descemos por elas e chegamos ao chão. Elas estão bem presas no teto, vão aguentar — Mira se aproximou da borda, aparentemente despreocupada com a queda abaixo dela. — Teoricamente.

— Que reconfortante! — resmungou Holt, olhando com inquietação para a gigantesca queda abaixo. — E como o Max vai descer?

— Tenho certeza de que o vira-latas vai dar um jeito — respondeu Mira, olhando para o cachorro com antipatia. Max rosnou para ela.

— Aposto que ele chega ao chão primeiro que você — disse Holt.

— Está apostado — disse Mira, subindo na borda da plataforma, equilibrando-se no ar e agarrando-se à enorme faixa cinza. A gigantesca peça de tecido balançou para trás com o impulso.

Holt pegou Max no colo, inclinou-se sobre a borda e cuidadosamente o soltou. O cachorro ganiu baixinho ao cair sobre a passarela abaixo deles. Quando as pernas pararam de tremer, ele olhou de volta para Holt.

— Anda! — disse Holt, apontando para o chão bem abaixo. O cachorro saiu em disparada descendo pela passarela circulante em direção ao fundo da caverna como um borrão em movimento.

Mira ainda estava pendurada na faixa, segurando-a firmemente contra o peito. Ela enrolou os braços no tecido... e começou a escorregar como num poste.

Holt fez uma careta ao vê-la, invejando quanto aquilo lhe parecia fácil. Ele analisou a segunda faixa, à mesma distância que a outra. Respirou fundo para aliviar a tensão, tentando reunir coragem para o salto.

— Teoricamente... — disse para si mesmo, inseguro. Depois, correu e saltou da borda.

Ele voou pelos ares, sentindo tudo passar rápido ao seu redor, o cinza da faixa se aproximando.

Holt bateu contra ela, tentou agarrá-la... e errou feio, continuando a cair.

Em pânico, sentiu o ângulo de seu voo se tornar uma trajetória em direção ao chão. O tecido cinza inflava à sua volta, e ele tentou segurá-lo, mas estava indo muito rápido.

A qualquer momento, não haveria faixa para segurar, e ele cairia direto no chão.

Então fez a única coisa na qual conseguiu pensar. A faca de caça de Marcus ainda estava em sua mão. Holt a enfiou na faixa enquanto caía.

A lâmina afiada atravessou com facilidade, perfurando o tecido. A faixa sacudiu violentamente quando o peso de Holt foi de encontro a ela, e ele quase a soltou. Mas então segurou firme, agarrando com as duas mãos.

A faca rasgou a faixa enquanto ele caía, diminuindo a velocidade da queda. E o som agudo do tecido se rasgando ecoou pela caverna.

A enorme faca rasgou o que restava da faixa e Holt se viu em queda livre novamente em direção ao...

Ele bateu com tudo numa ponte de corda logo abaixo, que sacudiu ruidosamente. Acima dele, a gigantesca faixa oscilava e girava, rasgada em duas... então soltou-se completamente do teto, caindo numa pilha de tecido cinza.

Holt, de olhos arregalados, tentou rolar e se desviar, mas era tarde demais. A gigante massa de tecido o enterrou, prendendo-o sob seu peso.

Ele lutou, tentando respirar e se libertar quando...

Alguém arrancou o que restava da faixa e ele se deparou com olhos zangados, verdes e negros. Ele se encolheu quando Mira abriu a boca para gritar com ele...

... e um cachorro latiu abaixo deles. Eles olharam para o andar de baixo e viram Max, encarando-os impaciente, balançando o rabo.

— O Max te venceu! — exclamou Zoey.

Mira revirou os olhos e olhou para Holt novamente.

— Belo trabalho! — ela exclamou.

Por toda a volta, pessoas se movimentavam. Luzes piscavam nas plataformas que circundavam a caverna gigante, e Holt se deu conta de que tinha acabado de acordar toda a facção dos Demônios Cinzentos.

Mira já estava de pé e em movimento, puxando Zoey para a ponte.

— Pule em mim quando eu chegar lá embaixo — ela disse à menina.

Holt se livrou da pesada faixa enquanto Mira se arrastava até a beira da ponte e se atirava ao chão, cerca de três metros abaixo. Por toda a volta, ele podia ouvir gritos começando a ecoar conforme os membros da facção aos poucos iam se dando conta do que estava acontecendo. Sua prisioneira premiada estava escapando, ajudada por uma menina, um cachorro e um idiota atrapalhado.

Zoey se jogou da ponte nos braços de Mira, e Holt passou por baixo do corrimão, caindo também, aterrissando no chão e indo atrás delas.

Mas Mira não estava correndo para o lugar de onde tinham vindo. Em vez disso, ela corria para a cachoeira.

A corrente de água caía com estrondo à frente deles, e Mira alcançou um pedaço de corrente grossa pendurada na lateral da parede ao lado.

Quando a puxou, mais correntes surgiram acima deles e começaram a deslizar por roldanas, enquanto contrapesos desciam. Uma grande placa de metal, que Holt não havia notado antes, começou lentamente a se inclinar para baixo, do outro lado da cachoeira. Ele não sabia direito o que estava acontecendo, mas o que quer que fosse precisava ser rápido.

Mais acima, vários garotos saltavam de suas plataformas, escalando escadas e correndo pelas pontes. Max latia para eles.

A grande peça de metal continuava a descer... e finalmente passou por dentro do fluxo de água que caía. A placa estremeceu com o impacto, mas aguentou intacta, desviando o fluxo da cachoeira um pouco mais de um metro para a esquerda.

Com a cachoeira desviada, um novo túnel escondido atrás da água se revelou. Mira correu para lá, puxando Zoey.

Os Demônios Cinzentos chegaram ao chão e Holt correu atrás de Mira e Zoey, acenando para que Max os seguisse.

Atrás dele, Holt ouviu outro barulho que se sobressaía até ao estrondo da cachoeira: sinos, de todos os tipos e timbres, tocando incessantemente. Os Demônios Cinzentos tinham acionado o alarme. A facção inteira estava agora atrás deles.

37. O AQUEDUTO

HOLT SEGUIU PELO NOVO TÚNEL, notando que estava com água até os tornozelos.

— Para onde vai essa coisa? — ele gritou para Mira que seguia à frente.

— Para lugar nenhum se a gente não sair dessa enrascada em que você nos meteu! — ela gritou de volta.

— Não foi ideia minha saltar de uma plataforma a vinte andares do chão!

Atrás dele, Holt ouviu os gritos dos garotos que entravam na água atrás deles. Mais adiante, o túnel acabava numa outra galeria. Holt correu atrás de Mira para lá.

Era enorme e diferente do que ele esperava. Diversos outros túneis convergiam para esse mesmo lugar e todos continham água corrente. Onde eles se encontravam havia uma grande piscina cristalina que se estendia de uma ponta a outra; dali ramificavam-se mais dos aquedutos que Holt vira na galeria principal. Eles seguiam em diferentes direções, desaparecendo por túneis que pareciam talhados na rocha por mãos humanas.

Cada aqueduto estava identificado com letras grandes, onde se liam inscrições como CORREDOR PRINCIPAL, CAVALEIROS PERDIDOS, CRUZADOS, LOS LOBOS e MERCADO. Cada um deles ia para um local diferente da Cidade da Meia-Noite, Holt notou, e todos tinham um grande portão de ferro pairando acima, que poderia cortar o fluxo.

Não era surpresa que os Demônios Cinzentos tivessem acumulado tantos pontos: eles podiam cortar o suprimento de água de qualquer parte da cidade com um movimento das mãos.

Mira e Zoey não pararam para admirar a vista como fazia Holt. Elas apenas aceleraram o passo e pularam na água corrente de um dos aquedutos, que fluía rápido para a outra extremidade da galeria. E logo ficaram fora de vista.

— Ei! — Holt gritou zangado, enquanto corria atrás delas. A água o impulsionou para a frente. Era funda, provavelmente ia até o peito, e corria rápido. Ele tombou para o lado e rolou algumas vezes antes de finalmente endireitar o corpo.

À sua frente estavam Mira e Zoey novamente, desaparecendo a seguir por um túnel. Segundos depois, tudo ficou escuro quando Holt também entrou no túnel. Ele se sentiu sugado para baixo e então lançado para a frente e para trás contra as paredes rochosas. Por mais que tentasse, não conseguia alcançar a superfície da correnteza e estava começando a se preocupar com...

Ele sentiu uma mão agarrar o seu cabelo e puxá-lo para a superfície.

— Segure-se! — a voz de Mira gritou mais acima. — Dê um impulso pra sair daí!

Holt viu Mira e Zoey na beirada de outro aqueduto, tentando impedir que ele passasse direto. Ele agarrou a borda, começou a dar impulso... quando Max passou aos trambolhões.

Holt o agarrou pela nuca e o cachorro tossiu água e tomou fôlego.

— Zoey! — gritou Holt. — Tire o Max daqui!

A menina foi até o cachorro, ajudando-o a subir pelo lado da estrutura. Holt fez o mesmo e quando saiu da água desmoronou sobre o aqueduto. Seu coração batia forte no peito enquanto ele respirava fundo.

— Vamos, deixe para desmaiar depois — disse Mira, saltando rapidamente do aqueduto.

Holt abriu os olhos e entrou na nova caverna abaixo do aqueduto. Não era tão grande quanto o centro do aqueduto ou o dormitório, mas ainda assim era grande. Várias bancadas estavam espalhadas pela sala, repletas de ferramentas e suprimentos. As paredes estavam alinhadas com gabinetes de metal e estojos, cada um cheio de objetos que cintilavam, faiscavam, flutuavam ou piscavam luzes coloridas. Na parede maior e mais plana do aposento, estava pintado um gigantesco δ, com a figura dos Demônios Cinzentos dentro do círculo em sua parte inferior.

Holt percebeu que estava no laboratório de artefatos da facção. Ele se viu cercado por objetos das Terras Estranhas.

Ao seu lado, Zoey e Max desciam do aqueduto.

— Holt! Venha aqui embaixo! — gritou Mira abaixo dele. Holt rolou para fora do aqueduto e aterrissou no chão.

Mira estava perto de um dos gabinetes, criando algo com os componentes que havia ali. Conforme fazia isso, Holt estudava o cômodo mais de perto. Só havia uma saída e ela parecia levar de volta para o lugar de onde tinham vindo. Além dessa, ele não viu nenhuma outra saída.

— É o fim da linha — disse Holt, desesperado.

— Não de acordo com Marcus — Mira respondeu, apressando-se em fazer a combinação de artefatos.

— Marcus? O que o membro dos Lobos tem a ver com isso?

E então ele se deu conta.

— O outro túnel secreto! — adivinhou Holt, olhando ao redor.

— É, e eu preciso que você o encontre — Mira respondeu, concentrada no trabalho.

Holt inspecionou o lugar novamente, tentando encontrar algum sinal de outro túnel, mas não achou nenhum. As paredes eram sólidas, não havia nada atrás de nenhuma das bancadas que...

— É isso, Holt? — perguntou Zoey atrás dele. A menina apontava para a frente.

Holt olhou para o local indicado. Acima deles, a trinta metros ou mais, havia uma pequena abertura escura no teto. Estava, é claro, completamente fora de alcance.

— Filho da... — ele começou.

Mira olhou para trás, seguindo o olhar dele para cima. Quando ela o viu, sua expressão desmoronou.

— Belo trabalho! — disse Holt, no mesmo tom que ela usara antes.

E, então, do túnel vieram sons de pés correndo e gritos raivosos. A facção quase os alcançava novamente.

Mira disparou para o túnel de entrada, segurando nas mãos a nova combinação. Holt viu que ela era feita com um lápis, uma pilha D e duas moedas, tudo enrolado com um fio vermelho.

Ela alcançou a entrada do túnel, pegou o artefato e desenhou uma longa linha com a ponta do lápis, começando do chão, depois subindo por um lado até em cima, descendo pelo outro lado e de volta onde começara.

Quando as duas linhas se encontraram, eles viram o brilho de uma luz intensa, contida pelo quadrado. Ouviu-se um forte zumbido por um instante e então a entrada do túnel obscureceu por algum tipo de energia negra e flutuante.

Mira deu um passo para trás, afastando-se... quando dois Demônios Cinzentos surgiram numa curva em velocidade máxima e chocaram-se com o campo de energia negra. Foram lançados para trás como se tivessem acabado de correr de encontro a uma parede, caindo no chão e olhando para o campo de força, surpresos.

E então os garotos olharam para Mira, percebendo o que ela havia feito.

Mais e mais garotos surgiram no túnel estreito. Mais alguns se chocaram contra o campo de força antes que se dessem conta. Eles se aglomeraram diante dele, chutando e socando, na tentativa de atravessá-lo. Mas, até aquele momento, o escudo estava aguentando.

— Por quanto tempo essa coisa vai durar? — perguntou Holt.

— Usei moedas pequenas, então não muito — respondeu Mira, olhando para o buraco no teto. — Precisamos descobrir como chegar lá.

— Você não pode simplesmente... fazer outro negócio de gravidade como aquele?

— Preciso de ímã em pó para isso, e não tem nenhum aqui.

— Tem de haver algo, estamos cercados de coisas das Terras Estranhas! — Holt gritou.

— Não é tão simples assim! — ela gritou de volta. — As combinações fazem coisas bem específicas. Você não pode simplesmente fazê-las com a função que você quiser!

Os garotos continuavam esmurrando por trás do campo de força, tentando enfraquecê-lo. Holt sacudiu a cabeça, frustrado, procurando qualquer coisa que pudesse ajudar.

— Bem, o que você pode fazer?

Mira rapidamente examinou o conteúdo das prateleiras que os circundavam,

mentalmente fazendo uma lista.

— Hum... Posso fazer um Vortex, um Graviton, outro Grid...

— Eu não sei o que é nada disso!

— Posso fazer algo que congela o tempo — iniciou Mira, frustrada. — Posso fazer algo para ampliar a gravidade numa certa área, posso fazer outro daquele campo de força...

— Nada disso ajuda, o que mais? — perguntou Holt, olhando para o campo de força. Os garotos continuavam batendo e alguns deles usavam bastões, pés de cabra e outros objetos. O campo começava a estalar.

A voz de Mira traía seu nervosismo.

— Eu posso... eu não sei! Posso fazer um... um Acelerador...

— O que é isso? — perguntou Holt.

— Se você o jogar sobre alguma coisa, essa coisa vai alcançar mais velocidade.

Holt olhava para ela.

— Que velocidade?

— Isso depende das moedas que você usar, mas se eu puder achar umas médias, já será bem rápido — ela explicou. — A velocidade do som.

Os olhos de Holt se arregalaram.

— A velocidade do som? — Aquilo era incrivelmente rápido... mas seria o suficiente? Eles estavam falando de uma rocha sólida. Era um tiro no escuro, mas, naquele momento, ele não via nenhuma outra opção. — Então faça! — ele disse, tirando a mochila das costas.

— Por que você está...

— Você só precisa se apressar! — ele gritou, tirando o bracelete preto e largo que sempre usava, e então um pequeno cinto peitoral da mochila. Holt olhou para Zoey, enquanto Mira corria para uma das bancadas. — Zoey, eu preciso da sua ajuda.

A garotinha correu para Holt, que lhe estendeu o cinto peitoral. Era muito pequeno para uma pessoa, mas se encaixaria perfeitamente num cão, e havia uma presilha metálica na parte de cima, presa no tecido.

— Eu preciso que você coloque isso no Max para mim, está bem? — Zoey

pegou o cinto da mão dele e balançou a cabeça. — Ele odeia usar isso, então você vai precisar convencê-lo, e não temos muito tempo.

— Eu consigo, Holt — disse Zoey, confiante.

— Eu sei que consegue, garota. Vá em frente. — Holt pegou seu bracelete preto de cordão. Quando começou a desenrolá-lo, deu para ver do que realmente se tratava: cerca de quinze metros de corda de nylon paracord 550, firmemente trançada em forma de bracelete. Eram chamadas de Corda de Sobrevivência e Holt sempre usava uma. Nunca se sabe quando pode ser preciso um pedaço de corda realmente forte.

Quando estava desenrolada, Holt pegou a faca de Marcus. Ele passou rapidamente uma das pontas da corda pelo buraco na extremidade do cabo, puxou o fio e deu um nó chamado Nó de Correr. Era um nó forte, embora tivesse a tendência de ser difícil de desatar. Mas como Holt não planejava desamarrá-lo, isso realmente não importava.

— Garotas, como estão indo? — ele perguntou, ao terminar o nó.

Mira se apressava em juntar as peças sobre a bancada, enquanto Zoey lutava com Max no chão, tentando enfiar a cabeça dele pela abertura principal do cinto peitoral. O cachorro não estava gostando. Holt olhou para a entrada do laboratório. Havia tantos Demônios Cinzentos no túnel, atrás do escudo, que bloqueavam quase completamente a entrada. A maioria gritava ameaças enquanto esmurrava o campo de força. Outros apenas o encaravam, ansiosos para entrar correndo assim que a barreira finalmente se desfizesse.

Eles estavam ficando sem tempo.

— Consegui! — exclamou Mira, correndo até ele. Nas mãos, outra combinação, feita com duas moedas, um caminho de cobre e uma engrenagem redonda, como a marcha de uma bicicleta. Tudo enrolado com elásticos. Holt olhou com ceticismo.

— É uma Interfusão; vai ficar firme e funcionar direito — ela disse, impaciente. — O que você quer fazer com isso?

— Você pode prendê-la no cabo da faca? — ele perguntou. — Preciso que a lâmina fique livre.

Foi a vez de Mira parecer cética quando percebeu o que ele pretendia.

— É essa a sua ideia? — ela perguntou, enquanto prendia com a fita adesiva a combinação de artefatos no cabo da faca. Quando terminou, parecia um tumor cinza saindo da lateral da faca. Holt o examinou sem muito entusiasmo.

— Está bem, então — ele disse, segurando a faca pela corda. — Como é que funciona?

— O cano de cobre é o Focalizador — explicou Mira rapidamente. — É reto, o que significa que o artefato vai acelerar apenas em linha reta.

— Sendo assim, posso girá-lo antes de jogar?

— Pode — ela respondeu. — Mas quando ele estiver no ar... cuidado.

Por trás deles, Max gania, lutando contra as tentativas de Zoey para lhe enfiar o cinto pela cabeça.

— Veja se consegue ajudá-la — pediu Holt, olhando para o túnel escuro no teto. Ele só teria uma chance para fazer aquilo.

Mira foi até Zoey e Max, tentou enfiar o cachorro pelo cinto, mas ele rosnou e tentou mordê-la.

— Você está fazendo tudo para ser deixado para trás, vira-lata burro! — gritou Mira, lutando com o cachorro.

Holt observou o teto por mais um instante... depois começou a girar o artefato e a faca presa a ele, fazendo um círculo no ar, como se desse impulso numa funda. Nada indicava que o artefato iria funcionar, mas ele não tinha outra escolha agora. Quando achou que a mira estava boa, lançou o artefato em linha reta...

... e se seguiram uma forte luz e uma explosão tão alta e estrondosa que quase o jogou no chão.

Os Demônios Cinzentos que lutavam com o campo de força caíram para trás, aturdidos. Mira tapou os ouvidos e Max recuou, amedrontado. Aproveitando a oportunidade, Zoey enfiou o cinto na cabeça do cachorro e o prendeu na barriga.

— Te peguei! — ela gritou para Max, que parecia confuso.

Os ouvidos de Holt zumbiam, ele tinha dificuldade para se equilibrar, mas continuava de pé... e viu a faca cravada na rocha da parte de cima da caverna. A velocidade com que a lâmina havia cortado o ar fora o suficiente para atravessar

a rocha, mas não tinha sido na mosca. A corda pendia, até o chão, a partir de cerca de trinta centímetros da abertura no teto. Teria que dar.

— É uma subida e tanto! — disse Zoey, trazendo Max para ele.

— Não se preocupe, eu te carrego como fiz nas Planícies Alagadas, lembra?

Zoey confirmou com a cabeça.

— Mas quem vai carregar o Max?

— Nós vamos puxá-lo por último — respondeu Holt, passando a extremidade da corda pela presilha no cinto de Max e prendendo-a com o mesmo nó que dera antes.

— Suba nas minhas costas, neném.

Zoey subiu em Holt e ele se levantou, sentindo o peso da menina. Ela estava ficando mais pesada a cada dia. Ele ergueu os olhos para a corda que pendia do teto. Seria de fato uma subida e tanto.

— Tem certeza de que consegue? — Mira perguntou, colocando a mão no braço dele.

Holt se virou para olhar para ela.

— Não tenho muita escolha. — Ele sorriu e sentiu a tensão diminuir. Dando certo ou não, de qualquer forma terminaria logo. — Espere até que eu esteja lá dentro para você começar a subir. Não sei quanto de peso isso vai aguentar. — Holt agarrou a corda e começou a subir.

Do túnel onde os garotos ainda estavam bloqueados vinham gritos de raiva ao verem que sua presa agora tinha chance de escapar. Com ímpeto renovado, eles voltaram a esmurrar o campo de força, que já oscilava.

Holt começou a sentir os braços arderem enquanto subia com Zoey em direção ao teto.

Ele continuou subindo, impulsionando-se para cima, gemendo a cada esforço. As mãos doíam, mas ele sentiu um pouco de alívio sabendo que ao menos conseguiria chegar até o teto, e também sentiu um pouco de medo ao se dar conta de que precisaria ter forças para rastejar para dentro do túnel quando chegasse lá.

Holt alcançou o topo e olhou para a entrada do túnel, a uns trinta centímetros. Estava escuro, mas, felizmente, ele viu que se nivelava rápido,

formando uma rampa por onde poderia entrar rapidamente. Com um pouco de sorte.

— Zoey — disse Holt —, você consegue alcançar aquela beirada? Se eu te balançar até lá?

Era perigoso, para os dois, mas eles estavam ficando rapidamente sem opções. O escudo estava quase indo abaixo — Holt não precisava ser um Bucaneiro para ver isso — e Mira ainda nem tinha começado a subir.

— Acho que sim — disse Zoey, com nervosismo na voz. — Mas estamos tão alto, se eu...

— Não olhe para baixo. Temos de fazer isso rápido, e eu sei que você consegue, está bem?

— Holt, não! — Mira exclamou. — Ela vai cair, não é forte o bastante. — Ela consegue! — ele gritou de volta. Ela tem de conseguir, ele pensou. — Não consegue? — Zoey confirmou com a cabeça. — Está bem, prepare-se. — Holt usou o próprio peso para balançar os dois em direção ao buraco no teto. — Agora! — Quando fez isso, Zoey esticou os braços, agarrou a beirada e saiu dos ombros dele.

Os pés dela balançaram no ar perigosamente por um instante.

— Zoey! — Mira gritou, horrorizada.

A garotinha deu impulso para entrar no túnel escuro, contorcendo-se e balançando até desaparecer do lado de dentro.

Holt sorriu, aliviado. Aquilo talvez funcionasse.

Ele agarrou a corda que pendia abaixo.

— Zoey, pegue isso! — disse, estendendo-a para a menina. Quando ela a pegou, ele se balançou para trás e com uma mão agarrou a beirada.

Holt largou a corda e agarrou a beirada com a outra mão. Seu peso o puxava para baixo, e ele quase caiu, mas Zoey agarrou sua mão, colocando-a direito sobre a rocha bruta. Com desespero, Holt começou a impulsionar o corpo para subir, gemendo com o esforço. Num último esforço, subiu no túnel com Zoey.

— Holt! — gritou a menina, abraçando-o.

— Oi, neném! — ele disse, respirando com dificuldade. — Me ajude, temos de trazer os outros pra cima.

Ele pegou a corda de Zoey, prendeu-a na mão e pressionou as costas contra a parede do túnel, apoiando os pés.

— Mira, venha! — ele gritou.

A corda repuxava com força nas mãos dele com o peso da garota, à medida que ela começava a subir. Ela era leve e não carregava nada mais, então conseguiu subir em melhor tempo do que ele. Max olhava para eles, ganindo baixinho.

Quando Mira alcançou o túnel, Zoey ajudou a puxá-la para dentro, por cima de Holt. Depois, começaram a puxar a corda até o fim. Max ganiu assim que seus pés deixaram o chão, e ele balançou, impotente, conforme subia aos trancos.

E então surgiu uma luz forte, quando o campo de força negro finalmente foi abaixo. Vários garotos invadiram a sala, olhando para eles, furiosos. Eles tinham estilingues, e pedras voaram rapidamente pelos ares, espatifando-se em toda a volta da entrada do túnel.

Mas era tarde demais. Holt e Mira puxaram Max para dentro do túnel, são e salvo.

— Mira! — uma voz intensa e feminina gritou da parte de baixo. Holt viu Mira se reclinar sobre o túnel e espiar o piso abaixo.

Leonora estava ali, olhando para eles, um hematoma roxo na lateral da cabeça.

Mira olhou para ela.

— Foi bom te ver, Leonora. Mas acho que será a última vez.

— Se fizer isso, Mira, se roubar o que é meu — respondeu Leonora —, eu garanto que não será a última vez.

— O artefato não é seu. Ele nunca foi.

— O que pertence a um Demônio Cinzento, pertence a todos — afirmou Leonora.

— Sim, tem razão — respondeu Mira. — Mas eu não sou mais um Demônio Cinzento — e então ela desapareceu do buraco no teto e rapidamente seguiu com os outros, rastejando pela escuridão.

Mesmo com toda aquela rocha espessa entre eles, Holt ainda pôde ouvir

Leonora gritando o nome de Mira.

38. PERGUNTAS DIFÍCEIS

PARA ZOEY, as partes não mapeadas da caverna pareciam gigantescas. Elas eram passagens assustadoras e retorcidas na escuridão, que se abriam e fechavam, alargavam e encolhiam, e os únicos detalhes que podiam perceber eram os que se revelavam pelas lanternas de Holt e Mira.

Max seguia ao lado dela, o que a fazia se sentir melhor. Ele não parecia incomodado por toda aquela rocha irregular e sombras estranhas e sinistras projetadas nas paredes. Se ele podia ser corajoso, então ela também podia.

Holt os fez seguir adiante o máximo possível antes de parar, pois assim, mesmo que os Demônios Cinzentos arranjassem uma maneira de segui-los, as chances de encontrar os quatro seriam mínimas. Esse era o plano, pelo menos, e Zoey torcia para que desse certo. A antiga facção de Mira não parecia nem um pouco amigável.

A caverna em que eles finalmente pararam tinha uma forma oval, e um buraco na parede dava vista para uma das áreas principais da cidade: o Mural do Placar, a estranha e enorme coleção de nomes e números que Zoey tinha visto antes. Estavam bem acima dele, olhando para baixo de um canto do teto.

Zoey se perguntou quantas pequenas cavernas e reentrâncias existiriam, camufladas e despercebidas nas paredes de toda a Cidade da Meia-Noite.

Todos se debruçaram na beirada da caverna, olhando para a sala do Mural do Placar abaixo, tentando continuar fora de vista. Mesmo que ainda fosse de manhã bem cedo, as pessoas já estavam se aglomerando lá embaixo.

— Por que eles chegam aqui tão cedo? — perguntou Zoey.

— Para ver os melhores pontos — respondeu Mira. — Logo vai encher. Me dê seu binóculo — ela pediu a Holt, e ele o passou para Mira.

O som de algum tipo de trompa grande, várias e várias delas, soou por toda

a cidade de repente, ecoando contra a densa rocha negra. Os sons pareciam zangados para Zoey, zangados e insistentes. Ela viu as pessoas lá embaixo pararem ao ouvir os sons ecoando por todo lado e prolongando-se por alguns momentos antes de parar. E mesmo então, ainda demorou um bom tempo para o som se dissipar, ecoando nas paredes grossas da caverna, até que finalmente foi sufocado pelos murmúrios e gritos zangados dos garotos na parte de baixo. Zoey viu quando eles viraram as costas para o Mural do Placar e se afastaram irritados.

— O que foi aquilo? – perguntou Zoey.

— Os Demônios Cinzentos acabaram de fechar a cidade — explicou Mira. — Ninguém entra ou sai.

Holt olhou para Mira, surpreso.

— Eles podem fazer isso?

— Eles são o Poder Supremo, então, sim, mas as outras facções não vão gostar. Fechar a cidade significa que nenhum negociante entra aqui, e também significa que os membros da facção que estejam na superfície também não podem entrar. Isso tudo afeta o Mural do Placar e, quanto mais tempo os Demônios Cinzentos mantiverem a cidade fechada, mais os pontos deles vão cair.

— Você não parece nada surpresa — disse Holt.

— Era a única coisa que Leonora podia fazer. Nos prender aqui dentro, tentar nos encontrar antes que percam muitos pontos.

— É tudo muito interessante, mas como é que vamos conseguir sair daqui? Os Lobos também estão atrás de nós, agora que não conseguiram o plutônio.

— Precisamos barganhar a nossa saída daqui — disse Mira. — E César não pode ajudar com isso.

— Mas você disse que ninguém entra e ninguém sai! — disse Zoey, confusa.

Mira sorriu, bagunçando o cabelo de Zoey.

— Sempre existe um jeito. — Ela colocou o binóculo de Holt nos olhos e o testou no Mural do Placar abaixo. Zoey podia notar que ela estava olhando para algo específico, e quando o descobriu, sentiu uma onda de emoção em Mira.

Principalmente choque, mas também dor misturada à raiva.

Holt não pôde sentir da mesma forma que Zoey, mas ele também percebeu.

— O que foi? — ele perguntou.

Mira baixou os binóculos, mas continuou de olho no Mural do Placar.

— Mira? — Holt perguntou novamente.

Ela piscou e ergueu os olhos para ele.

— É o Ben — ela disse. — Ele está no Mural do Placar, Leonora estava dizendo a verdade. E está com pontos. Duas vezes mais do que jamais teve. Não há como ter conseguido tantos sem...

— Tomar os seus pontos — Holt finalizou para Mira quando sua voz falhou. Ela tremia visivelmente.

De volta às passagens sombrias, Mira contou a eles tudo que Leonora tinha dito sobre Ben. Que ele a havia traído e roubado seus pontos, e que estava nas Terras Estranhas agora, tentando alcançar “o núcleo”. Zoey não sabia o que era aquilo, mas parecia assustador. Quando Mira contara a história de Leonora, Zoey sentira nela apenas uma ponta de dúvida. Agora isso estava muito mais forte. Uma grande parte dela começava a pensar que Leonora tinha dito a verdade e, quanto mais ela pensava nisso, mais doía.

— Talvez ela tenha simulado aquela coisa dos pontos para incriminá-lo, no caso de você retornar — sugeriu Holt.

Mira sacudiu a cabeça.

— Isso seria Fabricação de Pontos. É o pior crime que você pode cometer aqui. Foi disso que Leonora me acusou, e significa morte, mesmo para a líder da facção que é o Poder Supremo. Ela não arriscaria tanto. — Mira olhou novamente para o Mural do Placar ao longe, com um olhar sombrio. — Não. Aqueles pontos são reais. Ben está vivo e está livre.

Holt desviou os olhos de Mira, observando o Mural do Placar junto com ela.

— Você o ama? — ele perguntou, após um longo momento de silêncio.

Levou um tempo para ela registrar aquelas palavras, mas, quando aconteceu, Zoey sentiu novas emoções em Mira. Dúvida, culpa, confusão... e algo caloroso, algo que Zoey sentira crescendo em Mira havia algum tempo.

Mira olhou para Holt, hesitante e em conflito.

— Ben e eu éramos... próximos — ela disse. — Não havia ninguém melhor do que ele nas Terras Estranhas. Ele praticamente tinha um sexto sentido quando estava lá. Ele podia dizer, apenas pela maneira que sentia o ar em sua pele, se uma Cadeia de Pulsar estava próxima ou uma Tempestade de Íons estava a caminho, e quanto mais para dentro ele ia, mais difícil era tirá-lo de lá. Fizemos todo o caminho até o final do quarto círculo uma vez, mesmo que eu nunca tivesse desejado ir tão longe. Ben era assim. Tinha sempre um jeito de me convencer a fazer as coisas que eu não devia fazer. Às vezes eu não me sentia nem um pouco segura com ele.

Holt ouviu, e só quando Mira terminou ele olhou para ela.

— Não foi isso que eu perguntei — ele disse. — Não é uma pergunta difícil, Mira. Ou você ama ou não ama.

Eles se olhavam num silêncio desconfortável...

... e então Zoey sentiu a Estática queimando dentro da cabeça de Mira.

Mira instantaneamente se curvou numa bola, gemendo de dor. Zoey quase podia ouvir as vozes emergindo da Estática e assoviando dentro da cabeça da jovem.

Holt passou os braços em volta de Mira e a puxou para ele, e Zoey sentiu o desespero tomar conta dele. Ele levantou os olhos para Zoye, e a garota não precisou usar seus poderes para ler o que estava escrito nos olhos de Holt.

— Zoey, eu preciso que você faça aquela sua coisa aqui — ele disse. — Pela Mira.

Zoey olhou para Holt com medo. Ela não fazia ideia de como recriar o que havia acontecido na tenda. Os sentimentos haviam crescido dentro dela e a garota não tinha nada a ver com aquilo. Mesmo assim, ela buscou por eles, tentando encontrá-los nos recessos de sua mente... mas não havia nada. E Mira continuou a gemer e estremecer no chão.

— Preciso que você faça a Estática parar — Holt deixou claro. — Como você fez lá no rio. Preciso que faça isso por Mira.

— Aquilo não fui eu — Zoey disse simplesmente.

Holt a olhava e ela podia sentir sua frustração.

— O quê? — ele perguntou.

— Quero dizer... fui eu, mas também não fui. É que...

— Zoey, eu não tenho tempo para charadas agora — disse Holt, agarrando-a e puxando-a para perto. — Preciso que salve Mira. Você já fez isso antes, preciso que faça novamente. Agora.

— Eu não sei como! — Zoey confessou. Ela podia sentir os olhos começando a se encher de lágrimas.

— Mas você fez isso antes! — Holt disse, a voz falhando. Mira continuava a tremer em seus braços. — Por favor, Zoey, tente. Apenas uma vez... — Ele tentou puxá-la mais para baixo, para colocar suas pequeninas mãos em Mira, mas Zoey se desvencilhou dele no mesmo instante.

— Zoey! — A voz dele estava cheia de pânico e raiva, e Zoey o olhava de olhos arregalados. Ela sabia que Holt não a machucaria, mas se encolheu de qualquer forma, por causa da dor que crescia dentro dele. Ela também a sentia, tão intensamente quanto ele.

— Eu não sei como! — ela gritou, as lágrimas começando a descer. — Alguma coisa fez isso sozinho, e não fui eu! Eu não sei como!

— Holt! — A voz fraca de Mira fez com que tudo parasse. Holt a olhou em seus braços. Os olhos da garota estavam abertos, ela olhava diretamente para ele. — Não é... culpa dela.

Ao ouvir essas palavras, Holt olhou de Mira para Zoey, com as mãos trêmulas. As lágrimas desciam pelo rosto da garotinha, e ela sentiu a culpa e a vergonha crescendo dentro de Holt, com uma intensidade que ela nunca havia sentido antes, em ninguém.

Instantaneamente, ele a largou e Zoey se afastou.

— Eu... sinto muito, Zoey — disse Holt. — Eu não queria...

Mira teve outra convulsão nos braços dele e Holt a abraçou, segurando-a o mais firme que podia, sussurrando em seu ouvido, tentando manter sua atenção no mundo real. Ela lutou por quase dez minutos para conseguir afastar a Estática para seu subconsciente, onde sussurrava fora de alcance, mas ela finalmente conseguiu e Zoey sentiu a tensão no corpo dela se esvair misericordiosamente.

— Zoey — disse Mira do chão, com fraqueza. As convulsões haviam parado e seus olhos estavam abertos. Havia passado, a Estática estava enterrada e ela

estava bem... por enquanto. — Está tudo bem, Zoey.

Quando Zoey olhou nos olhos de Mira, a Estática parecia ainda mais visível, emaranhada em suas íris. Mira puxou a menina para perto dela, abraçando-a gentilmente.

— Está tudo bem — Mira disse. — Não é culpa sua.

Mas Zoey sentia como se fosse culpa dela. Acima, ela viu Holt olhar para o outro lado, seu rosto transtornado de raiva e dor.

Zoey sentiu a tensão deixar Mira, pôde sentir sua exaustão. Não demorou para que ela dormisse.

Mais atrás, Holt foi até a beirada da caverna, de onde se avistava a cidade, e se sentou ali, olhando em silêncio para toda a atividade próxima ao Mural do Placar. Max ganiu um pouco, aconchegou-se e se deitou com a cabeça no colo de Holt. Ele coçou as orelhas do cachorro, distraído.

A intensidade das emoções de Holt tinha amenizado, mas não havia mudado. Zoey ainda podia sentir o medo e a preocupação que vinha dele, mas havia algo mais também. Decisão. Comprometimento. Holt havia decidido ficar com elas, em vez de seguir para oeste, e havia sido uma decisão difícil, ela sabia. Ele estava arriscando muito pela possibilidade de salvar Mira.

Zoey subitamente percebeu para onde apontavam todos os planos dele. Para ela. Holt ficaria numa tentativa desesperada de ajudar Zoey a se lembrar do único poder que estava perdido para ela. O que ela havia acabado de mostrar que não podia usar. E aquela constatação a encheu de pavor. E se ela não conseguisse se lembrar? E se ela falhasse com os dois? E se ela perdesse os dois?

Em silêncio, Zoey se soltou dos braços de Mira e se sentou ao lado de Holt. Abaixo deles, os Guardiões dos Pontos haviam chegado, lançando-se sobre a enorme parede em suas cordas, movendo-se para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, mudando a porção de números que estava ali. Zoey e Holt olhavam tudo sem se importar.

— Eu ainda não sei o que preciso fazer aqui — disse Zoey. — Eu não sei por que consigo saber e sentir tantas outras coisas... e essa não.

Holt apenas continuou olhando para baixo, para as pessoas que enchiam a enorme caverna.

— Você tem alguma ideia? Qualquer coisa que possa ajudar?

Zoey balançou a cabeça.

— Não. Eu só sei que há algo aqui para mim.

Holt manteve-se quieto, pensativo. Ela podia senti-lo enterrando suas dúvidas e seu medo, colocando-os lá no fundo, do mesmo jeito que ele sempre fazia. Era o que ele precisava fazer para continuar seguindo em frente, e ele tinha muita prática nisso.

— Bem... já é alguma coisa — ele disse, finalmente. — Tudo começa com alguma coisa. Certo?

— Certo, Holt.

Os dois continuaram olhando para baixo, para o Mural do Placar e os garotos que estavam ali. Zoey lentamente estendeu a mão e pegou a de Holt. Holt a segurou firme.

— Não se preocupe — ele disse. — Vamos achar um jeito. Você e eu. Está bem?

Zoey balançou a cabeça e tentou tirar consolo das palavras dele, mas era difícil. Atrás dos dois, Mira estava deitada, perdida em seus sonhos, e a multidão continuava a crescer abaixo, agitando-se e movendo-se adiante, completamente alheia às três figuras que observavam melancolicamente de cima.

HOLT E EMILY ESTAVAM DEITADOS exaustos sob o céu brilhante da tarde, do lado de fora da parada de ônibus desmoronada. Levou um longo instante para que Holt ouvisse a irmã dizer seu nome com fraqueza.

Ele se virou e olhou. A cor havia sumido dos olhos dela; havia apenas pequenos fragmentos de branco espreitando por todo aquele negro agora. Era o pior que ele já tinha visto.

Ele não tinha palavras e, ainda que tivesse, não sabia se teria voz. Emily pegou sua mão e olhou para ele. Holt sentiu os dedos dela tremendo.

Quando ela falou, sua voz era apenas um sussurro entrecortado, fraco. Ela sucumbia, Holt podia notar. Mas não houve espasmos daquela vez, nem gemidos, nem corpo curvado como uma bola como quando ela lutava contra as ondas de vozes e chiados da Estática em sua mente.

Ela estava calma agora, imóvel... quase em paz. A visão o enchia de angústia.

Holt sentiu lágrimas nos olhos; sabia que era culpa dele. Se não tivesse ido atrás dela, se apenas tivesse feito o que ela havia mandado...

Emily tentava reunir forças para falar. Ela conseguia pronunciar uma ou duas palavras, lentas, dolorosas, de cada vez, mas aguentou o suficiente para dizê-las.

Ela disse a ele para ser forte e corajoso.

Ela disse a ele para ser inteligente, como o pai deles.

Ele precisava entender quanto ela estava feliz em saber que Holt levaria dentro dele todas as lembranças da família.

E ele precisava, acima de tudo... sobreviver.

As lágrimas rolavam pelo rosto de Holt.

Emily pediu que ele prometesse. Que prometesse fazer tudo que ela pedisse. Holt se esforçou para assentir com a cabeça, mas não foi o suficiente. Ela o fez dizer as palavras, o fez dizer a ela que prometia. Prometia sobreviver. A sobrevivência tinha de ser tudo para ele a partir dali, ou tudo que ela havia feito teria sido em vão.

Holt encontrou sua voz e prometeu a ela, disse aquilo com o máximo de convicção que conseguiu.

Ao ouvir as palavras, Emily meneou a cabeça e finalmente relaxou.

Holt viu o corpo dela tensionar e estremecer uma última vez, e então seus músculos relaxaram por completo. Emily jazia na grama, tão completamente imóvel que poderia estar dormindo.

Holt a chamou. Ela não respondeu.

Ele a chamou novamente, tocou seu braço, tentou acordá-la. Mas ela não se movia.

Holt levantou-se e olhou nos olhos dela. Eles fitavam o céu de maneira inexpressiva.

Estavam completamente negros agora, e Holt soube o que significava.

Ele ouviu um súbito gemido de angústia vindo de algum lugar distante, e levou um momento para entender que vinha dele. Tudo era como um sonho

agora, borrado e em câmera lenta, e ele olhava o mundo através de uma névoa.

Ali, ele viu a irmã se levantar da grama. E a viu se virar e olhar para o norte com aquele mesmo olhar vazio e negro.

Instintivamente, mais do que qualquer coisa, ele buscou a mão da irmã. Mas ela pendia flácida, os dedos não se fecharam nos dele.

Mais um minuto e ela começou a andar em direção a algo invisível a distância. Algo que se erguia em direção ao céu, negro, vil e ameaçador. O Parlamento dos Confederados.

Holt continuou segurando a mão de Emily, desejando que ela parasse, olhasse para trás e fosse ela mesma novamente, mas ela não fez isso. Seu braço pendia flácido para trás, conforme ela se movia... e então soltou-se da mão dele.

Ela continuou andando, um pequeno passo de cada vez, movendo-se cada vez para mais longe.

O mundo oscilou e Holt percebeu que devia ter caído de joelhos. Ele não conseguia sentir as lágrimas descendo por seu rosto. Ele não sentia mais nada.

Ele observou Emily por quase uma hora, vendo-a gradualmente tornar-se menor e menor a distância, até que ela finalmente desapareceu em algum lugar entre o horizonte e o céu.

Ela não olhou para trás nem uma vez, durante todo aquele tempo.

39. OS PONTOS

HOLT FORÇOU PASSAGEM PELA massa espremida de pessoas no Mural do Placar, que se concentravam na gigante parede de pedra negra polida, coberta com sua bobagem insana, arbitrária e matemática. Os sobreviventes estavam ombro a ombro, e era preciso esforço para se mover entre eles.

Ele olhou para onde se dirigia: uma plataforma construída contra a parede mais distante, a cerca de quatro metros do chão, que se estendia ao longo da gigantesca galeria. Era dividida em sessões por paredes de madeira polida ou metal brilhante, ou placas de vidro colorido; e penduradas sobre cada sessão estavam as faixas gigantes e coloridas das facções da Cidade da Meia-Noite. Algumas ele já conhecia. A de rosto risonho e chifrudo dos Demônios Cinzentos, a cabeça de lobo vermelha de Los Lobos. Nenhuma daquelas plataformas estava ocupada no momento, o que era bom, tendo em vista que estavam procurando por ele.

Havia outras faixas também, é claro: a espada amarela, o escorpião negro, a cruz branca celta, e outras, doze ao todo. A maioria das sessões estava apinhada com dezenas de pessoas ou mais, observando a ação que se desenrolava no Mural dos Pontos. Corredores dedicados se apressavam de um lado para o outro entre a plataforma e os Guardiões dos Pontos, trocando e repassando informações, vendo a soma dos pontos subir e descer.

Holt observou cada faixa até encontrar a que Mira havia descrito. Laranja com um escudo vermelho costurado com muito brilho dentro dele. Ela viu as pessoas ali, cada uma usando uma peça de roupa laranja, observando a ação na sala abaixo deles.

Levou mais alguns minutos para ele atravessar o caminho e chegar à plataforma e, quando conseguiu, dois jovens troncudos de roupa laranja

bloquearam sua passagem.

— Qual o seu negócio? — um deles perguntou friamente.

Holt se lembrou do que Mira tinha dito sobre os Cavaleiros Perdidos. Eram uma facção sem um líder oficial. Ninguém tinha dúvida de que existia um líder, mas quem quer que fosse, ele ou ela, ninguém conhecia sua identidade. No Mural do Placar, a pontuação do líder estava abaixo do nome Rebus e isso era tudo que se sabia. Audiências particulares com Rebus eram geralmente recusadas, para preservar o anonimato. Mas isso não significava que não havia meios de se comunicar com ele ou ela.

— Estou aqui para falar com o emissário da plataforma — disse Holt, exatamente como Mira havia lhe dito. A resposta que recebeu foi a esperada.

— O emissário está ocupado demais para perder tempo falando com um Forasteiro sem pontos — disse o outro guarda, com desprezo. — Dê meia-volta e comece a andar.

— Tenho uma informação que o emissário vai gostar de ouvir.

Um dos guardas ergueu uma sobrancelha.

— E que informação é essa?

— A localização de Mira Toombs — disse Holt, mantendo o olhar firme no do outro garoto.

Os dois guardas se entreolharam e se voltaram para Holt.

— Aguarde um instante. — Um deles seguiu até a plataforma, onde uma pequena bandeja de madeira estava pendurada por uma corda, amarrada na parte mais alta. Junto dela havia um bloco e um lápis. Ele escreveu algo, destacou a folha, colocou na bandeja e acenou para uma garota na parte de cima. Ela puxou a bandeja e sumiu de vista, na plataforma superior.

A resposta levou alguns minutos para chegar, mas, quando veio, não foi verbal. Uma ponte levadiça decorada em vários tons de laranja começou a baixar do alto da plataforma. Então, os guardas acenaram para Holt passar e ele subiu na rampa. Ao fazer isso, notou que as facções acima e abaixo da plataforma estavam todas olhando para ele com curiosidade, tentando entender quem era ele e que valor poderia ter.

Holt chegou ao topo da rampa e desceu na plataforma dos Cavaleiros

Perdidos. Era ainda mais extravagante do que parecia de baixo. Telescópios de vários tipos estavam instalados ao longo da grade, provavelmente para examinar partes específicas do Mural do Placar, que assomava acima deles. Um tapete laranja preenchia o espaço e a plataforma continha duas salas de estar, uma área de trabalho e uma cadeira alta, grande e estofada, que parecia quase um trono. Por trás de tudo havia uma cortina laranja, cobrindo algo que ele não podia ver.

Holt contou nove jovens, todos mais novos que ele, que o olhavam com ar de suspeita enquanto ele subia na plataforma.

Um garoto, mais velho que os outros, talvez de uns 16 anos, sentou-se na enorme cadeira no centro da plataforma. Os tentáculos da Estática já começavam a se espalhar lentamente pelos seus olhos castanhos. O garoto tinha um ar entediado quando Holt se aproximou e parou diante dele, mas não disse nada. Holt observou o garoto, aguardando impacientemente por algum sinal de comunicação.

— É você o emissário? Estou aqui para...

O emissário, se é que era ele, levantou a mão indiferente e balançou a cabeça.

Da cortina saiu uma menina, que não era muito maior ou mais velha que Zoey, vestida de laranja. Ela manteve os olhos baixos enquanto se aproximava rapidamente para se sentar na cadeira ao lado do garoto.

Ela carregava uma pequena bolsa de veludo preta numa das mãos e, quando a abriu, um conjunto de cristais brilhantes e coloridos caiu sobre uma mesinha ao lado da cadeira do garoto. Holt viu a menina espalhar os cristais sobre a mesa.

— Meu nome é Digby, um emissário de Rebus — disse o garoto. — E sou uma pessoa supersticiosa.

Holt olhou para Digby e para os cristais.

— O que é isso? Pedaços das Terras Estranhas?

— De jeito nenhum — respondeu Digby. — Por que você está aqui?

Holt analisava o garoto. Ele era indecifrável, não parecia inteligente ou capaz. Na verdade, não havia muita coisa que o distinguisse de qualquer um dos outros garotos pela plataforma. Mas, se havia uma coisa que Holt aprendera, era que a primeira impressão podia enganar.

— Estou aqui para fazer uma barganha — disse Holt.

— É, já imaginava — disse o garoto, agitado. — Você está oferecendo a localização de Mira Toombs, o que não é pouca coisa hoje em dia. Mas o que você quer em troca?

Holt respirou fundo, lembrando-se do que Mira lhe havia dito.

— Os Cavaleiros Perdidos têm algo de que preciso, e você está enganado. Eu não quero trocar Mira por isso.

O olhar do garoto assumiu uma expressão perigosa... e então a menina ao seu lado misturou os cristais, tirou um do meio dos outros e o colocou sobre a mesa. Era uma pedra vermelha. Ao ver isso, a contrariedade do garoto se transformou em raiva. Ele olhou novamente para Holt.

— As pedras não o favorecem, Forasteiro. — Digby acenou para dois dos guardas mais próximos, e eles se aproximaram de Holt, prontos para expulsá-lo da plataforma. — Eu não gosto de perder meu tempo.

— Eu tenho algo mais valioso do que Mira Toombs — disse Holt rapidamente, enquanto ainda tinha chance. Os guardas não pararam de se aproximar dele, no entanto, e Digby não disse nada.

Mas a menina remexeu novamente as pedras, tirou outra peça e a colocou sobre a mesa. Era uma pedra verde.

Ao vê-la, a raiva de Digby diminuiu e ele acenou para que os guardas parassem, a poucos metros de Holt.

— As pedras pedem paciência — disse Digby. — Mas eu tenho pouca. Você mentiu para chegar aqui em cima, por que eu daria atenção para qualquer coisa que você tem a dizer?

Holt pegou a mochila e tirou o cilindro de plutônio. Ao fazer isso, os olhares desinteressados dos Cavaleiros Perdidos à sua volta desapareceram, e as sobrancelhas deles se levantaram ao verem o fragmento tingido de marrom no interior do recipiente.

Até os olhos de Digby se arregalaram e, quando ele olhou novamente para Holt, foi de outro jeito. A menina misturou os cristais novamente sobre a mesa e empurrou um laranja na direção de Digby.

— Plutônio, por ser uma mercadoria tão rara, é muito valioso — disse o

garoto, olhando do cristal para Holt. — Você quer trocar pelo quê?

Holt não respondeu de imediato. As coisas estavam erradas ali, de alguma forma. Alguma coisa o vinha incomodando a respeito dos cristais coloridos desde que a menina os tinha trazido. A forma como Digby os consultava, a forma com que ele esperava para começar a falar até que eles fossem selecionados. Uma coisa ocorreu a Holt.

— Queremos passagem livre para fora da cidade — disse Holt. — Hoje.

A garota remexeu novamente os cristais e, enquanto fazia isso, Holt viu o garoto olhar para eles com expectativa.

— Por que não pulamos esse show de marionetes? — disse Holt com rispidez, mas não olhando para Digby e sim para a pequenina e singela menina ao seu lado. — Assim podemos falar diretamente.

— Eu não sei o que você pensa que está... — começou Digby.

— Não estou mais falando com você. — Holt o interrompeu sem lhe dirigir o olhar. — Estou falando com ela. A que está movendo os cordões.

Digby olhou para a menina, alarmado. Ela parou de mexer as pedras e pela primeira vez olhou para Holt. Seu olhar singelo e inocente desapareceu, dando lugar a uma perspicácia e consciência muito além de sua idade. Ela escondera isso muito bem, Holt pensou, ele quase a ignorou completamente. Ela o examinou entre contrariada e respeitosa.

— Quem você pensa que...? — Digby começou, esquentado, mas foi interrompido novamente.

— Quieto! — disse a menina. Sua voz era doce e baixa, mas também continha um tom de firmeza. O garoto silenciou imediatamente. — A dança acabou. — A menina levantou-se, guardou as pedras no saco preto e se dirigiu para a cortina laranja, nos fundos da plataforma. — Venha atrás de mim — ela disse, sem olhar para trás.

Holt suspirou. Por que nada naquele lugar podia ser simples e direto?

Ele seguiu a menina através das cortinas. Do outro lado havia um cômodo decorado de maneira bizarra. Móveis que não combinavam, uma máquina de fliperama, prateleiras cheias de discos de vinil, e paredes cobertas pelo que pareciam grandes desenhos infantis feitos com lápis de cor, emoldurados e em

todas as cores e formas. Todas com a mesma assinatura, mas Holt não conseguiu decifrá-la.

A menina andou sem pressa até um sofá preto e sentou-se, erguendo lentamente os olhos para Holt.

— Você não é o que eu esperava — disse Holt.

— Como assim, esperava? — ela perguntou.

— De Rebus — ele disse, sorrindo. — Você é um pouquinho menor do que imaginei.

A menina não sorriu de volta.

— Bem, aí é que está, não é? Me chame de Amélia, esse é o meu nome, afinal de contas. Você é o Forasteiro trabalhando com Mira Toombs. Eu espero que ela esteja... saudável.

Era estranho ouvi-la. Nada combinava, a maturidade e confiança, o leve toque de malícia, tudo exalando da pessoinha minúscula no sofá. Mas embora fosse certamente inquietante, não era uma surpresa. Num mundo em que a Estática tornava cada segundo importante, as pessoas amadureciam incrivelmente rápido.

— Mira está bem — respondeu Holt. — Ela sabe se cuidar.

— É, eu sei. Ela tinha muitos pontos. Ninguém acredita nas acusações contra ela, mas Leonora é meticulosa. Sua falsa evidência foi bem convincente.

— Se ninguém acredita nas acusações, então por que todos estão tão ansiosos para matá-la?

— Porque, na Cidade da Meia-Noite, a verdade sempre vem depois dos princípios. A Fabricação de Pontos é nosso crime mais grave e, se alguém for acusado disso, sendo ou não inocente... exemplos precisam ser dados.

— Bem, eu não acho sua cidade grande coisa — disse Holt. — Para mim é um caldeirão de maluquices, egoísta e perigoso, focado num jogo sem sentido que eu não tenho o menor interesse em jogar.

— Sério? — pela primeira vez, Amélia sorriu. — Isso é interessante. Considerando-se o número de pontos que você conseguiu coletar. Você fazia ideia de que estava no Mural?

Aquelas palavras chocaram Holt. Estar no Mural não era algo que tivesse

lhe ocorrido, e ele olhou para Amélia, perplexo.

Ainda sorrindo, ela se levantou e andou até outra cortina na extremidade da sala. Ao abri-la, revelou uma vista particular do Mural do Placar, com um telescópio convenientemente posicionado no chão. Amélia olhou pelo telescópio e o ajustou até encontrar o que estava procurando. Depois deu um passo para trás e chamou Holt para que se aproximasse.

— Veja por si mesmo — ela disse.

Holt foi até o telescópio e espiou. Ele apontava para uma pedra específica do lado esquerdo da Parede, que estava cheia de nomes, a maioria começando por FO. O ponto exato para o qual estavam olhando era FO107 e havia um número embaixo.

872.

— FO um-zero-sete? — perguntou Holt, cético.

— FO de Forasteiro — respondeu Amélia, tranquilamente, enquanto pegava uma fina corda vermelha que pendia do teto. Quando ela a puxou, um pequeno sino tocou alto na plataforma, do outro lado da cortina. — E um-zero-sete é o número para Forasteiro ajudando Mira Toombs.

Um garoto com roupa laranja entrou pela cortina e acenou com a cabeça para Amélia em expectativa, mas os olhos da menina permaneceram em Holt.

— Corre um boato de que minha facção possui, neste complexo, uma saída secreta da Cidade da Meia-Noite. — Amélia pegou um bloquinho de papel e um lápis ao lado do telescópio e começou a escrever nele. — Você quer trocar plutônio pelo uso da nossa saída.

— Sim — respondeu Holt.

— A boa notícia é que a saída de fato existe. A má notícia é que irá te custar três coisas. A primeira delas é o seu nome completo.

Holt a observou calmamente, sem nada dizer.

Amélia sorriu novamente.

— É um preço pequeno a se pagar. Minúsculo na verdade. Especialmente para alguém que não está nem um pouco interessado em nossos jogos.

Holt franziu a testa. Ele não tinha muita escolha, mas não estava gostando do rumo que aquilo estava tomando.

— Holt Hawkins — ele disse.

Amélia escreveu algo no bloco, destacou a folha e passou para o garoto que aguardava na cortina. Ele lançou um olhar rápido à mensagem e desapareceu pelo tecido laranja novamente. Holt não sabia o que pensar, mas Amélia o fez esquecer rapidamente.

— São dois preços a pagar para usar a nossa saída, e nenhum deles é o seu plutônio — ela disse, e os olhos de Holt se arregalaram, surpresos. — Ele é valioso, mas apenas se você tiver como usá-lo, e isso eu não tenho. Entrar na Torre Partida não é algo que me interesse. Mas os pontos, sim.

Holt tentou disfarçar o choque. Mira não havia mencionado a possibilidade de os Cavaleiros Perdidos não terem interesse no plutônio. Para ela, era a substância mais valiosa do planeta, e a reação de todas as pessoas que o viram tinha sido de ganância.

— Você... não quer o plutônio? — Holt perguntou.

— Não — ela disse. — Prefiro a soma total de todos os pontos que você ganhou aqui, um valor que tenho a sensação de que será enorme. Em um dia você fez quase mil. É impressionante.

— Tudo bem — disse Holt, com aversão. — Pode ficar com eles. O que mais?

— Nós chamamos de Gerador de Oportunidade — ela disse, num tom de voz melancólico. — Um artefato principal das Terras Estranhas que pertence aos Cruzados. Eles o guardam no Cofre de Artefatos.

— E o que é isso?

— Você é mesmo um Forasteiro, hein? O Cofre de Artefatos é uma caverna que serve de depósito para artefatos poderosos que os donos querem em segurança, ou que são perigosos demais para permanecer na cidade. Só Bucaneiros podem atravessar seu portão principal e, uma vez lá dentro, o Bibliotecário protege todo o resto.

— E o Bibliotecário seria quem? — perguntou Holt, disfarçando a irritação. Ele começava a perder a paciência com tudo aquilo.

— O idiota que guarda o Cofre — respondeu Amélia. — Um imbecil que se ofereceu como voluntário para guardar todo aquele poder sob a cidade. Ele

raramente se aventura para fora de seu laboratório e da sua escola, mas não se deixe enganar por sua aparência. Ele é astuto... e perigoso. Nem mesmo os líderes das facções o enfrentariam por vontade própria.

Aquilo soava cada vez menos como uma boa troca.

— Bem, isso é ótimo. Mas me esclareça uma coisa... o que te faz pensar que nós vamos passar por todos esses obstáculos?

— Porque vocês não têm escolha, Holt Hawkins — Amélia respondeu. A menina desviou os olhos dele e espiou pelo telescópio novamente. Quando se afastou, estava sorrindo. — Olhe.

Holt fez uma careta, mas obedeceu, curvando-se para espiar pelas lentes.

Ele viu a mesma sessão de antes, mas agora um dos Guardiões dos Pontos preenchia o quadro, flutuando diante da parede negra. Holt viu que o item FO107 havia sido apagado e substituído por outra coisa. Ele sentiu um arrepio.

Agora estava escrito Holt Hawkins. E o número próximo a ele havia aumentado para 945.

Holt ergueu os olhos para Amélia, mais do que um pouco perturbado.

— Está vendo, Holt? — ela disse, entre divertida e maliciosa. — Todos na Cidade da Meia-Noite jogam os nossos jogos. Quer queiram, quer não.

Holt apenas encarou a menina em silêncio.

— Traga-me o Gerador de Oportunidade — ela continuou. — Mira vai saber onde encontrá-lo. Faça isso... e vocês se livram das garras de Leonora.

Holt franziu o rosto, mas sabia que não havia escolha. Talvez tivesse sido melhor continuar em direção a oeste quando ele teve a chance.

40. O SANTUÁRIO

HOLT SEGUIU MIRA por um túnel cada vez mais estreito, que se estendia e sumia de vista mais à frente. Embora o teto felizmente se mantivesse na mesma altura, as paredes tinham se estreitado a ponto de eles serem obrigados a andar de lado.

— Ainda bem que não tomei café da manhã — disse Holt, espremendo-se para passar por uma parte bem apertada. Atrás dele, Max e Zoey seguiam, aborrecidos com a lenta travessia. Eles eram muito menores, afinal de contas.

— Tem certeza de que ela disse Gerador de Oportunidade? — perguntou Mira. Ela estava um pouco surpresa pelos Cavaleiros Perdidos não terem aceitado o plutônio; eles seguiam um caminho diferente, pelo jeito. Mas o desejo deles de possuir o Gerador de Oportunidade era algo que ela realmente não compreendia.

— Tenho — respondeu Holt. — O que é isso, afinal de contas?

— É um artefato principal assustador, provavelmente do quarto círculo, talvez até do núcleo. Um Bucaneiro dos Cruzados descobriu a existência dele, eu não sei quem — Mira explicou. — Basicamente, ele cria uma aura de sorte ao redor da pessoa que o usa.

— Sorte? — perguntou Holt.

— Hum, hum. Quando você está dentro da esfera de influência, você se torna... incrivelmente sortudo. Eu não sei como explicar melhor. As coisas que normalmente dão errado para você passam a dar certo. E elas continuam dando certo.

— Não parece tão ruim — intrometeu-se Zoey no fim da fila.

— É, eu tenho que concordar — respondeu Holt, passando por outro trecho apertado. — Não só não parece ruim, como parece valioso.

— Não é — disse Mira. — É absurdamente perigoso. Em vez de aumentar

sua sorte, ele reduz a outra pessoa ao mesmo nível. Digamos que o faça ganhar nos dados. Significa que quem está por perto perde. Talvez isso o salve de cair de uma rocha, mas outra pessoa sofrerá um acidente.

— E se alguém tentar matar você? — perguntou Holt, embora tivesse uma boa ideia de qual seria a resposta.

— Você vive... outra pessoa morre — ela respondeu. — Quanto mais você usar, mais efeitos negativos ele precisa gerar para manter sua sorte. E quanto mais você se torna dependente dele, mais ele se torna um vício paranoico. Você não se sente bem fazendo nada sem o artefato. A única coisa boa é que ele só pode ser usado algumas vezes ao dia antes que descarregue e precise ser recarregado. Está guardado no Cofre há anos pelos Cruzados. Eles têm pavor dessa coisa, nunca usaram, mantinham apenas pelos pontos. Se fosse eu, nem faria tanto. Eu o mandaria de volta às Terras Estranhas para que fosse destruído.

— Parece que muitas coisas que saem de lá precisam ser destruídas — alfinetou Holt. Mira abriu a boca para retrucar... mas se calou. O que poderia dizer? A maioria dos artefatos era assustadora e fazia coisas assustadoras. Incluindo aquele que resultou em sua expulsão da Cidade da Meia-Noite, o que ela mesma tinha feito...

Os quatro saíram do túnel estreito para uma pequena galeria circular, iluminada por dois Iluminadores que zumbiam no teto, a apenas três metros do chão.

As paredes em toda a volta estavam repletas de objetos, colados ou presos de alguma outra forma permanente, e eles enchiam a galeria de todas as cores e formas. Cartões-postais, fotografias, desenhos, bilhetes, pelo que Holt podia ver. Alguns estavam usados, amassados e desbotados; outros pareciam ter sido colocados ali recentemente.

— Onde estamos? — perguntou Zoey, parada no meio da sala, girando para olhar tudo ao mesmo tempo. Max a viu girar e virou a cabeça de lado a fim de observar a garota.

— No Santuário — disse Mira. — Estas são lembranças de Bucaneiros que morreram ou desapareceram nas Terras Estranhas. — Mira olhou para as paredes em silêncio, e Holt pôde notar que aquele caótico amontoado de coisas e

imagens tinha um significado profundo para ela.

— Você conheceu muitos deles? — perguntou Holt.

— Sim — ela respondeu. — Conheci.

Holt percorreu a sala, olhando para tudo que se revelava pela luz dos Iluminadores. Centenas de fotografias de jovens, alguns na Cidade da Meia-Noite, mas a maioria estava numa paisagem estranha, quase alienígena, onde tudo em volta era borrado, em cores flamejantes ou distorcido, como se o ar tivesse de alguma forma sido dobrado. Também havia desenhos, de pontos de referência das Terras Estranhas, alguns melhores que outros, nomeados como ESTRELA POLAR, CALEIDOSCÓPIO, EIXO, BECO DO TORNADO ou COMPRESSOR. Próximo aos desenhos havia anotações, algumas de várias páginas, que pareciam descrever as aventuras dos que se perderam, suas jornadas, os obstáculos que enfrentaram, os artefatos que trouxeram de lá.

O nome era merecido. Realmente era um santuário, pensou Holt.

Mira desviou o olhar de toda aquela história e andou na direção de algo na parede mais distante. Era uma pesada porta de aço que parecia saída de um castelo antigo. Tinha sido fixada na frente do túnel seguinte, bloqueando a passagem para a outra galeria. Perto da enorme aldraba, numa de suas extremidades, havia uma fechadura ornamentada. As palavras APENAS BUCANEIROS E AUXILIARES estavam gravadas na porta em tinta vermelha desbotada.

Holt olhou para a frase na parede, indeciso.

— Isso é...? — ele começou a perguntar.

— Um artefato — Mira terminou por ele. — Um bem perigoso. — Ela tirou do bolso uma chave grande com o símbolo δ e Holt viu uma corrente presa à chave que ia até o cinto dela. — Eu me afastaria, se fosse você; pode não dar certo — ela disse, enquanto dava um passo em direção à porta metálica.

Ela não precisou dizer duas vezes. Max ganiu enquanto Holt afastou Zoey, observando Mira segurar a chave em frente à fechadura.

Ela ficou daquele jeito, analisando a porta, indecisa.

— Talvez você queira ir mais para trás. Não é bonito quando dá errado — disse Mira.

Holt deu mais alguns passos para trás, sem hesitar, mantendo os olhos na porta. Que diabos fazia aquilo?

— Um pouco mais para trás — disse Mira. Holt chegou para trás, sem tirar os olhos dela. — Um pouco mais — ela disse novamente, e Holt deu mais um passo. — Sério, você realmente precisa ficar bem longe disso.

Holt fez uma careta e arrastou com ele Zoey e Max. Começava a se perguntar o que...

Ele se encolheu ao bater a cabeça numa parte mais baixa do teto.

— Ai! — exclamou, com dor, esfregando a nuca. Atrás dele, Zoey o olhou irritada, balançando a cabeça.

Mira riu alto.

— Às vezes é tão fácil! — ela disse, enfiando a enorme chave na porta e girando-a. Holt observou enquanto a porta rangeu e se abriu lentamente, revelando mais um túnel escuro atrás dela... e nada mais. Nenhum jato de luz, nenhuma emissão de energia assassina, nada nem remotamente perigoso. — É apenas uma enorme porta de metal com fechadura — disse Mira. — Todos os Bucaneiros têm a chave. Venha, valentão!

Holt olhou para ela, sentindo as orelhas começarem a ficar vermelhas.

— Ah, era para ser engraçado, presumo...

— Foi engraçado — afirmou Mira, passando pela porta e guardando a chave novamente no bolso. — Tranque-a depois de passar.

Holt a viu desaparecer do outro lado da porta, depois sentiu Zoey pegar sua mão e puxá-lo para a frente.

— Holt, tente não ser tão ingênuo, está bem? — animou-o a menina, enquanto ele a seguia.

— Ora, mas não é que seu vocabulário está ficando mais rico?! — ele disse, enquanto fechava a porta atrás de Max. O cachorro latiu e correu atrás de Zoey, animado. Holt revirou os olhos e os seguiu, sem o mesmo entusiasmo.

41. O BIBLIOTECÁRIO

QUANDO ENTRARAM NA CAVERNA que servia de Cofre, eles emergiram em seu nível mais alto. As estalactites que se espalhavam pelo teto na linha dos olhos e a vastidão do lugar eram impressionantes. Era, com certeza, a maior caverna de todo o sistema, e se estendia para baixo a perder de vista, num poço profundo. As paredes acima deles continham fileiras e mais fileiras de estantes e armários sobre parapeitos escavados na superfície da rocha. Mesmo para quem estava no topo do Cofre, era aparente o que ele guardava: milhares de artefatos piscavam, brilhavam, pulsavam, vibravam, zumbiam, flutuavam, desintegravam-se e reapareciam nas prateleiras, enchendo o poço com um caleidoscópio de luzes coloridas e cintilantes que desciam em espirais brilhantes na escuridão.

Em todas as vezes que Mira estivera ali, o Cofre de Artefatos nunca tinha deixado de impressioná-la. Há muito tempo, quando era mais nova, foi ali que ouviu pela primeira vez sobre as Terras Estranhas e os artefatos que vinham de lá, e a magnificência do Cofre havia desempenhado um papel importante em colocá-la no caminho que, bem ou mal, finalmente acabou tomando.

À primeira vista, não havia uma maneira de se chegar aos artefatos no enorme poço. Não havia degraus ou escadas, nem rampas por onde deslizar, ou agarras de mão na rocha para escalar. A resposta estava no teto.

Uma enorme grade de metal havia sido presa na rocha lá em cima, em volta de toda a caverna. Penduradas na grade por cordas grossas e correntes, havia duas caixas grandes feitas de madeira polida e ornamentada, cada uma com o símbolo δ incrustado em dourado brilhante, apoiadas na plataforma, à beira do poço. As caixas eram grandes o bastante para aguentar o peso de duas pessoas, e estava bem claro o que eram. Elevadores.

As cordas e correntes passavam por polias na estrutura gradeada e iam até

uma placa de interruptores e manivelas, na plataforma de desembarque. Havia outras coisas lá também — mais armários e prateleiras, áreas de trabalho —, e velas tremulantes e lampiões iluminavam tudo. Mas se havia alguém lá, Mira não viu nenhum sinal.

Ela olhou para tudo aquilo, mais uma vez encantada, e nem sequer notou que os outros estavam ao seu lado. Até Max ficou imóvel enquanto olhava o Cofre.

— Uau!... — exclamou Zoey, sua voz era apenas um sussurro de admiração. — É tão grande!

Mira sorriu e olhou para Holt, curiosa para ver a reação dele. Ele olhava para a extensa vista abaixo com um ar que exprimia apenas admiração. Numa sala repleta até o teto com milhares de artefatos poderosos das Terras Estranhas ele não estava recuando lentamente para a saída, e isso significava muita coisa.

Quando Mira segurou a mão dele, Holt se virou e olhou para ela. Havia algo no fato de seu toque ser suficiente para desviar a atenção dele do Cofre que Mira gostou.

— O que acha? — ela perguntou.

— Maravilhoso! — ele respondeu, e em sua voz havia um tom que dava a entender que ele estava falando sobre algo mais além do Cofre. Mira sorriu.

— Vamos descer até o fundo? — Zoey perguntou.

Mira desviou o olhar de Holt.

— Ainda não sei, docinho — respondeu Mira. — Primeiro temos de encontrar o que estamos procurando.

— Posso montar o Max até lá embaixo, se a gente for? — Zoey perguntou, esperançosa.

Holt suspirou.

— O que há de errado com você? Ele pode ter quatro patas, mas isso não significa que seja um cavalo.

— O Max pode me carregar, ele é forte!

— Eu não acho que seja uma boa ideia agora, Zoey — respondeu Mira. — Além do mais, não há escadas. Vamos usar os elevadores.

Zoey fez beicinho, mas não reclamou mais enquanto seguiam para o lado

oposto da caverna, onde ficava a plataforma, assim como as áreas de trabalho e de estudo. Ainda não havia sinal de movimento ali, nenhuma indicação de que havia alguém por perto; apenas a luz de algumas poucas velas e lampiões cintilantes. Ainda assim, deveria ter alguém encarregado de acendê-los.

— Velho? — Mira gritou, conforme se aproximavam, sua voz ecoando para todos os lados em meio às estalactites que pendiam do teto. Não houve resposta.

— Essa é uma boa ideia? — Holt perguntou.

— O Bibliotecário soube que estávamos aqui no momento em que passamos do Santuário — disse Mira. Ela olhou adiante e gritou de novo: — Velho? — Eles ouviram a voz dela ecoar entre as paredes, perturbadoramente alta. Mas quando o som se dissipou, não houve nada, apenas silêncio.

— Amélia disse que o Bibliotecário protege o Cofre — disse Holt, enchendo de trepidação a enorme e vazia caverna.

— Ele é professor, também. Me ensinou tudo que eu sei — ela respondeu, sombria. Era verdade; ela havia aprendido uma grande coisa com ele, mas houve um preço a pagar por aquele conhecimento.

Mira continuou avançando, mais incerta a cada passo. Será que ele não a reconhecera? Ou será que sua reputação na Cidade da Meia-Noite havia manchado até mesmo esse relacionamento, o mais antigo que ela tinha na cidade? Ela não estava certa, mas...

Mira parou ao ouvir algo. Um estalo no ar à sua volta. Era distinto, metálico e fino, como se alguém estivesse dobrando imensas lâminas de alumínio perto deles. E por causa desse detalhe, ela soube o que era quase que imediatamente.

— Para trás! — Mira gritou, assustada, tentando empurrá-los para trás, mas era tarde demais.

O ar brilhou em volta deles quando o Limitador fez efeito. Mira sentiu seus membros, seus músculos, suas extremidades e até mesmo seu cabelo, tudo com o peso ampliado exponencialmente, e, com isso, seus movimentos gradualmente diminuíram. Ela lutou contra a força que crescia em volta dela, mas não adiantou. Ela viu quando Holt, Zoey e até Max congelaram no lugar, pouco a pouco, incapazes de se mover; nem mesmo os olhos piscavam.

Mira havia sido pega no Limitador apenas uma vez, e tinha sido como se seu

corpo tivesse se transformado numa pedra densa e inflexível até finalmente congelar por completo. Acontecia o mesmo agora, mas a realidade era completamente diferente. Um Limitador era uma combinação de artefatos que revertia continuamente a força da inércia. Quanto mais tempo ficasse ligado, mais difícil era se movimentar, até que a pessoa não conseguisse se mexer de forma alguma. Com um Limitador forte o bastante, provavelmente era possível congelar um caminhante Aranha no lugar.

Estavam todos presos, incapazes de se mover, os olhos grudados no que estavam olhando quando o artefato foi ativado.

Em frente à Mira, o ar estremeceu subitamente e se abriu como uma cortina. Uma silhueta deu um passo à frente e se revelou, e num mundo onde a juventude reinava suprema devido às circunstâncias complicadas, a visão da figura diante deles era chocante até para Mira, que o vira incontáveis vezes enquanto crescia.

Ela nunca tivera audácia de perguntar ao Bibliotecário quantos anos ele realmente tinha, mas tinha certeza de que era mais de 70 anos. A aparência dele era muito mais do que desgrenhada. Suas roupas eram um mosaico de peças de vários tipos de vestimenta, algumas costuradas em lugares opostos ao de sua função original. Calças jeans como mangas de camisa, e mangas de casacos unidas para formar calças. Um par de óculos pendia de seu pescoço por um barbante vermelho, metade de um par e metade de outro, colados juntos para formar um par completo. Apesar de sua aparência caótica, o homem havia aparado a barba de modo limpo e meticuloso, e ela descia até a metade de seu pescoço enrugado. E, é claro, seus olhos: estavam livres da Estática. O avelã de suas íris cintilava à luz das velas que preenchia aquele lado da caverna.

Tiras de couro transpassavam seu corpo como cintos, e presos a elas havia várias combinações de artefatos incrivelmente complexas e belas, de sua própria criação. As luzes de uma delas, próxima ao seu ombro esquerdo, brilhavam e piscavam em diferentes cores, e Mira se perguntou se seria o Limitador que prendia todos eles.

O velho examinou cada um dos quatro intrusos, um de cada vez, sem emoção, e então seus olhos finalmente pararam em Mira. Quando fez isso, sua testa se franziu e ele fixou nela um olhar irritado.

— Se alguém não devia estar neste lugar, Mira Toombs, é você — ele disse, com uma voz contrariada que soava como se ele tivesse engolido um punhado de pedregulhos e vidro quebrado. — Me dê um motivo para não entregá-la à sua antiga facção agora mesmo. Seria um bom castigo, na minha opinião.

O Bibliotecário bateu de leve no artefato brilhante em seu ombro e algumas luzes da combinação — uma mistura de ímãs, frascos com lascas pretas metalizadas, uma placa de circuito e uma tira de clipes de papel interligados, tudo mantido junto por uma colher de prata e uma corrente dourada — oscilaram e desligaram.

Com um grunhido, Mira desabou no chão e seu corpo inteiro doeu. Era um efeito colateral normal por ter sido restringida no campo de força de um Limitador. Ela olhou para cima com dificuldade e... ficou chocada ao ver os outros. Holt, Zoey e Max ainda estavam congelados no mesmo lugar.

Um Limitador comum simplesmente emitia um campo de força único que desacelerava tudo que tocava. O Bibliotecário, no entanto, tinha conseguido construir uma combinação que podia aplicar seletivamente o efeito do Limitador em alvos múltiplos e separados. Era uma conquista incrível, uma prova da reputação do Bibliotecário como o maior artífice de artefatos do mundo. A cabeça dela girou quando tentou entender a complicada combinação de Essências e Focalizadores necessária para...

— Eu te fiz uma pergunta, Mira Toombs — insistiu o Bibliotecário, sem disfarçar o desagrado. Ele não estava acostumado a ser ignorado e isso a fez corar como se ainda fosse uma garotinha. — Ao vir aqui, você violou a santidade de algo que te ensinei a reverenciar muito tempo atrás.

— Eu realmente reverencio este lugar, velho — disse Mira. — Só não reverencio a cidade que o acolhe.

O Bibliotecário a olhou com curiosidade.

— Não é uma resposta tão sem inspiração, posso notar, e também ecoa os meus próprios sentimentos, mas falha ao responder à pergunta, não é? Por que você está aqui?

Mira engoliu em seco, escolhendo bem as palavras.

— Preciso de algo do Cofre — ela disse. — Algo que não me pertence.

O Bibliotecário franziu a testa.

— Seu argumento não é muito bom, pequenina. Por que eu permitiria que você roubasse do meu Cofre? Por que eu quebraria os votos que fiz?

Mira se esforçou para olhar o Bibliotecário com firmeza.

— Você já os quebrou antes, não finja que não. É comigo que você está falando, velho, não com um ajudante idiota. — Ela falou com o máximo de força que conseguiu reunir e torceu para que fosse o bastante.

O Bibliotecário a olhou com tranquilidade... e então sorriu. Ou ao menos o máximo que pôde. Para Mira, a única indicação de um sorriso por parte dele era um leve franzir da barba ao redor das bochechas, e era o que ele lhe oferecia agora.

— Eu não disse que nunca os quebrei, apenas que queria saber as razões por que eu deveria fazer isso novamente. Tem algo a ver com aquela sua criaçãozinha infeliz? Aquela da qual te avisei?

— É — Mira respondeu, envergonhada. — Estou tentando consertar aquele erro.

— Se tivesse me ouvido antes, não teria nada para consertar, teria? — ele disse, com desdém. — Vocês ficam todos iguais, quando saem daqui. Arrogantes e seguros de si. É incrível que consigam sobreviver naquele lugar.

— Estou tentando consertar as coisas, velho — Mira murmurou, sentindo o rosto queimar diante da reprimenda, como sempre acontecia. Por que ela tinha que se sentir tão pequena perto dele? Será que nenhuma de suas conquistas o havia impressionado? Ela não tinha conquistado o direito de cometer alguns erros?

— Você quer levá-lo de volta às Terras Estranhas e destruí-lo — ele deduziu. — Uma sábia decisão, mas ainda não explica por que você está aqui. Você deve estar precisando de algo mais — disse o velho, contemplativo, e Mira pôde vê-lo juntando as peças mentalmente, puxando a barba, distraído, enquanto fazia isso. — Os Demônios Cinzentos fecharam a cidade; eu ouvi as trombetas. Estão atrás de você, não há dúvida. Deve haver algo aqui que alguém queira para garantir sua passagem livre para fora da cidade. O único modo é pela infame saída secreta dos Cavaleiros Perdidos... e eles sempre cobiçam o Gerador de

Oportunidade. — O semblante dele, se é que era possível, obscureceu ainda mais ao descobrir aquilo. — É por isso que você está aqui?

Mira apenas meneou a cabeça. Ela podia sentir Holt e Zoey congelando acima dela, mas era incapaz de fazer algo por eles. O velho tinha todas as cartas agora, e ele se manteve impassível por um longo tempo, ainda torcendo a barba, analisando as coisas.

— O preço para o meu auxílio é esse, Mira Toombs — ele disse, finalmente. — Você pode levar o artefato... mas, em troca, precisa levá-lo de volta às Terras Estranhas e destruí-lo junto com o seu. Trata-se de outra aberração hedionda que não merece existir, até onde tenho conhecimento, mas meu cargo de Bibliotecário do Cofre me impede de tomar essa providência com minhas próprias mãos. Você já é Imencionável aqui. Uma ofensa a mais não fará diferença.

— Nossa, obrigada! — disse Mira, com sarcasmo, olhando para ele. Ela podia sentir a paciência indo embora. — Como exatamente eu conseguirei isso? Precisamos do artefato para barganhar nossa saída daqui.

— Você sempre foi muito engenhosa — ele respondeu, a barba franzindo num quase sorriso outra vez. — Confio em você para achar uma forma. Mas, se eu ouvir que os Cavaleiros Perdidos conseguiram o Gerador de Oportunidade e o estão usando ativamente para aumentar seus pontos, eu ficarei... muito desapontado. — O olhar que ele lançou para Mira fez quase instantaneamente com que ela se encolhesse, e isso era irritante.

O velho deu um tapinha no mesmo artefato novamente, e dessa vez todas as luzes se apagaram. Ao fazer isso, tanto Zoey quanto Holt respiraram fundo e caíram no chão. Max ganiu quando a mesma coisa lhe aconteceu. Ele apenas se contorceu no chão, como os outros, sentindo a dor do retorno do controle motor.

— Mas... que... diabos! — Holt conseguiu dizer, recuperando o fôlego, e a raiva em sua voz era aparente. Ele olhou irritado para o Bibliotecário. — Eu vou... acabar com esse cara.

Antes que Mira pudesse avisá-lo, Holt aproximou-se trêmulo dos pés dele. O velho, porém, simplesmente girou um anel de moedas em torno de outro artefato em sua cintura, até que uma moeda específica estalasse. Ao fazer isso, a

combinação zumbiu alto e uma luz vermelha silenciosa brilhou.

— Essa decisão seria... uma má ideia — o velho disse, com calma.

Holt observou o artefato brilhante, e não fez outro movimento. Ele não era tolo, Mira sabia; havia sobrevivido por conta própria até agora por ser capaz de interpretar uma situação, apesar de suas emoções; e seus instintos estavam provavelmente dizendo que o velho era muito mais capaz do que sua aparência débil e desgrenhada demonstrava. Se não fosse, não seria tão seguro. E por uma boa razão, ela sabia. O Bibliotecário era a única pessoa na Cidade da Meia-Noite que até mesmo Leonora temia.

— Agora que isso está resolvido... — disse o velho, enquanto seguia para a área de trabalho. Ela era cheia de mesas e cadeiras enfileiradas diante das prateleiras que continham todos os tipos de artefatos menores para combinações. Aquilo tinha sido uma escola para Mira, uma prova da pouca “juventude” que ela teve, e o lugar sempre mexia com suas emoções quando ela o via. Ali, sentada naquelas mesas, ela e vários outros tinham aprendido as principais habilidades para se tornarem Bucaneiros.

O princípio básico da criação de artefatos: moedas, Focalizadores, Essências. Como combiná-los em algo mais poderoso. As propriedades de centenas de artefatos menores para criar o seu próprio. As Terras Estranhas, seus obstáculos e diferentes círculos. Eles aprenderam sobre tempestades de antimatéria e tornados de energia negra, descobriram os mistérios do núcleo e da Torre Partida, e sonharam em ver a Estrela Polar, o famoso posto dos Bucaneiros que ficava no centro do terceiro círculo, desafiando o caos que o cercava.

A mente de Mira, como a daqueles outros estudantes, tinha sido preenchida com os ensinamentos do Bibliotecário, mas ele os avisara de que se tratava apenas de conhecimento teórico. A única maneira real de se aprender a sobreviver naquele lugar era com a experiência. As Terras Estranhas eram um professor severo... mas o velho também era. Mira ainda podia sentir os choques em seus pulsos e costas quando punha uma moeda na polaridade errada ou escolhia a Essência errada para uma combinação. Os métodos do Bibliotecário pareciam desnecessariamente rigorosos na época, mas a verdade era que ele os estava preparando para a realidade que viria. Mira sabia. As Terras Estranhas

eram impiedosas, e a punição para o fracasso era muito pior do que a dor de uma descarga elétrica.

Embora seu comportamento fosse frio, havia mais no Bibliotecário do que seu severo estilo de ensinar. Ele havia passado a vida, desde a invasão, preparando incontáveis crianças para se tornarem Bucaneiros, e via constantemente seus ensinamentos não serem suficientes para mantê-las vivas. Mira sabia que ele era firme com seus alunos para protegê-los — porque, lá no fundo, ele realmente se importava.

O Bibliotecário subiu num grande pedestal ornamentado, que sustentava um enorme livro de capa dura. Ele pegou o par de óculos descombinado que pendia de seu pescoço e o colocou no nariz. O livro era tão largo quanto ele, e ele virava as páginas, uma de cada vez, com um olhar crítico, passando o dedo por elas, buscando algo específico. Então finalmente encontrou.

— O Gerador de Oportunidade — ele disse, desdenhoso, olhando para eles sobre o aro dos óculos. — Estão preparados para a chave?

Mira balançou a cabeça.

— Sim, velho.

— Seis de paus — ele começou, despejando a lista de ajustes que programariam o elevador. — Oito roxo, e um-cinco-zero. Você e o Forasteiro podem ir... A pequenina e o cachorro podem ficar comigo. Eu sempre tenho muitas tarefas a fazer, como você bem sabe.

Zoey olhou para Mira e Holt com curiosidade, sem medo ou raiva.

— Não estou muito empolgado com a ideia de deixar a Zoey com o Merlim aqui — disse Holt, encarando o Bibliotecário. O velho apenas o olhava em silêncio.

— Ele pode ser... difícil, eu sei, mas não vai maltratá-la — disse Mira, desviando a atenção de Holt do Bibliotecário. — Garanto, seria a última coisa que ele faria.

Mira podia notar que Holt não tinha gostado, mas sua palavra era o suficiente para ele. Ele concordou, e Mira se ajoelhou diante de Zoey e passou os dedos carinhosamente pelos cabelos da menina.

— Faça o que o velho mandar. Não precisa ter medo.

— Não estou com medo, Mira — disse Zoey, muito prática.

— Claro que não está! — respondeu Mira, e se levantou, seguindo para a grande e pesada plataforma de madeira que se estendia ao longo da beira do poço, e dos dois elevadores. — Vamos — ela chamou Holt, que a seguiu.

— Mira — o velho a chamou, gentilmente; ela parou e olhou para ele. Ele estava com um olhar diferente. — Não é... desagradável vê-la com vida.

Mira sorriu. Era o mais próximo de carinho que se podia conseguir do Bibliotecário.

— Você também, velho. — Ela se virou e continuou andando com Holt rumo aos elevadores.

Ao longo dos dois lados da plataforma, havia pequenos barracões sem portas, repletos de correntes, cordas, polias, manivelas e roldanas, e Mira parou diante de um.

Ela foi até uma antiga manivela de bronze presa a enormes engrenagens de metal. O mais interessante era que cada engrenagem estava marcada em certo ponto com cartas de baralho antigas e desbotadas — paus, copas, espadas e ouros —, e todas elas estavam conectadas a uma série de grossas correntes enferrujadas. Mira virou a manivela e uma engrenagem girou, puxando metros de correntes e enrolando-as em polias e fendas, mais acima. Na plataforma, um dos elevadores oscilou quando a tensão das correntes o sacudiu.

Quando Mira virou a manivela, as cartas começaram a rodar na superfície das engrenagens. Ela continuou girando, carregando mais e mais correntes, até que finalmente viu a carta que queria: o seis de paus. Ela continuou girando até que a carta ficou bem na frente dela, acima das outras, e então prendeu a roldana no lugar.

O primeiro eixo estava ajustado, mas havia mais dois. Usando a fórmula que o Bibliotecário havia lhe dado, ela ajustou os que faltavam. Puxou um longo pedaço de corda grossa para baixo, alinhada com números pintados em cores diferentes, até que o 8 roxo apareceu. Mais tensão sacudiu o elevador do lado de fora. Para ajustar o último eixo, ela foi até onde havia mais correntes penduradas, e um sortimento de pesos metálicos pendiam com elas.

— Me ajude — pediu a Holt. — Precisamos de 150 quilos. — Holt estava

claramente confuso com o que estavam fazendo, mas a ajudou assim mesmo. Eles adicionaram pesos de tamanhos diferentes — dez quilos, vinte quilos, trinta — e os prenderam com ganchos nas correntes até que chegaram ao peso certo. As correntes não se moveram; estavam presas sobre a fenda com todo o peso extra, esperando para baixar.

Mira e Holt saíram do barracão e foram até o elevador mais próximo. Não era uma caixa remendada às pressas com restos de madeira; suas peças tinham sido escolhidas de pedaços fortes, soldadas e arredondadas em curvas delicadas, envernizadas e polidas para que brilhassem. Mira abriu a porta do que estava mais perto e entrou, sentindo que o elevador se inclinava sob o peso dela e o de Holt.

Do lado de dentro, havia um painel de madeira com duas grandes maçanetas metálicas. Numa estava gravado DESCE e na outra, SOBE. Mira olhou para Holt enquanto ele fechava a porta atrás deles.

— Pode ser uma subida bem radical — ela avisou.

Holt a olhou sério.

— É, eu já imaginava.

Mira sorriu e puxou a alavanca DESCE para baixo e para trás.

Do lado de fora do elevador, as enormes correntes e pesos que eles haviam configurado no barracão correram por suas polias conforme a tensão diminuía. O elevador começou a se mover e eles se deslocaram da plataforma em direção ao alto.

Mira sentiu a gravidade agindo sobre eles enquanto iam não apenas para cima, mas também para os lados. Ela e Holt olharam pela pequena janela no teto do elevador e viram que as cordas e correntes que os suspendiam da grade no teto deslizavam por vários trilhos e esteiras metálicas enquanto a tensão os puxava para um local específico.

Quando chegaram, o elevador parou com um solavanco, balançando precariamente sobre dezenas de metros de espaço vazio entre eles e o chão de pedra mais abaixo.

Holt se recostou contra a parede, provavelmente numa tentativa de sentir algo sólido e não pensar na enorme queda abaixo. Mira o olhava, achando uma

gracinha o desconforto dele, na verdade.

— Descendo — ela disse, dando outro sorriso...

... e então o elevador despencou a uma velocidade vertiginosa rumo à escuridão do Cofre abaixo.

42. O COFRE

MAX OBSERVAVA, com a cabeça entre as patas, enquanto Zoey inspecionava uma série de objetos sobre uma mesa e os colocava, um após o outro, de volta nos armários da área de estudo. Supondo que fossem todos das Terras Estranhas — canetas, placas de circuito, moedas em sacos plásticos, molas, velas, colheres, maçanetas —, ela os observava enquanto pareciam estremecer e se afastar uns dos outros, de maneira quase imperceptível. Ou seria uma ilusão de óptica? Zoey não tinha certeza.

— Você deveria tê-los organizado por cor — disse uma voz grave e severa atrás dela. Zoey se virou e viu o Bibliotecário observando-a, curioso, de pé nos fundos da área de estudos, onde começavam os degraus.

Ela não conseguia ler o velho com tanta facilidade quanto lia as outras pessoas. Suas emoções eram mais fracas do que as dos outros, mas não porque ele não tivesse sentimentos. Havia sentimentos ali, mas ela achava que ele tinha tanto controle sobre eles que nunca transpareciam. Houve apenas duas vezes em que sentiu algo vindo dele, e as duas foram uma mescla de tristeza e preocupação, mas tão breves, que ela mal as sentira. Zoey não sabia ao certo se aquele domínio vinha da idade do velho ou de alguma faceta de sua personalidade. De qualquer forma, aquela barreira não era algo que ela tivesse visto antes.

— Eu estava organizando pelo mais forte — respondeu Zoey, olhando para o velho. Ela viu os olhos dele se estreitarem, e foi bem aí que sentiu algo vir dele: um misto de emoções, principalmente surpresa, mas elas desapareceram quase tão rapidamente quanto surgiram.

— E como você sabe qual é o “mais forte”, pequenina? — ele perguntou.

— Eu não sei. Eu apenas... sinto, acho.

O Bibliotecário a analisou ainda com mais cuidado agora, e ela sentiu o peso de sua análise sobre ela. Não era agradável. Ela se sentiu como um de seus artefatos, como um objeto a ser analisado e catalogado.

— Seu nome, menina — disse o Bibliotecário abruptamente, passado um momento. — Me diga.

— Zoey — ela respondeu, simplesmente.

— Zoey — ele disse, num tom lento e contemplativo, como se decidisse se combinava com ela. — Há uma certa atmosfera em torno de você. Quase uma vibração, como uma carga de estática. É algo que encontro sempre, mas nunca em pessoas.

Zoey não sabia do que ele estava falando, mas era interessante.

— Onde você nota isso, senhor?

Ele continuou observando-a com um olhar carregado de significado.

— Apenas em artefatos das Terras Estranhas. — Parecia haver alguma implicação naquela frase, algo significativo, mas ela não tinha ideia do que era. E antes que pudesse perguntar, ele falou novamente. — De onde você é?

— Eu não sei — ela respondeu.

— Onde você cresceu, quero dizer — ele pressionou.

— Eu não sei — ela disse novamente, em voz baixa, pegando mais artefatos. Esse assunto não era algo sobre o qual ela gostasse de falar. — Eu não tenho muitas lembranças.

O Bibliotecário a analisou ainda mais intensamente. Houve uma longa pausa antes que ele finalmente falasse.

— Você sentiu a força dos artefatos quando os tocou. Aposto que pode sentir outras coisas também, não é, Zoey? — ele perguntou.

Zoey não respondeu, manteve as mãos sobre os artefatos que estava prestes a guardar, enquanto Max mexia as orelhas, curioso. Ninguém adivinhara suas habilidades antes, não apenas observando, e ela subitamente se sentiu desconfortável com o velho. Se ele tinha sido tão perspicaz, quem sabe o que mais poderia ser capaz de deduzir.

— Emoções, pensamentos, lembranças? — continuou o Bibliotecário. — O quê?

Zoey não disse nada, apenas olhou para o velho, perto dos primeiros degraus.

— Você pode me contar, menina, não há perigo nisso — ele disse. — Você pode confiar, eu garanto.

Zoey não estava convencida. Deveria dizer a ele? Ele já parecia saber a verdade, mas seria sensato confirmar? O que Mira ou Holt diriam? Mira confiava no velho — Zoey pôde sentir isso — e havia mais do que afeição ali, mas ela também tinha cautela perto dele.

Subitamente, ela sentiu algo se movimentando em sua mente. Os sentimentos desabrochavam e ganhavam vida, os mesmos que a tinham guiado antes. Quando ela os notou desta vez, a primeira coisa que sentiu foi raiva. Por que agora? Por que não apareceram mais cedo, quando poderia ter salvo Mira da Estática?

Os sentimentos a envolveram e ela os absorveu, compreendendo seu significado quase instantaneamente: ela deveria confiar no velho. Não havia pista do motivo; ela apenas sentia que era importante confiar. Eles queriam que ela dissesse tudo a ele.

Os sentimentos eram imprevisíveis, era verdade, mas, até onde Zoey sabia, eles nunca tinham lhe orientado de forma errada. Na verdade, apesar da frustração que às vezes sentia, ela começava a confiar neles, quase tanto quanto confiava em Holt e Mira. Sendo assim, seguiu novamente sua orientação...

— Sentimentos — ela disse. — Sentimentos de outras pessoas.

O Bibliotecário meneou a cabeça, como se esperasse aquela resposta.

— Você pode percebê-los — ele disse.

— É mais do que isso. É como se eu os sentisse também — ela respondeu. — Às vezes me dá medo.

— Eu imagino, Zoey — disse o velho, com sinceridade. — Mas há algo mais, não é? Muito mais?

Zoey contou o resto a ele. Contou sobre os sentimentos, como eles iam e vinham, como a guiavam. Contou como eles a haviam ajudado a curar dois sobreviventes e livrá-los da Estática, como havia feito com que ela desaparecesse apenas tocando os dois e desejando que isso acontecesse... e como

não conseguiu fazer acontecer quando tentou curar Mira, como nunca parecia ser ela que fazia aquelas coisas.

Durante todo o tempo, o Bibliotecário se manteve em silêncio, ouvindo e absorvendo suas palavras. Quando Zoey terminou, ele continuou em silêncio, pensando.

— Continue arrumando as prateleiras — ele disse, distraído. — Alguém precisa fazer isso.

Zoey recomeçou a guardar os artefatos, organizando-os agora por cor, como o velho queria. Ao fazer isso, notou que o Bibliotecário não estava mais olhando para ela. Ele estava mergulhado em seus pensamentos.

— Por que você está aqui, Zoey? — ele finalmente perguntou. — Na Cidade da Meia-Noite. Você veio por uma razão, não apenas para ajudar Mira. Estou certo?

— Os sentimentos me fizeram vir — ela disse. — Mas eu não sei por quê. Só sei que há algo aqui para mim.

O Bibliotecário manteve-se em silêncio por mais um momento; então olhou para Zoey.

— É possível que a incapacidade de usar seus poderes esteja ligada a sua perda de memória. As lembranças são o que nos fazem ser quem somos. Também é possível que elas tenham sido tiradas de você. Talvez para reprimir suas habilidades. Se for isso, esses seus... sentimentos devem tê-la trazido aqui por causa do Oráculo.

Aquela palavra sozinha não significava nada para Zoey, e era tão vaga que ela não tinha certeza de como deveria se sentir a respeito.

— Faz sentido — continuou o velho, pensando em voz alta — que eles tenham enviado você para cá por causa disso, mas como saberiam? Eles poderiam ser mais precavidos do que pensei? Ou... — Os olhos dele se voltaram para Zoey. Ele parecia estar considerando algumas coisas, coisas importantes, mas ela não conseguia senti-las, e isso a frustrava.

— Você está vendo a cortina pendurada na parede dos fundos da área de estudos? — ele perguntou.

Zoey olhou para a parede nos fundos, depois das mesas e cadeiras, depois

dos armários alinhados com artefatos cintilantes. Lá estava uma cortina vermelha e azul, com um padrão diagonal. Era provavelmente um velho tapete que o Bibliotecário havia reaproveitado, mas adicionava um pouco de cor às paredes negras que dominavam tudo.

— Estou vendo — respondeu Zoey.

— Do outro lado está o que você procura — ele revelou.

— O “oracle”? — perguntou Zoey.

A barba do Bibliotecário se franziu nas bochechas, indicando um sorriso, mas durou apenas um segundo.

— Sim, Zoey — ele disse a garota. — O Oráculo. Todos os meus alunos o visitaram uma vez. Mira também, mas ela era muito mais velha que você. Na verdade, quando você falar com ele, será a mais jovem a ter feito isso.

— O que ele faz? — Zoey perguntou, olhando para a cortina, perguntando-se o que haveria do outro lado.

— É um poderoso artefato — ele respondeu. — Talvez o mais poderoso já trazido até aqui. Eu o encontrei há muitos anos, quando ainda tinha forças para essas coisas. — Ele fez uma pausa, escolhendo as palavras. — O Oráculo revela a você as suas três maiores verdades, Zoey. Quem você foi, quem você é... e quem você será. A revelação nem sempre é... agradável. E nem sempre é clara. Algumas você terá de decifrar por si mesma, mas devem ser suficientes para nos dizer o que você deve fazer.

— Você acha que estou aqui para algo importante — disse Zoey, e aquilo não era uma pergunta.

O velho a estudou.

— Se você for o que penso que é... então, sim. Eu acreditaria nisso. Eu acreditaria que não é coincidência você estar aqui, Zoey. Neste lugar, neste momento. Na verdade, no seu caso... eu apostaria que coincidências não existem.

Zoey olhou para a cortina e a seguir para o Bibliotecário, confusa.

— Isso não faz sentido, eu sei. Mas fará, Zoey. E antes que você possa pensar. — Eles se olharam por um longo tempo antes que ele finalmente falasse novamente. — Deixe os artefatos aí, você pode terminar isso depois — ele disse, e Zoey colocou o último dos artefatos na prateleira. — Ao lado da cortina há um

pequeno baú numa prateleira, feito de madeira dourada. Abra-o e pegue uma das moedas que estão lá. Elas são moedas das Terras Estranhas, então use-as com cuidado, não remova do plástico antes que seja a hora.

— Como vou saber a hora? — perguntou Zoey.

— Você saberá, pequenina — o velho respondeu.— Não tenho dúvidas disso. Agora vá.

Zoey hesitou por um instante, depois fez sinal para que Max a seguisse. Ele se levantou e caminhou à frente dela pelos degraus que passavam pelas fileiras de mesas e cadeiras e levavam até a cortina vermelha e azul. Quando chegaram lá, Zoey viu uma fileira de prateleiras do lado esquerdo e um pequeno baú antigo, folheado havia muito tempo com uma substância seca dourada que agora descascava como folhas velhas.

Zoey abriu o baú; dentro dele havia muitas moedas, manchadas e desbotadas, cada uma embalada num plástico. Ela colocou uma na mão. Era a primeira vez que ela segurava uma moeda das Terras Estranhas, e sentiu uma leve vibração e um pulsar movendo-se em sua mão. Ela a segurou com força para impedi-la de escorregar.

Zoey olhou para a grossa cortina à sua frente.

Não era possível ver através dela e não havia indicação do que poderia haver do outro lado. O que estivesse lá, aparentemente era a razão para ela ter ido até ali, o motivo pelo qual atravessara um caminho tão perigoso. Agora que estava diante de toda a verdade, de um final, de repente não era mais tão fácil abrir aquela cortina.

Zoey fez como sempre fazia diante de momentos como aquele. Ela se perguntou o que Holt e Mira fariam, e a resposta era sempre a mesma: eles seriam corajosos, disse a si mesma. Eles fariam o que fosse preciso.

Zoey alcançou a cortina e abriu.

Nada além de escuridão a esperava do outro lado. A entrada de outro túnel se abria à frente e se estendia para além de onde a vista alcançava, por entre as sombras. Max gania apreensivo ao seu lado. Ela sabia como o cão se sentia. Zoey deu um longo suspiro e, juntos, atravessaram a cortina.

O ELEVADOR SACOLEJOU QUANDO parou, com um solavanco, numa fenda diante de uma das muitas saliências do Cofre. A primeira descida tinha sido tão acentuada que Holt pensou que fosse voar em direção ao teto e, quando pararam, seu estômago parecia estar nos pés. Ele tinha certeza de que aquela geringonça iria se partir ao meio em pleno ar e lançá-los no piso da caverna.

Mas o elevador aguentou, e tinha parado. Ele olhou para Mira, e ela estava sorrindo para ele, parecendo não ter sido abalada pela experiência.

— Que foi? — ele perguntou, franzindo o rosto.

— Não sei por quê — ela disse com um olhar divertido —, mas acho uma graça ver você assustado.

— Não estou assustado — ele insistiu, apesar de o coração ainda bater acelerado.

Mira pegou a mão dele ao passar ao seu lado.

— Venha — ela disse, e seu braço roçou no dele. Aquele toque rápido e suave e o perfume dos cabelos dela ajudaram a acalmá-lo.

Holt a deixou levá-lo para fora do elevador enquanto ele observava o Cofre mais de perto. De cima, as fileiras de prateleiras e armários que desciam em espiral pelas paredes pareciam parafusadas na rocha, mas, de perto, era claro que sua arquitetura era muito mais complicada.

Logo em frente ao elevador havia uma saliência rochosa entalhada na parede da caverna, uma das muitas que Holt tinha visto: uma plataforma produzida pela mão do homem, que se estendia por cerca de trinta metros nas duas direções, e mais uns seis metros para dentro da parede. Era naquela plataforma que estavam os armários, duas fileiras para dentro. O padrão continuava ao redor de Holt, para cima e para baixo, nas paredes circulares da caverna, estendendo-se a perder de vista em todas as direções. Plataformas recortadas na rocha continham centenas de armários e prateleiras e neles havia milhares de artefatos.

Holt saiu do elevador e pisou na plataforma, cometendo o erro de olhar para baixo. Apesar da profundidade a que o elevador bruscamente os levara, ainda estavam muito, mais muito distantes do fundo do abismo. Ele rapidamente deu um passo à frente, para longe do precipício. Nesse momento, notou que os armários estavam todos etiquetados, e as etiquetas estavam dentro de entalhes do

símbolo δ.

Mira foi até um armário específico, puxando Holt gentilmente com ela, e se virou na sua fileira.

— O que significa esse símbolo, afinal de contas? — perguntou Holt, observando como o cabelo vermelho dela roçava a curva do pescoço.

— Qual deles? — perguntou Mira.

— O que vocês colocam por toda parte, o que significa “artefato”. O que está nessas prateleiras e parece um Q de cabeça para baixo.

— É chamado de Constante de Feigenbaum — ela disse distraída, analisando os artefatos na prateleira. — No Mundo Anterior, era um número que aparecia por toda parte na natureza, em coisas que pareciam não ter um padrão, mas que tinham. Como uma torneira pingando, folhas caindo, flores desabrochando. É um dos principais números na teoria do caos.

— Mas por que foi escolhido para significar artefato?

— Pergunte ao Bibliotecário, foi ele quem escolheu — ela respondeu. — Mas acredito que tenha sido porque os artefatos são basicamente um caos da natureza.

Holt a seguia pelas prateleiras.

— O que o velho fazia antes da invasão?

— Era um cientista, e famoso, mas é tudo o que eu sei — ela explicou. — Ele não fala muito sobre o passado. Mas foi o primeiro a viajar para as Terras Estranhas, o primeiro a ver o núcleo. Ninguém sabe mais sobre aquele lugar do que ele. Nossa, provavelmente ninguém sabe mais do que ele sobre coisa nenhuma hoje em dia!

Mira continuava a examinar as prateleiras e foi aí que Holt finalmente as olhou por si mesmo. Seu estômago se contraiu quando se deu conta de que não estava cercado apenas por artefatos comuns, mas também pelos principais. Artefatos potentes das partes mais profundas das Terras Estranhas, coisas que não precisavam ser combinadas com outras peças para serem assustadoras. Elas já eram poderosas por si sós.

Perto dele, um microscópio antigo disparou um raio laser brilhante. Holt não tinha a menor vontade de saber o que veria se olhasse por ele. Do outro lado,

dois pedaços de uma régua de cálculo flutuavam e giravam um em torno do outro, como um planeta e uma lua, dentro de uma grande jarra de vidro vedada com cortiça. À direita, um pequeno relógio marcava as horas, mas seus ponteiros se moviam ao contrário e refletiam uma suave luz amarela. E havia mais, muito mais, em toda a volta, estendendo-se até o final da fileira, por todas as prateleiras e preenchendo a plataforma com cores, luzes oscilantes e sons estranhos.

Mira parou à frente dele, olhando para algo específico na segunda prateleira do armário.

— Aqui! — ela chamou, e Holt nem precisava ser Zoey para captar a preocupação na expressão dela. Ele olhou para ver o motivo de toda aquela agitação em torno do artefato.

O certo é que não parecia tão ameaçador. Era um ábaco, Holt sabia, um antigo aparelho para fazer cálculos, com pequenas contas vermelhas que deslizavam por fios numa moldura de madeira. Não estava brilhando nem se movendo; não pulsava, não flutuava nem fazia sons estranhos. Estava apenas ali, em silêncio, despretensioso.

Isso deixou Holt ainda mais cauteloso.

— Você terá de carregá-lo — disse Mira, desviando o olhar do artefato e focando nele. — Não posso segurá-lo com meu artefato. Talvez um não afete o outro, mas ainda assim pode ser que isso aconteça e, como os dois são perigosos, não quero arriscar.

Holt olhou para o simples ábaco, que aguardava, sereno, em sua prateleira. Ele queria discutir a questão, mas para quê? Era a única saída dali, não era? Ele se forçou a ir até lá e pegou o objeto.

Nada aconteceu. Ele estava inerte em sua mão, não parecendo diferente de nenhum outro objeto. De qualquer forma, ele o analisou com cuidado.

— Como é que funciona? — perguntou Holt, mantendo os olhos no objeto. — Sabe como é, para que eu saiba como não ativá-lo.

Mira o olhou de forma cética.

— Acho mais seguro não responder.

43. O ORÁCULO

ZOEY E MAX DESCERAM PELO túnel escuro que havia por trás da cortina. A menina estava com medo, mas seguiu em frente mesmo assim, segurando a moeda que vibrava suavemente, lembrando a si mesma de agir como Holt e Mira. Max a seguia em silêncio e, toda vez que ela parava, ele batia o focinho em seus joelhos.

Ela não imaginara que o túnel era tão longo, mas ele fazia uma curva e, desde que tinham começado a descê-lo, uma luz vermelha brilhava adiante e ficava cada vez mais brilhante. A luz não tremulava nem se distorcia: era constante, e a única iluminação dentro do túnel escuro. Fosse o que fosse, estava no final da curva.

Mais alguns passos e Zoey estava frente a frente com o Oráculo... e não era nada do que ela esperava.

Diante da garota havia uma máquina, tão grande quanto uma geladeira, com uma base de madeira e a metade de cima circundada por um quadrado de vidro. Tinha sido pintada em cores vibrantes, mas agora estava desbotada e velha. Na parte de cima, as palavras DORINA, A ADIVINHA estavam escritas em letras elaboradas e já desgastadas pelo tempo.

Ela se aproximou, finalmente capaz de ver o que havia dentro da caixa de vidro, na parte superior da máquina. Quando fez isso, Zoey deu um salto para trás, assustada, quase tropeçando em Max.

Dentro do vidro, o corpo sem vida de uma velha senhora a encarava através da luz vermelha cintilante. Em torno da cabeça, havia um tecido cintilante, com uma joia incrustada. No pescoço, vários colares lascados e quebrados. Zoey ficou tensa, olhando para aquela figura, esperando que ela saltasse através do vidro... mas a velha apenas ficava ali, completamente imóvel, os olhos abertos,

sem expressão, olhando para a frente sem ver nada. Max rosnou baixo atrás de Zoey, aparentemente não gostando muito daquela figura também.

Levou um instante para que a verdade entrasse na mente de Zoey. A mulher não era — nem nunca tinha sido — de verdade. Olhando de perto, Zoey viu que, na realidade, ela era feita de madeira. Ela só tinha metade do corpo, e a garotinha pôde ver as partes mecânicas e as engrenagens que um dia provavelmente faziam a velha se mexer e até falar. A máquina parecia algo que se encontraria num velho parque de diversões, e definitivamente tinha visto dias melhores.

Zoey se aproximou, fitando os olhos sem vida da cigana. Uma luz vermelha saía da máquina, apesar de não haver como ela estar ligada numa tomada e funcionando ali. Um ligeiro ronco emanava da caixa, que Zoey pôde ouvir quando se aproximou o bastante. Era profundo e baixo, mas bem suave, como uma cachoeira em algum lugar distante. Ainda assim, essas eram as únicas coisas que indicavam que a máquina era mais do que aparentava ser.

Os olhos de Zoey a percorreram de cima a baixo... e então pararam quando ela notou a ranhura na parte inferior, dentro de um círculo com um ponto de interrogação desbotado. Uma ranhura metálica e enferrujada, do tamanho exato para caber uma moeda.

Ela sabia que havia chegado a hora. O momento da decisão. Não havia sensações para guiá-la ali, nada para lhe dizer o que fazer. Mas ela sabia, ainda assim.

Zoey tirou cuidadosamente a moeda do plástico e a aproximou da ranhura. O ronco distante pareceu ficar mais alto. Atrás dela, Max gania nervoso, observando-a, captando as intenções da garota.

— Vai ficar tudo bem — ela disse, tentando se convencer também. — Eu não sei o que vai acontecer, mas ficará tudo bem. — Max a olhou, indeciso.

Zoey olhou para a moeda que pairava sobre a ranhura e suspirou. Como sempre, voltar não era uma opção. Seguir em frente era sua única saída.

Esforçando-se para ser corajosa, ela colocou a moeda na ranhura.

* * *

FOI COMO SE ZOEY tivesse sido sugada para o espaço. A iluminação desapareceu

até que tudo à sua volta se tornasse um denso campo negro, completamente desprovido de luz, e Zoey flutuava nele em um delírio de sentidos, nenhum deles parecido com aqueles a que estava acostumada. Tato, audição, visão, olfato — tinham todos se metamorfoseado e se misturado uns nos outros, e ela não podia dizer onde um acabava e o outro começava.

Enquanto flutuava, Zoey sentiu novamente o ronco, crescendo, envolvendo-a e se aproximando como o trotar de milhares de cavalos, mas, fosse o que fosse, ela não podia vê-lo se aproximar. Tentou se curvar ou virar, ou girar para sair do caminho, mas naquela completa escuridão, não havia como saber se estava mesmo se movendo.

O som ficou mais alto e forte até que a atingiu, preenchendo-a de sentidos fragmentados e desconexos com uma onda intensa de som e calor. Zoey tentou gritar, mas nada saiu. Era como se não tivesse boca, nem pulmões, como se não tivesse corpo... e era assustador.

O ronco continuou, rugindo em volta dela, arrastando-a para baixo, para um lugar que parecia tanto sólido como intangível, um lugar nenhum. Mas um lugar, ainda assim. Quando chegou lá, sua consciência foi preenchida por imagens...

ZOEY VIU UMA MENINA.

A menina era pequena. Muito pequena. Tão pequena que ainda não tinha aprendido a falar.

A menina estava em meio a uma multidão, com a mãe. Estava escuro, e as estrelas pontilhavam o céu escuro.

A menina nunca tinha tido permissão para ficar acordada até tão tarde, mas aquela noite era especial. Naquela noite haveria a chuva de meteoros sobre a qual a mãe tinha lhe contado.

Elas estavam com um grupo de pessoas sobre um mirante, onde as luzes da cidade cintilavam a distância.

A mãe segurava a criança sorridente nos ombros. Era uma de suas coisas favoritas —, Zoey sabia de alguma forma —, ver o mundo da altura da mãe, que era tão alta.

Zoey não se perguntou onde estava o pai da menina. Ela simplesmente sabia

que ele nunca estivera presente. Desde que a menina se entendia por gente, sempre tinha sido ela e a mãe. E aquilo sempre fora o suficiente.

Zoey ouviu a mãe dizer para a menina olhar para cima, e viu seu dedo apontando para as estrelas.

A menininha seguiu o gesto, animada, e engoliu em seco. Acima delas as estrelas se moviam. Elas estavam caindo. Cruzando o céu em pontinhos de luz.

Mas algo parecia errado. Elas não estavam tão distantes quanto deveriam estar.

Na verdade, pareciam muito próximas. Próximas demais. E se aproximavam ainda mais.

Enquanto Zoey e a menina olhavam, as estrelas cadentes se transformaram diante de seus olhos em rastros de fogo, caindo do céu por toda parte, estendendo-se de uma ponta a outra do horizonte, centenas delas. Talvez milhares...

Estava claro que uma das “estrelas” estava bem acima delas, caindo em direção à cidade, mais adiante. Era enorme, dava para notar, mesmo daquela distância. A garotinha nunca teria imaginado que as estrelas podiam ser tão grandes.

Gritos se alastraram pela multidão. Zoey e a menina viram as pessoas começarem a correr. Elas esbarravam na mãe, que lutava para continuar segurando a menina.

A mulher também começou a correr... e então parou, quando acima delas o céu subitamente se partiu ao meio num turbilhão de sons e cores.

Zoey e a menina olharam para cima a tempo de ver o ar ao redor da “estrela” cadente se distorcer de forma estranha... e depois, incrivelmente, viram o enorme objeto começar a diminuir de velocidade e parar, como se algo o congelasse no ar.

Uma onda de energia pura e ondulante emergiu do enorme objeto, resplandecendo, poderosa.

A mãe gritou, tirou a menina dos ombros e a segurou com firmeza...

... e então a onda as atingiu e tudo ficou branco.

Zoey estava lá quando a menina acordou, e a viu despertar meio grogue. Ela

estava sozinha, as duas perceberam isso ao mesmo tempo. A mãe tinha sumido. Assim como a multidão. Ela era a única que sobrara, e não havia explicação para...

Era de manhã cedo agora. Uma luz fraca e amarelada estava por toda parte, mas o sol estava escondido. Onde ele estava? O céu estava estranho, manchado de laranja, diferente de tudo que ela já tinha visto.

A menina olhou em volta com medo. Para onde tinham ido todos? Por que ela estava sozinha? Onde estava sua mãe?

Zoey viu a menina andar lentamente em direção ao mirante em que estavam antes. Quando ela viu onde estava, seus olhos se arregalaram.

A cidade era agora um amontoado de ruínas em chamas. Mas isso era o menos impressionante que Zoey e ela podiam ver.

O que estava diante delas era quase indescritível.

Em meio à paisagem destruída, elas viram enormes tornados de energia negra. Luzes que piscavam em jatos brilhantes de roxo e vermelho. Viram ondas de energia, esferas cintilantes de luz e escuridão... e uma espécie de torre a distância, partida ao meio, congelada no ar, estendendo-se bem acima do que sobrara da cidade.

E então algo rugiu acima da garotinha.

Elas olharam para cima e o céu estava cheio de máquinas pintadas de azul e branco, inclinando-se e girando nas loucas correntes de vento e energia que varriam tudo.

Uma delas a sobrevoou e desceu, aproximando-se cada vez mais, os motores rugindo.

Houve um clarão quando uma garra metálica presa a um longo cabo desceu em direção a ela.

No momento em que disparou, Zoey percebeu que ela não estava mais observando a menina; não era mais uma simples observadora.

Zoey era a menina, olhando pelos olhos dela enquanto a garra do Abutre se aproximava para capturá-la.

A menina era ela, Zoey sabia agora. Era ela pequena ainda.

E então a garra a alcançou, e tudo ficou escuro.

A ESCURIDÃO ENVOLVEU ZOEY novamente, um vazio sólido e negro como breu.

O ronco ainda a cercava, furioso, alto e irreconhecível. Para Zoey, era como se ela fosse sugada para cima, através da escuridão, mas não havia como saber ao certo. Ali, não havia alto nem baixo, nenhuma direção exata.

Os sons se intensificaram, abafando tudo, inclusive seus pensamentos. E a mente dela se encheu de imagens novamente...

ZOEY ESTAVA EM ALGUM LUGAR FRIO. Frio e escuro.

Não tão escuro quanto o lugar de antes; nada era tão escuro quanto aquilo. Mas ainda assim, escuro.

Zoey sabia que haviam se passado anos desde que eles a tinham encontrado naquela paisagem caótica e destruída, completamente sozinha. E ela também conhecia aquele lugar. O mesmo local ao qual sempre a levavam. E ela sabia que estava sobre a mesma mesa de aço preto e ondulado, presa com as mesmas amarras grossas e estranhas.

O terror a dominou, porque ela sabia o que iria acontecer. A qualquer momento começaria. A qualquer momento...

As luzes se acenderam acima dela.

Eram fortes e brilhantes, cegando-a instantaneamente.

Era o mesmo aposento, as mesmas paredes com placas de metal preto que se moviam de forma ondulada e orgânica, para cima e para baixo, circulando-a e se estendendo para cima a perder de vista. De sua posição, Zoey era forçada a olhar diretamente para cima; e muito acima dela, absurdamente acima, ela viu luzes douradas se movendo de um lado para o outro.

As mesmas que ela sempre via.

Seja lá o que as luzes realmente fossem, era sempre fascinante observá-las pulsando uma ao redor da outra. De uma maneira que era quase reconfortante. Quase.

Ela ouviu um estranho som. Como um assovio, mas eletrônico e distorcido. E ela sabia que eles estavam ali. Zoey estremeceu quando viu seu corpo imóvel.

Duas máquinas pararam ao seu lado. Máquinas estranhas, tão altas quanto

um ser humano, com quatro pernas articuladas e poderosas, um tronco arredondado de onde saíam diversos braços mecânicos, braços que continham todos os tipos de instrumentos e ferramentas. Cada um tinha um olho trióptico no meio da testa, que emitia um zumbido quando girava e focava em Zoey.

Como sempre, as máquinas eram pintadas no mesmo padrão azul e branco.

Naquele momento começaria tudo de novo, Zoey sabia. Eles se aproximariam e levantariam os braços. Naquele momento, os cortes, as picadas e a dor começariam. Zoey sentiu as lágrimas se formando, sentiu o medo crescendo dentro dela. Por que eles tinham de machucá-la? Por que aquilo nunca acabava?

Mas, estranhamente, dessa vez, enquanto ela observava e esperava, as máquinas não se moveram.

Elas apenas a olhavam com seus olhos eletrônicos, assoviando incessantemente suas notas irritantes.

Ela não tinha certeza se aquilo era bom ou ruim. Significava que elas não iam mais machucá-la? Ou era alguma nova maneira que tinham encontrado para...?

Ela notou um brilho na pele de suas mãos e não era a mesma luz desagradável da sala.

Curiosamente, ela olhou para cima... e viu uma daquelas luzes que ondulavam no alto, aquelas que sempre estavam lá, agora descendo em sua direção.

Ela chegou perto o bastante para que Zoey visse o que realmente era.

Um campo de força intenso e vibrante, comprimido e num formato cristalino incrivelmente complexo. Ela já os tinha visto antes naquele lugar escuro e assustador, mas nada como aquilo. Normalmente, a luz que emanava deles era de um tom dourado brilhante. Esse, no entanto, era uma mistura de duas cores.

Azul e branco. Como as cores das máquinas ao seu lado.

As cores se mesclavam de modo tão perfeito que era impossível dizer onde uma começava e a outra acabava. Ao mesmo tempo, as duas cores eram diferentes e vivas, e enquanto descia em sua direção, o interior se iluminava em matizes de azul safira e neve.

Era lindo, Zoey pensou, enquanto observava. Como um floco de neve de cor pura, caindo gentilmente sobre ela.

O deslumbramento só passou quando ela ouviu os primeiros sussurros em sua mente.

Os sons eram diferentes de qualquer língua que ela já havia escutado, e se repetiam sem parar em sua mente. Havia um assovio também, de estática, e tudo crescia e aumentava quanto mais o campo de força se aproximava.

Estava a apenas alguns metros agora, e a luz era tão forte que encheu sua visão de estrelas azuis e brancas.

Zoey piscou e desviou o olhar, mas não havia como escapar dos sons em sua mente, da estática e dos sussurros que aumentavam. Eles ficavam cada vez mais altos, sobrepondo-se aos pensamentos, até que sua cabeça ameaçou explodir. Era assustador, e não havia para onde correr, onde se esconder.

Zoey lutou contra as amarras, tentou se soltar, mas elas eram muito fortes.

Mesmo com os olhos fechados, o brilho azul e branco atravessava suas pálpebras, e ela soube que aquela coisa estava bem acima dela agora.

Os sons em sua mente, os sussurros, a estática — tudo isso combinado num tom único, poderoso e assustador que preenchia sua mente e sufocava seus pensamentos. Ela se esforçou para abrir os olhos...

... e viu quando o gigantesco campo de força azul e branco mergulhou em seu pequeno corpo.

Uma onda de calor e dor a dominou e Zoey gritou quando aquela coisa penetrou, queimando em sua pele.

Os sussurros e a estática desapareceram.

Em seu lugar havia imagens. Uma enxurrada delas.

Centenas. Milhares. Milhões. Brilhando através dos olhos de sua mente, uma após a outra. Mas, de alguma forma horrível, o cérebro de Zoey registrou cada uma delas, dando-lhes significado, catalogando e absorvendo cada uma, várias e várias vezes.

Estranhos planetas gravitavam em torno de estranhos sóis. Máquinas pintadas de cores diferentes marchavam por milhares de mundos. Estrelas implodiam em buracos negros. Campos de energia dourada flutuavam pelo

espaço, rodeados por frotas de naves negras.

A intensa luz azul e branca desapareceu quando foi totalmente absorvida pelo corpo de Zoey, e a sala se tornou visível novamente.

As imagens continuaram vindo rapidamente, uma após a outra, e a dor crescia em sua cabeça enquanto a mente tentava absorver aquilo tudo. Era como ver todas as lembranças coletivas de um milhão de pessoas ao mesmo tempo.

Ela ouviu o assovio eletrônico novamente, mal conseguindo distingui-lo em meio a tantas sensações, mas ainda assim o ouvia.

Zoey viu as duas máquinas se aproximarem, com os braços erguidos... e de repente ela se sentiu tomada por uma raiva intensa que se sobrepôs ao medo. Ela sentiu... outra coisa também. Um sentimento. Um pressentimento de que podia impedi-los se quisesse. De que sabia como impedi-los. Os sentimentos, seja lá de onde viessem, a impeliam, lhe davam direção... e ela se deixou levar.

Automaticamente, sem pensar, Zoey se projetou mentalmente para dentro das duas máquinas à frente. Não havia outra forma de descrever a experiência, e era como se tivesse feito isso incontáveis vezes antes, mesmo sabendo que nunca tinha feito.

Ela podia senti-las agora, as máquinas. Mais do que isso, ela era as máquinas. As duas máquinas ao mesmo tempo. Ela sentiu o poder delas, a energia fluindo por seus corpos, a força de suas engrenagens e mecanismos. Ela viu através de seus olhos mecânicos, ouviu através de seus ouvidos digitais.

Algo dentro das máquinas lutava para retomar o controle... mas Zoey sabia que elas não eram páreo para ela.

Zoey não tinha ideia de como fizera aquilo. Apenas observou as máquinas esbravejando e soltando faíscas, tentando resistir à sua vontade. Sentiu uma onda de satisfação ao forçá-las a se atracar, a cortar, arranhar e esmurrar uma à outra, da mesma maneira que tinham feito com ela tantas vezes antes.

Chamas surgiram das máquinas enquanto elas se contorciam e morriam.

Um som pulsante, eletrônico, rompeu na sala como um tipo de alarme.

Acima dela, as luzes começaram a piscar, centenas delas, iluminando o conteúdo do que Zoey agora via ser um poço negro e maciço das mesmas paredes orgânicas e onduladas de metal, que se estendiam para o alto a perder de

vista.

Algo se movia por aquele espaço, deslizando em direção a ela. Algo feito de luz e sombra.

A dor na cabeça de Zoey chegou ao extremo. A visão embaçou. Algo estava errado. Algo estava...

Tudo ficou escuro.

Quando Zoey acordou, estava numa sala escura... e seus pulmões estavam cheios de fumaça. Ela tossiu dolorosamente, tentando respirar. As chamas atravessavam as sombras, mas ela não conseguia ver os detalhes.

Ocorreu a ela de repente que não tinha ideia de como havia chegado ali, onde quer que estivesse.

De fato... não sabia de absolutamente nada.

Ela não se lembrava da outra sala; não havia lembranças das máquinas se atracando ou das luzes e do alarme. Só havia o nada. Sua mente estava em branco. Ela apenas sabia seu nome, e ele parecia estranho. Como o nome de um desconhecido.

À direita, algo se mexeu.

Ela gritou por socorro. E gritou novamente, até que um vulto surgiu diante dela.

Um garoto, mais velho do que ela, de cabelos desgrenhados e um olhar cético e impaciente.

Seu nome era Holt, Zoey sabia de alguma forma, embora não tivesse ideia de como. E os sentimentos lhe disseram para confiar nele.

A ESCURIDÃO NOVAMENTE. O NADA sólido e absoluto.

O ronco ainda estava em volta dela, zangado e insistente, empurrando Zoey para a escuridão, sobrepondo-se a tudo.

E sua mente foi inundada por imagens novamente...

ALGO GRANDE E MACIÇO irrompeu dos céus. Partículas de energia e escuridão giravam em torno dela como um poderoso redemoinho que obscurecia sua visão, mas Zoey ainda podia reconhecer sua silhueta: a mesma estrutura em forma de

torre que ela divisara na primeira visão, partida ao meio e congelada no ar, cercada pela mesma paisagem insana e caótica.

Zoey não viu nenhum sinal dela mesma, mas sabia que estava ali em algum lugar. Na verdade, era como se ela estivesse em toda parte ao mesmo tempo.

Ela percebeu que, ao olhar para a torre, estava olhando para si mesma. Zoey era a torre, por mais estranho que parecesse. Ela era a estrutura monolítica preta, partida, que emergia acima de tudo.

Ao se dar conta disso, outras coisas vieram, coisas que ela sentiu e pressentiu: Passados. Futuros. Presentes. Toda combinação possível de cada possibilidade em potencial convergia para ela naquele exato momento. E em todos os outros momentos.

Naquele instante, ela soube quem era, soube a verdade, por mais assustadora que fosse. E também soube que assim que a visão se fosse, o conhecimento desapareceria. Mas isso não importava. Tudo aconteceria novamente. Ela estaria ali novamente.

Ela viu outras coisas no turbilhão de tempos e lugares.

Viu como as extremidades se conectavam, como cada evento desde que tinha sido encontrada naquela colina a trouxera de volta àquele lugar.

Se ao menos o Bibliotecário pudesse ver isso. Será que ele acreditaria? Ou o velho já suspeitava?

Ela viu mais.

Os olhos de Mira se tornando completamente negros, Holt chorando de tristeza.

Vultos segurando estranhas armas em forma de lanças que brilhavam nas pontas, girando e lançando-as pelo ar.

Holt e outra garota, não Mira, uma garota de cabelos negros, beijando-se, cercados por pessoas gritando e vaiando em algum tipo de arena.

Mais caminhantes Confederados, todos os tipos que ela já tinha visto, mas esses não tinham cores; tinham sido descascados, sem explicação, até o metal prateado.

Navios Terrestres, como o Tesoura de Vento, muitos deles, avançando sobre uma parede de caminhantes, com canhões no convés, acendendo ao atirar.

E então as imagens se desfizeram como se fossem uma só, numa explosão poderosa de cor e luz...

ESCURIDÃO. O NADA.

O ronco cercava Zoey enquanto imagens, lugares e possibilidades desapareciam. Mas no lugar delas surgiu a constatação. Lembranças reorganizadas em sua mente desconexa, tudo que ela havia testemunhado fundindo-se num padrão que começava lentamente a fazer sentido. E ela podia perceber as sensações, as mesmas que a haviam guiado esporadicamente no passado. Era como se estivessem escondidas atrás de uma cortina, e essa cortina tivesse sido retirada. Elas lhe davam boas-vindas. Mesmo na escuridão, elas a acolhiam.

Mas Zoey podia sentir outras coisas agora também. Outras presenças. Similares aos sentimentos... mas não. Ela sentiu os olhos de tais presenças se voltando para ela, sentiu que a notaram e a sentiram quando ela fez o mesmo. Havia centenas de milhares delas. Milhões talvez. Algumas estavam perto, outras longe. E Zoey sabia o que eram: aqueles que a caçavam, aqueles dos quais ela estava fugindo. Com suas lembranças recuperadas, agora ela podia acessar partes de si mesma que lhe haviam sido negadas. Partes que haviam sufocado na esperança de restringir o seu poder.

Agora eles sabiam onde ela estava. Agora... eles viriam. Todos eles.

O ronco se fez ouvir mais uma vez, preenchendo de dor os sentidos de Zoey. E então recuou, deixando apenas paz e tranquilidade, e Zoey se sentiu andando, retornando ao seu corpo com uma série de novos sentimentos e lembranças que pareciam assustadoramente estranhos.

44. O VÉRTICE

HOLT SEGUROU NOS TRILHOS dentro do elevador, enquanto as correntes e cordas gemiam entre as polias e o lançavam com força de volta à plataforma.

Quando pararam, ele respirou aliviado. Subir tinha parecido ainda pior do que descer, e ele saiu do elevador e pisou no chão da caverna agradecido.

— Ei, foi divertido ou não foi? — perguntou Mira, atrás dele.

— Não foi — ele respondeu, secamente. Holt tinha a sensação de que podia sentir o peso exato do Gerador de Oportunidade em sua mochila. Ele esperava que começasse a vibrar, esquentar ou explodir a qualquer momento, mas o artefato apenas ficou ali, inerte e inofensivo. Seu silêncio apenas o deixava mais apreensivo.

— Onde está Zoey? — ele ouviu Mira perguntar e, preocupado, olhou para onde tinham deixado Max e a menina. Não havia sinal deles. Apenas o Bibliotecário, de pé nos fundos da área de estudo.

Holt fixou o olhar no velho. Ele sabia que não deveria ter confiado nele, mas tinha deixado Mira convencê-lo. A garota tentou segurá-lo, mas ele se soltou e irrompeu na direção do Bibliotecário.

— Holt! — ela gritou, mas ele a ignorou.

— Onde diabos está Zoey? — Holt perguntou, ao se aproximar. O velho não disse nada. — Onde?

O Bibliotecário olhou para Holt calmamente enquanto se dirigia para a extremidade da área de estudo.

— Com o Oráculo — ele disse, e Holt ouviu Mira ofegar.

— Você a mandou... para o Oráculo? — Mira perguntou, horrorizada, olhando para o Bibliotecário.

— Foi o que ela veio procurar aqui — respondeu o velho.

— Mas ela é muito nova, aquilo poderia matá-la!

— Se Zoey é o que penso que seja, então ela é mais especial do que vocês perceberam — ele respondeu calmamente. — O Oráculo não vai matá-la; ele vai desbloquear o potencial dela. Como fez com você, como deve se lembrar.

Mira desviou os olhos, atormentada. O que quer que fosse o Oráculo, Holt podia notar que não deixara uma boa impressão em Mira.

— E se você estiver errado? — ela perguntou, num sussurro.

— Então os fracos estão sendo extirpados, como é do nosso feitio — ele disse, muito prático. — Mas a verdade é que... eu raramente me engano.

Holt já tinha ouvido o bastante das charadas do velho. Elas faziam menos sentido que as de Zoey. Ele olhou para Mira.

— Onde está esse Oráculo? Eu vou buscá-la.

Mira abriu a boca para responder, mas o Bibliotecário a interrompeu.

— Acho que você tem preocupações mais urgentes — ele disse, olhando para alguma coisa atrás deles.

Holt se virou e viu algo no teto. Em meio às estalactites havia um pequeno buraco. E do buraco, três ou quatro cordas caíram de repente sobre a plataforma do elevador.

Segundos depois, alguns garotos deslizavam por elas; mais de vinte, parecia, desciam pela plataforma, um após o outro. Holt notou que estavam todos vestidos de vermelho.

— Os Lobos! — gritou Mira, assustada. Aparentemente, a facção conhecia caminhos secretos até para o Cofre de Artefatos. Se Holt não os tirasse dali rapidamente, eles provavelmente seriam mortos.

O olhar do Bibliotecário se endureceu e sua mão tocou um artefato prata e preto atado ao seu braço esquerdo. O artefato cintilou e zumbiu brevemente e então uma cortina de luz surgiu atrás dele. O Bibliotecário a atravessou sem pensar duas vezes e desapareceu ao fechar da cortina.

Holt fez uma careta.

— Ótimo, obrigado pela ajuda! — Ele se virou novamente para Mira. — Onde está esse tal de Oráculo?

— Atrás da cortina — ela disse, recuando e olhando os guerreiros Lobos

descendo na plataforma atrás deles, os olhos de todos voltados para os dois.

Holt pegou Mira pelo braço e correu através da cortina nos fundos da área de estudo. Ele imaginou que haveria um túnel do outro lado, e só esperava que os levaria para longe do...

Uma rajada de tiros rasgou o ar da caverna.

Aquele som significava que estava tudo acabado; assim, Holt e Mira pararam imediatamente.

— Sempre correndo para algum lugar, não é Mira? — perguntou uma voz familiar e fria. — Mesmo quando não há mais para onde ir.

Quando Holt se virou, entre as dezenas de Lobos, ele viu exatamente quem esperava ver, olhando diretamente para Mira.

— César — começou Mira, e era óbvio que ela tentava disfarçar o tom de medo na voz. — Posso explicar tudo.

— Tenho certeza de que pode, roja — disse César. Ele parecia ainda mais baixo do que Holt se lembrava, e ainda mais exaltado. — E eu vou te dar essa chance. Tragam-nos para cá. Arrastem pelos cabelos, se for preciso.

— Eu prefiro que você não faça isso — outra voz, uma nova, gritou do lado oposto da caverna, e os Lobos se viraram naquela direção.

Outro grupo de garotos estava na entrada principal do Cofre, olhando para os Lobos e para Mira, vestidos de cinza e branco.

Demônios Cinzentos, cerca de uma dúzia deles, bloqueavam a saída.

Holt avaliou rapidamente a situação e notou, apreensivo, que ambos os grupos estavam armados. Teoricamente, armas de fogo eram ilegais na Cidade da Meia-Noite, mas Holt ficaria surpreso se as facções não escondessem algumas para ocasiões especiais. E essa situação, pelo visto, era extremamente especial.

Todos os três grupos ficaram tensos ao avistarem uns aos outros, e estava claro, pelo olhar de ameaça, que não havia amizade entre Los Lobos e os Demônios Cinzentos. Lentamente, suas mãos começaram a deslizar para os gatilhos ou para as facas nas cinturas.

Como os Lobos e os Demônios Cinzentos poderiam saber que eles estavam ali?, Holt se perguntou. Eles tinham encoberto bem seus rastros. Alguma coisa

não estava se encaixando, mas Holt não tinha tempo para se preocupar com isso naquele momento. Ele e Mira estavam presos no meio dos dois grupos, o Bibliotecário tinha desaparecido e não havia para onde correr.

— Los Lobos — disse um dos Demônios Cinzentos, com desdém. — Vocês estão apenas com facas, então sumam daqui antes que alguém se machuque. Mira Toombs é problema dos Demônios Cinzentos.

Os membros dos Lobos os encararam com um ar desafiador e não fizeram menção de sair.

— Apenas com facas, talvez — respondeu César, no mesmo tom de escárnio. — Mas nunca derrotados, principalmente pelo grupo cinza e branco. Toombs nos deve mais do que pode pagar. Tentem pegá-la, se quiserem sangrar por isso.

Holt começou a puxar Mira para trás, na direção de onde Zoey deveria estar. Se não houvesse uma saída depois daquela cortina, eles estariam bem encrencados.

— Está bem — disse o líder dos Demônios Cinzentos casualmente. — Você quer morrer e nos dar os seus pontos, por mim tudo bem. Mas chega de ficarmos aqui conversando sobre isso.

A tensão se estendeu por mais alguns segundos... e então os Demônios Cinzentos atacaram com gritos de fúria. Assim como os Lobos.

Tiros ecoaram por toda parte e balas acertavam as paredes e o chão. Os dois lados atacaram com força total, facas e tacos balançavam, os grupos batiam e chutavam, tentando matar e mutilar.

Holt agarrou Mira e correu em direção à cortina. Mas antes de a alcançarem, Mira gritou quando mais tiros foram disparados atrás deles. Os dois se encolheram enquanto as balas passavam.

Holt puxou Mira para trás de uma mesa, para protegê-la de mais balas que voavam.

Holt viu que seis ou mais Lobos corriam para eles. A frustração o dominou ao se dar conta de que não havia nada que pudesse fazer. Quando eles o alcançaram, ele lutou assim mesmo. Derrubou dois deles antes que os outros saltassem sobre ele, e mesmo no chão acertou alguns golpes num terceiro.

De algum lugar distante, ele ouviu Mira gritar enquanto o esmurravam.

Assim que a visão de Holt começou a turvar, eles começaram a arrastá-lo. Ele sentiu Mira lutando acima dele, também sendo carregada da área de estudo, de volta ao elevador. Holt tentou lutar, mas não lhe restava muito mais força.

Ele ouviu os sons difusos de tiros e gritos. Com a visão embaçada, viu quatro Demônios Cinzentos correndo para eles, armas e facas em punho. Ele ouviu Mira gritar novamente...

— Parem! — uma vozinha gritou de algum lugar próximo. Mesmo parecendo fraca, a voz soou alta pelo enorme espaço vazio, chamando a atenção de todos.

Holt esticou o pescoço e viu Zoey parada na área de estudo. Max estava ao lado dela, rosnando baixo.

O rosto de Zoey estava indecifrável, nem assustado, nem amedrontado.

E então uma voz ecoou ao redor deles, de lugar nenhum em especial, preenchendo a gigantesca caverna.

— Me diga o que viu, menina. Você viu a Torre? — Era a voz do Bibliotecário, e isso interrompeu a caótica batalha.

Zoey olhou para o espaço vazio à sua volta e assentiu com a cabeça.

— Você estava lá quando aconteceu, então? Quando as Terras Estranhas se formaram? — a voz perguntou avidamente, ecoando pelas paredes do Cofre.

— Sim — respondeu Zoey. — E acho que logo estarei lá novamente.

Houve um rápido clarão quando a cortina de energia se abriu mais uma vez e o Bibliotecário a atravessou. Ele olhou para Zoey e balançou a cabeça, seus ombros pareceram afundar de alívio, como tivesse se livrado de uma grande tensão.

— Então você compreende. Bom.

De seu cinto, ele puxou um artefato grande e vermelho, preso a uma corrente de prata, e então empurrou algumas moedas para baixo, como botões. Quando eles estalaram, encaixando-se no lugar, o artefato começou a brilhar e a zumbir.

— Ei! — gritou César. — Afastem isso dele!

Mas os garotos não se moveram. Nenhum deles tinha vontade de atacar o

velho.

— Não deixarei vocês ferirem a menina ou os amigos dela — disse o Bibliotecário, e sua voz foi amplificada novamente, enchendo a câmara, ecoando poderosamente nas paredes. Os Lobos deram um passo para trás. — Eles têm muito a fazer, mais do que qualquer um de vocês imagina. — Seu olhar se voltou para Mira, e ela o olhou de volta. — Zoey é o Vértice, Mira. Cuja existência eu conhecia.

Holt não tinha ideia do que aquilo significava, mas os olhos de Mira se arregalaram, com o choque daquelas palavras.

— Sei que é difícil acreditar. — O artefato vermelho e prata em sua mão continuava a brilhar e a zumbir, como se estivesse carregando. — Mas ela vai convencer você sozinha, eu acho. Protejam Zoey e confiem nela, vocês dois. Não há nada mais importante neste mundo. E Mira... — A voz dele falhou quando seu olhar se tornou triste e profundo. — Você sempre foi minha favorita. Não lamente, garota. Não há tempo para isso.

O Bibliotecário lançou o artefato para a frente; ele atravessou o ar como uma bola de luzes piscantes e cores pelo ar, e desapareceu nas profundezas do poço.

Ele e Mira continuaram se olhando por mais alguns momentos... e então, lá de baixo, veio um urro zangado e furioso que cortou o ar como um trovão. Todos na caverna foram derrubados quando rajadas de vento subitamente passaram por ele, sugando-os para o fundo do poço, como se fosse um sorvedouro.

As duas facções gritaram quando foram lançadas para trás, arrastadas pelo chão, desaparecendo pela beirada em direção à escuridão abaixo.

O Bibliotecário, no entanto, manteve-se calmo e deixou o vento arrancá-lo do chão da caverna e lançá-lo para o poço, onde desapareceu.

— Não! — gritou Mira, angustiada, vendo o velho cair e desaparecer, para sempre.

Zoey segurou Max, que uivava, com uma mão e agarrou-se na sólida perna de um banco de trabalho com a outra, lutando para impedir que os dois fossem arrancados dali.

— Holt! Os elevadores! — gritou Mira enquanto o redemoinho arrancava

todos da plataforma.

Mira conseguiu agarrar-se à porta de um deles enquanto passava voando, e arrastou-se para dentro. Holt fez o mesmo, enquanto os Lobos gritavam de terror ao passar por eles voando.

Holt gemia enquanto se arrastava para dentro do elevador...

... e então outro vulto voou através da porta e se chocou contra a parede de trás.

César.

Ele e Holt se olharam e então o líder dos Lobos sorriu com malícia e avançou na direção de Holt, enquanto o vento uivava ao redor com tamanha força que os elevadores começaram a deslizar pela plataforma, bem na direção da queda íngreme do outro lado da borda.

César segurou os dedos de Holt, começando a desprendê-los da beirada.

Enquanto Holt lutava, olhou o garoto nos olhos.

— Al mal paso, darle prisa — disse Holt. — Se vai fazer algo errado, que faça rápido! — César hesitou. Holt sorriu. — É um bom conselho. — Ele agarrou César pelos cabelos e o puxou com força. O vento que soprava pela caverna entrou no elevador com força suficiente para fazer o garoto flutuar, e ele voou pela porta e caiu gritando no profundo abismo.

Holt deu impulso e subiu no elevador, enquanto sacudia e rodopiava com o vento violento. E então, finalmente, tudo se acalmou. Os elevadores voltaram à posição original. O uivo raivoso silenciou. Tudo ficou assustadoramente em silêncio.

Holt e Mira rastejaram para fora debilmente. Restavam seis ou sete Lobos e Demônios Cinzentos, mas estes estavam exaustos demais para fazer qualquer coisa.

Holt instintivamente buscou com os olhos...

Max correu para ele, lambendo-o e se esfregando, e Holt respirou aliviado. Zoey corria atrás do cachorro.

— Holt! — ela gritou.

Holt e Mira se levantaram, pegaram Zoey e correram em direção ao túnel que dava para o Santuário. Holt olhou para lá com intensidade. Eles

conseguiriam se se apressassem. Eles tinham chance de conseguir...

Mas atrás deles, o que sobrara das facções começou a se mexer.

45. A BATALHA DA CIDADE DA MEIA-NOITE

HOLT E OS OUTROS CORRERAM para a galeria principal da Cidade da Meia-Noite, os edifícios elevando-se aleatoriamente pela rocha negra acima deles, dos dois lados da rua subterrânea. Eles se apressavam em direção ao complexo dos Cavaleiros Perdidos, que ficava no extremo norte, do outro lado do Mural do Placar. A saída secreta era sua única chance de escapar, e o tempo estava se esgotando.

As pessoas ao redor de Holt se espantavam ao reconhecer Mira. Holt continuou em frente, mas a multidão se aglomerava e os espremia, tentando ver algo ou parar num determinado ponto. Estava ficando difícil passar por ela.

— Saiam da frente! — Holt gritou enquanto forçava a passagem, tentando abrir caminho, segurando as mãos de Mira e Zoey. Ele estava fora de si, sentia a oportunidade lhes escapando, apesar de tudo que haviam conquistado. Pegaram o artefato de Mira. Escaparam do Cofre. E, o mais importante, Zoey aparentemente havia encontrado o que viera buscar. Talvez ela pudesse curar Mira agora, Holt pensou, esperançoso. Talvez estivesse tudo ao seu alcance, finalmente. Mas a única maneira de descobrir era sair daquele maldito lugar.

Seu estômago deu voltas, como sempre acontecia quando um objetivo estava prestes a ser concluído. Os últimos passos eram sempre os mais complicados, os mais perigosos, o momento em que tudo poderia se perder. E a sensação da mão de Mira na sua o lembrava que, bem ou mal, ele tinha muito a perder. Aquele pensamento lhe deu forças e ele forçou caminho entre as pessoas, arrastando Mira e Zoey com ele.

Estavam quase lá. Estavam quase...

Tiros foram disparados atrás deles.

— Não deixem que escapem! Capturem Mira Toombs! — Holt e Mira

olharam para trás... e viram vários garotos de cinza e branco se aproximando. À frente deles vinha Leonora, um hematoma vermelho arroxeado ao lado da cabeça, onde Holt a acertara. Ela olhava para Mira com olhos fulminantes. O ódio que irradiava de Leonora era suficiente para que a multidão se abrisse à sua frente. Holt sentiu a mão de Mira segurar a dele com mais força.

— Saiam da frente! — gritou Holt, desesperado, voltando-se para a multidão adiante. Eles estavam quase lá...

Mas a multidão tentava contê-los. Max latia enlouquecidamente, avançando e fazendo com que as pessoas recuassem, mas não era o suficiente.

— Holt! — Zoey gritou amedrontada atrás dele. Mas não havia nada que ele pudesse fazer.

Holt sentiu diversas mãos sobre ele, agarrando, puxando, batendo. Sentiu uma dor pungente na cabeça e nas costelas, e o pior, sentiu as mãos de Mira e Zoey sendo arrancadas das dele, ouviu os gritos delas acima dos sons da turba da Cidade da Meia-Noite, ouviu Max uivar quando dois garotos o chutaram para longe.

Holt lutava, mas havia muitas mãos sobre ele, muitas pessoas com quem lutar.

A multidão se acalmou e se afastou de repente, então os Demônios Cinzentos surgiram, liderados por Leonora. Holt viu Zoey e Mira tentando se libertar das garras de um grupo de garotos, mãos tapando suas bocas.

Leonora avançou a passos lentos e predatórios, os olhos focados em Mira. A garota, por sua vez, também a encarava, recusando-se a desviar o olhar. Quando Leonora chegou até ela, esboçou um leve sorriso e gentilmente passou a mão pela bochecha de Mira.

— Minha Mira — disse, delicada. Mira tentou se esquivar do toque, mas os garotos a mantiveram no lugar. — Não acho que serei capaz de te ferir como você me feriu. — O toque gentil, quase carinhoso, da mão de Leonora se transformou num forte tapa no rosto de Mira. — Mas vou me esforçar para isso.

Holt sentiu a fúria crescendo dentro de si.

— Toque nela de novo, sua vaca, e eu te mato! — ele gritou, ameaçador, lutando para se soltar de seus captores. A raiva era tão intensa que ele nem notou

o primeiro de uma série de socos que finalmente o fizeram se calar.

Leonora não lhe dirigiu o olhar.

— Eu vou tocá-la, Forasteiro — respondeu a mulher, tirando uma faca da cintura num gesto lento e paciente. A lâmina cintilou quando se moveu na direção do rosto de Mira. — Farei isso e muito mais. Obriguem-no a manter os olhos aqui. Quero que ele veja isso.

Mira soltou um grito abafado, tentando livrar-se das mãos que a prendiam. Holt lutou com violência, mas foi inútil. As mãos que o seguravam eram muito fortes. A faca se aproximava...

.... e então a caverna inteira estremeceu.

Detritos e rochas caíram do teto e os edifícios desmoronavam, espalhando lascas de sedimentos. De fora vinha um estranho rugido.

Todos no salão, até Leonora, olharam para cima apreensivos.

A sala tremeu novamente, com mais intensidade dessa vez; os sons irrompiam da superfície. Sons profundos e fortes que só podiam ser uma coisa: explosões.

As trompas começaram a tocar pela cidade, ecoando alto contra as paredes grossas da caverna.

A multidão estava completamente imóvel, de olhos arregalados. Seja lá o que aquelas trompas significavam, poucos já as tinham ouvido, e a julgar pelo olhar em seu rosto eles não esperavam ouvir nunca mais.

Mas Holt não precisou descobrir o que significavam as trompas. Ele já tinha ouvido explosões de plasma o suficiente em sua vida para reconhecer um ataque dos Confederados.

Os garotos em volta dele entraram em pânico quando as trompas continuaram a soar. Holt sentiu desaparecer as mãos que o seguravam. Todos corriam de um lado para o outro.

No caos que se fez na enorme sala, Holt viu Leonora recuar e desaparecer entre a multidão de pessoas em desespero.

Holt caiu no chão, assim como Mira e Zoey.

Ele foi até elas, mas agora a multidão era um outro tipo de obstáculo. Não estava mais parada no lugar. Em vez disso, estava se dispersando, em pânico,

para todas as direções possíveis, e Holt gritou quando pisaram em seus braços, pernas e peito.

Ele teve que dar um jeito para ficar de pé e lutar com todas as forças para não ser arrastado pela multidão enlouquecida.

— Holt! — ele ouviu Zoey gritar de algum lugar acima, mas estava tudo misturado num mar de jovens correndo desesperados.

— Zoey! — ele gritou de volta, tentando encontrá-la, tentando chegar até ela.

— Holt, aqui! — Ele ouviu o grito dela vindo da direita e se dirigiu para lá, socando e chutando o que havia pela frente até ver a menina encolhida no chão, cobrindo a cabeça com os braços. Ele a ergueu e a colocou nos ombros.

— É tudo culpa minha — disse Zoey no ouvido dele. — Quando eu estava com o Oráculo, eles me sentiram. Eu senti eles. Acho que também me sentiram.

Holt apertou a perna dela, para consolá-la.

— Não se preocupe, neném — ele disse, abrindo caminho entre a multidão. — Provavelmente essa será a única vez que ficarei feliz em ver os Confederados.

Holt ouviu um latido à sua esquerda e viu Max esquivando-se e abrindo caminho entre a multidão. O cão não parecia tão mal e Holt acenou aliviado. Só faltava encontrar uma pessoa e ele olhou por cima das cabeças ao redor, um furacão de pessoas em pânico se espalhando em todas as direções.

Mas não havia sinal de Mira. Ela desaparecera, enterrada em algum lugar na multidão.

— Ela está por ali — disse Zoey, apontando para a esquerda. Holt instantaneamente começou a se mover e a gritar por Max. O cão os seguiu enquanto abriam caminho pela multidão desesperada.

DÚZIAS DE CAMINHANTES azuis e brancos, Aranhas e Louva-a-deus chegavam à represa como enxames, marchando pelas várzeas com seus terríveis canhões de plasma iluminando e acertando a gigantesca estrutura conforme se moviam. Tiros irrompiam dos dois lados, espalhando nuvens de concreto por toda parte. Predadores rugiam acima, circulando sobre o local do ataque, dando cobertura para que cargueiras Águias-marinhas aterrissassem e descarregassem mais

caminhantes no campo.

Era uma aterrorizante demonstração de força. Estava claro que os Confederados planejavam tomar a Cidade da Meia-Noite rapidamente.

Mas a cidade não estava sem defesas. Jovens usando as cores das diversas facções, com suas diferenças momentaneamente esquecidas, corriam para os canhões posicionados na muralha — armas antigas de artilharia e outros armamentos humanos, armas novas que atiravam grandes balas de sucata de metal compactada e um ou dois canhões Confederados reaproveitados. As armas ganharam vida, explodindo, revidando o ataque, lançando jatos de plasma para baixo, sobre o exército invasor.

Explosões incendiavam e sacudiam o solo das várzeas, e o vale do rio rapidamente se transformou num campo de batalha.

Mas os Confederados avançavam com facilidade. Para cada caminhante que a Cidade da Meia-Noite derrubava, mais quatro eram descarregados pelas Águias-marinhas que vinham atrás. Os canhões dos caminhantes e as baterias de mísseis abriam caminho, semeando a morte que vinha do céu.

Mais explosões sacudiram a represa, jovens voavam para todos os lados, canhões explodiam e eram destruídos.

Os Predadores também abriram fogo, esmagando as defesas a partir de cima. As garras metálicas dos Abutres desciam do céu, agarravam e arrancavam a defesa inimiga de suas posições, que gritava ao ser arrastada para longe.

Um enxame de Louva-a-deus voava adiante dos Aranhas, seguindo para as entradas principais da cidade. Eram pequenos o suficiente para caber nos túneis que levavam até a galeria principal. Se eles conseguissem entrar... estaria tudo acabado. E rápido.

Gritos de ordens e comandos cortavam o ar, e alguns dos defensores começaram a abandonar os seus postos, correndo para as entradas, prontos para se juntar às defesas dos túneis e frear o ataque dos Confederados.

MIRA E LEONORA SE ENGALFINHARAM, ao rolar pelo chão. A multidão estava em volta delas, um tumulto caótico de pés e pernas. A mochila de Mira se rasgou e caiu dos ombros dela quando Leonora a imobilizou. Ela tentou se soltar,

encontrar uma defesa, mas Leonora a segurava.

As mãos da mulher deslizaram pelo pescoço de Mira e começaram a apertá-lo.

— Tudo isso — disse Leonora com desprezo, apertando com mais força. — Tudo isso é culpa sua.

Mira olhou em volta, buscando qualquer coisa que pudesse salvá-la, qualquer coisa que pudesse...

Ao seu lado, ao alcance do braço, estava a mochila, rasgada e aberta.

Por um momento, ela esqueceu que as mãos de Leonora a asfixiavam, tirando sua vida, e esqueceu a dor. Tudo que via era uma maneira de se livrar daquilo, e estava ao seu alcance. Ela sabia que era algo que jurara nunca usar. Mas tinha motivos para se manter viva. Coisas a corrigir e pessoas para ver novamente, pessoas com as quais se importava. Ela faria o que precisasse fazer, mesmo que isso a enojasse. Mesmo que a condenasse.

Seu braço se esticou na direção da mochila e ela remexeu seu conteúdo com os dedos, freneticamente.

Leonora não percebeu; estava focada no rosto de Mira.

— Sabe o que mais me magoa, Mira?

Mira estava vendo estrelas, a visão escurecia, os pulmões pegavam fogo. A mão encontrou o que estava procurando dentro da mochila, ela lutou para segurá-lo, e o perdeu... mas o encontrou novamente.

— O que você fez apaga o nosso passado — Leonora disse, enquanto seus dedos apertavam ainda mais. — Todas as nossas lembranças, todo o tempo que passamos juntas, tudo que você significou para mim... está tudo arruinado agora. Você destruiu isso. Como destruiu este lugar.

A mão de Mira deixou a mochila, segurando algo com força.

— Como eu vou destruir você agora — vociferou Leonora, apertando com mais força.

E usando o que lhe restava de força, Mira empurrou o artefato — aquele que lhe causava repulsa e pavor ao mesmo tempo — sobre Leonora e abriu a tampa do cronômetro de latão.

Uma luz negra jorrou do interior do cronômetro, num cone de sombras

pulsantes e fulgurosas que pareciam se contorcer como se compostas de milhares de vermes escuros e pútridos.

Leonora guinchou quando a luz a atingiu, e seu aperto afrouxou no mesmo instante. Ela tentou recuar, mas o feixe de escuridão a manteve no lugar, fazendo-a gritar e tremer.

E Mira gritou com ela. Embora a força total do artefato tenha atingido Leonora, o efeito sanguinário se espalhou e atingiu Mira também.

Sua mente se encheu com os chiados, sussurros e assovios da Estática, mas de uma maneira que ela só tinha sentido uma vez. Eram quase tangíveis, como um tipo de energia viscosa, oleosa e pestilenta que invadia sua mente. E doía. Muito. Mais do que ela podia recordar.

Acima dela, Leonora continuava a gritar. Horrorizada, Mira assistiu os olhos verdes transparentes de Leonora — olhos que tanto se pareciam com os dela — serem tomados pelos dedos de aranha, venosos e negros. Assistiu até que o preto se solidificasse, até que os olhos da mulher ficassem completamente negros, até que o aperto que ainda restava na garganta de Mira se soltasse, e a pessoa que costumava ser Leonora desaparecesse.

No esforço para fechar o cronômetro, Mira focou cada fragmento de concentração que conseguiu reunir. E lentamente, dolorosamente, de alguma forma, ela conseguiu.

Quando ele se fechou, a vil energia negra desapareceu e Mira caiu de lado, quase inconsciente.

A Estática continuava a soar em sua cabeça, furiosa e sussurrante, invadindo a sua mente, e ela sabia que, mesmo que tivesse sido atingida apenas parcialmente pelo feixe, no estado avançado em que estava, isso seria suficiente para terminar o serviço.

Ela não estava com medo. Estava calma, na verdade podia ouvir os sussurros mais claramente agora, podia entender o que significavam; pela primeira vez, conseguia entender seu falatório insistente.

Venha, eles pareciam dizer. Ande. Siga. Integre-se. Renda-se. As palavras se repetiam. Uma vez após outra, ganhando poder e força. E, lentamente, ela sentiu que começava a se entregar a eles...

De repente, Mira notou uma presença familiar acima de si, uma presença que ela amava, e quase conseguiu atravessar a escuridão avassaladora. Quase.

A presença a segurou; ela sentiu seus braços a envolverem. Sua mente lentamente se desligava, mas ela sabia que ele devia estar triste, sabia que devia estar se torturando.

Mas era tarde demais agora. Ela tinha recebido o que merecia.

HOLT SEGUROU MIRA nos braços, olhando para seus olhos quase completamente negros, e viu que ela estava prestes a sucumbir, assim como Emily.

Leonora jazia em estado letárgico, sucumbida ao lado deles, de olhos fixos no teto do salão principal. Mira não estava em melhores condições, mas ainda era ela mesma, ainda estava consciente. Por um fio. Ele viu o artefato de Mira caído no chão ao lado da mão dela. Ela devia tê-lo usado para se salvar de Leonora, mas fora afetada por ele também.

— Zoey! — Holt gritou. — Pegue as coisas de Mira, rápido!

A menina pegou o horrível objeto com forma de relógio de bolso embaçado e o jogou na mochila de Mira, enquanto a turba enlouquecida se acotovelava e gritava em volta deles. As explosões continuavam a invadir a cidade, mais estrondosas, mais próximas. Holt sabia que era apenas uma questão de tempo até que os Confederados a invadissem.

— Mira! — ele gritou, sacudindo-a com força, tentando atravessar o nevoeiro na mente dela. Ele não iria perdê-la, não agora — Mira! Acorde. Você consegue, concentre-se em minha voz!

— Holt! — ela sussurrou, olhando para ele. Os olhos de Mira estavam tão negros que ele não podia nem sequer ter certeza de que ela estava olhando para ele. — Eu o usei... eu usei...

— Eu sei — disse Holt, olhando ao redor, tentando encontrar uma rota de fuga. — Eu sei. Está tudo bem.

— Não está... — ela respondeu, muito fraca. — Eu disse... eu nunca deveria... — O tremor em sua voz, o esforço evidente que ela fazia para falar agora, partia o coração de Holt. Ele precisava tirá-los dali. — Me deixe... — ela conseguiu dizer, e Holt sentiu seu sangue gelar. — Passou da hora... o que eu

mereço... me deixe... leve Zoey para...

Holt a sacudiu enquanto ela falava, dessa vez com ferocidade:

— Nunca mais diga isso! — ele gritou. — Eu nunca vou te deixar! Entendeu, Mira? E você não vai me deixar! Não vai!

Mira desabou em seus braços, mas ainda assim ele continuou sacudindo-a. Sacudiu até que ela finalmente respondeu:

— Ok... Holt... — ela disse, muito fraca. — Não vou... deixar...

— É bom que não deixe — ele disse, levantando-a. Ele a ergueu sobre os ombros, lutando contra a multidão agitada e em pânico.

Ele viu a sala do Mural do Placar à frente deles, mas havia centenas de pessoas apavoradas entre eles. Era preciso muita energia para...

Gritos tomaram o interior do salão principal. Holt olhou para trás e viu os portões da cidade se abrirem bruscamente e inúmeros caminhantes Louva-a-deus invadirem, atirando com os canhões de plasma e dizimando tudo. Pessoas eram derrubadas, caíam ou voavam pelos ares com as explosões.

Os Confederados tinham penetrado o interior da cidade. Estava tudo acabado agora. E Holt sabia que eles estavam atrás de Zoey.

46. O GERADOR DE OPORTUNIDADE

JATOS DE PLASMA IRROMPIAM NO AR enquanto um número crescente de Louva-a-deus forçava a entrada na cidade. Holt viu quando painéis se abriram na lateral dos caminhantes e dúzias e mais dúzias de pequenos objetos mortíferos se elevaram no ar, zumbindo e soltando faíscas.

Eram mais ou menos do tamanho de bolas de futebol, com pequenos motores turbinados que os mantinham no ar. Os Sobreviventes os chamavam de Espiões, pequenos mecanismos que podiam se espremer em espaços estreitos, onde os caminhantes maiores não podiam chegar. Seus canhões de plasma eram pequenos, mas não menos mortais, e eles tinham a desagradável capacidade de se explodirem quando queriam.

Holt já tinha visto um deles acabar com dezenas de garotos daquele jeito, dentro do poço de drenagem de alguma cidade em ruínas. Não era algo em que ele gostasse de pensar muito.

Max latiu quando os Espiões se ergueram no ar e seguiram em frente, espalhando do alto a morte ardente. Os Louva-a-deus avançavam pela multidão, pisoteando as pessoas ou lançando-as pelos ares.

O que restara da defesa da Cidade da Meia-Noite estava lutando valentemente contra os alienígenas, mas o esforço não era suficiente. Suas armas e estilingues atingiam os caminhantes sem feri-los, e os Espiões eram muito ágeis para serem facilmente atingidos.

Ainda assim, eles insistiam, recusando-se a deixar seu lar ser tomado sem luta. Alguns estavam com tacos e bastões e os lançavam no ar sobre naves não tripuladas, derrubando-as. Outros se empilhavam sobre os caminhantes em grandes grupos, tentando derrubá-los, puxando os cabos e fios eletrônicos, na tentativa de destruí-los.

Era o caos. Holt precisava tirar todos dali. E tinha que ser agora.

Ele olhou para a sala do Placar, a trinta metros de distância, mas a multidão em frente a Holt ainda era compacta e estava em pânico, correndo freneticamente para todos os lados. Caminhantes Louva-a-deus e Espiões estavam por toda parte, atirando, zumbindo e explodindo.

Seu coração estava apertado. Ele teria de carregar Mira e cuidar de Zoey e Max também. Seria praticamente impossível conseguirem.

Holt ouviu mais uma vez as palavras de Mira em sua mente: Deixe-me, ela disse. Deixe-me e vá.

Holt afastou aqueles pensamentos com raiva. Ele não a deixaria. Ele nunca faria isso. Tinha de haver um jeito. Sempre havia uma resposta.

Holt parou quando algo lhe ocorreu. Uma solução. Tenebrosa e drástica. Mas ainda assim uma solução.

Rapidamente, ele tirou o antigo ábaco da mochila e o segurou. O Gerador de Oportunidade não fez nada, apenas ficou ali, na palma de sua mão, esperando, e Holt o observou com apreensão.

— Não... — disse Mira ao seu lado, mal conseguindo esticar a mão para tocá-lo. — Não... vale a pena...

Holt se encolheu quando mais explosões sacudiram o salão principal. Os Louva-a-deus estavam quase chegando até eles, os tiros de plasma se intensificando. Mira ergueu os olhos para ele, fraca, desfalecendo, deixando-o, assim como Emily. E, quando acontecesse, seria culpa dele novamente...

Holt franziu a testa e olhou para Zoey e Max.

— Fiquem perto de mim, está bem? — ele disse, analisando o ábaco, inseguro, tentando entender como funcionava. Para testar, fez a única coisa em que pôde pensar. Ele deslizou uma das fileiras de contas até a parte de cima.

Um lampejo de energia amarela na forma de uma esfera perfeita surgiu, expandindo-se o suficiente para envolver os quatro.

— Não... — Holt ouviu Mira murmurar. Mas era tarde demais. Estava feito. Mesmo que ele não pudesse dizer que se sentia mais “sortudo” do que antes.

Mais tiros de plasma, mais explosões. Um dos enormes edifícios da rua desmoronou numa massa de escombros. Eles tinham que sair dali.

— Vamos! — ele gritou, e seguiram em frente como se fossem um só. A multidão ainda estava adiante; assim como os Confederados, seus canhões faiscando e disparando energia letal por toda parte, suas pernas esmagando e chutando as pessoas conforme avançavam.

Holt achava que a multidão iria atrapalhar, impedindo-os de avançar e forçando-os a voltar.

Mas a massa apavorada abria caminho conforme eles se aproximavam, dando-lhes passagem. Holt sorriu. Estava funcionando. Ele quase podia correr a toda velocidade em meio à turba em polvorosa.

Conforme andava, Holt notou que outras pessoas tentavam passar ao mesmo tempo, e viu que eram bloqueadas, puxadas para baixo e pisoteadas. Mas tinha de ser uma coincidência, não é? É claro que não havia uma ligação entre...

Um par de caminhantes Louva-a-deus se posicionou diante dele, bloqueando a passagem, de armas em riste.

Holt arrastou outra fileira de contas para o topo do ábaco, e uma esfera de energia laranja se acendeu em torno deles.

Chamas explodiram da base de outro edifício quando mísseis se chocaram contra ele.

A estrutura desmoronou numa chuva de concreto, madeira e metal, que caiu bem em cima dos dois Louva-a-deus, atingindo-os antes que eles tivessem chance de atirar.

Ali perto, outro grupo de pessoas era bloqueado por um par semelhante de Louva-a-deus... e ele viu os jatos de plasma os acertando e os lançando pelos ares.

Holt fechou os olhos momentaneamente, mas se forçou a continuar andando. Ele tinha de salvá-la. Tudo valia a pena para salvá-la.

A sorte fez o mar de pessoas se abrir à frente deles, e eles entraram na sala do Placar. Holt observou a caverna, a parede gigantesca de números, nomes e listas se estendendo bem acima deles. De alguma forma, era sinistro. Aquele lugar era o centro da cidade, e vê-lo tão vazio enfatizava o quanto a situação era desesperadora.

— Todos se foram — disse Zoey, baixinho, pegando a mão dele.

— É — Holt murmurou, examinando a caverna. Gritos e explosões ecoavam atrás deles. Havia três túneis que davam para o Mural do Placar, e apenas um deles levava até os Cavaleiros Perdidos. — Mira — disse Holt, olhando para ela por sobre o ombro. — Mira, qual deles? Eu não sei que caminho pegar.

Mira murmurou algo que ele não conseguiu entender. Ela estava quase perdida, partindo. Holt tinha de se apressar. Ele olhou suas opções: as três diferentes aberturas nas paredes negras. E escolheu uma... torcendo para que os efeitos do Gerador de Oportunidade funcionassem para a escolha dos túneis tanto quanto funcionara para evitar jatos de plasma.

Houve mais explosões atrás deles. Holt viu uma tropa de caminhantes Louva-a-deus se aproximando.

Ele correu, puxando Zoey, e Max acelerou na frente deles. Jatos de plasma cortavam o ar e o chão ao redor, e Holt rezava para que o ábaco pudesse mantê-los vivos por tempo suficiente para alcançarem o complexo. Mira tinha dito que ele funcionava apenas por pouco tempo, e não havia como saber quando acabava o seu poder.

— Aguente firme, Mira! — ele disse enquanto corria. — Aguente firme! — Mira não fez nenhum som, nem sequer se mexeu nos ombros dele, exceto por um leve balanço para cima e para baixo. Por favor, faça com que ela ainda esteja aqui. Por favor...

47. OS CAVALEIROS PERDIDOS

ELES ATRAVESSARAM O TÚNEL e depois a abertura que os lançou numa sala bem diferente do que Holt esperava. Não era uma caverna como as outras. Paredes de concreto e aço se estendiam até um teto liso e reto, dezenas de metros acima. Canos de metal serpenteavam pelas paredes e escadas e passarelas velhas e enferrujadas estendiam-se entre elas. Na parte mais alta, claraboias tinham sido construídas há muito tempo no teto, permitindo que a luz do sol penetrasse desde a superfície.

Os Cavaleiros Perdidos haviam encontrado e habitado uma parte da própria represa.

A sala estava cheia de guerreiros dos Cavaleiros Perdidos, preparando-se para lutar contra os alienígenas que invadiam a cidade e estavam prestes a golpear seu próprio portão. Quando Holt entrou, todos apontaram suas armas diretamente para ele. Max rosnou e Zoey instintivamente se protegeu atrás das pernas de Holt.

Do lado de fora, ele podia ouvir gritos e berros, tiroteio e explosões, assim como o zumbido dos Espiões. Todos na sala olhavam nervosos para o túnel que levava para fora.

— Não atirem! — gritou uma voz do centro da sala. Uma voz delicada e feminina, não muito diferente da de Zoey, exceto por estar cheia de maldade e falsidade. — Ao menos não por enquanto. — Holt viu quando os jovens, todos vestidos de vermelho e laranja, afastaram-se para que a menina pudesse passar.

Era Amélia.

Os olhos dela fitavam cada um deles intensamente, analisando Holt, Zoey, Max e finalmente pousando em Mira, caída sobre os ombros de Holt. Ela sorriu com deboche.

— Se você a trouxe para vendê-la, não acho que valha muito agora.

Os olhos de Holt se estreitaram.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que a recompensa dela foi paga pelos Demônios Cinzentos — respondeu Amélia, caminhando lentamente em direção a eles, prendendo o olhar de Holt. — E pelo que ouvi dizer, os Demônios Cinzentos não são mais a facção que costumavam ser. A líder deles se foi. Seu contingente diminuiu. Na verdade... ouvi dizer o mesmo sobre Los Lobos. É tudo tão trágico...

As explosões e os sons de batalha que vinham de fora foram subitamente esquecidos enquanto Holt juntava as peças.

— Você contou a eles — ele deduziu, olhando para a menina à sua frente. — Você disse aos dois que estávamos no Cofre. Foi assim que eles souberam. — Holt viu o sorriso de Amélia se alargar e sentiu a raiva crescer. — Você apostou que eles se matariam uns aos outros na loucura de pegar Mira, e assim os Cavaleiros Perdidos estariam no topo daquela parede idiota cheia de números lá atrás.

O sorriso de Amélia desapareceu.

— Aquela parede de números é tudo — ela esbravejou. — Você não consegue ver? O Mural do Placar é ordem e estrutura. É significado. De onde você vem, não há sistemas, nem desenhos, nem fórmulas para te dizer o que fazer, nada que diga o que é certo ou errado. Aqui... há regras. E as regras fazem sentido. Nós vivemos ou morremos de acordo com elas. A cidade da Meia-Noite é o mundo, Holt, como costumava ser, só que mais honesto. Nós reconstruímos o mundo dentro desta caverna, só que melhor desta vez. E, se eu pudesse, agradeceria aos Confederados por nos dar a chance de criá-lo.

Holt olhava para ela, para todos eles, como se fossem loucos.

— Você quer agradecer aos Confederados? — ele perguntou. — Acho que você está prestes a ter sua chance. — Ele ergueu o Gerador de Oportunidade para que Amélia o visse e o olhar dela se tornou perigoso. — Você quer esta coisa ou não quer?

— Ah, sim, Holt. Eu quero. E como estamos aqui... por que não me passa o artefato de Mira também? Leonora era Imune, e se os rumores sobre ela ter

sucumbido forem reais, então tenho uma boa ideia sobre o que isso faz... o que o torna ainda mais valioso do que o Gerador de Oportunidade.

— Isso não vai acontecer — disse Holt, com firmeza.

Amélia riu, e os outros a acompanharam.

— Bem, não somos de confiança? — ela perguntou, num tom de malícia. — Matem-nos rápido. Temos outros visitantes para receber.

Os Cavaleiros Perdidos ergueram suas armas. Max rosnou violentamente.

— Holt... — Zoey sussurrou atrás dele, o medo transparecia em sua voz.

Holt fez a única coisa em que pôde pensar. Restavam duas fileiras de contas no ábaco em sua mão. Ele puxou as duas para cima.

O ar ao redor brilhou rapidamente numa esfera carmesim...

... no exato momento em que os Cavaleiros Perdidos puxaram os gatilhos.

Holt se encolheu quando todas as armas na sala falharam simultaneamente e explodiram, lançando seus donos para trás, mortos ou gravemente feridos. Os que sobraram recuaram em choque, olhando em volta freneticamente.

— Ele está usando o Gerador! — gritou Amélia, ao se dar conta. — Ataquem!

Os Cavaleiros Perdidos olhavam para Holt, mas nenhum deles se moveu.

— Agora! — Amélia gritou.

Os jovens se enrijeceram, o medo que tinham de Amélia era mais forte do que o que tinham da sorte de Holt. Eles avançaram... e tiros de plasma cortaram o ar, deixando buracos na parede de concreto acima deles, espalhando detritos por toda parte.

Os jovens em frente a ele entraram em pânico e começaram a correr.

Holt agarrou Zoey e correu através do caos enquanto o zumbido dos Espiões enchia o ambiente. Ele sabia que caminhantes Louva-a-deus já deviam estar por perto àquela altura.

Dois Cavaleiros Perdidos avançaram para bloquear seu caminho.... mas foram rapidamente derrotados por jatos de plasma vindos de cima.

Ele continuou em frente, escolhendo uma porta aleatoriamente na parede do outro lado da sala.

— Peguem ele! — ele ouviu Amélia gritar. — Peguem ele ant... — O som

da voz dela se perdeu em meio ao estrondo de uma explosão. Holt sentiu o calor em seu pescoço enquanto corria.

Mais Cavaleiros Perdidos bloqueavam a passagem... e foram rapidamente esmagados por uma chuva de concreto e vidro, quando uma claraboia desmoronou sobre eles. Sua sorte estava resistindo, por pior que fosse.

Tiros irrompiam por toda parte, mas nenhum deles era destinado a ele. O que sobrara da defesa dos Cavaleiros Perdidos estava atirando nos caminhantes e nos Espiões zumbidores. Holt ouviu gritos e urros de dor e o som de corpos atingindo o concreto. Mas não olhou para trás. Ele tinha de tirar Mira dali. Tinha de salvá-la. Tinha de...

Holt chegou à porta que ficava no canto da sala. Em letras garrafais desbotadas lia-se: ACESSO À SALA DE CONTROLE — APENAS PESSOAS AUTORIZADAS.

Ele a abriu de uma vez e empurrou Zoey e Max para dentro... e arriscou olhar para trás.

O lugar estava um caos agora. Diversos caminhantes Louva-a-deus tinham forçado a entrada, e estavam surpreendendo e alvejando a defesa dos Cavaleiros Perdidos. E então ele viu algo ainda pior. Todos os caminhantes seguiam na direção de Zoey, trinando alto. Eles a tinham visto, Holt deduziu. E isso significava que todos os caminhantes na cidade estariam ali em breve.

Holt se lançou pela porta e ela bateu atrás dele. Havia um ferrolho sobre ela e ele o fechou. Aquilo não manteria os Confederados longe por muito tempo, mas lhes daria tempo.

Do outro lado da sala havia um lance de escadas que se estendia na escuridão. Eles se apressaram, correndo o mais que podiam. O peso de Mira estava se tornando um grande fardo e as pernas dele começavam a fraquejar. Mas Holt continuou em frente, forçando-se a subir.

Abaixo, ele ouviu fagulhas e um gemido estridente, como se alguma coisa começasse a atravessar a porta. Quando ela se abriu novamente, uma tempestade de Espiões explodiu atrás deles.

Mas aquilo não importava agora. Acima deles havia uma série de portas na parede de concreto, no final da escada. E depois disso... estava a liberdade. Eles conseguiriam, Holt disse a si mesmo. Eles conseguiriam.

Holt alcançou a porta e irrompeu por ela.

Do outro lado havia outra sala de concreto. Era pequena, com pouco mais de dez metros quadrados. Uma parede estava cheia de janelas e abaixo delas havia uma longa sequência de botões, alavancas e telas inúteis, envelhecidos e enferrujados, que deviam ser usados para controlar as funções da represa. A luz do sol entrava difusa.

Holt parou, estático, olhando pelas janelas. A amplitude de toda a planície alagada se estendia diante dele, e ele via a batalha se desenrolando lá embaixo.

Dezenas de caminhantes Aranhas azuis e brancos marchavam em direção à represa. Saraivadas maciças de jatos de plasma e mísseis incendiavam o ar, chocando-se contra a estrutura, espalhando fogo e pedras por toda parte. Ele sentia o chão estremecer a cada golpe.

Voos de Predadores tomavam o céu, seus motores rugindo sobre o centro de controle, atacando com seus próprios canhões. Abutres e Águias-marinhas circulavam bem acima, observando a ação, prontos para acertar qualquer coisa que se movesse.

— Não... — disse Holt a si mesmo, horrorizado. Não podia ser tão ruim quanto parecia. Tinha de haver uma maneira.

Uma escada no centro da sala levava ao teto, a apenas alguns poucos metros acima, onde havia outra porta, quadrada e metálica, com uma grande maçaneta que a mantinha fechada.

Holt colocou Mira no chão e subiu a escada. Ele moveu a pequena maçaneta e abriu a porta de metal...

... em seguida, saltou quando explosões de jatos de plasma passaram raspando, a poucos centímetros de seu rosto.

Ele caiu com força no chão, rolou e parou olhando para o céu, bem acima do teto, vendo os jatos amarelos mortíferos passar piscando, fragmentando o ar do lado de fora. Qualquer um que saísse seria instantaneamente derrubado.

Holt pegou o Gerador de Oportunidade. Ele o tinha ajudado até ali; poderia levá-los mais adiante. O único problema era que não havia mais contas para colocar para cima. Ele havia usado todas. Ele puxou uma fileira para baixo, e a levantou novamente. Nada aconteceu. Nenhum piscar de luz, nenhuma cor no ar.

O ábaco se mantinha inerte em suas mãos. Ele tentou novamente. E ainda assim nada aconteceu.

Com desânimo, Holt constatou a verdade: o artefato já tinha sido totalmente usado. Sua sorte havia terminado.

As explosões sacudiam a sala, o plasma incendiava o ar do lado de fora, mísseis chiavam e explodiam contra a represa. Era isso. Eles não conseguiriam ir mais adiante.

Estava acabado.

Um zumbido ecoou da escada e o som arrancou Holt de sua depressão. Os Espiões estavam subindo.

— Para trás! — gritou Holt para Zoey, enquanto se lançava para a porta e a fechava, colocando o ferrolho no lugar.

A porta sacudiu com força quando algo se chocou contra ela. De novo. E de novo. O zumbido cada vez mais alto.

Holt olhou para a porta, afastando-se. Devia haver dezenas deles na escada. Deus, quando eles entrassem...

— Holt... — a voz fraca de Mira chegou até ele.

Ele se virou instantaneamente, lançando-se no chão ao lado dela. Mira estava tremendo, olhando para o alto com seus olhos quase totalmente negros, alheia às explosões e à morte que se aproximava deles. Ela estava tremendo, extinguindo-se... e não havia nada que ele pudesse fazer. Não mais.

— Holt... — Mira repetiu.

— Estou aqui — ele se esforçou para responder, ouvindo o tom de derrota em sua voz. Ele pegou a mão dela.

— Zoey... — Mira disse a seguir, e a menina se aproximou. Zoey não estava chorando. Ela olhava para Mira com uma suave ternura.

As explosões irrompiam novamente lá fora, sacudindo a sala. O vidro ao longo de uma parede se estilhaçou e se despedaçou no chão.

A mão livre de Mira pegou a de Zoey, e delicadamente a colocou sobre a de Holt. Holt e a menina olharam um para o outro.

— Confie... — Mira tentou dizer, mas estava ficando difícil. O estômago de Holt se contraiu quando lhe ocorreu que era a última vez que ouvia a voz dela.

— Confie... em Zoey... — ela finalmente conseguiu dizer. As palavras mal faziam sentido para Holt. Ele sentiu-se entorpecer, sentiu qualquer traço de sentimento ou emoção morrer naquele momento. Desvanecendo-se com Mira. — E... obrigada... — ela continuou, as palavras quase inaudíveis agora, apenas sussurros que flutuavam em seu último suspiro consciente. — ... pela... dança...

Enquanto Holt era obrigado a assistir, a Estática finalmente levou Mira Toombs.

Os olhos dela reviraram e ficaram totalmente negros. Seu corpo relaxou e caiu nos braços de Holt. Ele olhava para ela entorpecido. Estava acabado. Ela tinha partido. E, assim como antes... ele era o culpado.

A angústia que sentiu naquele momento não era intensa. Era mais como um frio entorpecente. Um aperto gelado no coração que ele sabia, sem dúvida alguma, que nunca iria desaparecer.

As explosões do lado de fora eram irrelevantes. Não havia mais por que fugir. Tudo estava acabado. Tudo pelo qual ele havia lutado, tudo que o fizera ir até aquele lugar.

Ele tinha apostado e perdera.

À sua esquerda, ele ouviu um chiado. Um finíssimo feixe vermelho de laser atravessava a porta e começava a cortá-la. Tudo acabaria rápido; era o único consolo. E Holt ficou ali, com Mira em seus braços, até que aconteceu.

48. CRENÇA

HOLT ESTAVA SENTADO IMÓVEL com Mira nos braços. Ele apenas ficou ali, sem se mexer, indiferente. Ela logo iria se levantar, Holt sabia, tentar começar sua caminhada em direção ao Parlamento mais próximo; mas com a batalha sendo travada do lado de fora e o ar cheio de plasma incandescente, ela não tinha muita chance de conseguir. Perto deles, o laser continuava a cortar a porta. Não demoraria muito...

— Holt — chamou uma vozinha atrás dele, e o som o tirou de seu torpor.

Ele olhou para a direita... e viu Zoey.

Em sua dor ele havia se esquecido dela. Max estava ao lado dos dois, olhando para ele com olhos tristes.

Mais explosões do lado de fora; a sala tremeu. A mão de Holt ainda segurava a de Zoey e ele olhava para a menina. Aquela mera visão, de alguém tão pequeno e frágil em meio a todo aquele caos, o fez concluir que havia falhado não apenas com Mira.

— Zoey... — Holt começou a dizer, com a voz entrecortada. Predadores sobrevoavam do lado de fora, com seus motores rugindo, seus canhões explodindo e sacudindo a sala. — Zoey, eu sinto muito. Isso... Isso é tudo minha... — As palavras ecoavam em sua mente enquanto ele as dizia, porque ele sabia que era verdade. — Nós não devíamos ter vindo aqui. Eu não devia ter trazido você.

— Por que você veio, Holt? — Zoey perguntou, analisando-o com curiosidade. Quase como se ela o visse pela primeira vez.

— Eu queria salvar Mira e você, mas eu falhei. Exatamente como antes. — Holt acariciou os cabelos de Mira distraidamente. — Eu devia saber.

Zoey estava em silêncio ao lado dele. Ela não parecia estar pesando suas

próprias palavras, ou as de Holt.

— Há uma razão para que tudo isso esteja acontecendo, Holt — ela continuou. — Não é como você pensa... mas há razões.

Holt desviou os olhos de Zoey. Ele se sentiu cansado de repente, muito mais cansado do que jamais se sentira. Ele apenas queria que tudo terminasse.

— Se existem razões, neném, eu garanto que não estou vendo. Para ser franco, eu não vejo propósito em nada disso.

A mão de Zoey se manteve na dele por mais um instante... e então ela a tirou, levantou-se e foi até a escada que levava a céu aberto, onde estilhaços e fogo preenchiam o céu.

— Zoey! — Holt segurou a menina e a puxou de volta. — O que você está fazendo?

Zoey o olhou com tranquilidade.

— Preciso ir lá fora, Holt.

Ele estava tão atordoado que tudo que podia fazer era observar. As explosões continuavam atingindo a represa, e ele ouvia o rugido eletrônico assustador de inúmeros Aranhas gigantescos do lado de fora.

— Zoey, você vai ser feita em pedaços lá fora!

— Eu sei que parece que vou ser ferida, Holt — ela disse. — Mas eu prometo... não vou ser. Posso ver como as coisas funcionam agora. Eu não tenho todas as respostas, mas consigo sentir as coisas. Eu acho que sei quem eu sou. E o que preciso fazer. Mas para fazer essas coisas, preciso de sua ajuda. Preciso que você acredite, Holt. É o único jeito para conseguirmos isso.

Holt continuou segurando o braço dela. Ele não tinha ideia do que dizer.

— Zoey...

— Eu posso te ajudar, Holt — ela disse antes que ele pudesse terminar. — Posso encontrar sua esperança novamente. Posso te mostrar que grandes coisas podem acontecer. Até mesmo agora. — Holt olhou para a menina, ouvindo suas palavras tranquilas e confiantes. Ela nunca tinha falado daquele jeito antes, e isso era... de alguma maneira, reconfortante. — Mas eu preciso que você me deixe ir. Preciso que confie em mim, Holt. Você confiou em mim antes. — Ela o olhava com intensidade. — Confie em mim novamente.

Holt a olhava com uma mistura de emoções. Confie em Zoey, Mira tinha dito. Assim como o Bibliotecário. Uma parte dele, o que sobrara do que ele era antes, queria fazer exatamente isso. Mas ele conseguiria? Poderia apostar novamente, depois de tudo que já tinha perdido?

O laser continuava a cortar a porta. Estava quase terminando. A represa sacudia do lado de fora, gritos de dor misturados aos triunfantes ruídos eletrônicos ecoavam. Outra vidraça se espatifou perto deles.

— Me deixe ir, Holt — Zoey disse gentilmente. — Me deixe ir e tudo ficará bem.

Holt sentiu suas mãos tremerem ao se soltarem lentamente de Zoey. Não era uma decisão completamente consciente. Era mais como se outra parte dele estivesse no comando, uma parte inconsciente que talvez tivesse juntado as peças sozinha. De qualquer forma... ele não podia acreditar que estava fazendo aquilo.

Parecia errado. Absurdamente errado. A dor e a culpa que ele sentira um segundo antes tinham desaparecido, substituídas por um horror emudecido enquanto soltava a mão de Zoey.

Quando se viu livre, a menina se aproximou e tocou seu rosto gentilmente... depois subiu a escada até o teto. Max ganiu receoso ao vê-la se afastar.

— Zoey... — Holt a chamou, sua voz quase inaudível. Ela não olhou para trás. Ele a viu subir e desaparecer do lado de fora, em meio à agitação dos jatos de plasma que riscavam o céu em todas as direções.

À sua esquerda, o laser já tinha cortado quase uma linha inteira, paralela às dobradiças da porta, mas Holt não notou. As explosões se repetiam do lado de fora e ele fechou os olhos, mergulhando a cabeça entre as mãos. Deus, o que havia acabado de fazer? O que ele tinha feito?...

ZOEY CAMINHOU LENTAMENTE PELO telhado do velho centro de controle, sentindo o concreto duro sob os pés. Ela viu os mísseis, os jatos amarelos e os detritos voando pelos ares a toda volta, mas não ouvia nada daquilo.

Para ela, parecia que estava se movendo em câmera lenta em direção à beira do telhado, e tudo estava calmo e tranquilo, e não havia nenhum som. Apenas os

sentimentos, nas profundezas de sua mente, mas ela podia senti--los com facilidade agora. Não estavam mais fechados para ela.

O Oráculo, ao mostrar a Zoey o seu passado, tinha removido algum tipo de bloqueio. Foi o que o Bibliotecário falou. Os sentimentos estavam ligados às lembranças dela, porque as lembranças são o que fazem das pessoas o que elas são. Ela ainda não tinha todas as respostas, mas sabia quais perguntas fazer... e sabia onde precisava perguntá-las.

Mas aquilo era para mais tarde. Agora, as pessoas com quem ela se importava estavam em perigo. O tempo delas estava quase se esgotando.

O telhado terminava numa descida íngreme pelo altíssimo muro principal da represa. Jatos de plasma se cruzavam em volta dela, mas nenhum a acertou. Nenhum deles sequer se aproximou. E Zoey sabia que não iriam.

Abaixo, ela podia ver todo o campo de batalha, repleto de Aranhas destruindo o que restava da defesa da Cidade da Meia-Noite. Predadores rugiam pelo céu, seus canhões faiscando, destruindo tudo com tiros.

Zoey olhava tudo com calma, e sem medo. Ela invocou os sentimentos enterrados em algum lugar dentro dela, e dessa vez sabia que eles responderiam. Quando vieram, fluíram através dela com força e paz. E então esperaram.

Esperaram por ela.

Seria sempre decisão dela, Zoey sabia. Sempre escolha dela. E naquilo também o Bibliotecário estava certo. Ela não sabia direito ainda o que realmente eram os sentimentos, mas isso não importava. Tudo que importava era que eles estavam lá.

Zoey respirou lenta e profundamente. Fechou os olhos e se deixou levar.

Ela afundou no rio fluente que eram os sentimentos, e deixou que a levassem para onde quisessem. Ela sentiu suas mãos se levantando nas laterais do corpo. Os sentimentos a guiavam, lhe mostravam para onde olhar, e ela estendeu seus sentidos. E quando fez isso... sentiu as intenções dos sentimentos. Ela sentiu os pedaços e partes da represa, os antigos mecanismos que costumavam fazê-la funcionar, os geradores que no passado haviam controlado seu imenso poder.

E ela sabia o que fazer com tudo aquilo.

HOLT ESTAVA SENTADO COM A cabeça entre as mãos. Mira estava deitada, em silêncio e imóvel, no colo dele, olhando o teto sem ver, com seus olhos negros.

O laser crepitava do outro lado da porta, quase terminando sua tarefa. Os Espiões logo estariam do lado de dentro e, quando chegassem, seria o fim. Holt estava bem com aquilo; ele só queria que acontecesse agora. Queria que acabasse.

Além das janelas, ouviam-se mais explosões, mais urros, mais rugidos de Predadores. Zoey certamente estava morta: não havia como ela ter conseguido sobreviver lá fora com tudo aquilo. Ninguém poderia.

E então, em frente a ele, na outra extremidade da sala de concreto... um dos painéis de controle piscou.

Holt desviou os olhos de suas mãos e olhou para lá, confuso. Por que iria...?

Mais clarões. E mais. Luzes se acendiam nos terminais; botões começavam a se iluminar. Um dos monitores estava estourado, mas os outros piscavam conforme começavam a voltar à vida. De alguma forma, os controles da represa tinham se energizado.

Holt encarava tudo com assombro. Era impossível. As máquinas tinham parado de funcionar havia muito tempo; os circuitos deveriam estar todos queimados e quebrados. Não havia como eles funcionarem.

Vindo de baixo, ele ouviu um ronco. Profundo e poderoso, que fez o chão de concreto vibrar.

Não podia ser. Podia? Poderia ser Zoey...?

O laser cortante parou de funcionar e a porta estremeceu no batente.

Max latiu ferozmente e Holt se levantou depressa e se jogou contra a porta, fechando-a no momento em que se abria.

Ele ouviu um zumbido furioso do outro lado, sentiu a porta tremer enquanto os Espiões tentavam abri-la. Era apenas um pedaço de madeira sem dobradiças agora, e a única coisa que os mantinha do lado de fora era Holt.

Ele olhou novamente para os controles e viu que continuavam a acender e brilhar em meio à crosta de sujeira que se acumulara sobre eles ao longo dos anos. Abaixo dele, o ronco continuava a crescer.

Holt empurrou a porta novamente com toda a força que lhe restava, tentando se aguentar. Antes disso, ele teria deixado as máquinas entrarem e partirem todos em pedaços, mas agora... agora ele sentia uma fagulha de algo que quase tinha esquecido: esperança. E se aguentou ali por tudo que valia a pena.

NAS ENTRANHAS da represa, suas peças e partes velhas e quebradas começaram a se reanimar, como os órgãos de alguma criatura metálica e morta há muito tempo ao ser ressuscitada. E não era um processo suave.

Turbinas, enfileiradas numa grande sala com uma grossa camada de poeira, soltavam faíscas em torrentes, enquanto seus componentes se moviam e giravam. Engrenagens havia muito tempo enferrujadas rangiam ferozmente ao serem forçadas a se mover. A eletricidade faiscava e causava pequenas explosões ao passar por fios desgastados. O fogo explodia por aberturas e grades nas paredes. O metal gemia ao se partir e dobrar, num esforço para funcionar novamente.

E por toda a represa, o som retumbante crescia, cada vez mais alto, à medida que o maquinário antigo começava inexplicavelmente a ser reativado.

A PORTA SACUDIU E quase se abriu atrás de Holt, enquanto ele tentava desesperadamente mantê-la fechada.

As luzes do painel de controle estavam piscando com urgência agora, cada vez mais rápido. As informações rolavam pelo monitor que ainda funcionava. O ronco abaixo de Holt continuava a crescer.

As janelas do centro de controle davam para o muro principal da represa, que se estendia em ambas as direções. Os enormes portões de estrutura metálica se estendiam ao longo dele, contendo a imensurável quantidade de água.

Mesmo assim, Holt não tinha ideia do que se aproximava; quando aconteceu, ele mal pôde acreditar. Sentiu os joelhos tremerem e se dobrarem.

— Ah, meu Deus!... — Holt conseguiu sussurrar. E então o impensável aconteceu.

ZOEY OLHOU PARA SUAS mãos e braços e viu que estavam cobertos por uma

energia dourada ondulante.

Seu corpo verdadeiro estava esquecido. Ela era a represa agora. Era suas turbinas, geradores e controles; era a energia que corria através dos cabos e a pressão que crescia nos canos e conexões.

Ela percorria a estrutura, sentindo cada parte individualmente e como um gigantesco todo. Encontrou as partes que estava procurando, a função principal da represa, e mergulhou ali, preenchendo o espaço com sua energia e fazendo com que lhe obedecessem.

Embaixo dela, e em todas as direções, um som retumbava como o de um trovão.

Os portões gigantescos presos ao muro de concreto se abriram completamente, rangendo, espalhando faíscas e ferrugem.

Mas ainda assim se abriram.

Zoey assistia enquanto imensas cascatas de água irrompiam para fora da represa, rugindo e descendo como gigantescos obeliscos líquidos que se partiam e se espalhavam pela planície alagada abaixo.

No campo, os Aranhas urravam, não mais em tom de triunfo ou confiança. Agora eram sons de choque e medo, e Zoey viu dezenas e mais dezenas das gigantescas máquinas, antes à beira da vitória, darem a volta e fugirem da represa, o mais rápido que suas poderosas pernas permitiam, em direção às extremidades da várzea.

Mas era tarde demais.

O muro maciço de água rugia sobre elas, cobrindo tudo que surgia pela frente.

A inundação arrastou os Confederados. Zoey os viu serem derrubados quase instantaneamente e desaparecerem em meio à onda gigantesca.

Os Aranhas entraram em pânico, gritos de medo eletrônicos eram subitamente suplantados pela água, que os lançava ao chão e os cobria completamente. Zoey viu as máquinas estrondosas desaparecerem na corrente que rugia e as viu serem atiradas e reviradas como se não pesassem nada. E também as sentiu. Sentiu seu medo e terror quando suas carcaças se abriram e a água jorrou para dentro delas. E então, um instante depois, os sentimentos se

foram, desapareceram...

A força principal de caminhantes azuis e brancos tinha sido completamente dizimada.

OS QUE RESTAVAM DA defesa da represa viram admirados os portões se fecharem lentamente, interrompendo a poderosa inundação. À medida que a forte corrente de água começou a recuar, eles viram os inúmeros Aranhas azuis e brancos, imóveis, espalhados à sua frente, todos vencidos e destruídos, caídos e imersos na água, como cadáveres mecânicos.

A cor de suas armaduras não resistiu por muito tempo. Uma substância grossa e negra semelhante a ferrugem se formou em suas superfícies, espalhando-se e consumindo as máquinas, como um câncer metálico. Nenhum campo de força emergiu de seus corpos, nenhuma forma de luz cristalina. Só havia ferrugem.

Acima deles, os Predadores pararam de atirar, circularam mais algumas vezes e então seus motores rugiram quando eles se inclinaram bruscamente e voaram em direção ao leste, seguidos pelos Abutres e pelas Águias-marinhas. Vê-los recuar foi como observar uma nuvem negra gigante se mover no horizonte, encolhendo e diminuindo no céu até desaparecer.

Quando se foram, o vale do rio foi tomado por um silêncio estranho e surreal que parecia fora de lugar. Os estalos do fogo nas paredes e o ruído das águas batendo contra as margens eram tudo que se ouvia.

Pouco depois, uma comemoração aturdida e incrédula se fez ouvir num dos lados da represa. Rapidamente os vivas ecoaram ao longo das paredes, de uma centena de vozes jovens e extasiadas.

Enquanto comemoravam a vitória, alguns olhavam para cima, para a parte mais alta da estrutura. Uma silhueta brilhava contra o céu, um vulto pequeno, de uma menina de braços estendidos, as mãos e os olhos cintilando com um brilho dourado que não parecia deste mundo.

O vulto se manteve ali por mais um instante... e então desapareceu.

Rumores se espalharam a partir daquela breve visão, histórias que seriam contadas por meses seguidos. Lendas de uma menina que se manteve no alto da

represa enquanto jatos de plasma cortavam o ar ao seu redor, e que de alguma maneira tinha feito aquela velha estrutura voltar à vida. E salvara a todos.

Eram apenas rumores, é claro. Mas se espalhariam, ainda assim...

HOLT CONTEMPLAVA, TÃO espantado quanto os que estavam lá fora, a água parar de fluir e tudo voltar ao normal.

Ele precisou de um minuto para perceber que a porta não estava mais sacudindo às suas costas e o zumbido dos Espiões tinha acabado. Ele deu um passo para o lado e deixou a porta destruída se estatelar no chão. Do outro lado não havia nada além de uma escadaria escura e vazia.

Eles tinham sumido. Holt deduziu que aquele padrão se repetia por toda a Cidade da Meia-Noite. Sem o apoio daquela grande força do lado de fora, o que sobrara do grupo menor de Louva-a-deus tinha se retirado, levando os Espiões com eles.

A cidade estava salva. E Zoey tinha feito aquilo tudo. De alguma forma.

Ele viu quando a menina retornou pelo buraco no teto, descendo as escadas até o chão. Quando ela finalmente parou à sua frente, Holt a olhou de um jeito totalmente novo. Seu coração martelava enlouquecido no peito. Ele estava em choque.

— Zoey... — ele começou a dizer. Mas as palavras não saíram.

Max latiu e correu para Zoey, esfregando-se nela, e a menina lhe acariciou a cabeça e coçou as orelhas dele.

A seguir, ela se ajoelhou ao lado de Mira, com seus olhos negros e vazios. Zoey colocou as mãos no peito de Mira.

— Holt — ela disse. Algo de estranho em sua voz fez com que ele a olhasse; para as duas. — Preciso saber — ela continuou. — Você acredita?

Holt a fitou novamente. Dez minutos atrás, ele teria respondido que não, sem hesitar. Mas não agora. Apesar de tudo o que havia acontecido com ele, ou poderia acontecer a todos eles... havia finalmente um motivo para ter esperança. Ele só desejava que Mira também fosse capaz de ouvir a resposta.

— Sim — Holt respondeu com firmeza. — Eu acredito.

Zoey ficou em silêncio, analisando-o ou pesando sua resposta; ele não

estava certo. E, então, ela assentiu com a cabeça e olhou novamente para Mira.

— Segure a mão dela — disse Zoey.

Holt sentiu o coração começar a acelerar novamente. Ele se ajoelhou perto de Mira, do lado oposto ao que Zoey estava, e colocou a mão sobre a dela, pequenina e imóvel.

Zoey fechou os olhos. Holt ficou na expectativa, aguardado...

— Liberte-se! — disse Zoey, e uma luz dourada e ondulante envolveu os três.

Quando se dispersou, Mira inspirou ofegante. Seu corpo inteiro estremeceu e Holt a segurou até que os espasmos passassem.

Quando acabou, ela abriu os olhos. E o mundo pareceu parar de girar.

Eles estavam perfeitamente claros. Claros, conscientes e vivos. Os tentáculos negros da Estática haviam desaparecido, deixando apenas dois oceanos de um intenso verde-esmeralda.

Os olhos dela piscaram e foram entrando em foco, conforme ela retomava a consciência; e quando ela viu Holt, sorriu.

— Oi — ela disse, baixinho, olhando para ele.

— Oi — Holt respondeu. Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, passou os dedos pela bochecha e pelo queixo, sentindo cada pedacinho dela. Ele não podia acreditar.

— Ainda te dando trabalho — ela sussurrou. — Não estou?

Holt a olhou por um momento, sentindo a vida retornar suavemente até ele. E quando já não pôde mais se conter... Holt puxou Mira para ele.

O mundo se desvaneceu enquanto eles se beijavam, absorvidos e mergulhados um no outro, a proximidade suplantando qualquer outra sensação.

Max gania ao lado e Zoey estendeu as mãos e cobriu os olhos do cão. Ela abriu um sorriso largo e assistiu enquanto aquele momento parecia não terminar.

49. A TORRE PARTIDA

MIRA SE SENTOU COM AS COSTAS contra o antigo celeiro no qual tinham acampado na noite anterior. Após fugirem da Cidade da Meia-Noite, Holt voltara com Max para buscar suas armas e outras coisas que estavam nos armários da segurança, no portão principal, onde as havia deixado.

Não houve muita resistência, tudo estava ainda desorganizado após o ataque e, quando ele retornou, os quatro seguiram para o leste. E não pararam de avançar até que o sol começou a se pôr no horizonte. Foi nesse momento que viram a fazenda abandonada, cercada por enormes pés de trigo.

Era estranho, pensou Mira. O silêncio e a lucidez da vida sem a Estática. Ela não tinha percebido quanto tinha se acostumado aos sussurros e assovios constantes e insistentes em seu inconsciente, e ela permaneceu acordada por horas, pensando, ouvindo os grilos e os pássaros da noite, na escuridão do lado externo da porta de madeira do velho celeiro.

Em outra época, ela nunca teria notado. Os chiados da Estática tinham bloqueado tudo aquilo. Levaria um tempo para ela se acostumar.

Mira olhou e viu Max, dormindo próximo ao que restava da fogueira do acampamento. Ao lado dele, Holt arrumava suas coisas, descartando suprimentos de que não precisaria mais, separando e organizando o resto. Ele fazia tudo muito meticulosamente, com bastante exatidão, repetindo diversas vezes as ações que tinha decorado para sobreviver. Mira sorriu, sabendo que aquela parte dele nunca mudaria, embora outras pudessem mudar. Na verdade, ela estava feliz com isso. Era uma parte dele de que ela gostava.

Ela o viu parar de repente, observando algo em sua mão. Ela o reconheceu imediatamente, o velho ábaco, o Gerador de Oportunidade. Ele o olhava de um jeito atormentado, e algo incomodou Mira. Ele não tinha dito o que fizera para

tirá-los da Cidade da Meia-Noite com vida, mas ela sabia que o artefato tinha cumprido o seu papel. Mas se ele estava perturbado pelos resultados ou por outra coisa, não estava claro. Ela o viu colocar o artefato delicadamente ao lado da mochila.

Zoey se sentou ao lado de Mira, olhando para os raios de sol que atravessavam o ar pesado e empoeirado.

A menina também estava diferente. Mas não era de esperar? Mira também não tinha sido afetada pelo Oráculo em sua própria jornada? Aquela coisa mudava as pessoas, não importava quem fossem. Às vezes um pouco... às vezes muito.

— Você está pensando no Oráculo — disse Zoey, e Mira não se surpreendeu com a observação. Depois de tudo pelo que tinham passado, era difícil se surpreender com as habilidades de Zoey. — Eu não gostei — confidenciou a menina.

— O que ele te mostrou? — perguntou Mira.

— Muitas coisas — Zoey respondeu, desviando o olhar da luz do sol e voltando-se para Mira. — Coisas que entendi e... coisas que não entendi. Ele me fez lembrar. Não tudo, mas algumas coisas. Coisas que eu não deveria saber, coisas que me assustam só de pensar.

— Não temos que seguir em frente — disse Holt atrás delas, e as duas se viraram para ele. — Podemos parar aqui mesmo. Você não tem que fazer nada que não queira. Mira e eu vamos continuar te protegendo, não importa o que aconteça.

Zoey ouviu em silêncio.

— Não acho que eu poderia, mesmo que quisesse — ela disse. — E também não acho que seja certo. Se tem uma coisa que preciso fazer... é continuar em frente. Mas obrigada, Holt. — Zoey sorriu para ele.

Mira notou o olhar de Holt endurecer.

— Então vou te ajudar — ele disse. — No que você precisar. Você me pediu para acreditar, e eu acredito, e antes de encontrar você e Mira... isso era algo que eu nunca pensei que seria capaz de fazer novamente.

Mira sentiu uma estranha emoção nas palavras dele. Eles estavam mais

próximos do que nunca, mas, desde que ela o tinha beijado, beijado de um jeito que por muito tempo ela desejara, alguma coisa a incomodava. Ela também sabia por quê. Ele tinha perguntado, afinal de contas. Ela devia a ele a verdade. Mas como poderia contar a ele? Ainda mais agora, depois de tudo que tinha acontecido entre os dois? Será que aquilo era de fato a melhor coisa a fazer?

— Ele te disse o que você precisava fazer depois? — Holt perguntou a Zoey.

A garota parecia pensativa e Mira deduziu que ela estava revivendo o que tinha sentido com o Oráculo. Haviam se passado anos até Mira conseguir dormir uma noite sem sonhar com aquelas imagens.

— Ele me mostrou o início — respondeu Zoey.

— O início? — Mira estava curiosa. — Quer dizer que você precisa ir aonde algo começou?

Zoey confirmou com a cabeça.

— É um lugar? — insistiu Mira. — Como ele é?

Zoey descreveu parte do que o Oráculo havia mostrado e, quando fez isso, Mira reconheceu as imagens. Uma paisagem insana, destruída, repleta de impossibilidades. Algo como uma torre a distância, partida ao meio, congelada em pleno ar. Mira sabia o que era aquilo, mesmo nunca tendo visto por si mesma. Só podia ser uma coisa e, de alguma forma, parecia fazer sentido.

— A Torre Partida — disse Mira, sua voz quase um sussurro.

Tanto Holt quanto Zoey olharam para ela. Até mesmo Max olhou, por causa do tom da voz de Mira.

— Foi o que ela acabou de descrever — explicou Mira. — Eu não a vi, mas conheço Bucaneiros que já a viram.

Holt estava sem palavras, mas ele sempre se recuperava rápido em momentos como aquele e normalmente com um olhar amargo no rosto. Daquela vez não foi diferente.

— A Torre Partida — ele disse, com sarcasmo. — Bem, isso é um alívio. Eu estava com receio de que fosse algo difícil.

Zoey olhou para Mira com ar de interrogação.

— É difícil?

Mira sorriu para a menina.

— Fica no meio das Terras Estranhas, Zoey — disse Holt, antes que Mira pudesse responder. — De onde vêm os artefatos. É cheio dessas porcarias e agora vamos ter de marchar diretamente para o centro de tudo isso.

— Você tinha dito que antes precisávamos de uma coisa. — Zoey olhou para Mira. — Para entrar na torre.

— É verdade. — Mira procurou algo na mochila. — Uma substância radioativa. — Ela retirou dali o cilindro de vidro e o Amortecedor. O plutônio que ela tinha a intenção de trocar pela vida de Ben. Ela o mostrou a Zoey. — Algo que, por acaso, nós temos aqui.

Zoey sorriu.

— Viu, Holt? Vai ser fácil!

Holt olhou para elas novamente, e para o cilindro de vidro.

— É...

— Por que não leva Max para brincar lá fora? — sugeriu Mira.

— Ficar longe brincando com o Max! — exclamou Zoey, e Holt lhe passou a bola roxa e mastigada do cachorro. Max olhou para Zoey animado, de orelhas em pé. Ele correu atrás da menina, latindo entusiasmado, e os dois desapareceram sob a forte luz do sol, do outro lado das portas.

Holt e Mira, agora sozinhos, olharam um para o outro.

— Vamos conseguir mesmo chegar à Torre? — Holt perguntou, direto e objetivo.

— Eu nunca estive lá — ela respondeu. — Ben é a única pessoa que conheci que já chegou lá. Na verdade, Ben e o Bibliotecário, é claro. Mas outros já chegaram. Alguns até entraram.

— Quantos? — Holt perguntou.

— Cinco — ela respondeu, e Holt suspirou, agoniado. O pequeno número era a prova do quanto aquela jornada seria difícil. — Ao menos de acordo com os registros no Cofre, mas pode ter havido outros, eu acho. Bucaneiros não registrados na Cidade da Meia-Noite... mas é improvável. Ela fica dentro do núcleo, a parte mais profunda das Terras Estranhas... e a mais perigosa. As Anomalias que existem lá são mais mortais que qualquer coisa nos outros círculos. Apenas os melhores Bucaneiros conseguem sobreviver no núcleo.

Holt esfregou os olhos, cansado.

— Bem — ele respondeu, analisando tudo. — É uma sorte que a gente tenha a melhor, então. — Holt olhou para ela e Mira retribuiu o olhar. — O que o Bibliotecário quis dizer quando chamou Zoey de Vértice? — ele perguntou.

Mira havia se esquecido disso; tinha sido no meio de uma situação complicada. Será que ele realmente quis dizer aquilo? Se queria, como ele poderia saber? Era óbvio que ele estava errado...

— Mira?

— Sabe que quando as Terras Estranhas se formaram, durante a invasão, ninguém que estava naquela parte do mundo saiu de lá, não é? Eles simplesmente desapareceram?

Holt confirmou com a cabeça, com uma expressão sombria.

— O Bibliotecário acreditava que uma pessoa tenha conseguido sair — ela continuou. — Ele acreditava que a força vital de todos que estavam naquela região se rompeu e se fundiu... menos a de uma. Ele chamou essa pessoa de Vértice.

Holt parecia incrédulo.

— De onde foi que ele tirou essa teoria?

Mira sacudiu a cabeça.

— Quem vai saber? Ele era meio gênio, meio louco. Era uma equação complicada que ele sempre estava analisando. A coisa era técnica demais para mim, tomava seis quadros negros dentro do Cofre, mas ele acreditava, eu sei disso, e ele sentia que, fosse quem fosse, era muito importante. Mas ele nunca me disse por quê.

— Você acredita nele? — perguntou Holt, mantendo o olhar nela.

— Não sei — respondeu Mira. — Você acredita mesmo que Zoey controlou a represa?

— É a única coisa que posso imaginar — respondeu Holt com um olhar perturbado.

— Mas nada mostrava que ela tinha esse tipo de poder — disse Mira. — E por que ela teria? É algo muito específico.

— E ainda tem o fato de que aquela coisa toda estava quebrada e

enferrujada. Não devia ser capaz nem de funcionar. — Holt estremeceu de repente e se sentou num velho fardo de feno ao seu lado.

Ele levantou a camisa e examinou um corte profundo sobre as costelas. Mira estremeceu com ele ao ver aquilo. Devia ser algo que acontecera no dia anterior, durante a fuga.

— Deus, Holt, você dormiu com isso desse jeito? — ela perguntou com desgosto. — Você precisa cobrir esse machucado.

— Eu estava cansado demais ontem à noite — ele respondeu, ainda olhando o ferimento. Tinha parado de sangrar, mas estava coberto por uma crosta de sangue e sujeira. — Não achei que estivesse tão ruim.

— Bem, você pensou errado — disse Mira, olhando de perto. — Vou pegar seu kit de primeiros socorros.

— Na verdade — disse Holt —, eu estava... meio que esperando que você pudesse me ajudar com isso.

Mira parou de costas para Holt quando o peso do que ele dizia chegou até ela.

— Eu pensei que Holt Hawkins fazia tudo sozinho — ela disse, pegando o kit de primeiros socorros perto da fogueira. Quando ele se virou, seus olhos se cruzaram e os dois sentiram a ligação que havia entre eles.

— Bem, eu não consigo alcançar totalmente — ele respondeu, com cautela. — Pelo menos... não sem você.

Mira sentiu um suave calor fluir por seu corpo ao olhar para ele. Ela se aproximou, ajoelhando-se às suas costas.

— Eu cuido de você... você cuida de mim? É essa a ideia? — perguntou Mira, com suavidade. Ela sentiu a respiração de Holt quando suas mãos tocaram o ferimento e começaram a limpá-lo. Ele relaxou ao toque dela.

— Essa é a ideia — ele disse.

— Tenho que te contar uma coisa, Holt — ela disse, sentindo a boca seca de repente. — Você me fez uma pergunta — disse Mira. — Sobre Ben. E... eu acho que te devo uma resposta. Acho que você merece saber...

— Ei... — A voz de Holt era quase um sussurro, mas foi o suficiente para fazê-la parar. Mira olhou para ele e viu que ele a olhava com carinho. — Você

acha que pode me contar isso amanhã? — Holt perguntou. — Em vez de hoje?

Mira sustentou o olhar o máximo que pôde... e então voltou a olhar para o ferimento. Ela confirmou com a cabeça. Era engraçado como a vida lançava coisas sobre você. Podia ser injusto. Ela te dava coisas que você queria, coisas que te faziam feliz, coisas que você sabia que precisava... mas nunca pareciam vir na hora certa, não é?

Quando ela terminou de cobrir o ferimento, eles arrumaram suas coisas em silêncio e partiram uma hora depois.

SEGUIR PARA O NORTE PELAS planícies acabou sendo uma jornada árdua. Holt queria evitar as rotas mais diretas, sem entrar pelo mato alto ou pelos campos de trigo, porque isso deixaria uma trilha óbvia atrás deles. A decisão fez Mira se lembrar do prêmio pela cabeça de Holt e ela se perguntou novamente quem estaria procurando por ele. E por quê. Era algo que ele ainda precisava lhe contar, mas ela era paciente. Holt lhe diria quando chegasse a hora.

Conforme avançavam, Mira olhou para o ar. Tinham passado muito tempo na floresta ou debaixo do teto das cavernas da Cidade da Meia-Noite, sem sentir o calor da luz do dia; e a maioria que se aventurava fora das cavernas tinha pavor do céu.

Quando se acostumava com um teto a poucos de metros acima de você, olhar para o céu desorientava e atordoava. Eles diziam que era como se fossem cair para o alto, direto para ele, e sempre que Mira saía da Cidade da Meia-Noite, ela parecia entender o que eles queriam dizer.

À frente deles, o chão se inclinava para o alto e o topo de uma colina verde bloqueava a vista do horizonte.

— Max! — gritou Zoey, correndo para a frente. Max latiu entusiasmado e correu atrás dela.

— Zoey, não se afaste demais, por favor! — pediu Mira.

— Está bem! — gritou a menina, correndo com o cachorro até a colina para ver o que havia do outro lado. Mira e Holt ficaram para trás, caminhando juntos, e ela notou algo na mão de Holt. Aquela visão a preocupou.

— Holt — ela chamou —, por que o Gerador de Oportunidade não está na

sua mochila?

— Eu não gosto dele lá — ele disse, sem desviar o olhar. — Gosto dele onde eu possa vê-lo.

Mira observou melhor. Ela não estava certa, mas parecia que algumas contas tinham sido arrastadas para cima. Parecia que estava ativo. Com certeza Holt não estava usando o ábaco.

— Holt, por que você não coloca o ábaco na mochila?

— Está tudo bem, posso segurá-lo — ele disse. — Não me importo.

— Holt, eu realmente gostaria que você o colocasse na mochila. Não é algo que deva ser tocado.

Holt olhou para ela, e havia um brilho estranho nos olhos dele. Pensamentos e cálculos sombrios pareciam rodopiar por trás deles, e era algo que ela nunca tinha visto nele antes. Mas durou apenas um segundo.

— Certo, está bem — Holt concordou. — Esse negócio me dá arrepios, de qualquer modo. — Ele abriu um bolso da mochila e enfiou o ábaco ali. Mira não podia dizer se o artefato tinha sido ativado ou não, mas ao menos Holt não o segurava mais. Ele o tinha usado só uma vez, e ela duvidava que aquela curta exposição pudesse levar à compulsão... mas quem poderia saber? Era um artefato poderoso e ele não tinha falado nada sobre aquela experiência. Ela tinha deduzido que era apenas falta de vontade de discutir os efeitos negativos que tinha causado para salvá-los. Mas e se fosse mais do que isso? E se ele tivesse usado sua força máxima?

— Gente! — os gritos de Zoey do alto da colina arrancaram Mira de seus pensamentos. — Venham ver! Rápido!

Os dois ergueram o olhar e viram Zoey olhando para eles, impaciente. Holt sorriu para Mira e deu de ombros.

— Você na frente — ele disse, fazendo sinal para que ela passasse.

Mira também sorriu. Holt parecia ser ele mesmo novamente — provavelmente não havia por que se preocupar. Ela continuou andando e sentiu o chão se inclinar sob seus pés.

Eles subiram a colina e alcançaram o topo onde Zoey e Max estavam, olhando para o horizonte que agora se revelava diante deles.

Quando Holt viu o que havia lá, Mira viu o corpo dele perder a firmeza enquanto seu cérebro tentava compreender o que aquilo significava.

— Deus do céu! — ele exclamou, embora não passasse de um sussurro. Ele nunca tinha visto aquilo antes, ela deduziu.

Mira instintivamente procurou a mão de Holt, e sentiu quando ele a segurou com força. Ela olhou para o norte e viu se descortinar uma paisagem que estava além de qualquer descrição. Ela tinha visto paisagens como aquelas inúmeras vezes, mas o primeiro vislumbre, de uma distância como aquela, sempre lhe causava arrepios. Ela trazia consigo uma emoção e um espanto tangíveis e Mira nunca deixara de sentir um arrepio ao ver aquilo.

O horizonte estava tomado por nuvens negras de tempestade até onde seus olhos alcançavam, erguendo-se, poderosas, sobre tudo. Uma luz cintilava daquelas nuvens, mas não era como uma luz comum. Essa era púrpura, verde e vermelha e, quando tocava o chão, lampejos de energia branca faiscavam para o alto. Aquele pedaço de céu parecia ondular e se distorcer de alguma forma, como auroras boreais, mas durante o dia. Perto do chão, cores estranhas surgiam e sumiam de vista, desaparecendo num lugar e reaparecendo em outro. E o som de um forte trovão os alcançou e passou por eles, retumbando no ar por mais tempo do que deveria.

Mira olhou para Zoey. A menina estava olhando para o norte, mas não como Holt; ela olhava mais pensativa do que espantada.

— Essas são as Terras Estranhas, docinho — Mira explicou a ela, acariciando o cabelo da menina. — É para lá que nós vamos.

— Eu sei — respondeu Zoey. — É onde eu nasci.

O comentário foi o suficiente para desviar a atenção de Holt, e ele e Mira trocaram um olhar.

— O que quer dizer com isso? — ele perguntou.

No fundo de sua mente, Mira não podia evitar ouvir novamente as últimas palavras do Bibliotecário. Suas palavras... e seu aviso...

— Posso montar o Max até as Terras Estranhas? — implorou Zoey, ignorando a pergunta de Holt e olhando para os dois. Holt fez uma careta.

— Ela vai continuar pedindo até que você desista — concluiu Mira.

— Não acho que seja uma boa razão para deixá-la fazer isso — ele retrucou.

— Por favor, Holt? — insistiu Zoey. — Por favor? — Ela olhava para ele com seus olhos cristalinos, aguardando esperançosa. Holt considerou suas opções... e finalmente concordou.

— Está bem — ele disse. — Mas só por trechos curtos. Você logo estará muito grande para o Max. Ele não é um São Bernardo.

Os olhos de Zoey se arregalaram de empolgação.

— Eu nunca serei grande demais para o Max — ela respondeu, indo até o cachorro e subindo em suas costas. Max, por sua vez, não ficou tão surpreso quanto Mira esperava. Ele farejou Zoey algumas vezes enquanto ela estava sobre ele, mas fora isso parecia não se importar.

— Passe seus braços em volta do pescoço dele, e segure firme — instruiu Holt.

Zoey obedeceu, enlaçando o cachorro com os braços e deitando a cabeça atrás do pescoço dele.

Holt observou os dois por mais alguns segundos... e então deu três assovios agudos.

Max respondeu instantaneamente, cruzando o campo aberto como um foguete. Ele se movia rápido, nem sequer parecia sentir o peso de Zoey.

A menina gritou de emoção quando desceram a colina, as patas de Max levando-os para a frente em alta velocidade, até que chegaram à parte de baixo e correram pelo mato rasteiro, em direção ao norte.

Holt e Mira observaram silenciosamente a dupla que se afastava, os dedos ainda entrelaçados. Depois de um momento, Holt olhou para ela.

— Pronta? — ele perguntou.

Mira hesitou, gostando do toque quente da mão dele. Havia tanto que ela queria dizer. Por que era tão difícil?

— Claro! — ela disse, mas a palavra flutuou no ar da tarde.

Holt a olhou por mais um instante; e então começou a descer a colina, seguindo Zoey e Max devagar. Mira segurou a mão dele até que ela deslizou para longe e ficou fora de seu alcance. Quando a mão de Holt se afastou, a dela ficou fria, mesmo sob a luz do sol.

Mira seguiu Holt e, enquanto andava, retirou um dos colares de dentro da blusa: uma corrente de ouro com dois pequenos dados dourados e gastos. Era um colar que Ben lhe dera anos atrás e que ela ainda usava.

Enquanto olhava para ele, Mira tirou algo de um dos bolsos. Quando abriu a mão, uma pedra preta e polida estava em sua palma.

O olhar de Mira ia do colar para a pedra conforme ela caminhava. À frente dela, à distância, luzes roxas e vermelhas brilhavam das nuvens de tempestade em meio a um céu prismático e ondulante. Um estranho trovão retumbou no ar, ameaçador, e pareceu segui-los em seu caminho para o norte, em direção ao que o destino lhes reservava, em meio àquele horizonte estranho e surreal.

EPÍLOGO

AO NORTE DA CIDADE DA MEIA-NOITE, em meio a um bosque que se abria para um oceano ondulante de relva e trigo, algo se movimentava.

Enquanto sangravam, seus campos de força falhavam, revelando as máquinas escondidas embaixo. Três pernas, pequenas e ágeis, pintadas de verde e laranja. Só havia quatro delas agora — muitas tinham se perdido desde que chegaram ao continente, e as que sobreviveram tinham profundos cortes, fios soltos, arrancados por mãos humanas enlouquecidas, e enormes buracos de tiros.

Mas elas ainda estavam ativas. Caçariam e seguiriam pistas, sem dúvida, até que finalmente desmoronassem.

A máquina do meio tinha uma armadura arrojada, de cor diferente, e destacava-se ao lado das outras, que lhe abriam espaço, cautelosas. Ela escaneava o céu com impaciência.

Em poucos instantes, ela encontrou o que esperava.

Um rugido se ouviu acima delas. Os campos de força se desligaram, revelando três enormes naves sobrevoando o ar exatamente acima dos trípodes.

Também eram verdes e laranja, e com um padrão diferente tanto dos vermelhos quanto dos azuis e brancos. Pendendo abaixo de cada um havia mais quatro caminhantes.

Um rangido mecânico ecoou quando pinças e garras os soltaram. Os caminhantes aterrissaram e, assim que o fizeram, luzes se acenderam e motores despertaram para a vida. Tinham uma forma similar à dos outros... ainda que diferentes.

Ainda assim eram trípodes, flexíveis e ágeis, mas esses tinham baterias de mísseis ao lado do canhão de plasma, as pequenas ogivas cintilando à luz do sol. Eles também pareciam mais fortemente blindados, com grossas couraças

entrelaçadas, tudo pintado de verde e laranja brilhante. Sobre eles, estava o que parecia ser uma série de sensores ópticos, e algum tipo de compartimento blindado e quadrado estava fixado às suas costas.

Os novos caminhantes se levantavam conforme se ativavam, tocando suas trombetas afirmativamente. Mas nem todos. Oito se ergueram e se ativaram, mas quatro continuaram no chão, onde estavam, sem vida, descarregados.

Os antigos caminhantes faziam um som de trovão e deles se elevavam campos de força. Três formas cristalinas de luz dourada... e uma de algo totalmente inesperado. O campo de força que se desprendia do caminhante que se destacava não era dourada... era uma mistura perfeita de verde e laranja, como um raio de sol esmeralda.

Cada um deles flutuou sobre um dos caminhantes adormecidos. Eles pairaram sobre eles por um instante e então mergulharam e foram absorvidos por eles. Ao fazer isso, as máquinas se recarregavam como as outras, ganhando vida.

As naves cargueiras recolheram os velhos caminhantes danificados. Quando terminaram, subiram com os motores rugindo e desapareceram no céu. Segundos depois, seus campos de força se ativaram, tirando-as de vista, enquanto se dirigiam para o oeste.

Os caminhantes aguardavam, olhando para o seu líder, esse novo exército marcado pelo mesmo padrão de cores fortes. Antes que pudesse dar suas ordens, no entanto, um estrondo ecoou à distância.

Os Caçadores viraram-se ao mesmo tempo para o oeste, onde algo se movia pelas planícies, há quilômetros dali.

Os sensores ópticos das máquinas rangeram baixo ao dar zoom sobre o movimento e revelar do que se tratava.

Mais caminhantes Confederados, um grande número deles, seguiam para o norte. Modelos conhecidos — Aranhas, Louva-a-deus — e outros menos conhecidos. Alguns com cinco pernas, outros com seis.

Mas uma coisa era comum a todos eles. Não tinham cores em suas armaduras. Eram de puro metal. E cada um deles cintilava ofuscante sob o sol da tarde.

Ao vê-los, o caminhante que se destacava trombeteou com um desdém

eletrônico. Mais Confederados chegavam para se juntar à caçada.

O caminhante trombeteou novamente, dessa vez com urgência... e então ele e o resto de seus Caçadores se viraram em direção ao norte, buscando pela trilha que os guiaria até sua valiosa presa.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da
Editora Jangada, basta cadastrar-se no site: www.editorajangada.com.br



Para enviar seus comentários sobre este livro,
visite o site www.editorajangada.com.br ou mande
um e-mail para atendimento@editorajangada.com.br